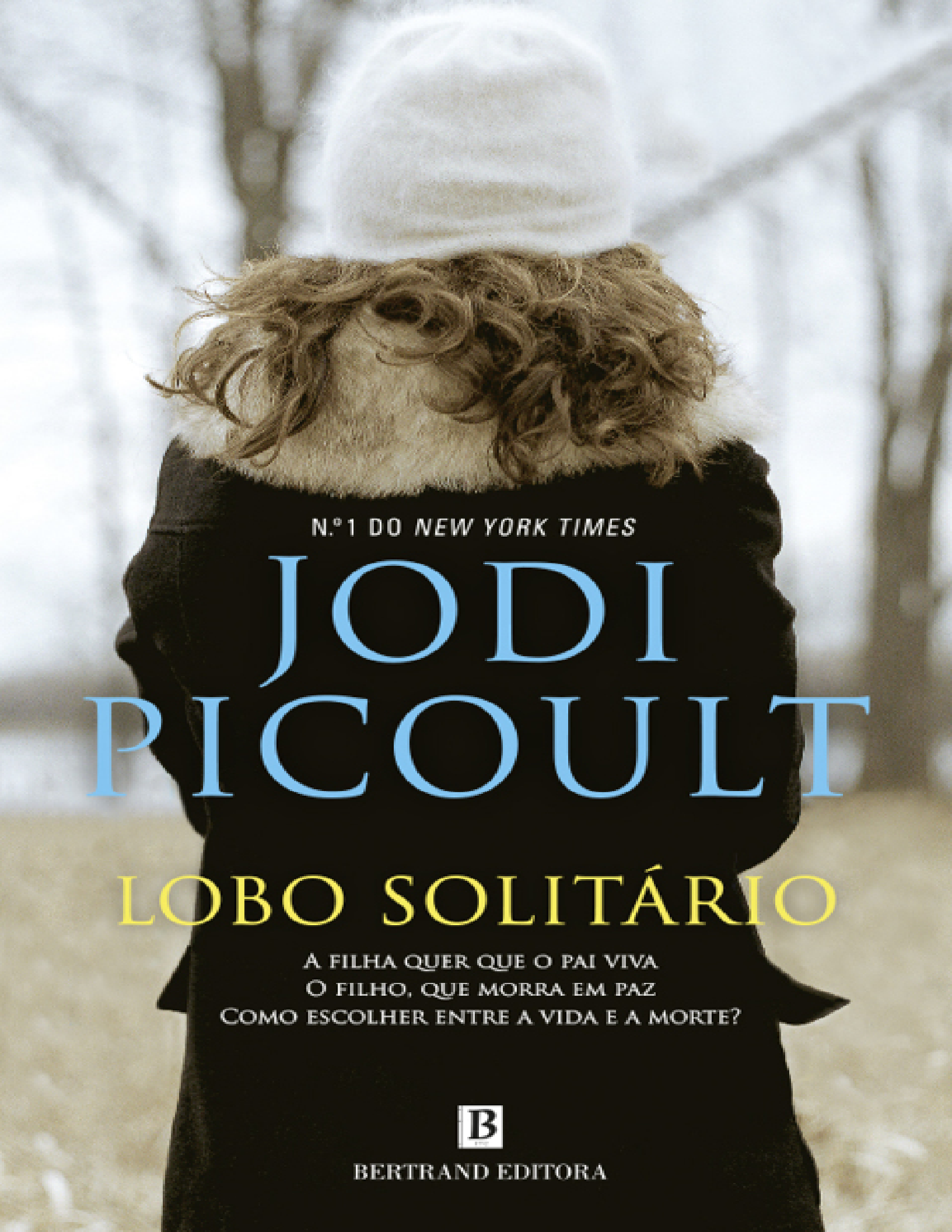




N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

JODI
PICOULT

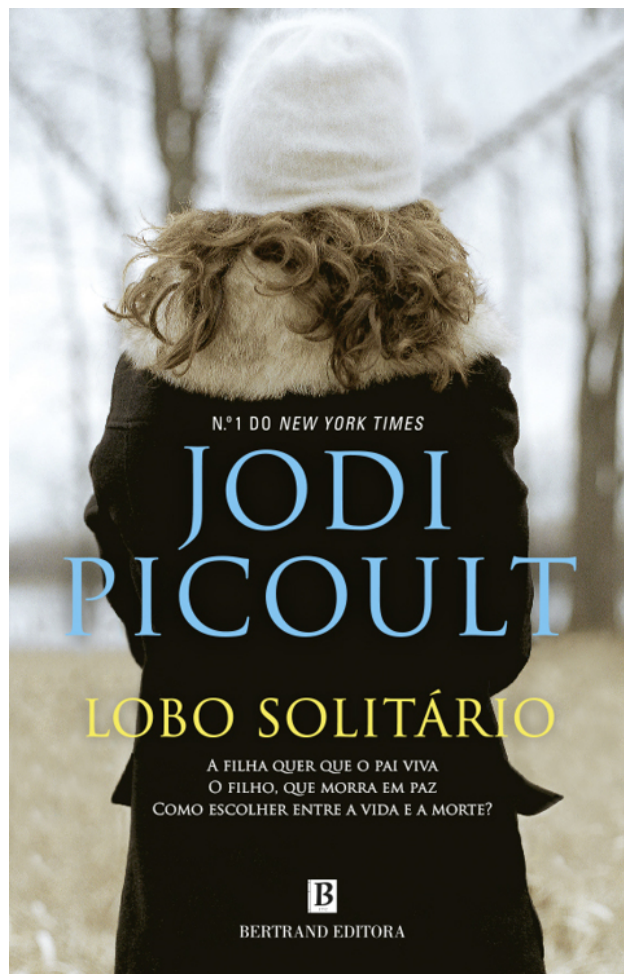
LOBO SOLITÁRIO

A FILHA QUER QUE O PAI VIVA
O FILHO, QUE MORRA EM PAZ
COMO ESCOLHER ENTRE A VIDA E A MORTE?



BERTRAND EDITORA





N.º 1 DO NEW YORK TIMES

JODI
PICOULT

LOBO SOLITÁRIO

A FILHA QUER QUE O PAI VIVA
O FILHO, QUE MORRA EM PAZ
COMO ESCOLHER ENTRE A VIDA E A MORTE?



BERTRAND EDITORA

Jodi Picoult nasceu e cresceu em Long Island. Estudou Inglês e Escrita Criativa na Universidade de Princeton e publicou dois contos na revista *Seventeen* enquanto ainda era estudante. O seu espírito realista e a necessidade de pagar a renda levaram a autora a ter uma série de empregos diferentes depois de se formar: trabalhou numa corretora e numa editora, foi *copywriter* numa agência de publicidade e professora de inglês. É uma das autoras mais populares da atualidade. Em 2003, foi galardoada com o New England Bookseller Award for Fiction.

Título original: Lone Wolf

1.ª edição em papel: março de 2016

Autora: Jodi Picoult

Tradução: Fernanda Oliveira

Revisão: João Pedro Tapada

Imagem da capa: © Chloe Dulude

© 2012 by Jodi Picoult

Publicado por acordo com o editor original,

Emily Bestler Books/Atria Books, uma chancela da Simon & Schuster, Inc.

As citações de *O Assassino Cego*, de Margaret Atwood, copyright © 2000 by O. W. Toad, Ltd.

Usado com permissão da Doubleday, uma chancela da Random House, Inc.

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

www.bertrandeditora.pt

Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

ISBN: 978-972-25-3218-1

AGRADECIMENTOS

Tenho a felicidade de estar rodeada de pessoas que me fazem parecer muito mais inteligente do que sou, e todas elas contribuíram para a investigação realizada para este livro. No campo médico, estou em dívida para com o Dr. James Bernat, que passou horas comigo a discutir potenciais traumatismos cranioencefálicos e esteve sempre disponível para responder aos meus *emails* com mais perguntas ainda. Obrigada às assistentes sociais Nancy Trottier e Jane Stephenson, assim como a Sean Fitzpatrick e Karen Lord do Banco de Órgãos da Nova Inglaterra. Jon Skinner disponibilizou-me os custos pormenorizados da assistência médica no New Hampshire. Lise Iwon, Lise Gescheidt, Maureen McBrien e Janet Gilligan são as minhas assistentes jurídicas; Jennifer Sargent não só descobriu espetaculares problemas jurídicos para eu solucionar, como também me pôs em contacto com pessoas como Elizabeth Stanton, que podia ajudar-me a levá-los a bom porto. Obrigada a Doug Irwin por me deixar usar a dica sobre a diferença entre sonhos e objetivos.

Se estamos a falar de bênçãos, tenho de reconhecer o mérito da editora onde me encontro há mais de uma década (sobretudo porque as pessoas que lá trabalham são incríveis): Carolyn Reidy, Judith Curr, Sarah Branham, Kate Cetrulo, Caroline Porter, Chris Lloreda, Jeanne Lee, Gary Urda, Lisa Keim, Rachel Zugschwert, Michael Selleck, e os muitos outros que fizeram de mim literalmente a autora que sou. A máquina publicitária que me promove é uma força a ter em conta: David Brown, Ariele Fredman, Camille McDuffie e Kathleen Carter Zrelak. Uau! É só o que posso dizer. E Emily Bestler... Ao fim deste tempo todo, ainda não sei como lhe

agradecer por tudo o que fez. Felizmente, já chegámos àquele ponto em que conseguimos ler o pensamento uma da outra.

Laura Gross é a segunda relação mais longa na minha vida, a seguir ao meu marido. Como agente, é formidável. Como amiga, é inesquecível. Obrigada por me teres deixado roubar a imagem da mesinha e do banco.

Para a minha mãe, Jane Picoult: talvez todas as mães se sintam subvalorizadas (Deus sabe que às vezes me sinto assim). Mas aqui está o testemunho público de que não é esse o caso. Se pudesse escolher a minha mãe, ter-te-ia escolhido. Obrigada por seres a minha primeira leitora, o meu incentivo incansável e por me dizeres que o pai não conseguiu largar as partes relacionadas com lobos durante a viagem de avião.

Um agradecimento especial a Shaun Ellis. Quando criei a personagem de Luke Warren, um homem que vive no meio dos lobos para os conhecer melhor, não fazia ideia de que já existia alguém assim no mundo real. Shaun escreveu uma biografia, *The Man Who Lives with Wolves*, que convido toda a gente a ler. Ele e a sua mulher, a Dra. Isla Fishburn, bióloga conservacionista, receberam-me em Devon para conhecer as suas alcateias em cativeiro, partilhar a sua experiência e vasto conhecimento sobre estes espantosos animais e para me poder inspirar em fragmentos da vida incrível que tem levado para dar corpo à minha personagem ficcionada. Kerry Hood, a minha agente publicitária britânica, levou-nos simpaticamente de carro, a mim e ao meu filho Jake, até Combe Martin. Nunca esquecerei a forma como Shaun nos ensinou aos três a uivar... e o som de quando as outras alcateias respondiam ao nosso chamamento. Ele é um maravilhoso porta-voz dos seus

irmãos lobos e podem encontrar mais informação sobre The Wolf Centre, cuja equipa conta com Shaun, no final deste livro.

Finalmente, como sempre, tenho de agradecer à minha própria alcateia: ao meu marido, Tim; aos meus filhos, Kyle, Jake e Samantha. Tal como acontece com os lobos, eu não seria nada sem todos vocês.

Para Josh, Alex e Matthew Picoult
A vossa tia adora-vos. Imenso.

PRÓLOGO

Todas as histórias são sobre lobos. Todas as que vale a pena repetir, claro. Tudo o resto são baboseiras sentimentais. [...]
Pensa nisso. Ou se está a fugir dos lobos, a lutar com os lobos, a capturar os lobos ou a domar os lobos. A ser lançado aos lobos ou a lançar outros aos lobos para que os lobos os comam em vez de nós. A correr com a matilha de lobos. Transformando-se num lobo. Melhor ainda, transformando-se no chefe dos lobos. Não existem outras histórias decentes.

— Margaret Atwood, *O Assassino Cego* (2000)

LUKE

Em retrospectiva, talvez não devesse ter libertado o tigre.

Os outros foram bastante fáceis: o par de elefantes pesadões e gratos; o macaco-capuchinho assanhado que me cuspiu para os pés quando forcei o cadeado; os cavalos árabes brancos cujo bafo ficou suspenso no espaço entre nós como perguntas sem resposta. Ninguém reconhece suficientemente o mérito dos animais, muito menos os domadores de circo, mas eu sabia que eles iam compreender assim que me vissem no meio das sombras do lado de fora das suas jaulas, e foi por isso que até mesmo os mais barulhentos — os papagaios que tinham sido coagidos a cavalgar as nuvens formadas pelas cabeças ridículas dos caniches — bateram as asas em uníssono enquanto fugiam.

Eu tinha nove anos, e a Espantosa Tenda dos Prodígios de Vladistav tinha vindo a Beresford, no New Hampshire, o que só por si constituía um milagre, já que nunca ninguém vinha a Beresford, no New Hampshire, a não ser esquiadores perdidos e jornalistas durante as primárias presidenciais que paravam para beber café na Ham's General Store ou para ir urinar na Gas'n'Go. Quase todos os miúdos que eu conhecia tinham tentado passar pelos buracos na vedação temporária erguida pelos empregados do circo, para podermos assistir ao espetáculo sem ter de pagar bilhete. E na verdade foi assim que vi o circo pela primeira vez, escondido por baixo das bancadas, a espreitar por entre os pés dos espectadores pagantes, na companhia do meu melhor amigo, Louis.

O interior da tenda tinha estrelas pintadas. Parecia coisa de gente da cidade, pois não tinham percebido que, se desmontassem a tenda, podiam ver estrelas a sério. Eu crescera ao ar livre. Era impossível viver onde eu vivia — na orla da floresta nacional das

montanhas Brancas — e não ter passado a sua quota-parte de noites a acampar e a observar o céu noturno. Se esperássemos que os olhos se adaptassem, parecia uma taça brilhante virada de pernas para o ar, como a vista que se teria do interior de um globo de neve. Fez-me sentir pena daquela gente do circo, que em vez disso tinha de improvisar com desenhos.

Devo admitir que, de início, não conseguia tirar os olhos da casaca vermelha com lantejoulas do mestre de cerimónias do circo e das pernas intermináveis da rapariga que estava na corda bamba. Quando ela fez uma espargata no ar e caiu com as pernas em V sobre o fio, Louis soltou a respiração que estava a suster. Corda sortuda, disse ele.

A seguir, começaram a trazer os animais. Primeiro foram os cavalos, a revirar os olhos coléricos. Depois o macaco, enfiado num fato ridículo de pregoeiro público, que subiu para a sela do cavalo que ia à frente e mostrou os dentes à assistência enquanto cavalgava sem parar. Os cães que saltaram através de aros, os elefantes que dançaram como se estivessem num fuso horário diferente, o arco-íris esvoaçante das aves.

Depois, veio o tigre.

Fizeram-lhe uma grande propaganda, é claro. Falaram de como era perigoso e de como não devíamos tentar fazer aquilo em casa. O domador, que tinha um rosto bolachudo e sardento como um pãozinho de canela, ficou no meio da pista enquanto levantavam a porta da jaula do tigre. O tigre rugiu e, mesmo àquela distância, chegou-me o cheiro a carne do seu hálito.

Ele saltou para um pedestal metálico e golpeou o ar. Ergueu-se nas patas traseiras, à ordem do domador. Girou sobre si mesmo, num círculo.

Eu sabia uma ou duas coisas sobre tigres. Por exemplo: se lhes cortássemos o pelo, a sua pele continuaria a ser listrada. E todos os tigres tinham uma marca branca na parte de trás de cada orelha, de tal forma que parecia que nos vigiava, mesmo quando se estava a afastar.

Por exemplo: pertenciam às regiões selvagens. O seu lugar não era ali, em Beresford, enquanto a multidão gritava e aplaudia.

Nesse instante, aconteceram duas coisas. Primeiro, percebi que já não gostava muito do circo. Depois, o tigre olhou diretamente para mim, como se tivesse conseguido localizar antecipadamente o meu lugar.

Eu sabia exatamente o que ele queria que eu fizesse.

Depois do espetáculo da noite, os artistas foram até ao lago atrás da escola primária, para beber, jogar póquer e nadar. Isso significava que a maior parte das caravanas, estacionadas atrás da grande tenda, estavam vazias. Havia um guarda — uma montanha de músculos com a cabeça rapada e uma argola no nariz — mas estava a ressonar alto, com uma garrafa de vodka vazia ao lado. Entrei à socapa pela vedação.

Mesmo em retrospectiva, não sei dizer porque o fiz. Foi qualquer coisa entre aquele tigre e eu; o conhecimento de que eu era livre, e ele não. O facto de a sua vida imprevisível e selvagem ter sido reduzida a um espetáculo de feira às três e às sete.

A jaula mais difícil de abrir foi a do macaco. Mas consegui abrir a maioria com um picador de gelo que tinha surripiado do bar do meu avô. Soltei os animais rapidamente e sem fazer barulho, ficando a vê-los escapulir-se a coberto da escuridão. Pareciam compreender que a palavra de ordem era descrição; nem mesmo os papagaios fizeram barulho ao desaparecer.

O último que libertei foi o tigre. Calculei que os outros animais tivessem de ter uns bons quinze minutos de avanço antes de libertar um predador no seu encalço. Por isso, agachei-me em frente da jaula e pus-me a fazer desenhos na terra macia com uma pedra, verificando o tempo pelo relógio de pulso. Estava ali sentado, à espera, quando a Mulher de Barba passou.

Viu-me de imediato. «Ora, ora», disse ela, embora não lhe conseguisse ver a boca no meio das suíças fartas. Mas não me perguntou o que estava a fazer, nem me mandou embora. «Cuidado com os borrifos de urina», disse. Deve ter reparado que os outros animais tinham desaparecido, pois eu não me dera ao trabalho de disfarçar as jaulas e gaiolas abertas e vazias, mas limitou-se a fitar-me durante um longo momento e depois subiu os degraus para a sua caravana. Sustive a respiração, à espera de que ela chamasse a polícia, mas em vez disso ouvi um rádio. Violinos. Quando cantava em coro, tinha uma voz grave de barítono.

Devo dizer que, mesmo passado este tempo todo, ainda me lembro do som dos dentes de metal a engrenar uns nos outros enquanto abria a jaula do tigre. E de como ele se roçou por mim como um gato doméstico antes de transpor a vedação com um único salto. E de como experimentei o sabor do medo, como bolo de amêndoa, quando percebi que quase de certeza ia ser apanhado.

Só que... não fui. A Mulher de Barba nunca falou em mim a ninguém e, em vez disso, quem arcou com as culpas foram os trabalhadores que limpavam os excrementos dos elefantes. Além disso, na manhã seguinte, a vila estava demasiado ocupada a restabelecer a ordem e a capturar os animais à solta. Os elefantes foram encontrados a chafurdar na fonte da vila, depois de derrubarem uma estátua de mármore de Franklin Pierce. O macaco

conseguiu entrar na vitrina das sobremesas do restaurante local e estava a devorar um fantástico bolo de chocolate cremoso quando foi apanhado. Os cães estavam a vasculhar os contentores atrás do cinema e os cavalos tinham-se dispersado. Um foi encontrado a descer a rua principal a galope. Outro foi para as pastagens de um lavrador local, para pastar juntamente com o gado. Um terceiro percorreu mais de quinze quilómetros até uma estância de esqui, onde foi avistado por um helicóptero de emergência médica. Dos três papagaios, dois perderam-se para sempre e um foi encontrado a morrer de calor no campanário da Igreja Congregacional de Shantuck.

O tigre, é claro, tinha desaparecido há muito tempo. E isso constituía um problema, porque um papagaio desertor é uma coisa, mas um carnívoro à solta é outra bem diferente. A Guarda Nacional dispersou-se pela floresta nacional das montanhas Brancas e as escolas no New Hampshire mantiveram as portas fechadas durante três dias. Louis veio à minha casa na sua bicicleta e contou-me os boatos que tinha ouvido: que o tigre chacinara a bezerra premiada do senhor Wolzman, uma criança pequena, o diretor da nossa escola...

Eu não gostava de pensar no tigre a devorar fosse o que fosse. Imaginava-o a dormir no alto de uma árvore durante o dia e, à noite, a guiar-se pelas estrelas.

Seis dias depois de eu ter libertado os animais do circo, um guarda nacional chamado Hopper McPhee, que tinha entrado para a força de segurança apenas uma semana antes, encontrou o tigre. O grande felino estava a nadar no rio Ammonoosuc, ainda com o focinho e as patas ensanguentados em virtude de ter comido um

veado. Segundo Hopper McPhee, o tigre voou em direção a ele com intenção de o matar, pelo que teve de o abater a tiro.

Duvido muito disso. Provavelmente, o tigre estava meio a dormir depois de uma refeição daquelas e, seguramente, fome não tinha. Contudo, acredito que o tigre se tenha lançado sobre Hopper McPhee. Porque, como já disse, ninguém reconhece suficientemente o mérito dos animais. E assim que aquele tigre viu que lhe estavam a apontar uma arma, deve ter percebido.

Que ia ter de abdicar do céu noturno.

Que ia voltar a estar preso.

E, então, aquele tigre fez uma escolha.

Se vives entre lobos, tens de agir como um lobo.
— Nikita Khrushchev, primeiro-ministro soviético,
citado no *Observer*,
Londres, 26 de setembro de 1971

PRIMEIRA PARTE

CARA

Segundos antes de a nossa carrinha embater na árvore, lembro-me da primeira vez que tentei salvar uma vida.

Tinha treze anos e acabara de voltar para casa do meu pai. Ou, mais precisamente, as minhas roupas estavam outra vez penduradas no meu antigo quarto, mas nós morávamos numa caravana estacionada na orla norte do Redmond's Trading Post & Dinosaur World, o parque de atrações onde o meu pai tinha as suas alcateias em cativeiro, juntamente com gibões, falcões, um leão com excesso de peso e o *T. rex* animatrónico que rugia de hora a hora. Uma vez que era aí que o meu pai passava noventa e nove por cento do seu tempo, eu acompanhava-o, levando as minhas coisas numa mochila.

Eu pensava que esta alternativa era melhor do que viver com a minha mãe e Joe e os gémeos milagrosos, mas a transição não fora tão calma como esperava. Suponho que me tinha imaginado a fazer panquecas com o meu pai ao domingo de manhã, ou a jogar às cartas com ele, ou a fazer caminhadas na floresta. Bem, o meu pai fazia caminhadas na floresta, mas dentro dos cercados que construía para as suas alcateias, e estava atarefado a *ser* lobo. Rebolava na lama com *Sibo* e *Sobagw*, os lobos gama; mantinha-se longe de *Pekeda*, o beta da alcateia. Comia da carcaça de um vitelo ladeado por lobos, com as mãos e boca ensanguentadas. O meu pai acreditava que infiltrar-se numa alcateia era muito mais educativo do que observá-la de longe, como faziam os biólogos. Na altura em que fui viver com ele, já tinha conseguido que cinco alcateias o aceitassem como membro autêntico — digno de viver, comer e caçar com eles, apesar de ser humano. Por causa disso,

havia umas quantas pessoas que o consideravam um génio. As outras achavam que era louco.

No dia em que deixei a minha mãe e a sua nova família, o meu pai não estava propriamente à minha espera de braços abertos. Encontrava-se num dos cercados com *Mestawe*, que estava prenhe pela primeira vez, a tentar estabelecer uma relação com ela, esperando ser escolhido como ama das suas crias. Até dormia lá, com a sua família lupina, enquanto eu ficava acordada até tarde e corria os canais da televisão de uma ponta à outra. A vida na caravana era solitária, mas pior era estar isolada numa casa vazia.

No verão, a região das montanhas Brancas enchia-se de visitantes que iam da Santa's Village à Story Land e ao Redmond's Trading Post. Porém, em março, aquele *T. rex* estúpido rugia para um parque temático deserto. As únicas pessoas que lá ficavam na época baixa eram o meu pai, que cuidava dos seus lobos, e Walter, um tratador que substituíra o meu pai quando ele lá não estava. Parecia uma cidade-fantasma, por isso comecei a deambular junto aos cercados depois de sair da escola — suficientemente perto para *Bedagi*, o lobo controlador, andar de um lado para o outro no interior da vedação, habituando-se ao meu cheiro. Via o meu pai abrir uma cova para *Mestawe* dar à luz na sua toca e, enquanto isso, contava-lhe sobre o capitão de futebol que tinha sido apanhado a fazer batota, ou a rapariga que tocava oboé na orquestra da escola e que começara a usar cafetãs, correndo o boato de que estava grávida.

Em troca, o meu pai dizia-me por que razão estava preocupado com *Mestawe* : ela era uma jovem fêmea, e o instinto só funcionava até certo ponto. Não tinha tido um modelo que pudesse ensiná-la a ser boa mãe e nunca tivera uma ninhada. Às vezes, uma loba abandona as crias simplesmente porque não sabe o que fazer.

Na noite em que *Mestawe* deu à luz, parecia estar a fazer tudo de acordo com as regras. O meu pai comemorou abrindo uma garrafa de champanhe e deixando-me beber um copo. Eu queria ver os bebés, mas ele disse que só apareceriam passadas semanas. Até mesmo *Mestawe* permaneceria na toca durante uma semana inteira, alimentando as crias de duas em duas horas.

Mas apenas duas noites mais tarde, o meu pai despertou-me com um safanão.

— Cara, preciso da tua ajuda.

Enfiei à pressa o casaco de inverno e as botas e segui-o até ao cercado onde *Mestawe* estava na toca. Só que não estava. Andava a vaguear, o mais longe possível das suas crias.

— Tentei tudo para fazê-la voltar lá para dentro, mas ela não foi — disse o meu pai em tom neutro. — Se não salvarmos as crias agora, não teremos uma segunda oportunidade.

Desapareceu na toca e saiu de lá segurando dois ratos minúsculos e engelhados. Pelo menos, era o que pareciam, de olhos fechados, a contorcer-se na mão dele. Passou-mos para as mãos; eu enfiei-os dentro do meu casaco enquanto ele tirava as últimas duas crias. Havia uma que parecia estar pior do que as outras três. Não se mexia; em vez de rabujar, soltava uns pequenos sopros de vez em quando.

Segui o meu pai até um barracão que ficava atrás da caravana. Enquanto eu dormia, ele tinha atirado as ferramentas todas para cima da neve; agora, o chão lá dentro estava coberto de feno. No interior de uma pequena caixa de cartão, estava um cobertor macio aos quadrados vermelhos que eu conhecia da caravana.

— Põe-nos lá dentro! — ordenou o meu pai, e eu assim fiz.

Uma garrafa de água quente debaixo do cobertor tornava-o tépido como uma barriga; três das crias começaram imediatamente a farejar por entre as pregas. A quarta cria estava fria ao toque. Em vez de pô-la ao lado dos irmãos, voltei a enfiá-la no meu casaco, junto ao coração.

Quando o meu pai voltou, trazia biberões cheios de *Esbilac*, que é como leite para bebé, mas para animais. Estendeu a mão em direção à pequena loba que eu tinha nos braços, mas não consegui separar-me dela.

— Eu alimento os outros — disse ele, e enquanto eu persuadia a minha a beber uma gota de cada vez, os três que ficaram a seu cargo beberam o biberão até ao fim.

Alimentávamos as crias de duas em duas horas. Na manhã seguinte, não me vesti para ir para a escola e o meu pai não agiu como se estivesse à espera de que eu o fizesse. Era uma verdade implícita: o que estávamos a fazer ali era muito mais importante do que qualquer outra coisa que eu pudesse aprender numa sala de aulas.

Batizámo-las ao terceiro dia. O meu pai achava que criaturas indígenas deviam ter nomes indígenas, por isso os nomes de todos os seus lobos provinham da língua dos abenakis. *Nodah*, que significa «Ouçam-me», foi o nome que demos à maior de todas, uma bola de energia preta e barulhenta. *Kina*, ou «Olhem para mim», era a cria desordeira, que se emaranhava em atacadores ou ficava presa debaixo das abas da caixa de cartão. E *Kita*, ou «Escutem», ficava para trás a observar-nos, sem perder pitada.

À sua irmãzinha dei o nome de *Miguen*, «Pena». Havia alturas em que bebia tão bem como os irmãos e eu acreditava que ela tinha passado a fase crítica, mas depois sentia o seu corpo ficar flácido

na minha mão e tinha novamente de esfregá-la e pô-la dentro da camisa para a manter quente.

Estava tão cansada de ficar levantada dia e noite que já nem via bem. Às vezes, dormia de pé, passando uns minutos pelas brasas antes de voltar a acordar em sobressalto. Andava o tempo todo com *Miguen*, de tal forma que os meus braços pareciam vazios quando não a tinha neles. Na quarta noite, quando abri os olhos depois de dormir, o meu pai estava a olhar para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto no seu rosto.

— Quando nasceste, também não te largava — disse.

Duas horas depois, *Miguen* começou a tremer sem parar. Supliquei ao meu pai que se metesse no carro e fosse a um veterinário, ao hospital, a alguém que pudesse ajudar. Chorei tanto que ele enfiou as outras crias numa caixa e levou-as para a velha carrinha. A caixa estava pousada entre nós no banco da frente e *Miguen* tiritava por baixo do meu casaco. Eu também estava a tremer, embora não soubesse bem se estava com frio ou apenas receosa daquilo que se avizinhava.

Quando chegámos ao parque de estacionamento da clínica veterinária já ela tinha morrido. Eu soube assim que aconteceu; tornou-se mais leve nos meus braços. Como um casulo.

Comecei a gritar. Não suportava pensar em *Miguen*, morta, tão perto de mim.

O meu pai levou-a dali e embrulhou-a na sua camisa de flanela. Fez desaparecer o corpo no banco de trás da carrinha, onde eu não teria de vê-la.

— Na natureza, não teria durado um dia — disse ele. — Tu foste a única razão para ela ter ficado tanto tempo entre nós.

Se era para me fazer sentir melhor, não fez. Irrompi em soluços convulsivos.

De repente, a caixa com as crias de lobo estava no tabliê e eu estava nos braços do meu pai. Ele cheirava a hortelã-verde e a neve. Pela primeira vez na vida, compreendi por que razão ele não se conseguia libertar da droga que era a comunidade dos lobos. Em comparação com problemas como este, de vida e morte, que importância tinha não terem ido buscar a roupa à lavandaria ou ele ter-se esquecido da data em que a escola abria as portas à noite para os pais?

O meu pai contou-me que, na natureza, uma mãe loba aprende as suas lições da forma mais difícil. Mas em cativeiro, onde os lobos apenas se reproduzem uma vez a cada três ou quatro anos, as regras são diferentes. Não se pode ficar de braços cruzados e deixar morrer uma cria.

— A natureza sabe o que quer — disse o meu pai. — Mas isso não torna as coisas mais fáceis para nós, pois não?

Há uma árvore junto à caravana do meu pai no Redmond's, um ácer-vermelho. Plantámo-la no verão a seguir à morte de *Miguen*, para marcar o local onde está enterrada. É o mesmo tipo de árvore que, quatro anos mais tarde, vejo agigantar-se rapidamente em direção ao para-brisas. O mesmo tipo de árvore em que a nossa carrinha embate de frente, naquele instante.

Está uma mulher ajoelhada ao meu lado.

— Está acordada — diz ela.

Tenho os olhos molhados da chuva, cheira-me a fumo e não consigo ver o meu pai.

Pai?, digo, mas só consigo ouvir a palavra na minha cabeça.

Sinto o coração a bater no lugar errado. Baixo os olhos para o ombro, onde consigo senti-lo.

— Parece ter uma fratura da omoplata e talvez tenha umas quantas costelas partidas. Cara. Chama-se Cara?

Como é que ela sabe o meu nome?

— Teve um acidente — diz-me a mulher. — Vamos levá-la para o hospital.

— O meu... pai... — pronuncio a custo. Cada palavra é como uma faca no meu braço.

Viro a cabeça para tentar encontrá-lo e vejo o bombeiro a usar a mangueira para tentar extinguir a bola de chamas em que a carrinha se transformara. A chuva no meu rosto não é chuva, apenas gotículas do jato de água.

De repente, lembro-me: a teia formada pelo para-brisas partido; a traseira da carrinha a resvalar; o cheiro a gasolina. Não ter obtido resposta quando gritei pelo meu pai. Começo a tremer dos pés à cabeça.

— É incrivelmente corajosa — diz-me a mulher. — Arrastar o seu pai para fora do carro no estado em que está...

Uma vez, vi uma entrevista em que uma adolescente tinha levantado um frigorífico de cima do seu primo pequeno quando este caiu acidentalmente sobre ele. Tinha qualquer coisa que ver com a adrenalina.

Um bombeiro que me estava a tapar a vista move-se e consigo ver outro grupo de técnicos de emergência reunidos à volta do meu pai, que está deitado imóvel no chão.

— Se não fosse a Cara — acrescenta a mulher —, o seu pai podia não estar vivo.

Mais tarde, hei de perguntar a mim mesma se aquele comentário será a razão para ter feito tudo o que fiz. Mas, agora, começo apenas a chorar. Porque sei que as palavras dela não podiam estar mais longe da verdade.

LUKE

Estão sempre a perguntar-me: como foi capaz de fazer isso? Como foi capaz de se afastar da civilização e da família e ir viver nas florestas do Canadá com uma alcateia de lobos selvagens? Como foi capaz de abdicar dos duches quentes, do café, do contacto humano, da conversa, de dois anos da vida dos seus filhos?

Bem, não sentimos a falta dos duches quentes quando a única coisa que o sabonete faz é tornar mais difícil ao nosso bando reconhecer-nos pelo cheiro.

Não sentimos a falta do café quando os nossos sentidos estão em alerta total o tempo todo, mesmo sem ele.

Não sentimos a falta do contacto humano quando estamos aconchegados entre o calor de dois dos nossos irmãos lobos. Não sentimos a falta das conversas quando aprendemos a sua linguagem.

Não nos afastamos da família; encontramos-nos firmemente integrados no seio de uma nova.

Por isso, como veem, a verdadeira questão não é como pude abandonar este mundo para ir para a floresta, mas sim como me obriguei a regressar.

GEORGIE

Em tempos, estava sempre à espera de receber um telefonema do hospital e, tal como imaginara, ele chega a meio da noite.

— Sim? — digo, sentando-me na cama, esquecendo por um momento que agora tenho uma nova vida, um novo marido.

— Quem é? — pergunta Joe, virando-se.

Mas não estão a telefonar por causa de Luke.

— Sim, sou a mãe de Cara — confirmo. — Ela está bem?

— Ela teve um acidente de viação — diz a enfermeira. — Fez uma fratura grave no ombro. Está estável, mas precisa de cirurgia...

Já saí da cama, e estou a tentar encontrar as calças de ganga às escuras.

— Vou a caminho — digo.

Por esta altura, Joe tem a luz acesa e está a sentar-se.

— Foi a Cara. Teve um acidente de carro.

Ele não me pergunta porque não chamaram Luke, já que ela está atualmente à sua guarda. Talvez tenham chamado. Mas também era provável que Luke estivesse incontactável. Enfio uma camisola pela cabeça e os pés em tamancos, tentando centrar-me nos aspetos práticos para não me deixar levar pela emoção.

— Elizabeth não gosta de panquecas ao pequeno-almoço e Jackson precisa de levar a autorização para a visita de estudo... — A minha cabeça está a mil. — Não precisas de estar no tribunal amanhã de manhã?

— Não te preocupes comigo — diz Joe com doçura. — Eu trato dos gémeos, do juiz e de tudo o resto. Ocupa-te simplesmente de Cara.

Há alturas em que nem acredito na sorte que tenho em haver casado com este homem. Às vezes, penso que mereço, depois

daqueles anos todos a viver com Luke. Mas outras vezes, como agora, tenho a certeza de que ainda há um preço que vou ter de pagar.

Não há muita gente nas urgências quando corro até à receção.

— Cara Warren — digo, esbaforida. — Foi trazida de ambulância para aqui... É minha filha...

Todas as minhas frases sobem no final, como balões de hélio.

Uma enfermeira leva-me por uma porta que dá para um corredor de gabinetes envidraçados, protegidos por cortinas. Algumas das portas estão abertas. Vejo uma velhota com uma bata hospitalar, sentada numa maca. Um homem com as calças de ganga cortadas até ao joelho e o tornozelo tumefacto elevado. Desviamo-nos para deixar passar uma maca com uma grávida, concentrada na sua respiração Lamaze.

Foi Luke quem ensinou Cara a conduzir. Apesar de toda a sua imprudência no plano pessoal, era extremamente picuinhas quando se tratava da segurança da filha. Em vez das quarenta horas que ela devia ter averbado antes de fazer o exame de condução, ele obrigara-a a cumprir cinquenta. Ela é uma condutora prudente e cautelosa. Mas por que razão andava na rua àquelas horas da noite, em tempo de escola? Seria culpa dela? Mais alguém teria ficado ferido?

Por fim, a enfermeira entra num dos cubículos. Cara está deitada numa cama, parecendo muito pequena e assustada. Há sangue no seu cabelo escuro, no rosto e na camisola. Tem o braço ligado firmemente contra o corpo.

— Mamã — soluça.

Não me consigo lembrar da última vez que me chamou assim.

Desata a chorar quando a abraço.

— Vai correr tudo bem — tranquilizo-a.

Cara fita-me, de olhos vermelhos e nariz a correr.

— Onde está o pai?

Aquelas palavras não me deviam magoar, mas magoam.

— Com certeza que o hospital lhe telefonou...

Subitamente, uma médica interna entra no quarto.

— É a mãe de Cara? Precisamos da sua autorização para podermos levá-la para a cirurgia.

Ela diz mais qualquer coisa — ouço vagamente as palavras «omoplata» e «coifa do rotador» — e entrega-me um bloco com mola para eu assinar.

— Onde está o pai? — pergunta Cara, desta vez aos gritos.

A médica vira-se para ela.

— Está a receber o melhor tratamento possível — diz, e é nessa altura que percebo que Cara não estava sozinha naquele carro.

— Luke também esteve envolvido no acidente? Ele está bem?

— É a mulher?

— Ex-mulher — esclareço.

— Então, não posso revelar nada acerca da sua situação clínica. Normas da HIPAA. Mas sim — admite —, também está internado neste hospital. — Olha para mim, falando baixinho para Cara não ouvir. — Precisamos de entrar em contacto com o parente mais próximo. Ele tem uma nova esposa? Pais? Há alguém a quem possa telefonar?

Luke não voltou a casar. Foi criado pelos avós, que morreram há anos. Se pudesse falar, dir-me-ia para ligar para o Redmond's e certificar-me de que Walter lá estava para alimentar os lobos.

Mas talvez ele não consiga falar. Talvez seja isso que a médica não pode ou não quer dizer-me.

Antes de poder responder, entram duas enfermeiras e começam a afastar a cama de Cara da parede. Sinto-me a afundar, como se houvesse perguntas que devesse fazer ou factos que devesse confirmar antes de a minha filha ser levada para uma sala de operações, mas nunca fui boa sob pressão. Forço um sorriso e aperto a mão que Cara tem livre.

— Estarei aqui quando voltares! — digo, demasiado animada. Passado um momento, estou sozinha no quarto. É um espaço sem vida, silencioso.

Pego na mala para tirar o telemóvel, pensando que horas serão em Banguécoque.

LUKE

Uma alcateia é como a máfia. Toda a gente ocupa uma posição no seu seio e espera-se que todos façam a sua parte.

Já toda a gente ouviu falar de um lobo alfa — o chefe do bando. Esse é o chefe do grupo, o cérebro da organização, o protetor, aquele que diz aos outros lobos para onde ir, quando caçar e o quê. O alfa é o responsável pela tomada de decisões, o capo di tutti capi, que, a três metros de distância, consegue ouvir a mudança de ritmo na frequência cardíaca de uma presa. Mas o alfa não é o disciplinador severo que os filmes dão a entender. É demasiado valioso como decisor para se pôr em situações de perigo.

E é por isso que à frente de cada alfa há um lobo beta, o disciplinador que garante o cumprimento das decisões. A categoria de beta corresponde ao rufião grande e audacioso que é agressão pura. Ele deita-os abaixo antes que consigam aproximar-se demasiado do chefe. É completamente dispensável. Se for morto, ninguém se importará, pois há sempre outro para tomar o seu lugar.

Depois, temos o lobo controlador, que é muito matreiro e cauteloso, que não confia em ninguém. Está sempre à procura de uma mudança, de algo de novo, e estará escondido a cada esquina para ter a certeza de que irá conseguir alertar o alfa se e quando ela acontecer. O seu nervosismo é fundamental para a segurança do bando. E também é ele que faz a fiscalização da qualidade. Se algum dos membros do bando não fizer a sua parte, o controlador criará uma situação em que o outro lobo tem de provar a sua coragem, por exemplo lutando com o disciplinador. Se esse beta não conseguir derrubá-lo, é porque já não merece continuar a ser o lobo beta.

O lobo mediador tem recebido muitos nomes ao longo dos anos, desde lobo Cinderela a ómega. Embora inicialmente se pensasse que era um bode expiatório e que se encontrava na base da hierarquia, sabemos agora que o mediador desempenha um papel fundamental na alcateia. Tal como o advogado pequeno e chato dos mafiosos que proporciona o alívio cómico e sabe como manter calmas todas essas outras personalidades fortes, o mediador atira-se de cabeça para todos os conflitos entre os membros da alcateia. Se há dois animais que estão a lutar, o mediador salta para o meio deles e faz palhaçadas até que, de repente, os dois lobos zangados acabam por baixar de tom. Todos continuam com as suas tarefas e ninguém se magoa. Longe de ser a figura da Cinderela, que acaba sempre por pagar as favas, o mediador ocupa a posição crucial de garante da paz. Sem ele, a alcateia não poderia funcionar; estariam permanentemente em guerra uns com os outros.

Digam o que quiserem sobre a máfia, mas ela funciona porque toda a gente desempenha um papel específico. Todos fazem o que fazem para bem da organização. Morreriam de bom grado uns pelos outros.

Querem saber outro ponto em comum entre uma alcateia e a máfia?

É que, para as duas, não há nada mais importante do que a família.

EDWARD

Iam ficar surpreendidos se soubessem como é fácil sobressair numa cidade de nove milhões de pessoas. Mas a verdade é que sou um *farang*. Isso vê-se pelo meu uniforme de professor não oficial — camisa e gravata — e pelo meu cabelo louro, que brilha como um farol num mar de negrume.

Hoje, pus o meu grupinho de alunos a trabalhar na conversação em inglês. Formaram pares e vão apresentar uma conversa entre um lojista e um cliente.

— Há voluntários? — pergunto.

Nada.

Os tailandeses são patologicamente tímidos. Juntem isso à relutância em perder a face ao dar uma resposta errada e temos uma aula penosamente longa. Por norma, peço aos alunos que façam os exercícios em pequenos grupos e depois ando por ali a verificar os seus progressos. Mas para dias como hoje, quando estou a classificar a participação, falar em público é um mal necessário.

— Jao — digo eu para um homem que faz parte da minha turma —, é proprietário de uma loja de animais e quer convencer Jaidee a comprar um animal de estimação. — Viro-me para o segundo homem. — Jaidee, não está interessado em comprar o animal. Vamos lá ouvir a vossa conversa.

Eles levantam-se, segurando os seus papéis.

— Recomendo-lhe este cão — começa Jao.

— Já tenho um — replica Jaidee.

— Bom trabalho! — encorajo. — Jao, dê-lhe uma razão para ele comprar o seu cão.

— Este cão está vivo — acrescenta Jao.

Jaidee encolhe os ombros.

— Nem toda a gente quer um animal de estimação que esteja vivo.

Bem, nem todos os dias somos bem-sucedidos.

Recolho o trabalho de casa dos alunos antes de eles fazerem fila para sair da sala, subitamente animados e a tagarelar numa língua que ainda estou a aprender ao fim de seis anos. Apsara, avó de quatro netos, entrega-me o seu trabalho: uma dissertação intitulada «Comam vegetarianos para uma dieta saudável».

— *Sit on it, Ajarn Edward* — diz Apsara alegremente.

Antes de vir para a escola de línguas, ela tentou aprender inglês a ver os episódios de *Happy Days*. Não tenho coragem para lhe dizer que não é uma expressão respeitosa.

Há seis anos que ensino inglês numa escola de línguas situada no meio do maior centro comercial que vi na vida e que fica a cerca de vinte minutos de táxi de Bangucoque. Arranjei aquele emprego por acaso. Depois de viajar pela Tailândia de mochila às costas e de fazer uns biscates para conseguir *bahts* suficientes para me alimentar, dei comigo a trabalhar como *barman* aos dezoito anos, em Patpong. Era um daqueles famosos espetáculos de travestis da Tailândia, com *katoeys* que até a mim me enganavam, e eu andava a tentar juntar dinheiro suficiente para sair da cidade. Um dos outros *barmen* era irlandês e complementava o seu rendimento dando aulas no Instituto Americano de Línguas. Ele disse que andavam sempre à procura de professores qualificados. Quando lhe respondi que não era propriamente qualificado, desatou a rir.

— Falas inglês, não falas?

Agora, ganho 45 000 *bahts* a dar aulas. Tenho o meu próprio apartamento. Tenho vivido as obrigatórias aventuras amorosas e

saio para beber com outros expatriados na Nana Plaza. E tenho aprendido muito. Não se toca na cabeça de ninguém porque é a parte mais alta do corpo, literal e espiritualmente. Não se cruza a perna no metropolitano porque fazê-lo mostra a sola do sapato à pessoa sentada à nossa frente — e a planta do pé está literal e espiritualmente impura. Mais vale mostrar o dedo do meio. Não se dá apertos de mão, faz-se o *wai*, pondo as mãos à nossa frente como se estivéssemos a rezar, com as pontas dos indicadores a tocar no nariz. Quanto mais altas estiverem as mãos e quanto mais pequena for a vénia, mais respeito se mostra. Um *wai* pode ser usado para cumprimentar, para pedir desculpa e para mostrar gratidão.

Temos de admirar uma cultura que usa um único gesto para dizer simultaneamente *obrigado e desculpa*.

Sempre que começo a ficar farto de viver aqui ou a experimentar a sensação de que nada muda, dou um passo atrás e recordo que estou apenas de visita. Que a cultura e as crenças tailandesas existem há muito mais tempo do que eu. Que aquilo que uma pessoa vê como diferença de opinião pode ser um sinal de grande desrespeito para outra.

Quem me dera ter sabido na altura o que sei agora.

Não há uma forma fácil de chegar a Koh Chang. Partindo de Bangucoque, são 315 quilómetros de autocarro e, mesmo depois de chegar a Trat, nas províncias orientais, é preciso apanhar um *songtaew* para um dos três cais. Ao Thammachat é o melhor — só levamos vinte minutos de *ferry* para chegar à ilha. Lam Ngob é o pior — os barcos de pesca que foram convertidos em *ferries* podem levar mais de uma hora a fazer a travessia.

Pode parecer ridículo percorrer toda esta distância quando só tenho dois dias de folga no instituto de línguas, mas vale a pena. Às vezes, Banguetcoque é sufocante e eu preciso de estar num lugar em que as pessoas não estejam como sardinha em lata. Atribuo isso a ter sido criado numa parte da Nova Inglaterra que ainda fica a duas horas do centro comercial mais próximo. Depois de ter dormido a noite passada numa pensão barata, passei a manhã a tentar encontrar o caminho para chegar a Khlong Nueng, a queda-d'água mais alta da ilha. E agora, precisamente quando estou a transpirar e cheio de sede e pronto para desistir, deparo com o maior pedregulho que alguma vez vi a tapar-me o caminho. Cerrando os dentes, arranjo um ponto de apoio e começo a escalá-lo. As minhas botas escorregam na pedra e esfolo o joelho, e já estou preocupado a pensar como vou voltar a escalá-lo do outro lado, mas não desisto.

Com um grunhido, chego ao topo do pedregulho e depois deslizo do outro lado. Aterro com um baque suave e levanto os olhos para contemplar a lindíssima cascata, a fazer espuma e a cintilar e a encher a ravina. Dispo-me até ficar de *boxers* e entro na água, com as pequenas ondas da lagoa cristalina a bater-me no peito. Mergulho debaixo do jato. Depois, arrasto-me para fora de água e deito-me de costas, deixando o sol secar-me a pele.

Desde que cheguei à Tailândia que tive centenas de momentos como este, quando deparo com algo tão incrível que me apetece mostrá-lo a outra pessoa. O problema é que quando se faz a escolha de ser solitário, perde-se esse privilégio. Por isso, faço o que tenho feito nos últimos seis anos: pego no telemóvel e tiro uma fotografia à queda-d'água. Escusado será dizer que nunca fico nas fotografias. E não sei a quem as irei mostrar, dado que já tive

pacotes de leite que duraram mais do que a maior parte dos meus relacionamentos. Mas, de qualquer forma, conservo esse álbum digital — da primeira casa de espíritos que vi na Tailândia, labiríntica e a abarrotar de oferendas, ao arranjo de pênis de madeira no templo Chao Mae Tuptim, passando pelos sinistros bebês siameses a flutuar em formaldeído no Museu de Ciência Forense perto de Wat Arun.

Estou a segurar o telemóvel, a ver essas fotografias, quando ele começa a vibrar. Olho para o visor, para ver quem me está a ligar — à espera de que seja um amigo que me quer convidar para beber uma cerveja, ou o meu chefe no instituto a pedir-me para substituir outro professor, ou talvez a assistente de bordo que conheci no Blue Ice Bar no fim de semana passado. Sempre achei divertido o serviço celular em Nenhures, na Tailândia, ser melhor do que nas montanhas Brancas do New Hampshire.

Sem cobertura.

— Estou? — digo, levando o telefone ao ouvido.

— Edward — diz a minha mãe. — Tens de voltar para casa.

São precisas vinte e quatro horas para voltar aos Estados Unidos e alugar um carro (algo que eu não tinha idade suficiente para fazer quando parti) e fazer o caminho até Beresford, no New Hampshire. Era de esperar que adormecesse, mas estou demasiado nervoso para isso. Em primeiro lugar, há seis anos que não conduzo, e isso requer toda a minha concentração. Em segundo lugar, estou a recapitular aquilo que já me foi dito, primeiro pela minha mãe e depois pelo neurocirurgião responsável por uma cirurgia de emergência ao meu pai.

A carrinha dele embateu numa árvore.

Ele e Cara foram encontrados fora do veículo.

Cara fraturou o ombro.

O meu pai estava inconsciente e tinha a pupila direita dilatada. Não conseguia respirar bem sem ajuda. Os técnicos de emergência médica disseram que era uma lesão cerebral traumática difusa.

A minha mãe telefonou-me assim que aterrei. Cara já tinha terminado a cirurgia; estava sedada e a dormir. A polícia passara por lá para interrogar Cara, mas a minha mãe mandara-os embora. Depois de ter passado a noite em branco no hospital, a sua voz parecia um fio esgarçado.

Não vou mentir: já pensara em como seria, se alguma vez voltasse. Imaginava uma festa em nossa casa, com a minha mãe a fazer o meu bolo preferido (cenoura e gengibre) e Cara a fazer-me uma escultura com pauzinhos de gelado a dizer «Super Mano» na tampa. É claro que a minha mãe já não mora lá e Cara é demasiado crescida para trabalhos manuais com pauzinhos de gelados.

Provavelmente repararam que, na minha volta de consagração imaginária, o meu pai não fazia parte do cenário.

Depois de passar este tempo todo numa grande metrópole, Beresford parece uma cidade-fantasma. Há pessoas por ali, é claro, mas há tanto espaço desabitado que me deixa tonto. O edifício mais alto aqui tem três andares. Podemos ver montanhas, seja de que ângulo for.

Estaciono no parque exterior do hospital e corro lá para dentro. Visto calças de ganga e camisola de algodão, o que não é muito apropriado para o inverno da Nova Inglaterra, mas já nem sequer tenho roupa dessa. A voluntária que está na receção parece um *marshmallow*: rechonchuda, mole, empoadada. Pergunto qual é o quarto de Cara Warren por duas razões. Primeiro, é aí que está a

minha mãe. E em segundo lugar, preciso de um minuto antes de voltar a encarar o meu pai.

Cara está no quarto piso, no quarto 430. Espero que as portas do elevador se fechem (quando foi a última vez que estive *sozinho* num elevador?) e respiro fundo. No corredor, passo pelas enfermeiras com a cabeça baixa e abro a porta que tem o nome de Cara.

Está uma mulher a dormir na cama de hospital.

Tem cabelo comprido e escuro e uma nódoa negra na têmpora, uma sutura adesiva. O braço está envolto num casulo contra o corpo. Tem um pé de fora do cobertor, deixando ver as unhas pintadas de roxo.

Já não é a minha irmã mais pequena. Não é pequena, ponto final.

Estou tão absorto a olhar para ela que, a princípio, nem sequer vejo a minha mãe ao canto. Ela levanta-se, a tapar a boca com a mão.

— Edward? — sussurra.

Quando me fui embora, já era mais alto do que a minha mãe. Mas agora estou mais cheio. Maior, mais forte. Como *ele*.

Ela dobra-me num abraço. *Origâmi do coração*. Era o que ela costumava chamar-lhe quando éramos pequenos e abria os braços à espera de que corrêssemos para eles. As palavras parecem uma farpa na minha cabeça; sinto-as a importunar-me, mesmo enquanto faço o que ela está à espera e retribuo o abraço. É curioso que, por maior que seja em relação à minha mãe, é ela quem me toma nos braços, e não o contrário.

Sinto-me como Gulliver em Lilliput, demasiado crescido para as minhas próprias memórias. A minha mãe enxuga os olhos.

— Nem acredito que estás mesmo aqui.

Não parece bem mencionar que não estaria ali, longe disso, se a minha irmã e o meu pai não estivessem no hospital.

— Como é que ela está? — pergunto, fazendo sinal com a cabeça em direção a Cara.

— Está meio zozna por causa do *OxyContin* — diz a minha mãe.

— Ainda está com muitas dores, depois da cirurgia.

— Está... diferente.

— Tu também.

Estamos todos, suponho. Há rugas no rosto da minha mãe que eu nunca tinha notado antes, ou talvez lá não estivessem. Quanto ao meu pai... bem, para mim é difícil imaginar que tenha mudado.

— Creio que é melhor ir ver o pai — digo.

A minha mãe pega na mala — um saco com fotografias de duas crianças meio asiáticas. Os gémeos, suponho. É estranho pensar que tenho irmãos que nunca vi.

— Está bem — diz ela.

Neste momento, a última coisa que quero é estar sozinho. Ser o adulto. Mas há qualquer coisa que me faz pôr-lhe a mão no ombro para a parar.

— Não precisa de vir comigo — digo-lhe. — Já não sou um miúdo.

— Eu bem vejo — diz ela, fitando-me. As suas palavras são demasiado suaves, como que embrulhadas em flanela.

Eu sei o que ela está a pensar: que perdeu muita coisa. Levar-me de carro à faculdade. Assistir à cerimónia de licenciatura. Ouvir-me falar do primeiro emprego, do primeiro amor. Ajudar-me a decorar o primeiro apartamento.

— A Cara pode acordar e precisar de si — digo, para atenuar o golpe.

A minha mãe hesita, mas só por um momento.

— E voltas? — pergunta.

Digo que sim com a cabeça. Muito embora seja precisamente isso que jurei nunca fazer.

A certa altura da minha vida, pensei em ser médico. Gostava do lado assético da profissão, da ordem. De podermos descobrir o problema e resolvê-lo, se conseguíssemos ler as pistas.

Infelizmente, para ser médico também é preciso fazer biologia, e a primeira vez que levei um bisturi ao feto de um porco caí redondo no chão.

A verdade era que não tinha veia de cientista. No liceu, passava o tempo embrenhado em livros, o que acabou por ser bom, pois foi assim que prossegui os meus estudos depois de ter saído de casa. Aposto que tinha lido mais clássicos do que a maior parte dos licenciados. Mas também sei coisas que não ensinam na universidade, por exemplo: evitar os bares nos últimos pisos na Patpong Road, porque são geridos por rufiões; ou escolher sempre uma loja de massagens com uma fachada envidraçada onde seja possível ver o que se faz lá dentro, caso contrário ainda acabamos com um «final feliz» que não procurávamos. Posso não ter uma licenciatura, mas sou seguramente uma pessoa instruída.

Contudo, na sala de espera destinada às famílias, na presença do doutor Saint-Clare, sinto-me estúpido. Incapaz. Como se não conseguisse encadear toda a informação que ele me está a transmitir.

— O seu pai sofreu uma lesão cerebral traumática difusa — diz-me ele. — Quando os paramédicos o trouxeram, tinha a pupila

direita dilatada e estava inconsciente. Apresentava uma laceração na testa e não era capaz de mexer o seu lado esquerdo. Custava-lhe a respirar, por isso tinha sido intubado pelos técnicos da emergência médica. Quando me chamaram, vi que ele tinha um edema periorbital bilateral...

— Um quê?

— Inchaço — traduz o cirurgião. — À volta dos olhos. Repetimos o teste da escala de coma de Glasgow que lhe tinham feito no local do acidente, e o resultado foi cinco. Efetuámos uma TAC de urgência e descobrimos um hematoma no lobo temporal, uma hemorragia subaracnoideia e uma hemorragia intraventricular. — Ele fita-me o rosto. — Basicamente, vimos sangue. À volta do cérebro e nos ventrículos cerebrais, o que indicia um traumatismo grave. Medicámo-lo com manitol para reduzir alguma da pressão craniana e levámo-lo de imediato para a sala de operações, para remover o coágulo no lobo temporal e a parte anterior do lobo temporal do cérebro.

Fico de queixo caído.

— Tirou-lhe uma parte do *cérebro*?

— Aliviámos a pressão sobre o cérebro que, de outra forma, o teria matado — corrige o médico. — A lobectomia temporal vai afetar algumas das suas memórias, mas não todas. Não afeta as áreas da fala, das funções motoras ou da personalidade.

Tinham tirado algumas das memórias do meu pai. As relacionadas com os seus amados lobos? Ou connosco? De quais sentiria falta?

— E resultou? A cirurgia?

— A pupila do seu pai está novamente reativa e o coágulo foi removido. Contudo, o inchaço e o hematoma produziram uma

herniação incipiente, basicamente um desvio de estruturas de um compartimento do cérebro para outro, o que fez pressão sobre o tronco cerebral, criando aí pequenas hemorragias.

— Não compreendo...

— A pressão craniana está mais baixa — diz o médico —, mas ele ainda não acordou, não há resposta a estímulos e não respira sozinho. Fizemos outra TAC e vimos que essas hemorragias no bolbo raquidiano e na protuberância estão um pouco maiores do que no exame anterior, e é por isso que ele não recuperou a consciência e continua ligado ao ventilador.

Sinto-me como se estivesse a nadar em xarope de milho, como se as palavras que quero usar se me enrolassem na língua num código indecifrável.

— Mas ele vai ficar bem? — pergunto, e na realidade essa é a única pergunta necessária.

O cirurgião entrelaça as mãos.

— Ainda estamos a deixar a poeira assentar...

Mas. Há um *mas*, consigo ouvi-lo.

— As lesões que estamos a observar afetam a parte do tronco cerebral que comanda a respiração e a consciência. Ele pode nunca mais largar esse ventilador — diz o doutor Saint-Clare de forma categórica. — Pode nunca mais acordar.

Quando eu tinha dezasseis anos e acabara de tirar a carta de condução, fui a uma festa e só voltei para casa depois da hora marcada. Estacionei ao fundo do quarteirão e atravessei o relvado nas pontas dos pés, abrindo a porta devagarinho na esperança de me safar daquela infração. Mas quando os meus olhos se adaptaram à escuridão, vi o meu pai a dormir na poltrona reclinável da sala e soube que estava perdido. O meu pai sempre disse que

quando estava na floresta com os lobos, nunca dormia verdadeiramente. Era preciso manter-se num estado semiconsciente, dormir sempre com um olho aberto, como se costuma dizer, para saber se ia ser atacado.

É claro que no instante em que passei a porta, ele saltou da poltrona e pôs-se à minha frente. Não disse uma palavra, ficou simplesmente à espera de que eu falasse.

Já sei, disse. Estou de castigo.

O meu pai cruzou os braços. *Há duzentos anos, os pais nunca perdiam os filhos de vista*, disse ele. *Se uma cria perturba o pai lobo às duas da manhã, este não rosna para a cria o deixar em paz e poder voltar a dormir. Ele senta-se, alerta, como quem diz: Que queres saber? Onde queres ir?*

Eu ainda estava um bocadinho toldado, e na altura achei que aquilo era um sermão, a sua maneira de me dizer que estava furioso comigo. Agora, pergunto a mim mesmo se não estaria simplesmente furioso *consigo mesmo* por ceder ao seu lado humano e ter-se esquecido de manter um olho aberto.

— Posso vê-lo? — pergunto ao doutor Saint-Clare.

Levam-me pelo corredor até uma sala da UCI. Há uma enfermeira debruçada sobre a cama, a aspirar qualquer coisa.

— Deve ser o filho do senhor Warren — diz ela. — É a cara chapada dele.

Mas eu mal a ouço. Estou a olhar para o doente que se encontra na cama de hospital.

O meu primeiro pensamento é: *Cometeram um erro tremendo. Este não é o meu pai.*

Porque este homem destroçado, com a cabeça parcialmente rapada e a ligadura branca à volta do crânio, com um tubo enfiado

pela garganta e o cateter endovenoso inserido na dobra do braço...

Este homem com uma sutura na fonte igual à do monstro de Frankenstein e com nódoas negras e azuladas à volta dos olhos...

Este homem não se parece nada com o que deu cabo da minha vida.

LUKE

A menina do Capuchinho Vermelho devia ser açoitada.

Sozinhas, aquela menina e a sua avó conseguiram espalhar mentiras suficientes sobre os lobos para fazer com que os envenenassem, apanhassem em armadilhas e abatessem praticamente até à extinção. Muitos dos mitos acerca dos lobos tiveram origem na Idade Média, em Paris, onde crianças foram levadas por lobos. Agora, acredita-se que os animais em questão eram cães-lobos híbridos. Por outro lado, um lobo puro tem mais medo do ser humano do que este dele. Não ataca, a menos que alguma coisa o faça sentir que a sua segurança está ameaçada.

Algumas pessoas acreditam que os lobos matam tudo o que encontram.

Na realidade, só matam para comer. Mesmo quando atacam um rebanho, não matam todos os animais. O lobo alfa determina especificamente qual o membro do rebanho que deve ser abatido.

Algumas pessoas acreditam que os lobos acabarão por dizimar a população de veados.

Na realidade, em cada dez vezes que caçam, matam um único espécime.

Algumas pessoas acreditam que eles se introduzem nas quintas e matam o gado.

Na realidade, isto sucede com tão pouca frequência que os biólogos nem sequer os consideram como uma categoria de risco predatório.

Algumas pessoas acreditam que os lobos são perigosos para os humanos.

Na realidade, dos cerca de vinte casos registados, o encontro entre lobo e homem foi provocado pela pessoa. E não há um único

caso documentado de um lobo selvagem saudável ter matado um ser humano.

Como devem imaginar, também não gosto muito dos Três Porquinhos.

CARA

Estou sentada numa das mesas exteriores do Redmond's, embrulhada no meu blusão de penas e num cobertor de lã. Não há ninguém, porque estamos em fevereiro e o parque está oficialmente encerrado, mas a atração principal — os dinossauros animatrónicos com que deparamos assim que passamos os portões — funciona o ano inteiro. Trata-se de um estranho problema na programação dos circuitos elétricos que faz com que não se possa desligar o *T. rex* sem cortar a energia a toda a instalação, e isso, como é óbvio, iria afetar a reduzida equipa que trata dos *habitats* animais durante a época baixa. Por isso, uma vez por outra, quando preciso de me afastar, vou para a parte do parque que parece uma cidade-fantasma e fico a ver os *Triceratops* a abanar a sua cabeça de plástico todas as horas, à hora certa, sacudindo a neve que caiu durante a noite. Vejo o *Raptor* a simular uma luta com o *T. rex*, ambos com a neve pelas coxas. É arrepiante. Dá a sensação de estar a assistir ao fim do mundo. Às vezes, por estar tudo tão silencioso, os seus rugidos gravados enervam os gibões, que também começam a berrar.

Na verdade, é por causa dos gibões que não ouço o meu pai a chamar pelo meu nome até ele estar mesmo à minha frente.

— Cara? Cara!

Veste o seu fato-macaco de inverno — o que fica pendurado no ramo de uma árvore junto à caravana e nunca é lavado porque os lobos o reconhecem pelo cheiro. Dá para ver que esteve com o bando a partilhar uma refeição, pois tem um bocadinho de sangue nas pontas do cabelo comprido que lhe emoldura o rosto. Normalmente, assume o papel de mediador, o que significa que se posiciona exatamente entre o alfa e o beta junto à carcaça. Na

verdade, assistir a isso é de loucos. Para o bando, a hora de comer é como um desporto de gladiadores. Todos têm uma posição fixa à volta da carcaça, alimentando-se num determinado momento de uma parte específica do animal. Há rosnadelas e ranger de dentes enquanto cada lobo — incluindo o meu pai — protege a sua parte da presa. Ele costumava comer a carne crua, como os lobos, mas quando isso começou a afetar demasiado o seu aparelho digestivo passou a cozinhar pedacinhos de rim e fígado e a escondê-los no interior do fato-macaco, dentro de um saquinho de plástico. Não sei como, consegue transferi-los para a barriga aberta da peça de caça e comer como os lobos sem que eles se apercebam da manipulação.

A expressão do meu pai enche-se de alívio.

— Cara — repete —, pensei que te tinha perdido.

Tento levantar-me para lhe dizer que tenho estado ali o tempo todo, mas não me consigo mexer. O cobertor ficou preso e tenho os braços manietados. Depois, percebo que não é um cobertor. É uma ligadura. E não era o meu pai que estava a chamar por mim, mas sim a minha mãe.

— Acordaste — diz ela. Está a olhar para mim, a tentar sorrir.

Parece que tenho um elefante sentado em cima do ombro. Quero perguntar qualquer coisa, mas as palavras dão a sensação de estar envoltas em nuvens. De repente, vejo outro rosto, um rosto de mulher, suave como massa lêveda.

— Quando doer, carregue aqui — diz ela, pondo a minha mão à volta de um pequeno botão. O meu polegar pressiona-o.

Quero perguntar onde está o meu pai, mas já estou a adormecer. Estou novamente a sonhar, e eis como sei disso.

O meu pai está no quarto, mas não é o meu pai. É alguém que só vi em fotografias — na verdade, em três fotografias que a minha mãe guarda dentro da gaveta da roupa interior, por baixo do forro de veludo da caixa que tem as pérolas da minha avó. Ele tem o braço à volta da minha mãe nas três fotografias. Parece mais novo, mais magro, de cabelo curto.

Esta versão do meu pai está a olhar para mim, como se estivesse tão surpreendido por me ver assim como eu estou por vê-lo.

— Não se vá embora — digo, mas a minha voz é quase inaudível.

Isto fá-lo sorrir.

Esta é a segunda razão para saber que estou a sonhar. Naquelas fotografias antigas, o meu pai tem sempre um ar feliz. De facto, ele e a minha mãe têm *ambos* um ar feliz, o que mais uma vez é algo que só vi em fotografias.

Estou acordada, mas finjo não estar. Os dois polícias aos pés da cama conversam com a minha mãe.

— É crucial falarmos com a sua filha — diz o mais alto — para perceber o que aconteceu.

Pergunto a mim mesma que lhes terá dito o meu pai. Sinto a boca seca.

— Parece-me óbvio que Cara não está em condições de ser interrogada.

A voz da minha mãe é firme. Consigo sentir o olhar dos três a tocar-me como papel lambido por chamas.

— Minha senhora, compreendemos que a saúde dela é o que mais importa.

— Se compreendessem, não estariam aqui — replica a minha mãe.

Eu assisto aos episódios de *Lei e Ordem*. Sei como uma lasca de tinta microscópica pode mandar um criminoso intrujão para prisão perpétua. Será que a visita deles é rotineira, faz parte de qualquer acidente de viação? Ou será que sabem alguma coisa?

Desato a transpirar e o meu coração começa a bater com mais força. E depois percebo que isso é algo que não posso esconder. A minha pulsação está visível num monitor junto à cabeceira da cama, à vista de toda a gente. Saber disso só piora as coisas. Imagino os números a aumentar e toda a gente a olhar.

— Acham mesmo que o pai bateu com o carro de propósito? — indaga a minha mãe.

Há uma pausa.

— Não — responde um polícia.

O meu coração está a bater com tanta força que, não tarda nada, entra uma enfermeira por ali dentro e lança um alerta para uma emergência.

— Então porque estão aqui? — pergunta a minha mãe.

Ouço um dos polícias a remexer no uniforme. Por entre os olhos semicerrados, vejo-o dar um cartão à minha mãe.

— Se puder fazer o favor de nos ligar quando ela estiver acordada...

Os passos deles ecoam no chão.

Conto até cinquenta lentamente, dizendo *Mississípi* a seguir a cada número. E depois abro os olhos.

— Mãe? — chamo. A minha voz está cheia de requebros.

Ela vem sentar-se imediatamente na cama, ao pé de mim.

— Como te sentes?

O ombro ainda me dói, mas já não é como antes. Toco na testa com a mão livre e sinto o inchaço e os pontos.

— Dorida.

A minha mãe pega-me nessa mão. Tenho um pequeno clipe num dos dedos, com uma luz vermelha que irradia através da carne. Como o E.T.

— Fraturaste a omoplata no acidente — diz-me ela. — Foste operada na quinta-feira à noite.

— Que dia é hoje?

— Sábado.

Sexta-feira passou-me completamente ao lado.

Esforço-me por me sentar, mas isso revela-se impossível com um braço ligado contra o corpo como uma múmia.

— Onde está o pai?

Perpassa-lhe um tremor no rosto.

— É melhor dizer à enfermeira que estás acordada...

— Ele está bem? — Os meus olhos enchem-se de lágrimas. — Eu vi os paramédicos com ele, e depois eles... depois eles...

Não consigo terminar a frase porque estou a começar a juntar todo aquele secretismo, a expressão da minha mãe e a alucinação que tive do meu pai numa versão muito mais jovem.

— Ele morreu — sussurro. — E a mãe não me quer dizer.

Ela aperta-me a mão com mais força.

— O teu pai *não* morreu.

— Então quero vê-lo — exijo.

— Cara, não estás em condições de...

— *Mas que raio, deixem-me vê-lo!* — grito.

Isto, pelo menos, atrai alguma atenção. Uma mulher com um cartão de identificação do hospital, mas sem uniforme de

enfermeira, acorre ao quarto.

— Cara, precisa de relaxar...

Ela é pequena e delicada, com caracóis pretos que balouçam a cada sílaba.

— E quem é a senhora?

— O meu nome é Trina. Sou a assistente social encarregada do seu caso. Percebo que tenha algumas perguntas...

— Sim, por exemplo esta: estou enfaixada como o rei Tut, tenho pontos na cabeça como o monstro de Frankenstein e o mais provável é o meu pai estar na morgue, portanto como hei de relaxar?

A minha mãe e Trina trocaram um olhar, um código secreto qualquer que me faz saber naquele instante que têm conversado sobre mim o tempo todo que estive medicada para dormir. Mas há uma coisa de que tenho a certeza: se elas não me quiserem ajudar a ir ver o meu pai, onde quer que ele esteja, então irei lá pelo meu próprio pé. De rastos, se preciso for.

— O seu pai sofreu um traumatismo craniano muito grave — diz Trina, da mesma forma que alguém diria *Ouvi dizer que vai ser um inverno muito frio* ou *Acho que tenho de levar o carro à oficina para fazer a rotação dos pneus*. Diz aquilo como se um traumatismo craniano grave fosse um espigão na unha.

— Não percebo o que isso significa.

— Foi operado para diminuir o inchaço no cérebro. Não consegue respirar sozinho. E está inconsciente.

— Eu também estava, há cinco minutos — replico, mas não paro de pensar *Isto é tudo culpa minha*.

— Eu vou levá-la a ver o seu pai, Cara — diz Trina —, mas tem de compreender que, quando o vir, vai ser um choque.

Porquê? Por estar numa cama de hospital? Porque tem pontos, como eu, e tubos enfiados pela garganta? O meu pai é o tipo de homem que nunca para, que raramente está dentro de casa. Vê-lo adormecer numa cadeira já me deixa suficientemente chocada.

Ela chama uma enfermeira e uma auxiliar para me porem numa cadeira de rodas, o que requer a deslocação do suporte da medicação endovenosa e cerrar os dentes enquanto me transferem. O corredor cheira a detergente industrial e também tem aquele cheiro a plástico típico dos hospitais que sempre me enervou.

A última vez que estive neste hospital foi há um ano. Eu e o meu pai andávamos a fazer serviço comunitário com *Zazi*, um dos lobos que levamos às vezes às escolas para falar sobre conservação dos lobos. O meu pai faz sempre uma minissessão de formação com os miúdos, para os ensinar a comportar-se perto de um animal selvagem — não estiquem os dedos, não se aproximem demasiado rápido, deixem o animal captar o vosso odor. E nesse dia, os miúdos estavam a portar-se muito bem, tal como *Zazi*. Mas um idiota qualquer noutra parte do edifício resolveu acionar o alarme de incêndio para pregar uma partida e o barulho estridente alarmou o lobo. Ele tentou fugir, e a saída mais próxima era uma janela envidraçada. O meu pai pôs os braços à volta de *Zazi* para o proteger, de forma que quem acabou por atravessar a janela foi ele, e não o lobo. Claro que quando devolvi *Zazi* à sua jaula de transporte, ele não tinha um único arranhão. Por outro lado, o meu pai tinha um golpe tão profundo no braço que eu conseguia ver-lhe o osso.

Escusado será dizer que o meu pai se recusou a ir ao hospital até *Zazi* estar de volta à segurança do seu cercado. Por essa altura, o pano da louça que ele tinha usado como ligadura improvisada

estava todo ensanguentado e o diretor da escola, que nos acompanhara na viagem de regresso ao Redmond's, insistiu para que o meu pai fosse às urgências. Aí — *aqui* — tinha levado quinze pontos. Mas assim que o meu pai voltou para casa, foi até ao cercado onde estavam *Nodah*, *Kina* e *Kita* — os três lobos que ele tivera de criar desde que nasceram, a alcateia em que fazia agora as vezes de lobo mediador.

Eu fiquei junto à rede da vedação, a ver *Nodah* aproximar-se do meu pai. Arrancou-lhe de imediato a ligadura branca com os dentes. A seguir, *Kina* começou a lamber-lhe a ferida. Eu tinha a certeza de que lhe ia rebentar os pontos, e estava igualmente certa de que o meu pai estava à espera disso mesmo. Ele falara-me sobre o tempo que passara na floresta; como às vezes ficava ferido durante uma caçada por a sua pele não ter a pelagem protetora que cobria os seus irmãos lobos. Quando isso acontecia, os animais lambiam-lhe os golpes até reabrirem. O meu pai fora levado a acreditar que havia alguma coisa na sua saliva que tinha propriedades medicinais. Embora dormisse sobre terra e não tivesse acesso a antibióticos, nos quase dois anos que passou na floresta, nunca desenvolveu uma única infeção e todos os ferimentos saravam com o dobro da rapidez. À medida que *Kina* chegava mais fundo, o meu pai ainda estremeceu algumas vezes, mas o golpe acabou por parar de sangrar e ele saiu do cercado. Começámos a subir o monte em direção à caravana. *Detesto hospitais*, disse ele à laia de explicação.

Agora, enquanto Trina me empurra pelo corredor, com a minha mãe no nosso encalço, passamos por pessoas engessadas ou que caminham com dificuldade, apoiadas em andarilhos ou canadianas.

O meu quarto fica na Ortopedia, mas o meu pai está noutro lugar. Temos de apanhar o elevador e descer até ao terceiro piso.

A placa junto às portas duplas por onde entramos diz UCI.

Neste corredor, não anda ninguém a não ser os médicos.

Trina para de empurrar a cadeira e agacha-se à minha frente.

— Continua a sentir-se capaz de fazer isto?

Abano a cabeça, dizendo que sim.

Trina entra de costas no quarto do meu pai, puxando pela cadeira de rodas, e depois vira-me de frente para a cama.

O meu pai parece uma estátua. Como um desses guerreiros em mármore que vemos na secção de um museu dedicada à Grécia Antiga: forte, intenso e completamente inexpressivo. Procuro a sua mão e toco-lhe com um dedo. Ele não se mexe. A única razão para saber que continua vivo está no suave ruído das máquinas a que está ligado.

Fui eu que lhe fiz isto.

Mordo o lábio porque sei que vou chorar e não quero que Trina e a minha mãe vejam.

— Ele vai ficar bem? — sussurro.

A minha mãe põe a mão no meu ombro.

— Os médicos não sabem — diz, com a voz a falhar.

As lágrimas rolam-me agora pelas faces.

— Paizinho? Sou eu. A Cara. Acorde. Tem de acordar.

Estou a pensar em todas aquelas histórias que ouvimos nas notícias, histórias miraculosas em que pessoas que não supunham voltar a andar saíam da cama e começavam a correr. Em que pessoas cegas passavam de repente a ver.

Em que pais com lesões cerebrais abriam de repente os olhos, sorriam e perdoavam.

Ouçõ o som de água a correr e há uma porta que se abre — a que dá para a casa de banho. E sai de lá uma jovem versão do meu pai, a da alucinação que tivera no dia anterior, ainda a enxugar as mãos às calças de treino. Ele olha para a minha mãe e depois para mim.

— Cara. Uau! — diz ele. — Estás acordada?

É nesse momento que percebo que ele nunca foi um produto da minha imaginação. Eu reconheço aquela voz, alojada agora num corpo diferente, de adulto.

— Que está ele aqui a fazer? — sussurro.

— Fui eu que o chamei — diz a minha mãe. — Cara...

Abano a cabeça.

— Estava enganada. Não consigo fazer isto.

De imediato, Trina faz girar a cadeira para eu ficar novamente voltada para a porta.

— Não faz mal — diz ela, em tom neutro. — É difícil ver alguém que amamos neste estado. Volta depois, quando se sentir mais forte.

Finjo concordar. Mas não foi apenas ver o meu pai inconsciente numa cama de hospital que me fez fugir o chão de baixo dos pés.

Foi ver o meu irmão, que estava morto para mim há anos.

Não posso dizer que eu e Edward tenhamos sido alguma vez muito próximos. Sete anos é uma grande diferença quando somos novos, e não há muita coisa que um miúdo de liceu tenha em comum com uma irmã mais nova que continua a usar o seu fogão de brincar. Mas eu idolatrava o meu irmão. Pegava nos livros que ele deixava às vezes em cima da mesa da cozinha e fazia de conta que compreendia as palavras que continham; esgueirava-me para o

quarto dele quando ele saía, deitava-me na cama e ouvia o seu *iPod*, coisa que o teria levado a matar-me, se soubesse.

A escola primária ficava longe do liceu, o que significava que Edward tinha de me deixar lá de manhã. Fazia parte de um acordo negociado, que incluía os meus pais pagarem metade da carripa de oitocentos dólares que ele descobriu numa garagem, para ter o seu próprio meio de transporte. Em troca, a minha mãe insistia em que o meu irmão me depositasse fisicamente nos degraus da minha escola, antes de ir para a dele.

Edward levava esta instrução à letra.

Eu tinha onze anos, já era suficientemente crescida para atravessar sozinha numa passadeira de peões. Mas o meu irmão nunca me deixava. Estacionava todos os dias o carro e esperava juntamente comigo. Quando o sinal mudava e descíamos do passeio, pegava-me pela mão ou pelo braço e só me largava quando chegávamos ao outro lado. Era de tal forma um hábito que tenho a certeza de que ele nem dava por isso.

Eu podia ter tirado a mão ou ter-lhe dito para me largar, mas nunca o fiz.

No primeiro dia depois de ele ter saído de casa, no primeiro dia em que tive de ir para a escola e atravessar sozinha, experimentei a sensação de que a rua tinha o dobro da largura.

De um ponto de vista lógico, percebo que não foi culpa de Edward a minha família ter-se desfeito depois de ele se ir embora. Mas quando temos onze anos, estamo-nos nas tintas para a lógica. Sentimos apenas a falta de dar a mão ao nosso irmão mais velho.

— *Tive* de chamá-lo — diz a minha mãe. — Ele continua a ser filho do teu pai. E o hospital precisava de alguém que pudesse tomar decisões médicas pelo Luke.

Como se já não fosse suficientemente mau o meu pai estar numa espécie de coma, a única pessoa que parece ter informação sobre o seu estado é, contra todas as probabilidades, o meu irmão há muito perdido. O pensamento de que é *ele* quem tem estado sentado ao lado do meu pai, à espera de que ele abra os olhos... bem, deixa-me furiosa.

— Porque não podia ser a mãe?

— Porque já não sou casada com ele.

— Então, e porque é que ninguém me perguntou?

A minha mãe senta-se na beira da cama.

— Não estavas em condições de tomar decisões quando te trouxeram. E mesmo que estivesse, és menor. O hospital precisava de alguém com mais de dezoito anos.

— Ele *foi-se embora* — digo eu, repetindo o óbvio. — Não merece estar aqui.

— Cara — responde a minha mãe, esfregando a mão no rosto —, não podes culpar o Edward por tudo.

O que ela tem o cuidado de *não* dizer é que a culpa foi do meu pai: o fim do casamento e a partida de Edward. Ela sabe que é melhor não dizer mal do meu pai à minha frente, pois em parte foi isso que me fez mudar de casa dela há quatro anos.

Eu tinha saído de casa da minha mãe porque não me enquadrava na sua nova família, mas tinha acabado por *ficar* com o meu pai porque ele parecia educar-me de uma maneira que a minha mãe nunca conseguira. Na verdade, é difícil de explicar. Não queria saber se os meus lençóis eram lavados todas as semanas ou apenas uma vez de tempos em tempos, quando alguém se lembrava de fazê-lo. Em vez disso, o meu pai ensinou-me o nome de todas as árvores que havia na floresta, um conhecimento que eu

nem sequer tinha consciência de estar a acumular. Mostrou-me que uma tempestade de verão não é um contratempo, mas uma ótima oportunidade para trabalhar lá fora, sem ser importunado por mosquitos ou sufocar de calor.

Uma vez, quando estávamos num dos cercados, houve um texugo que teve o azar de lá entrar. Normalmente, deixávamos os lobos matar as pequenas presas que lhes apareciam pela frente, mas desta vez um dos lobos adultos perseguiu o texugo e, em vez de matá-lo, mordeu-lhe a espinha dorsal até este ficar a arrastar as patas traseiras. Depois, afastou-se, para que as duas jovens crias do bando pudessem matá-lo. Tratou-se, basicamente, de uma ação de formação. A vida com o meu pai era assim. Com o meu pai, não importava que Edward se tivesse ido embora. Com o meu pai, eu era suficientemente digna de ser o único membro da sua alcateia, aquele a quem ele ensinava tudo o que sabia, aquele de quem ele dependia tanto quanto eu dependia dele.

Apercebo-me de que, se o meu pai não acordar, terei de voltar a viver com a minha mãe.

De repente, a porta do meu quarto abre-se e entram os dois polícias que lá tinham estado no dia anterior.

— Cara — diz o mais alto —, ainda bem que já está consciente. Eu sou o agente Dumont, e este é o agente Whigby. Gostávamos de falar consigo uns minutinhos...

A minha mãe interpõe-se entre eles e a cama de hospital.

— Cara acabou de ser submetida a uma cirurgia. Precisa de descansar.

— Com o devido respeito, minha senhora, desta vez não nos vamos embora sem falar com a sua filha.

O agente Dumont senta-se na cadeira ao lado da cama.

— Cara, importa-se de responder a algumas perguntas sobre o acidente de carro?

Olho para a minha mãe, e depois para o polícia.

— Pode ser...

— Lembra-se do acidente?

Lembro-me de cada segundo.

— Nem por isso — murmuro.

— Quem ia a conduzir a carrinha?

— O meu pai.

— O seu pai.

— Isso mesmo.

— Para onde iam?

— Para casa. Ele foi buscar-me a casa de uma amiga.

A minha mãe cruza os braços.

— Desculpem... mas quando passou um acidente de carro a ser um delito?

O agente levanta os olhos do bloco para lhe responder.

— Minha senhora, estamos apenas a tentar perceber o que aconteceu — diz, e depois vira-se para mim. — Como foi que a carrinha saiu da estrada?

— Havia um veado — digo. — Apareceu a correr à nossa frente.

Acontece que isso é verdade. Só estou a omitir o que aconteceu antes disso.

— O seu pai tinha estado a beber?

— O meu pai nunca bebe. Os lobos conseguem sentir o cheiro do álcool no nosso organismo.

— E você? Esteve a beber?

Sinto-me corar.

— *Não.*

O agente Whigby, que tem estado muito calado, dá um passo em frente.

— Sabe, Cara, se nos disser a verdade, será tudo muito mais fácil.

— A minha filha não bebe — diz a minha mãe, furiosa. — Ela só tem dezassete anos.

— Infelizmente, minha senhora, as duas coisas não são mutuamente exclusivas.

Whigby produz um papel e entrega-lho. É o resultado de uma análise.

— A taxa de alcoolemia no sangue da sua filha era de zero vírgula dois quando deu entrada no hospital — diz o agente Whigby.

— E, ao contrário da sua filha, as análises ao sangue não mentem.

— Vira-se para mim. — Por isso, Cara... que mais está a esconder?

LUKE

Os meus irmãos adotivos da tribo abenaqui acreditam que as suas vidas estão indissociavelmente ligadas às dos lobos. Há anos, quando fui pela primeira vez ao Canadá para estudar a forma como os naturalistas ameríndios seguiam os lobos selvagens ao longo do corredor de St. Lawrence, aprendi que eles veem o lobo como um professor — na forma como caça, cria a sua prole e defende a sua família. No passado, não eram invulgares as histórias de xamãs abenaquis que entravam no corpo de um lobo, e vice-versa. Os franceses chamavam aos abenaquis orientais no Maine e no New Hampshire a Natio Luporem, a Nação dos Lobos.

Os abenaquis também acreditam que há pessoas que vivem entre o mundo animal e o mundo humano, sem nunca pertencerem totalmente a nenhum dos dois.

Joseph Obomsawin, o ancião com quem eu lá vivi, diz que aqueles que se transformam em animais fazem-no porque os humanos os desiludiram.

Suponho que isso se adegue a mim. Cresci com pais que eram tão mais velhos do que os dos meus amigos que nunca me passava pela cabeça convidar um amigo para ir lá a casa depois da escola; esquecia-me deliberadamente de avisar os meus pais dos dias em que a escola abria as portas à comunidade ou daqueles em que havia jogos de basquetebol, porque ficava sempre envergonhado quando via os miúdos a olhar abertamente para o cabelo branco do meu pai e para as rugas da minha mãe.

Como não tinha uma rede social florescente em miúdo, passava muito tempo sozinho na floresta. O meu pai tinha-me ensinado o nome de todas as árvores indígenas; as que eram venenosas e as que eram comestíveis. Levava-me a caçar patos quando a Lua

ainda estava alta e a nossa respiração se transformava em prata à nossa frente, enquanto esperávamos. Foi aí que aprendi a estar tão imóvel que o veado entrava na clareira para comer, mesmo que eu estivesse sentado na sua orla. E foi aí que comecei a conseguir distinguir os veados, a saber quais os que viajavam juntos e os que regressavam no ano seguinte com a sua prole.

Não me lembro de uma altura em que não sentisse uma ligação com os animais — desde ver uma raposa a brincar com os seus filhotes, passando por seguir um porco-espinho, até libertar os animais de circo do seu cativeiro. Mas o encontro mais espantoso que alguma vez tive com um animal aconteceu aos doze anos, momentos antes da interação humana mais dececionante da minha vida. Eu estava na floresta atrás da nossa casa quando vi uma fêmea de alce deitada entre os fetos com uma cria recém-nascida. Eu conhecia aquela fêmea; tinha-a visto uma ou duas vezes. Recuei — o meu pai tinha-me ensinado a nunca me aproximar de uma mãe recente e do seu filhote — mas, para minha surpresa, o alce levantou-se e empurrou suavemente a sua cria para a frente até esta se aninhar, pele e osso, no meu colo.

Fiquei ali sentado com ela durante uma hora até que entrou na clareira o alce mais imponente que alguma vez vi. A sua armação era colossal, e ele ficou especado como uma estátua até a fêmea e a cria se levantarem também. A seguir, desapareceram os três em silêncio na floresta atrás de mim.

Espantado, voltei para casa a correr para contar aos meus pais o que tinha acontecido, certo de que não iam acreditar em mim, e encontrei-os sentados à mesa da cozinha com uma mulher que eu não conhecia. Mas quando ela se virou, consegui ver-me estampado na cara dela.

«Luke», disse o meu pai, «esta é Kiera, a tua mãe verdadeira.»

Ele não era meu pai, mas sim meu avô. A mulher a quem eu chamara mãe toda a minha vida era minha avó. A minha mãe biológica era filha deles — aos dezassete anos, tinha ido parar à prisão por vender heroína juntamente com o namorado. Dois meses mais tarde, descobriu que estava grávida.

Quando me deu à luz no hospital local, tinha sido algemada à cama.

Ficou decidido que os meus avós me criavam. E que, em vez de eu crescer com o estigma de ter a mãe na prisão, iam mudar-se do Minnesota para o New Hampshire, onde ninguém os conhecia. Iam começar de novo, dizendo que eu era o seu bebé-milagre.

Quando a pena terminou, Kiera adiou a reunião com a família, decidindo em vez disso arranjar um emprego e assentar. Agora, quatro anos depois, era gerente de receção num hotel em Cleveland. Estava pronta para resgatar os pedaços de vida que deixara para trás. Incluindo eu.

Não me lembro muito bem desse dia, a não ser que não quis abraçá-la e que quando ela começou a falar sobre Cleveland, levantei-me e fugi pela porta da cozinha, novamente em direção à floresta. Os alces tinham desaparecido, mas eu aprendera com os animais a escapulir-me quando necessário, a confundir-me com o meio envolvente. Por isso, quando o meu avô veio à minha procura, a chamar pelo meu nome, passou mesmo junto ao maciço de vegetação onde eu estava escondido, e onde fiquei até adormecer.

Na manhã seguinte, quando voltei para casa, hirtos e molhados, Kiera, a impostora, tinha desaparecido. Os meus pais, que eram agora os meus avós, estavam sentados à mesa a comer ovos estrelados. A minha avó estendeu-me um prato com dois ovos com

a sua tentadora gema e uma torrada. Não falámos sobre a visita da minha mãe nem sobre onde ela estava. O meu avô disse que, por agora, eu não ia sair dali, e não houve mais conversa.

Comecei a pensar se teria sonhado com aquele encontro, ou com o da cria de alce, ou com ambos.

Depois disso, tive contactos esporádicos com a minha mãe. No Natal, mandava-me sempre um par de chinelos que me ficavam demasiado pequenos. Ela veio ao funeral do meu avô e esteve presente na cerimónia da minha licenciatura e, passados dois anos, morreu de cancro nos ovários.

Anos mais tarde, quando fui viver com os lobos, mudei de opinião em relação à minha mãe. Compreendi que o que ela tinha feito não era diferente daquilo que qualquer mãe loba faz: pôr os filhos à guarda dos mais velhos; que podem usar o seu vasto conhecimento para ensinar à próxima geração tudo o que ela necessita saber. Mas naquele momento, sentado à mesa da cozinha a tomar o pequeno-almoço no meio de um desconfortável silêncio, a única coisa que sabia era que nunca nenhum animal me mentira em toda a minha vida; ao passo que, nos humanos, já não podia confiar.

EDWARD

O choque tem várias fases.

A primeira é quando entramos no quarto do hospital e vemos o nosso pai, imóvel como um cadáver, ligado a um monte de máquinas e monitores. Há um total desfasamento quando tentamos conciliar aquela imagem com a que temos na cabeça: aquele mesmo homem a brincar à apanhada com uma série de crias de lobo; aquele mesmo homem a olhar-nos olhos nos olhos e a dizer-nos para experimentarmos desafiá-lo.

A seguir, vem a esperança. Qualquer raio de sol fugidio sobre os lençóis, qualquer soluço no suspiro regular do ventilador, qualquer truque provocado pelos nossos olhos cansados faz-nos saltar do lugar, com a certeza de que acabámos de testemunhar um espasmo, um tremular, um lento recuperar da consciência.

Só que não é verdade.

A isto segue-se a negação. A qualquer momento, vamos acordar na nossa própria cama a amaldiçoar os loucos pesadelos que se seguem aos excessos de tequila. Na verdade, é ridículo, uma espécie de teatro do absurdo: a imagem de estarmos a fazer de ama-seca de um pai que excluímos da nossa vida há anos. Mas o problema é que sabemos que não bebemos tequila na noite anterior; que não estamos na nossa própria cama, mas sim num hospital.

Isto leva à catatonia, à medida que nos tornamos tão incapazes de reagir como o paciente. As enfermeiras, médicos, técnicos e assistentes sociais vão entrando e saindo, mas perdemos a conta ao número de visitas. Estas enfermeiras, médicos, técnicos e assistentes sociais sabem todos o nosso nome, e é assim que damos conta de que aquilo se tornou uma rotina. Deixamos de

sussurrar — coisa que fazemos instintivamente, pois os doentes precisam de repousar — porque percebemos que o nosso pai não nos consegue ouvir, e não é apenas por lhe estarem a injetar água gelada no ouvido esquerdo.

Faz parte de um teste, numa série interminável de testes, para medir os movimentos oculares. Tal como me explicaram, se alterarmos a temperatura do ouvido interno, isso deverá provocar movimentos oculares reflexivos. Nas pessoas que estão conscientes, pode ser usado para diagnosticar danos nos nervos auditivos que podem causar problemas de equilíbrio. Em pessoas que estão inconscientes, pode ser usado para verificar a função do tronco cerebral.

— E então? — pergunto à neurologista que está a fazer o teste.

— As notícias são boas ou más?

Ela não olha para mim.

— O doutor Saint-Clare saberá dizer-lhe melhor — diz, tomando notas na ficha clínica do meu pai.

Ela deixa uma enfermeira a secar a face e o pescoço do meu pai. A enfermeira é a décima quinta que conheço desde que aqui estou. Tem uma série de tranças complicadas enroladas no alto da cabeça, o que me faz pensar como dormirá à noite, e o seu nome é Hattie. Às vezes, trauteia espirituais enquanto está a tratar do meu pai: «Swing Low, Sweet Chariot» e «I'll Take You There».

— Sabe — diz ela —, talvez fosse bom falar com ele.

— Ele consegue ouvir-me?

Hattie encolhe os ombros.

— Médicos diferentes acreditam em coisas diferentes. Eu cá acho que não tem nada a perder.

Isso é porque ela não conhece o meu pai. A nossa última conversa esteve longe de ser positiva; é muito possível que o simples som da minha voz desencadeie alguma resposta irada.

Mas a verdade é que, no pé em que estão as coisas, *qualquer* resposta serviria.

Estou a viver neste quarto há vinte e quatro horas, a dormir sentado numa cadeira, de vigília. Dói-me o pescoço e os ombros. Os braços e as pernas executam movimentos bruscos, como se não me pertencessem; a pele do meu rosto está mole como borracha. Nada disto parece real: nem o meu corpo exausto, nem o facto de ter regressado, nem ter o meu pai em coma a pouco mais de um metro. Fico à espera de acordar a qualquer momento.

Ou que o meu pai o faça.

Tenho-me alimentado de café e esperança, apostando comigo mesmo: *Se continuo aqui, é porque ainda deve haver hipótese de recuperação. Se os médicos continuam a realizar novos testes, é porque devem acreditar que ele vai melhorar. Se eu ficar acordado a observá-lo durante mais cinco minutos, de certeza que ele vai abrir os olhos.*

Quando era miúdo, costumava ficar tão assustado com o monstro que vivia no meu roupeiro que às vezes hiperventilava ou ficava com urticária. Foi o meu pai que me disse para tirar o rabo da cama e abrir o raio da porta. Não saber, disse ele, é mil vezes mais horrível do que enfrentar os nossos medos.

É claro que, quando era miúdo e abri corajosamente a porta do roupeiro, não havia nada de preocupante lá dentro.

— Hum — digo, quando Hattie sai. — Sou eu, pai. O Edward.

O meu pai não se mexe.

— A Cara veio vê-lo. Ficou um bocadinho magoada no acidente, mas vai ficar bem.

Não menciono que ela saiu dali em lágrimas, nem que fui demasiado covarde para ir ao quarto dela e ter uma conversa mais séria do que uma simples discussão superficial. Ela parece ser a única pessoa disposta a gritar que o rei vai nu — ou, no meu caso, que o papel de filho dedicado foi um erro na escolha do elenco.

Tento o humor.

— Se tinha saudades minhas, não precisava de chegar a este ponto. Podia ter-me convidado simplesmente para vir cá passar o Dia de Ação de Graças.

Mas nenhum de nós acha graça àquilo.

A porta volta a abrir-se, deixando entrar o doutor Saint-Clare.

— Como é que ele está?

— Não devia ser o senhor a dizer-me isso? — pergunto.

— Bem, ainda estamos a vigiar o seu estado, que parece não ter sofrido alterações.

Sem alterações, lembro a mim mesmo, deve ser bom.

— E sabe isso injetando-lhe água no ouvido?

— Por acaso, sim — diz o médico. — Aquilo que procuramos no teste calórico com água gelada é um reflexo oculovestibular. Se ambos os olhos se desviarem para a orelha que contém água, o tronco cerebral está a funcionar normalmente e a consciência está ligeiramente diminuída. Mas os olhos do seu pai não se mexeram, o que sugere uma grave disfunção da protuberância e do mesencéfalo.

De repente, fico farto da gíria médica, da parada de especialistas que vêm fazer testes ao meu pai, que não reage. *Tira o rabo da cama e abre o raio da porta!*

— Diga o que tem a dizer — murmuro.

— Desculpe?

Obrigo-me a olhar o doutor Saint-Clare nos olhos.

— Ele não vai acordar, pois não?

— Bem... — O neurologista senta-se numa cadeira à minha frente. — A consciência tem duas componentes — explica. — Há a vigília e a consciência. Nós estamos ambos vigilantes e conscientes. Alguém que está em coma não está nem uma coisa nem outra. Após alguns dias em coma, um paciente pode seguir uma de várias vias. Pode perder toda a função cerebral e ficar em morte cerebral, como dizemos. É muito raro, mas pode desenvolver a síndrome do encarceramento, o que significaria que ele está vígil e consciente... mas não é capaz de se mexer ou falar. Ou pode evoluir para um estado vegetativo, o que significaria que há vigília... mas não consciência de si ou do local onde se encontra. Por outras palavras, os seus olhos podem abrir-se e ele terá ciclos de sono, mas não responderá a estímulos. Daí, um paciente pode melhorar, entrando num estado minimamente consciente, em que há vigília e interlúdios de consciência, e acabar por recuperar totalmente a consciência; mas também pode manter-se naquilo a que chamamos estado vegetativo permanente, nunca mais recobrando a consciência.

— Então, está a dizer que o meu pai *pode* acordar...

— ... mas as hipóteses de ele recuperar a consciência são extremamente diminutas.

Um estado vegetativo.

— Como sabe?

— As probabilidades estão contra ele. Em doentes que sofreram lesões no tronco cerebral devido a traumatismo, como o seu pai, o prognóstico não é bom.

Espero que aquelas palavras me atinjam com a força de uma bala: *ele está a falar do meu pai*. Mas faz tanto tempo que deixei de sentir o que quer que fosse pelo meu pai que, na verdade, estou meio entorpecido. Ouço o doutor Saint-Clare falar, reconheço que estava à espera de que ele me desse esta notícia e aceito-a como um facto. Ironicamente, dou conta de que isso faz de mim a melhor pessoa para estar de vigília à cabeceira dele.

— E então? — pergunto. — Esperamos?

— Durante algum tempo. Continuamos a efetuar testes para ver se há alguma alteração.

— Se ele não melhorar, vai ficar aqui para sempre?

— Não. Há centros de reabilitação e casas de saúde que cuidam de pessoas em estado vegetativo. Alguns pacientes que tenham dado a conhecer o desejo de suspender as medidas de suporte de vida vão para os cuidados paliativos e são-lhes retirados os tubos de alimentação. Aqueles que querem ser doadores de órgãos podem satisfazer o protocolo para doação após paragem cardíaca.

Parece que estamos a conversar sobre um estranho. Mas, mais uma vez, suponho que assim seja. Na realidade, não conheço melhor o meu pai do que este neurocirurgião.

O doutor Saint-Clare põe-se em pé.

— Vamos continuar a vigiá-lo.

— O que devo fazer, entretanto?

Ele enfia as mãos nos bolsos da sua bata branca.

— Dormir um pouco — diz. — Está com péssimo aspeto.

Quando ele sai do quarto, puxo a cadeira para mais perto da cama do meu pai. Se aos dezoito anos alguém me tivesse dito que um dia ia regressar a Beresford, ter-me-ia rido na sua cara. Nessa altura, a única coisa que sabia era que tinha de me pôr a andar dali

para fora o mais depressa possível. Sendo adolescente, não percebi que aquilo de que fugia continuaria ali à minha espera, por mais longe que estivesse.

Os erros são como as recordações que escondemos num sótão: antigas cartas de amor de relações que fracassaram, fotografias de familiares falecidos, brinquedos de uma infância de que sentimos saudades. Longe da vista é longe do pensamento, mas algures no nosso íntimo sabemos que continuam a existir. E também sabemos que estamos a evitá-las.

Se eu fosse a enfermeira Hattie, rezaria pelo meu pai. Mas nunca fui religioso. O meu pai frequentava o templo da natureza e a minha mãe atirava-me com a religião como se fosse um balde de tinta, mas esta nunca agarrou.

Dou comigo a pensar na primeira semana que passei na Tailândia, quando reparei numas casinhas decorativas em cima de pedestais em frente de hotéis, ao canto dos restaurantes, em frente dos bares locais, no meio da floresta e no jardim de todas as casas. Algumas eram permanentes, feitas em tijolo e madeira; outras eram temporárias. Cada casa dessas estava cheia de estátuas, mobília, figuras de pessoas ou animais. Nas varandas, havia porta-incensos, velas e jarras com flores.

A maior parte dos tailandeses são budistas, mas de vez em quando ainda vêm ao de cima resquícios das antigas crenças, como é o caso destas casas de espíritos. Ainda hoje os tailandeses sentem que os espíritos precisam de abrigo quando não estão no céu, em grutas, árvores ou quedas-d'água. Os Espíritos Guardiões da Terra oferecem diferentes tipos de proteção, que vão desde ajudar nos negócios até salvaguardar o lar; desde proteger os animais, florestas, água e celeiros até velar pelos templos e

fortalezas. Nos seis anos que estive na Tailândia, vi oferendas às casas de espíritos que iam de flores, bananas e arroz a cigarros e galinhas vivas.

Mas eis o que essas casas de espíritos têm de interessante: quando uma família se muda, há uma cerimónia especial para transferir o espírito da sua casa original para a nova morada. Só depois disso é que se podem livrar da casa que o espírito costumava chamar sua.

Ao olhar para a sombra do meu pai nesta cama de hospital, pergunto a mim mesmo se ele já se terá mudado.

LUKE

Eu detestava a universidade. Tinha demasiados edifícios, demasiado cimento. Parecia um contrassenso estudar zoologia de manuais em vez de ficar tranquilamente sentado durante horas na floresta, a observar diretamente os animais. Tive a minha dose de mulheres e festas, mas era igualmente provável encontrarem-me a escalar a cordilheira Presidencial ou a acampar nas montanhas Brancas. Cheguei ao ponto de conseguir distinguir as vozes características de uma coruja-cinzenta ou de um ampélis, de um trinca-pinhas ou de uma felosa-azul-de-garganta-preta. Seguia o rasto de ursos-negros e de veados-de-cauda-branca e alces.

Quando me licenciiei em zoologia, fui contratado como tratador do único jardim zoológico que havia no New Hampshire, na área de Manchester, o Wigglesworth Animal Park, um estabelecimento privado que era mais ou menos uma quinta pedagógica com um punhado de animais selvagens à mistura. Fui subindo, primeiro das alpacas para os gatos-pescadores, depois para a raposa-vermelha e, finalmente, para os lobos. A alcateia de cinco lobos era mantida num pequeno cercado com vedação dupla, onde havia um denso arvoredado e uma elevação irregular onde os lobos ficavam durante o dia. De três em três dias, um dos tratadores levava-lhes comida — a carcaça de um vitelo comprada no matadouro. Quem quer que lá entrasse levava um bastão de esqui — e não eram apenas os tratadores dos lobos que faziam isto, mas também os que trabalhavam com os pumas ou o urso-negro ou qualquer outro animal de grande porte. Não sei que mal lhes poderíamos fazer com um bastão de esqui, mas também não era necessário. Os lobos tinham muito mais medo de nós do que nós deles. Assim que ouviam o fecho da porta dupla a abrir, corriam pela parte mais

cerrada do arvoredó até à toca, no extremo nordeste do cercado. Deixávamos a carcaça, e só muito tempo depois de termos de lá saído é que se aventuravam a voltar para comer.

A primeira vez que lá entrei sem bastão de esqui, estava a verificar a vedação, o que fazia parte da rotina de um tratador. Mas em vez de cumprir o meu dever e sair rapidamente do cercado, decidi ficar lá dentro. Desarmado e ansioso, com o sangue cheio de adrenalina, sentei-me na crista onde tinha visto os lobos instalar-se diariamente, e esperei.

Pensei que, tal como acontecera com os veados e alces que encontrara em criança, estes animais eram capazes de acabar por se sentir suficientemente à vontade comigo para fazerem a sua vida como de costume.

Pensei mal.

Ao fim de cinco dias a sentar-me no cercado dos lobos, com os outros tratadores convencidos de que eu tinha um parafuso a menos, nem um único animal se aproximara de mim.

Já me perguntaram tantas vezes o que me fez escolher este caminho... Creio que uma das razões foi porque os animais sempre foram sinceros comigo, e os humanos não. Mas a outra razão tem que ver com eu não aceitar facilmente um não como resposta. Por isso, em vez de desistir e voltar a tratar dos animais com um bastão de esqui, pensei no que poderia estar a fazer mal.

E depois percebi que podia não ter um bastão de esqui comigo, mas que mesmo assim tinha vantagem sobre eles. Quando era rapaz, escapulia-me de casa ao lusco-fusco e ao amanhecer para ver os animais, pois estes dificilmente se deixavam ver a meio do dia. Se queria deixar os lobos à vontade, tinha de aproximar-me deles quando estavam na mó de cima. Por isso, fui ter com o meu

chefe e pedi autorização para ficar no cercado dos lobos durante a noite.

Note-se que, quando o parque fechava as portas, às seis da tarde, os tratadores iam todos para casa. Havia uma pequena equipa durante a noite, mas apenas para emergências. O meu chefe disse-me que eu podia fazer o que queria, mas percebi pela sua expressão que estava a pensar que ia ter de contratar um novo tratador depois de este ter morrido dos ferimentos.

Tenho dificuldade em descrever como foi trancar-me no cercado dessa primeira vez. Ao princípio, só existia puro pânico. O escuro tinha pulsação e eu não conseguia ver suficientemente bem para ver os sítios onde as raízes das árvores despontavam da terra. Consequia ouvir o movimento dos lobos, mas também sabia que eles conseguiam perseguir-me em silêncio, se estivessem dispostos a isso. Segui aos tropeções até ao meu poiso habitual — a crista — e sentei-me. Sons desconhecidos provenientes de toda a vida selvagem do parque deixaram-me pregado ao chão. Era isto que querias, disse para comigo.

Tentei fechar os olhos e dormir, mas não conseguia relaxar. Em vez disso, comecei a contar estrelas, e quando dei por isso o Sol já raiava no horizonte.

Era ótimo trabalhar com os lobos durante o dia, mas eu estava lá para impedir as pessoas que vinham ao parque de fazer coisas estúpidas, como atirarem-lhes comida ou aproximarem-se demasiado da vedação. Mas, durante a noite, estava sozinho com aqueles animais magníficos, aqueles reis e rainhas da meia-luz. No final do dia, não estavam preocupados em pagar as contas, ou com o que iam comer ao pequeno-almoço, ou com o que iam fazer em

relação à racha no cimento do lago artificial. A única coisa que importava era que estavam juntos e em segurança.

Durante as quatro noites seguintes, tranquei-me no cercado dos lobos depois de o último tratador ter ido para casa. E em todas elas os lobos mantinham-se o mais longe de mim possível. Na quinta noite, logo a seguir à meia-noite, levantei-me e fui da elevação de terreno até à parte de trás da área vedada. Dois dos lobos saltaram em direção ao sítio onde eu tinha estado sentado. Farejaram o terreno e um deles urinou. Depois, afastaram-se da crista e passaram o resto da noite a olhar para mim com os seus olhos âmbar.

Na sexta noite, o lobo a que chamávamos Arlo aproximou-se de mim. Descreveu um círculo lento, a farejar, antes de se ir embora.

Fez a mesma coisa na sétima e oitava noites.

Na nona noite, farejou, andou em círculo e deu meia-volta como se fosse afastar-se, mas depois virou-se de repente e mordeu-me no joelho.

Não foi uma dentada dolorosa. Ele podia ter-me atacado facilmente a garganta, se quisesse. Foi apenas uma mordidela, e foi mais o susto do que a dor.

O verdadeiro poder de um lobo não está nas suas terríveis mandíbulas, que podem fechar-se com uma pressão de mais de cem quilos por centímetro quadrado. O verdadeiro poder de um lobo é ter essa força e saber quando não a usar.

Não me mexi. Calculei que, se tentasse levantar-me e sair do cercado, Arlo era capaz de me derrubar e aplicar-me algo muito pior do que uma mordidela. Paralisado pelo medo, esperei que Arlo se afastasse. Não me mexi até o Sol nascer.

Muito mais tarde, viria a saber que, provavelmente, este terror foi o que me manteve vivo nessa noite. Quando um novo membro chega a um bando — por exemplo, um lobo solitário que vai preencher uma vaga — é testado para provar que é capaz de ocupar o lugar e que não irá ameaçar os outros membros da família. Este teste consiste numa dentada. Se o novo lobo não expuser a garganta para mostrar a sua vulnerabilidade e pedir que confiem nele, os lobos que já fazem parte do bando farão o que é preciso para lhe dar uma lição. Se eu tivesse vacilado quando Arlo me mordeu, ou me tivesse levantado e fugido para fora do cercado, podia ter sido morto.

Na noite seguinte, Arlo voltou a morder-me. Passadas duas semanas, os meus joelhos, barrigas das pernas e tornozelos estavam cobertos de nódoas negras e cortes. Depois, uma noite, roçou-se por mim. Estava ligeiramente húmido por causa da chuva miudinha e, a princípio, pensei que estivesse a tentar enxugar-se, mas esfregou em mim o focinho, a parte de cima da cabeça e a cauda. Quando me empurrou com os cinquenta e cinco quilos do seu corpo e caí para trás, mordiscou-me — outro aviso para ficar onde estava. Continuou a roçar-se em mim até eu também ficar a cheirar como um canídeo molhado.

E era precisamente por isso que ele estava a fazê-lo. Algumas semanas mais tarde, começou a trazer os outros membros do bando até ao meu poiso na crista. Eles ficavam para trás, desconfiados, enquanto Arlo me mordía o joelho e a canela. Percebi que era a forma de Arlo lhes mostrar que eu podia ser domado.

Que podiam confiar em mim.

GEORGIE

— A beber? — digo, espantada. — Estiveste a *beber*?

Os polícias desapareceram, afugentados por uma enfermeira depois de Cara se ter desfeito em soluços aflitivos que a deixam a arfar de dor. Não sei com quem estou mais zangada: se com os polícias, por tentarem acusá-la de dirigir alcoolizada; se com Cara, por me ter mentido.

— Foi *uma* bebida...

— Servida em quê? Num balde? — pergunto. — As análises ao sangue são extremamente rigorosas, Cara.

— Fui com a Mariah a uma festa — diz ela. — Nem sequer queria ir, foi um tipo qualquer do Liceu de Bethlehem que ela conheceu numa prova de atletismo. Assim que a coisa começou a ser demais, liguei ao pai e pedi-lhe que me fosse buscar. Estou a dizer a verdade. Juro que estou.

— Porque não disseste nada quando os médicos das Urgências perguntaram se tinhas drogas ou álcool no organismo?

— Porque sabia que era *isto* que ia acontecer — diz Cara. — Cometi um erro, está bem? A mãe nunca cometeu um erro?

Oh, meu Deus, claro que sim!

— Se não foste capaz de admitir perante os médicos, podias ao menos ter-me contado. Fizeste-me passar por idiota em frente daqueles polícias.

A boca de Cara contrai-se num esgar.

— Como acha que me sinto? Se não fosse eu, se não tivesse estado a beber, o pai não teria ficado ferido. Ele nem sequer teria saído.

Isto acaba por eliminar a raiva vermelha que me tem cegado desde que soube que a minha filha menor ingerira álcool enquanto

estava à guarda de Luke. Se tivesse descoberto de outra maneira, tê-lo-ia criticado por isso. Teria gritado com ele por não ser um pai responsável, teria querido alterar o acordo de guarda provisória.

Mas a verdade é que não posso gritar com ele, neste momento.

— Cara? — digo, sentando-me na borda da cama. — Foi um acidente de carro. Um *acidente*! Não podes culpar-te por isso.

Ela afasta-se de mim com brusquidão.

— A mãe não estava lá! — riposta.

É uma crítica. Só não sei se está zangada comigo por estar a falar do acidente ou porque eu estava com a minha outra família quando ele se deu.

Gostava de acreditar que, caso Cara ainda estivesse a viver debaixo do mesmo teto que eu, não teria andado a beber. Que, caso estivesse comigo, não estaríamos num hospital. Ao contrário de Luke, que estava sempre tão embrenhado nos seus lobos, saberia o que a minha filha andava a tramar e nunca a teria deixado sair até tarde em véspera de escola. Mas é sempre fácil reescrever a história depois dos factos ocorridos. A verdade é que mesmo que Cara não tivesse escolhido ir viver antes com o pai, era capaz de ter sido eu a receber aquele telefonema de Cara na quinta-feira anterior, a implorar-me que fosse em seu socorro.

Já houve umas quantas vezes na minha vida em que tive de súbito a perspetiva de conseguir ver-me de forma distanciada, de perceber como cheguei àquele ponto. A primeira foi na manhã em que li o bilhete de Edward, a dizer-me que tinha saído de casa. A segunda foi no meu casamento com Joe, quando estava, talvez pela primeira vez, verdadeiramente feliz. A terceira foi quando nasceram os gémeos. E a quarta, agora, no auge de um pesadelo: a minha primeira família toda reunida de novo, e inexoravelmente ligada uma

vez mais devido à personalidade dinâmica de Luke. *Cuidado com o que desejas.*

— Quando o pai acordar, pode dizer-lhe para me castigar — diz Cara.

Não tenho coragem para lhe dizer que isso é um *se*, e não um *quando*.

O que significa que ela não é a única pessoa mentirosa naquele quarto.

Conheci Luke quando me incumbiram de uma reportagem sobre ele para um noticiário local. Estava convencida de que ia ser a próxima Katie Couric, mesmo estando na altura a chafurdar nas trincheiras da televisão local do New Hampshire. Não importava se às vezes os locutores eram tão maus que eu via os noticiários gravados como um jogo de bebida: de cada vez que uma palavra era mal pronunciada, bebia um gole de vinho, e muitas vezes emborcava uma garrafa inteira num noticiário de trinta minutos. O meu trabalho era destacar as pessoas excêntricas, rezingonas e ímpares que residiam naquele estado nos últimos três minutos do noticiário da noite.

Já tivera a minha dose de excêntricos: a mulher de um agricultor que vestia os gatos da fazenda com trajes costurados à mão e os fotografava em poses idênticas às de quadros famosos; o padeiro que criara acidentalmente uns pãezinhos de Cheddar e funcho que tinham uma semelhança inquietante com o governador; a professora primária loura e de compleição delicada que ganhara um concurso de lenhadores no norte. Um dia, a minha equipa (ou seja, eu e o tipo que carregava a câmara) foi enviada para o único jardim zoológico que havia no New Hampshire, um pacato estabelecimento na área

de Manchester com passeios a cavalo, quinta pedagógica e uma pequena coleção de vida selvagem.

Tínhamos sido alertados para a história por um espectador que levara o filho pequeno ao jardim zoológico e que ficara surpreendido ao ver uma multidão reunida em torno do pequeno cercado onde os lobos se encontravam. Ao que parecia, um dos tratadores, Luke Warren, tinha começado a passar a noite com os animais e parte do dia no interior do cercado. Os seus superiores, a princípio certos de que se tratava de uma tentativa de suicídio, percebiam agora que os lobos o tinham aceitado no seu seio e incitavam Luke a interagir com eles durante as horas de abertura do parque. As suas loucuras, só por si, tinham quadruplicado os lucros do zoológico.

Quando eu e Alfred, o meu operador de câmara, chegámos ao cercado, tivemos de abrir caminho por entre a multidão alinhada ao longo da vedação. Lá dentro estavam cinco lobos e um ser humano. Luke Warren encontrava-se sentado entre dois animais, cada um com uns cinquenta quilos, à vontade. Quando nos viu, caminhou em direção às portas de saída do cercado enquanto as pessoas sussurravam e apontavam. Cumprimentou aquelas que lhe queriam fazer perguntas sobre os lobos e depois aproximou-se do meu operador de câmara.

— Deve ser o George — disse.

Dei um passo em frente.

— Não. Sou eu. E é *Georgie*.

Luke riu-se.

— Decididamente, não é nada como eu esperava.

Eu podia dizer o mesmo. Pensava que aquele tipo era um maluco qualquer como a maior parte dos outros que eu entrevistara: excêntrico ao ponto de ser disfuncional. Mas Luke Warren era alto e

musculado, com cabelo louro que lhe chegava aos ombros e olhos tão límpidos e azuis que, por um momento, tive dificuldade em lembrar-me do que estava ali a fazer. Vestia um fato-macaco velho e em mau estado.

— Deixe-me só tirar isto — disse ele, abrindo o fecho de correr e deixando à mostra o uniforme caqui dos tratadores. — Os lobos estão acostumados a este cheiro, mas, provavelmente, por esta altura a minha roupa já se põe em pé sozinha.

Desapareceu numa casinha reservada aos tratadores e regressou passado um instante, com o cabelo muito bem apanhado na nuca e o rosto e as mãos acabados de lavar.

— Bem — disse eu. — Não se importa que filmemos...?

— Faz favor — replicou Luke, e levou-nos até um banco que oferecia a melhor vista dos lobos por trás dele, pois, tal como ele disse, as verdadeiras estrelas eram eles.

— Estou a gravar — disse Alfred.

Entrelacei as mãos no colo.

— Desde há algum tempo que passa as noites no cercado...

Luke assentiu com a cabeça.

— Quatro meses.

— Continuamente? — indaguei.

— Sim. Chegou ao ponto em que me sinto mais confortável aqui do que em qualquer cama.

Eu já estava a perguntar a mim mesma qual seria a ideia daquele tipo. Ninguém dormia com animais selvagens durante quatro meses se não estivesse a tentar atrair as atenções sobre si ou se não estivesse mentalmente doente. Talvez ele quisesse ter o seu próprio *talk show*, pensei. Naquele tempo, toda a gente queria.

— Não tem medo que os lobos o ataquem enquanto dorme?

Ele sorriu.

— Não vou mentir. Na primeira noite que aqui passei, não consegui pregar olho. Mas, no geral, os lobos têm mais medo dos humanos do que o contrário. Nesta altura, porque permiti que eles *me* ensinassem em vez de ser eu a dizer-lhes o que fazer, já me aceitaram como membro de escalão inferior do seu bando.

Doença mental, decididamente, pensei.

— Bem, Luke, a pergunta óbvia é: porquê?

Encolheu os ombros.

— Acho que se queremos saber como um lobo é realmente, não podemos limitar-nos a observar. A maior parte dos biólogos discordaria e diria que podemos observar a interação de uma alcateia pela lente da nossa câmara e tirar as nossas conclusões com base naquilo que sabemos sobre o comportamento humano... mas isso não será algo completamente ultrapassado? Se quisermos compreender o mundo dos lobos, temos de estar dispostos a viver nele. Temos de falar a sua linguagem.

— Então está a dizer que fala a língua dos lobos?

Luke sorriu.

— Fluentemente. Até lhe podia ensinar algumas frases.

Levantou-se, pondo um pé em cima do banco ao mesmo tempo que se inclinava.

— Um lobo faz três tipos de uivo — explicou. — Temos o uivo de localização, que estabelece o paradeiro de qualquer alcateia que esteja na área. Não apenas o da minha família, mas também o de alcateias rivais. O uivo defensivo é um pouco mais profundo. Significa «mantém-te longe»; é uma maneira de proteger o território e o bando que lá se encontra. O terceiro tipo de uivo apela para a reunião. É o clássico uivo hollywoodesco: triste e melancólico. É

usado quando um membro da alcateia se perde. Antigamente, os cientistas pensavam que era uma expressão de dor, mas na realidade trata-se de uma referência vocal. Uma forma de um membro perdido tentar encontrar o caminho de volta a casa.

— Pode mostrar-me?

— Só se me ajudar — disse Luke, puxando-me até eu ficar em pé. — Respire fundo por várias vezes, enchendo bem os pulmões. De cada uma das vezes, sustenha a respiração o máximo de tempo possível e depois expire. À terceira, emita o uivo.

Ele inspirou três vezes, pôs a mão em concha sobre a boca e uma longa nota de dois tons encheu o cercado, galgando as copas das árvores. Os lobos olharam, curiosos.

— Experimente — disse ele.

— Não consigo...

— Claro que consegue — redarguiu, pondo as mãos nos meus ombros, por trás. — Inspire — explicou. — Expire. Inspire, expire. Inspire... está pronta? — Inclinando-se para a frente, murmurou ao meu ouvido — Solte.

Fechei os olhos, e todo o ar que estava nos pulmões saiu numa vibração que começou no meu centro e me encheu o corpo. Depois, voltei a fazê-lo. Era um som primitivo, gutural. Atrás de mim, conseguia ouvir Luke a uivar de forma diferente: mais longa, mais grave, mais intensa. Quando a sua voz se misturou com a minha, o resultado foi uma canção. Desta vez, os lobos que estavam no cercado inclinaram a cabeça para trás e responderam-nos.

— É incrível! — exclamei, parando para escutar, conforme os seus uivos se prolongavam em padrões, como ondas. — Eles sabem que somos humanos?

— E isso importa? — perguntou Luke. — Foi um uivo de localização. Bastante básico.

— Não quer fazer outro?

Ele respirou fundo, arredondando a boca num O. Porém, o som que saiu foi completamente diferente, como um destilar de dor. Naquela única nota, ouvi a alma de um saxofone, de um coração destroçado.

— Que significa isso?

Ele fitou-me de forma tão intensa que não consegui desviar o olhar.

— És tu? — sussurrou Luke. — És tu aquela que procuro?

Cara está a tentar, sem sucesso, comer a gelatina que tem na bandeja do jantar. Consegue andar atrás da tigelinha com a mão esquerda, mas de cada vez que tenta tirar uma colherada, o conteúdo tomba de lado ou escapa para a frente.

— Toma — digo, sentando-me na borda da cama e dando-lhe o comer.

Ela abre a boca como um passarinho e engole.

— Ainda está zangada comigo?

— Sim — suspiro. — Mas isso não quer dizer que não te ame.

Observo-a enquanto come outra colherada, recordando como era difícil fazer com que Cara comesse alimentos sólidos. Era mais provável esmagá-los no cabelo, usá-los para fazer dedadas na bandeja da sua cadeira de bebé ou cuspi-los na minha cara do que comê-los. Por altura das pesagens regulares que todas as crianças fazem, estava sempre à beira da subnutrição e eu não me poupava a esforços para explicar às enfermeiras que não estava a fazê-la passar fome; era ela que não comia.

Quando Cara tinha apenas um ano, parámos num McDonald's a caminho de casa, depois de um dos jogos de basebol de Edward. Enquanto eu estava entretida a abrir boiões de comida para bebé e a procurar um babete na mala, Cara esticou-se na sua cadeira em direção ao *Happy Meal* de Edward e começou a mastigar alegremente uma batata frita.

— Então e a comida para bebé? — perguntou Edward.

— Bem — redargui. — Parece que já não é bebé.

Ele ficou a pensar naquilo.

— Continua a ser a Cara?

Olhem para o lado por um momento, e as pessoas que pensavam conhecer são capazes de mudar. O vosso filho pequeno poderá viver agora a meio mundo de distância. A vossa linda filha poderá esgueirar-se de casa à noite. O vosso ex-marido poderá estar a morrer aos poucos. É por isso que os dançarinos aprendem desde o primeiro momento a concentrar-se num ponto fixo à sua frente enquanto fazem piruetas: todos queremos ser capazes de encontrar o lugar onde começámos.

Cara empurra o tabuleiro do jantar com a mão boa e começa a correr os canais com o comando.

— Não está a dar nada.

São cinco horas, todas as estações estão a transmitir os noticiários locais da tarde.

— Notícias não é o mesmo que nada — digo-lhe.

Olho para o ecrã, que está no canal onde eu costumava trabalhar. A pivô é uma rapariga de vinte e tal anos com demasiada maquilhagem nos olhos. Se eu tivesse continuado no jornalismo, seria agora produtora. Alguém que ficava atrás da câmara, que não

tinha de se preocupar com borbulhas, raízes grisalhas e uns quilinhos a mais.

«Numa vitória impressionante», está a dizer a pivô, «Daniel Boyle, o procurador de Grafton County, ganhou um processo judicial que alguns dizem ser uma vitória retumbante para os conservadores daquele estado. O juiz Martin Crenstable decidiu hoje que Merilee Swift, a mulher grávida que sofreu um aneurisma em dezembro, será mantida com suporte de vida durante mais seis meses, até ao final da gestação do seu bebé. Boyle optou por intentar ele próprio a ação quando o marido e pais da mulher pediram ao hospital para desligar o ventilador de Merilee Swift.»

— Porco nojento — digo baixinho. — Nem sequer teria pestanejado diante do pedido dos pais se não fosse ano de eleições.

O ecrã passa para uma entrevista na escadaria do tribunal com Danny Boy, como ele gosta que o tratem.

«Orgulho-me de ser o guardião das vítimas mais frágeis, daqueles que não têm voz», diz. «Uma vida é uma vida. E eu sei que se a senhora Swift pudesse falar, ia querer saber que estão a cuidar do seu bebé.»

— Por amor de Deus! — murmuro, e arranco o comando da mão de Cara. Passo para o canal seguinte e fico boquiaberta.

Uma fotografia de Luke a sorrir, enquanto um dos seus lobos lhe lambe o rosto, enche o ecrã por cima do ombro do pivô.

«A WMUR soube que Luke Warren, o naturalista e conservacionista que se tornou conhecido por viver no meio da natureza com uma alcateia de lobos, está em estado crítico depois de um acidente de viação. Warren será lembrado pelo seu programa

na televisão por cabo, onde relatava as suas experiências com lobos no Redmond's Trading Post, no New Hampshire...»

Carrego no botão do comando e o ecrã fica preto.

— Dizem o que lhes apetece para agarrar espectadores — digo-lhe. — Mas nós não temos de ouvir.

Cara vira o rosto contra a almofada.

— Estão a falar sobre ele como se já tivesse morrido — diz.

É caricato pensar que, após estar seis anos a continentes de distância de Edward, ele está agora apenas um piso mais abaixo do lugar onde estou sentada, e ainda assim continuamos separados.

Não preciso de dizer a nenhuma mãe como é ver um filho partir. Isso acontece devido a uma série de causas naturais: campos de férias, universidade, casamento, carreira. Parece que o tecido de que somos feitas ganha subitamente um rasgão no seu centro e seja qual for o fio que usemos para o cerzir acabamos sempre com um trabalho mal feito. Não acredito que haja uma mãe que aceite de bom grado que o filho já não precisa dela, mas a verdade apanhou-me desprevenida. Edward saiu de casa quando tinha apenas dezoito anos, quando ainda estava a candidatar-se a universidades para o ano seguinte. Pensava que ia ter mais seis meses para perceber como o ia remover cirurgicamente da minha vida, mantendo o sorriso, para que ele não pensasse que eu não estava radiante com a sua sorte. Mas Edward não chegou a ir para a universidade. Em vez disso, numa manhã horrível, deixou-me um bilhete e desapareceu, e talvez fosse por isso que me senti como se tivesse sido atingida por um canhão.

Não quero deixar Cara sozinha, por isso espero que ela volte a adormecer antes de ir à UCI. Edward está sentado numa cadeira, com a cabeça apoiada sobre as mãos, como se estivesse a rezar.

Aguardo, não querendo perturbá-lo, e depois percebo que está a dormir.

Isso dá-me oportunidade de olhar mais atentamente para Luke. Da última vez que o visitara, com Cara e a assistente social, estava mais preocupada com a reação da minha filha do que em perceber a minha.

Sempre pensei em Luke como um verbo. Qualquer coisa em movimento, e não em repouso. Vê-lo assim imóvel lembra-me as vezes que me obrigava a acordar antes dele, para poder analisá-lo: a curva esculpida do seu ouvido, o horizonte dourado do seu queixo, as cicatrizes iridescentes nas mãos e pescoço que ele acumulara ao longo dos anos.

Devo ter feito um barulho qualquer ao fundo da garganta, pois de repente Edward está acordado e a olhar para mim.

— Desculpa — digo, mas não sei bem a quem estou a pedir desculpa.

— É estranho, não é? — diz Edward levantando-se e ficando ao meu lado. — Estou sempre a pensar que ele está simplesmente a dormir.

Faço deslizar o meu braço à volta da cintura do meu filho e puxo-o para mim.

— Eu queria ter vindo mais cedo, mas...

— Cara — diz ele.

Olho para Edward.

— Ela não sabia que cá estavas.

Ele esboça um sorriso enviesado.

— Daí a receção calorosa.

— Neste momento, não consegue pensar com clareza.

Edward sorri tolamente.

— Oh, é claro que está a pensar que sou um idiota! — diz, abanando a cabeça. — E eu até acho que ela é capaz de ter razão.

Olho para Luke. Ele está inconsciente, mas não deixa de parecer estranho falar assim à frente dele.

— Preciso de um café — digo, e Edward segue-me pelo corredor até uma sala para as famílias. É um espaço acanhado e triste, com paredes cinzentas e sem janelas. Há uma máquina de café ao canto e uma caixa onde se pode deixar um dólar por chávena. Há dois sofás e algumas cadeiras extra, revistas antigas e uma caixa de brinquedos em mau estado.

Introduzo uma cápsula de café da Keurig para Edward enquanto ele se instala num sofá.

— A tua irmã pode não se aperceber, mas precisa de ti.

— Não vou ficar — diz Edward de imediato. — Vou-me embora assim que...

Não termina a frase, e eu não a termino por ele.

— Sinto-me uma fraude. Há uma parte de mim que sabe que tenho de estar naquele quarto e falar com os médicos porque sou filho dele, e é isso que os filhos fazem. Mas há outra parte que sabe que há muito tempo já não sou filho dele e que sou a última pessoa que ele queria ver se abrisse os olhos.

O café sai da máquina num último silvo. Dou conta de que não faço ideia de como Edward toma o café. Em tempos, sabia enunciar todos os pormenores acerca deste meu filho: onde fez a cicatriz que tem na nuca, onde tinha os sinais de nascença, quais os sítios em que tinha cócegas, se dormia de costas ou de barriga. Que mais já não saberei sobre o meu próprio filho?

— Voltaste para casa quando te pedi — disse eu simplesmente, entregando-lhe o café, simples. — Fizeste o mais acertado.

Edward passou o dedo pelo rebordo do copo de papel.

— Mãe? E se...?

Sento-me ao lado dele.

— Se o quê?

— A mãe sabe.

A esperança e a realidade são inversamente proporcionais dentro das paredes de um hospital. Edward não precisa de explicar o que lhe vai na ideia; é aquilo que tanto me tenho esforçado para não pensar. A dúvida é como tinta. Quando impregna o tecido de mentiras que urdimos, nunca mais nos livramos da nódoa.

Há muita coisa que eu gostava de dizer a Edward: que isto não é justo; que isto não está certo. Depois de tudo o que Luke fez, de todas as vezes que podia ter morrido de hipotermia, atacado por um animal selvagem ou de uma centena de outros desastres naturais horríveis, parece humilhante vê-lo derrubado por algo tão banal quanto um acidente de carro.

Mas, em vez disso, digo: — Não vamos falar ainda sobre isso.

— Sinto-me deslocado aqui, mãe!

— *Qualquer pessoa* sentiria o mesmo — digo, esfregando as têmporas. — Continua simplesmente a reunir a informação que os médicos te dão, para, quando Cara estiver pronta para isso, poderem falar os dois.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? — diz Edward. — Porque é que ela me odeia tanto?

Penso em esconder-lhe a verdade, mas isso faz-me pensar em Cara e no facto de ela ter bebido na noite do acidente, e em como já estou a ser uma perfeita hipócrita quando me mostro animada diante dela em relação ao estado de Luke, quando este não justifica esse tipo de otimismo.

— Ela responsabiliza-te.

— A mim? — Edward arregala os olhos. — Pelo quê?

— Por eu e o teu pai nos termos divorciado.

Edward reprime uma gargalhada.

— Ela responsabiliza-me por *isso*? Eu nem sequer cá estava!

— Ela tinha onze anos. Tu desapareceste sem te despedires. É óbvio que eu e Luke começámos a discutir por causa do que tinha acontecido...

— Do que tinha acontecido — repete Edward suavemente.

— De qualquer forma, no entender de Cara, tu foste o primeiro passo numa cadeia de acontecimentos que separou a família.

Nas quarenta e oito horas desde que recebi o telefonema do hospital sobre Cara e o acidente, tenho-me conseguido aguentar. Tenho sido forte porque a minha filha precisava que eu fosse forte. Quando a notícia que não queremos ouvir se perfila ameaçadora à nossa frente como o Everest, duas coisas podem acontecer: a tragédia pode trespassar-nos como uma espada ou pode transformar-se na nossa espinha dorsal. E ou nos deixamos ir abaixo e soluçamos ou dizemos: *Está bem. E o que vem a seguir?*

Por isso, talvez seja por estar exausta, mas cedo finalmente às lágrimas.

— E eu sei que te estás a sentir culpado por estar aqui, depois de tudo o que aconteceu entre ti e o teu pai. Mas não és o único a sentir isso — digo. — Porque por mais horrível que isto tenha sido, não paro de pensar que é o primeiro passo numa cadeia de acontecimentos que voltou a reunir esta família.

Edward não sabe o que fazer com uma mãe chorosa. Levanta-se e passa-me o monte de guardanapos que está no cesto do material para o café. Cinge-me num abraço desajeitado.

— Não fique muito esperançada — diz ele, e como que por acordo tácito saímos da sala lado a lado.

Nenhum dos dois comenta que eu não cheguei a tomar o café que pretendia.

LUKE

No mundo dos lobos, todos têm interesse em preencher um lugar deixado vago numa alcateia. Para a família que perdeu um dos seus membros — morto ou desaparecido —, as fileiras ficam subitamente desfalcadas. Uma alcateia rival que tente tomar o seu território tornar-se-á uma ameaça ainda maior e o uivo defensivo entoado pela família transforma-se numa inquirição: uma pergunta em tom mais agudo, um convite aos lobos solitários que se encontrem na área para se juntarem à alcateia e combaterem os rivais juntamente com eles.

Então, e o que leva um lobo solitário a responder?

Imaginem que estão completamente sozinhos no meio da natureza. São a potencial presa de outro animal, o inimigo de um bando rival. Sabendo que a maioria dos bandos caça entre o cair da noite e o amanhecer, movimentam-se durante o dia, mas isso torna-os vulneráveis e mais facilmente visíveis. Estão numa corda bamba em equilíbrio precário, urinando em cursos de água para disfarçar o odor, para não poderem ser perseguidos e desafiados. Cada volta que dão, cada animal que encontram, é um perigo. A melhor probabilidade de sobrevivência que têm é pertencer a um grupo.

Há mais segurança quando se faz parte de um grupo. Depositamos confiança noutro membro da nossa família. Dizemos: se fizeres o que puderes para me manter vivo, eu farei o mesmo por ti.

EDWARD

Então, a minha irmã odeia-me porque eu arruinei a sua infância. Meu Deus, se ela compreendesse a ironia dessa afirmação, muito nos havíamos de rir. Talvez um dia, já velhos e grisalhos, venhamos a *ser capazes* de nos rir disso.

Como se isso fosse possível!

Sempre me espantou a forma como as pessoas conseguem ler nas entrelinhas, mesmo quando não explicamos as coisas. O bilhete que deixei à minha mãe, preso com um alfinete à minha almofada, para ela o encontrar depois de eu me ter ido embora a meio da noite, dizia-lhe que a amava, que a culpa não era dela. Dizia que eu já não conseguia simplesmente continuar a olhar o meu pai olhos nos olhos.

Tudo isso era verdade.

— Isso é tudo sede? — diz uma mulher, e eu dou um salto para trás ao perceber que a máquina de refrigerantes de que me estou a servir na cafetaria do hospital já está a espirrar *Coca-Cola* para cima dos meus ténis.

— Santo Deus — murmuro, soltando a alavanca.

Olho em redor, para ver se encontro alguma coisa com que apanhar o líquido derramado. Mas os guardanapos são racionados pela empregada da caixa, numa espécie de iniciativa amiga do ambiente. Olho para ela, que me fita de soslaio e abana a cabeça.

— Luellen? — grita ela por cima do ombro. — Chama o pessoal da limpeza.

— Tome lá — diz a mulher ao meu lado, tirando um maço de lenços de papel da mala e começando a limpar-me a camisa ensopada e as calças. Tento tirar-lhe a bola de lenços húmidos da mão e acabamos por chocar de cabeça.

— Oh!

— Desculpe — digo. — Estou um bocadinho desorientado.

— Dá para ver.

Ela sorri, deixando ver as suas covinhas. Deve ser mais ou menos pela minha idade. Tem um cartão de identificação do hospital, mas não usa bata nem roupa de bloco operatório.

— Vamos fazer assim: a *Coca-Cola* é por minha conta. — Voltando a encher outro copo, ela passa a minha banana e iogurte para a bandeja dela. Sigo-a até às mesas, depois de ela passar o cartão de identificação para pagar.

— Obrigado — digo, passando a mão pela testa. — Não tenho dormido grande coisa, ultimamente. É muita amabilidade da sua parte.

— É muita amabilidade da sua parte, *Susan* — diz ela.

— O meu nome é Edward...

— Prazer em conhecê-lo, Edward. Estava apenas a corrigi-lo, para poder saber o meu nome mais tarde.

— Mais tarde?

— Quando me telefonar...?

Esta conversa está a avançar em círculos loucos que não consigo acompanhar.

Susan retrai-se de imediato.

— Bolas! Devia ter sido mais sensata. Juro que a minha intuição está permanentemente desativada. Isto é sinistro, não é verdade? Tentar engatar alguém na cafetaria de um hospital... Tanto quanto sei, pode ser um doente ou ter a sua esposa a dar à luz no piso de cima, mas tinha um ar tão desamparado, e como os meus pais se conheceram num funeral, acho sempre que vale a pena correr o risco se virmos alguém que gostávamos de conhecer melhor...

— Espere aí, estava a tentar *engatar-me*?

— Pode ter a certeza.

Pela primeira vez durante a conversa, sorrio.

— O problema é que não sou o que pensa.

Agora, é a vez de ela parecer confusa.

— Hétero, quero eu dizer. Jogo na outra equipa...

Susan desata a rir.

— Correção: a minha intuição não só está desativada, como irrevogavelmente comprometida. Este pode ser um novo mínimo na minha vida de solteira.

— Não deixo de me sentir lisonjeado — replico.

— E conseguiu uma refeição grátis à conta disso. O melhor é aproveitar para a comer enquanto está aqui — diz ela, apontando para o lugar à sua frente. — Então, o que o traz ao Beresford Memorial?

Hesito, pensando no meu pai, imóvel e silencioso, na UCI; na minha irmã, que me detesta e que está enfaixada em ligaduras do pescoço até à cintura, como um soldado ferido.

— Sossegue. Não vou violar a lei da privacidade e segurança. Só pensei que era capaz de ser agradável ter alguém com quem conversar durante uns minutos. A menos que tenha algum sítio onde precise de estar.

Devia estar à cabeceira do meu pai. Esta é a primeira vez que a deixei em doze horas, e só vim à cafetaria para ingerir comida suficiente para me manter durante outras doze. Mas, em vez disso, sento-me à frente de Susan. Cinco minutos, prometo a mim mesmo.

— Não — digo-lhe, a primeira de uma série de mentiras. — Estou bem.

Quando volto para o quarto do meu pai, tenho dois polícias à minha espera. Nem sequer fico surpreendido. É apenas mais uma de uma longa lista de coisas que nunca supus.

— Senhor Warren? — pergunta o primeiro polícia.

É estranho ser tratado assim. Na Tailândia, chamavam-me Ajarn Warren — *Professor Warren* — e mesmo isso era desconfortável, como uma camisa demasiado grande. Nunca chegara realmente a saber em que altura uma pessoa se torna adulta e começa a ser tratada por títulos desses, mas tenho a certeza de que ainda lá não cheguei.

— Sou o agente Whigby, e este é o agente Dumont — diz o polícia. — Lamentamos a sua... — Cala-se bruscamente, antes de pronunciar a palavra *perda*. — Lamentamos o sucedido.

O agente Dumont avança, segurando um saco de papel.

— Recuperámos os pertences pessoais do seu pai no local do acidente e pensámos que era capaz de gostar de ficar com eles — diz.

Estendo a mão e pego no saco. É mais leve do que estava à espera.

Eles despedem-se e saem do quarto. Já na soleira, Whigby vira-se.

— Vi todos os episódios que ele fez para o Animal Planet — diz. — Sabe aquele do lobo que quase morre envenenado? Chorei como uma criança, juro por Deus!

Ele está a falar de *Wazoli*, uma jovem fêmea que fora trazida ao meu pai, no Redmond's, depois de ter sido maltratada num jardim zoológico. Ele construiu um cercado para ela e transferiu para lá dois irmãos, formando uma nova alcateia. Um dia, um ativista dos direitos dos animais introduziu-se no parque depois de encerrado e

trocou a carne que tinha vindo do matadouro por carne com estricnina. Como *Wazoli* era o lobo alfa do grupo, comeu primeiro e caiu no lago, inconsciente. As equipas de televisão filmaram o meu pai a resgatá-la da água, a levá-la para a sua caravana, a embrulhá-la nos seus próprios cobertores para a aquecer até ela começar a reagir.

Este polícia não está a dizer-me apenas que é um admirador de lobos. Está a dizer: *Lembro-me do seu pai na altura*. Está a dizer: *O corpo que está nessa cama de hospital não é o verdadeiro Luke Warren*.

Depois de se irem embora, sento-me ao lado do meu pai e vejo o que há no saco: um par de óculos de aviador, um recibo da Jiffy Lube, trocos; um boné de basebol cuja pala foi roída; um telemóvel; uma carteira.

Pouso o saco, revirando a carteira nas mãos. Está quase nova, mas a verdade é que o meu pai se esquecia frequentemente de andar com ela. Deixava-a no porta-luvas da carrinha, pois se entrasse num cercado de lobos era provável que algum animal mais curioso a tirasse do bolso de trás. Aos doze anos, tinha aprendido a andar com dinheiro quando saía com o meu pai, para evitar o embaraço de me ver na fila do supermercado sem maneira de pagar.

Abro a carteira com distanciamento clínico. Lá dentro, estão quarenta e três dólares, um cartão Visa e um cartão de visita de um veterinário de animais de grande porte, em Lincoln. Há um cartão de cliente de uma loja de rações que diz «FORRAGEM?» no verso, escrito pela mão do meu pai, e com um número de telefone rabiscado por baixo. Há uma fotografia de Cara, com o piroso fundo azul que as

fotografias tiradas na escola têm sempre. Não há nenhum indício de que me conhecesse, sequer.

Creio que vou dar aquilo tudo a Cara.

A carta de condução está dentro de uma bolsinha plástica. Nem parece o meu pai, na fotografia: tem o cabelo penteado para trás e está a olhar para a máquina como se o tivessem insultado.

No canto inferior direito, há um coraçãozinho vermelho.

Lembro-me de preencher os papéis para a minha carta de condução quando tinha dezasseis anos.

— Quero ser dador de órgãos? — tinha eu gritado para a minha mãe, que estava na cozinha.

— Não sei — retorquira ela. — *Queres?*

— Como hei de tomar uma decisão dessas agora?

Ela tinha encolhido os ombros e dissera: — Se não consegues tomá-la agora, então é melhor não assinalares nada na quadrícula.

Nessa altura, o meu pai tinha entrado na cozinha para ir buscar qualquer coisa para comer enquanto voltava para o Redmond's. Lembro-me de pensar que nem sequer sabia que ele estava em casa, naquela manhã. O meu pai entrava e saía com muita frequência; nós não representávamos o seu lar, mas sim um lugar para tomar duche, mudar de roupa e comer uma refeição de vez em quando.

— É dador de órgãos? — perguntara-lhe.

— O quê?

— Na carta de condução. Eu acho que ia ficar superassustado, se fosse... — explicara-lhe com uma careta. — As minhas córneas nos olhos de outra pessoa. O meu fígado no corpo de outra pessoa...

Ele tinha-se sentado à mesa, diante de mim, a descascar a sua banana.

— Bem, se chegasse a esse ponto — dissera ele, encolhendo os ombros — não creio que fosses fisicamente capaz de te sentir assustado.

Eu tinha acabado por deixar a quadrícula em branco. Sobretudo porque, se o meu pai aprovava alguma coisa, eu fazia questão de defender o contrário.

Mas o meu pai tinha uma opinião diferente, ao que parecia.

Batem ao de leve na porta aberta, e entra Trina, a assistente social. Ela já se tinha apresentado; trabalha com o doutor Saint-Clare. Era ela que vinha a empurrar a cadeira de rodas de Cara da primeira vez que a minha irmã veio ver o meu pai àquela cama de hospital.

— Olá, Edward — diz ela. — Importa-se que entre?

Abano a cabeça, e ela puxa uma cadeira para o pé da minha.

— Como está? — pergunta Trina.

Parece uma pergunta estranha para se fazer, vinda de uma pessoa com aquela profissão. Será que já conheceu *alguém* que tenha tido a veleidade de responder «Fantástico!»? Estaria sequer de roda de mim se pensasse que eu estava a gerir bem a situação?

Inicialmente, não tinha compreendido por que razão o meu pai, estando inconsciente, tinha uma assistente social atribuída. Depois, acabara por perceber que Trina estava ali por causa de mim e de Cara. A definição que eu tinha de assistente social envolvia pôr pessoas em famílias de acolhimento, por isso não sabia bem que ajuda ela me poderia dar, mas ela tinha-se revelado um recurso inestimável: se eu queria falar com o doutor Saint-Clare, ela

encontrava-o; se me esquecia do nome do médico interno, ela dizia-mo.

— Soube que falou hoje com o doutor Saint-Clare — diz Trina.

Olho para o perfil do meu pai.

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro.

— Já viu alguém melhorar? Alguém que... estivesse tão mal quanto ele?

Não consigo olhar para a cama enquanto digo isto. Em vez disso, prego os olhos no chão.

— Há uma grande variedade de recuperações de lesões cerebrais — diz Trina. — Mas por aquilo que o doutor Saint-Clare me disse, a lesão do seu pai é catastrófica e as hipóteses de recuperação são mínimas, na melhor das hipóteses.

Sinto o calor afluir-me às faces e pressiono-as com as mãos.

— Então, e quem decide? — pergunto suavemente.

Ela compreende o que estou a perguntar.

— Se o seu pai estivesse consciente quando deu entrada no hospital — diz Trina com doçura —, ter-lhe-iam perguntado se queria efetuar uma diretiva antecipada de vontade, que é uma declaração que especifica quem é o seu procurador de cuidados de saúde; quem tem o direito de falar em nome dele em relação a todas as decisões médicas.

— Eu creio que ele queria doar os órgãos.

Trina indica que sim com um movimento de cabeça.

— Segundo a lei relativa à doação de órgãos, há um protocolo que estabelece quais os familiares que são abordados e por que ordem, no sentido de darem autorização para a doação de órgãos

em relação a alguém que está medicamente incapacitado e não pode falar por si.

— Mas a carta de condução dele tem o símbolo de dador de órgãos!

— Bem, isso torna as coisas um pouco mais simples. Esse símbolo significa que é um dador registado, e que deu o seu consentimento legal para a doação. — Hesita e continua: — Mas, Edward, há outra decisão que tem de ser tomada antes de começarem a pensar na doação de órgãos. E, neste estado, não há hierarquia legal a seguir quando se trata de desligar o equipamento de suporte de vida. É o parente mais próximo de um paciente com lesões como as do seu pai que tem de tomar a decisão de retirar o tratamento, antes que alguém possa começar a falar em doação de órgãos.

— Eu não falo com o meu pai há seis anos — confesso. — Não sei o que ele come ao pequeno-almoço, muito menos o que ele quereria que eu fizesse nesta situação.

— Então — diz Trina — penso que tem de conversar com a sua irmã.

— Ela não quer conversar comigo.

— Tem a certeza disso? — diz a assistente social. — Ou será que é o Edward que não quer conversar com ela?

Quando se vai embora, uns minutos mais tarde, inclino a cabeça para trás e deixo escapar um suspiro. Trina está cem por cento certa naquilo que disse: a razão para eu me ter escondido naquele quarto com o meu pai é porque ele está inconsciente e não pode zangar-se comigo por eu ter saído de casa há seis anos. Por outro lado, a minha irmã não só pode, como irá fazê-lo. Em primeiro lugar, por me ter ido embora sem uma palavra. Em segundo, por regressar e com

isso ter ocupado um lugar que naturalmente lhe pertence: o da pessoa que melhor conhece o meu pai; o da pessoa que o meu pai queria agora ao seu lado, se pudesse escolher.

Dou conta de que continuo a segurar a carteira do meu pai. Tiro a carta de condução para fora, passo o dedo no pequeno coração, símbolo de um dador de órgãos. Mas quando me preparo para a enfiar novamente na bolsa plástica, vejo que há outra coisa lá dentro.

É uma fotografia, cortada para caber na bolsinha plástica. É de 1992, do Halloween. Eu tinha um boné de basebol coberto de pele, de onde saíam duas orelhas espetadas. Tinha a cara pintada a fingir um focinho. Tinha quatro anos, e quisera mascarar-me de lobo.

Pergunto a mim mesmo se já nessa altura saberia que ele gostava mais desses animais do que de mim.

Pergunto a mim mesmo porque terá guardado esta fotografia na carteira, apesar do que aconteceu.

Embora contasse mais sete anos do que Cara, tinha ciúmes dela.

Ela tinha caracóis acobreados e a carinha bochechuda, e as pessoas costumavam fazer a minha mãe parar enquanto a passeava no carrinho, apenas para dizerem que ela tinha uma bebé linda. Só depois reparavam no rapazinho que frequentava a segunda classe e que caminhava com ar taciturno ao lado dela: demasiado magro, demasiado tímido.

Mas não era o físico de Cara que me provocava ciúmes: era o seu intelecto. Ela nunca foi o tipo de miúda que se limitava a brincar com bonecas. Em vez disso, espalhava-as pela casa e inventava uma história complicada sobre uma órfã que atravessava o oceano escondida num navio de piratas para encontrar a mulher que a tinha

vendido ao nascer para salvar o marido da prisão perpétua. Quando os seus boletins de avaliação relativos à escola primária chegavam a casa, os professores comentavam sempre a sua imaginação prodigiosa. Uma vez, a minha mãe foi chamada ao gabinete da diretora porque Cara tinha convencido as colegas de que o avô era astrofísico e que às seis da tarde o Sol ia colidir com a Terra e matar toda a gente.

Embora tivéssemos uma diferença de idades significativa, às vezes, quando ela me pedia para brincar, eu alinhava. Uma das suas brincadeiras preferidas era esconder-se dentro do roupeiro do quarto e descolar no foguetão. Às escuras, não parava de falar sobre os planetas por onde passávamos e, quando voltava a abrir a porta, sobressaltava-se com os extraterrestres com seis olhos e as montanhas que tremiam como gelatina verde.

Mesmo tendo idade suficiente para não ir em cantigas, acreditem que a única coisa que eu queria era ver esses extraterrestres e montanhas. Creio que mesmo em miúdo, quando percebi que era diferente, a minha maior esperança era que fosse possível mudar, que pudesse ser igual a todos os outros. Em vez disso, abria a porta do roupeiro e via o mesmo toucador e a mesma cómoda, e a minha mãe a arrumar a roupa dobrada de Cara.

Por isso, não é de estranhar que quando o meu pai foi viver com os animais, Cara desse diferentes explicações a quem perguntava por ele: *Está numas escavações com egiptólogos, no Cairo. Está a treinar para uma missão num vaivém espacial. Está a fazer um filme com Brad Pitt.*

Não faço ideia se ela acreditava realmente nas coisas que dizia, mas posso dizer-lhes que gostava de ter a mesma facilidade em arranjar desculpas para o meu pai.

O piso do hospital onde se encontra Cara e os outros doentes ortopédicos é consideravelmente diferente da UCI. Por um lado, há mais atividade, e o silêncio opressivo que nos faz querer baixar a voz para um sussurro no piso onde o meu pai se encontra é aqui substituído pelo som de enfermeiras a interagir com pacientes, o chiar do carrinho dos livros a ser empurrado por uma jovem voluntária, a algaraviada de vozes de uma dúzia de televisões a sair dos quartos.

Quando entro no quarto de Cara, ela está a ver *A Roda da Sorte*.

— Só os bons morrem cedo — diz ela, solucionando o quebra-cabeças.

A minha mãe é a primeira a ver-me.

— Edward! Está tudo bem?

Ela está a referir-se ao meu pai. É natural que tenha pensado nisso. A expressão de Cara provoca-me dores de estômago.

— Ele está bem. Quer dizer, bem *não* está, mas está tudo na mesma. — Já estou a fazer asneira. — Mãe, posso falar com Cara a sós por um minuto?

A minha mãe olha para Cara, mas depois diz que sim com a cabeça.

— Vou telefonar aos gémeos.

Sento-me na cadeira que a minha mãe deixou vaga e arrasto-a para mais perto da cama.

— Então — começo, apontando para o ombro ligado de Cara —, estás com muitas dores?

A minha irmã olha-me fixamente.

— Já estive pior — diz em tom monocórdico.

— Eu... hum... lamento que tenha sido preciso isto para nos reunirmos.

Ela encolhe os ombros, a boca cerrada numa linha estreita.

— Pois. Então, e porque estás aqui? — pergunta passado um minuto. — Porque não voltas lá para onde estavas e não nos deixas em paz?

— Assim farei, se é isso que queres. Mas gostava muito de te contar o que tenho andado a fazer. E também gostava de saber o que tens feito.

— Tenho estado a morar com o pai. Tu sabes, o tipo com quem estás lá em baixo e que finges conhecer melhor do que eu.

Passo a mão pelo rosto.

— Não achas que isto já é suficientemente difícil sem o teu ódio?

— Oh, meu Deus, tens razão! Onde é que estou com a cabeça? Devia receber-te de braços abertos. Devia ignorar teres destruído a nossa família porque és um egoísta e te foste embora em vez de tentares resolver as coisas, para agora poderes chegar aqui como um cavaleiro branco e fingir que estás preocupado com o pai.

Não consigo convencê-la de que não é por pormos meio planeta entre nós e outra pessoa qualquer que conseguimos tirá-la do pensamento. E acreditem que tentei.

— Eu sei porque te foste embora — diz Cara, levantando o queixo. — Assumiste-te e o pai passou-se. A mãe contou-me.

Cara era demasiado jovem para compreender na altura, mas agora não; devia ter acabado por fazer perguntas. E é claro que a minha mãe lhe contara aquilo que pensava ter acontecido.

— Sabes que mais? Nem sequer me importa porque te foste embora — diz Cara. — Só quero saber porque te deste ao trabalho de voltar quando ninguém te quer aqui.

— A mãe quer-me aqui. — Respiro fundo. — E *eu* quero estar aqui.

— Encontraste Jesus ou Buda ou qualquer coisa assim na Tailândia? Estás a expiar o teu passado para poderes avançar para o passo seguinte da tua vida cármica? Bem, sabes que mais, Edward? Eu *não* te perdoo. Aí tens.

Quase fico à espera de que ela me deite a língua de fora. *Está magoada*, digo para comigo. *Está zangada*.

— Olha, se queres odiar-me, tudo bem. Se queres que passe os próximos seis anos a pedir desculpa, também o farei. Mas, neste momento, isto não tem que ver contigo e comigo. Temos todo o tempo do mundo para resolver as coisas entre nós. Mas o pai não. Precisamos de nos concentrar nele.

Quando ela baixa a cabeça, interpreto isso como concordância.

— Os médicos dizem... que as suas lesões não são passíveis de cura...

— Eles não o conhecem — diz Cara.

— Eles são *médicos*, Cara.

— Tu também não o conheces...

— E se ele nunca acordar? — interrompo. — O que acontece?

Pela forma como empalidece, percebo que ainda não quisera pensar nisso. Que nem sequer deixara aquela dúvida entrar na cabeça, com medo de que ganhasse raízes como o epilóbio que cresce ao longo da estrada, no verão, de forma desenfreada como o cancro.

— De que estás a falar? — sussurra.

— Cara, ele não pode ficar ligado ao sistema de suporte de vida para sempre.

Fica de queixo caído.

— Meu Deus! Tu odeia-lo tanto que estás disposto a matá-lo?

— Eu não o odeio. Sei que não acreditas, mas gosto dele o suficiente para me dispor a pensar no que *e/le* quereria, em vez do que *nós* queremos.

— Então, tens uma maneira fodida de demonstrar o teu amor — diz Cara.

Ouvir um palavrão daqueles nos lábios da minha irmã mais nova é como ouvir unhas a arranhar um quadro.

— Não me venhas dizer que o pai ia querer máquinas a respirar por ele! Que ia querer viver com alguém a ter de lhe dar banho e a mudar-lhe a fralda! Que não ia sentir a falta de trabalhar com os seus lobos!

— Ele é um lutador. Não vai desistir. — Abana a cabeça. — Não posso acreditar que estamos sequer a falar sobre isso. Não posso acreditar que *tu* achas que tens o direito de me dizer o que o pai quer ou deixa de querer!

— Estou a ser realista, só isso — replico. — Tens de estar preparada para fazer escolhas difíceis.

— Escolhas? — diz ela, engasgando-se com a palavra. — Eu sei tudo sobre escolhas difíceis. Devo deixar-me ir completamente abaixo ou segurar as pontas enquanto os meus pais se separam? Mesmo que a única pessoa capaz de compreender o que sinto me tenha abandonado? Vou morar com a minha mãe ou com o meu pai? Sabendo que, decida o que decidir, a minha resposta vai magoar a outra pessoa. Fiz escolhas difíceis, e escolhi o pai. Portanto, como te atreves a dizer-me que devo desistir dele agora?

— Eu sei que o amas. Sei que não o queres perder...

— Antes de te ires embora, disseste à mãe que querias matá-lo — diz Cara com brusquidão. — Por isso, imagino que seja agora a tua oportunidade.

Não posso culpar a minha mãe por lhe ter dito isso. É verdade.

— Isso foi há muito tempo. As coisas mudam.

— Exatamente. E dentro de duas semanas ou dois meses, ou talvez mais tempo, o pai é capaz de sair deste hospital.

Não foi isso que os neurologistas me deram a entender. Não é isso que vejo com os meus próprios olhos. Mas compreendo que ela tem razão. Como posso tomar uma decisão de família com a minha irmã se não tenho feito parte desta família?

— Se serve de alguma coisa — digo —, desculpa ter-me ido embora. Mas agora estou aqui. Sei que estás a sofrer e, desta vez, não tens de passar por isso sozinha.

— Se me queres compensar pelo que fizeste — diz Cara —, então diz ao hospital que devo ser *eu* a responsável pelo que acontece com o pai.

— Não tens idade suficiente. Eles não te vão dar ouvidos.

— Mas tu podias dar — diz, olhando-me fixamente.

A verdade é que quero que o meu pai acorde e melhore, mas não é porque ele o mereça.

É porque me quero ir embora o mais depressa possível.

Nisso, Cara tem razão. Há seis anos que não faço parte desta família. Não posso simplesmente chegar ali e fingir que me integro na perfeição. Digo isto à minha mãe quando saio do quarto de Cara e dou com ela a andar de um lado para o outro no corredor.

— Vou voltar para casa.

— Tu *estás* em casa.

— Mãe, quem é que queremos enganar? Cara não me quer aqui. Não posso dar nenhum contributo válido em relação ao que o pai teria querido numa situação como esta. Estou a estorvar, em vez de estar a ajudar.

— Estás cansado. Excessivamente cansado — diz a minha mãe.
— Estás há vinte e quatro horas no hospital. Vai descansar numa cama a sério. — Pega na mala e tira uma chave de um molho.

— Não sei onde mora agora — faço notar. Como se isso não fosse prova suficiente de que não pertenço ali.

— Mas sabes onde costumavas morar — diz ela. — Esta é uma chave de reserva que tenho para o caso de Cara perder a dela. Não está ninguém lá em casa, como é óbvio. Provavelmente, até é bom que vás lá para veres se está tudo em ordem.

Como se houvesse assaltos em Beresford, New Hampshire.

A minha mãe enfia-me a chave na mão.

— Dorme sobre o assunto — diz ela.

Sei que devia recusar, cortar de vez com aquilo tudo. Fazer a viagem de regresso ao aeroporto e apanhar o primeiro avião para Banguécoque. Mas dá a sensação de que tenho a cabeça cheia de moscas e o remorso deixa-me um gosto a amêndoa no céu da boca.

— Uma noite — digo.

— Edward — diz a minha mãe quando me começo a afastar —, estiveste longe durante seis anos. Mas antes disso viveste com ele dezoito anos. O teu contributo pode ser maior do que julgas.

— É disso que tenho medo — replico.

— De não conseguires tomar a decisão certa?

Abano a cabeça.

— De conseguir tomá-la, mas pelas razões erradas.

Estou a ter um momento do tipo Alice no País das Maravilhas.

A casa onde entro é familiar, mas completamente diferente. Lá está o sofá onde me costumava deitar a ver televisão depois da escola, mas não é o mesmo — este tem riscas em vez do tecido vermelho-escuro. Há fotografias do meu pai com os seus lobos

pelas paredes, mas agora estão misturadas com fotografias de Cara tiradas na escola. Passo lentamente por elas, vendo-a crescer gradualmente.

Tropeço num par de sapatos, mas já não são os ténis com luzes da minha irmã mais nova. A mesa da casa de jantar está coberta de livros de estudo abertos: cálculo, história mundial, Voltaire. Na bancada da cozinha, está uma embalagem de sumo de laranja vazia, três pratos sujos e um rolo de toalhas de papel. É a desarrumação de alguém que pensava que ia voltar para limpar depois.

Há uma caixa de cereais *Life* quase vazia sobre a bancada, o que parece mais uma metáfora do que uma distração doméstica.

A casa também tem um cheiro peculiar. Não é mau. Cheira a ar livre, a pinheiro e a fumo. Sabem como quando entramos em casa de alguém e sentimos um determinado cheiro, mas quando entramos na nossa própria casa não nos cheira a nada? Se precisasse de mais alguma confirmação de que sou um estranho, aqui estava ela.

Primo o botão vermelho a piscar do atendedor de chamadas. Há duas mensagens. A primeira é de uma rapariga chamada Mariah, e é para Cara.

Bem, eu preciso mesmo de falar contigo e a caixa de correio de voz do teu telemóvel está cheia. Liga-me!

A segunda é de Walter, que vive no Redmond's Trading Post. Há seis anos, era ele quem tomava conta dos lobos quando o meu pai não estava por perto — desmanchava os vitelos que vinham do matadouro para lhes dar de comer e telefonava ao meu pai a meio da noite quando havia algum problema médico e calhava o meu pai estar em casa connosco, em vez de estar na caravana. Suponho

que continue a cuidar deles, pois a sua mensagem consiste numa pergunta sobre medicação para um dos lobos.

Há dois dias que o meu pai não aparece no Redmond's. E se ninguém contou a Walter o sucedido?

Primo todas as teclas do telefone, mas não consigo descobrir como se liga para o último número que nos ligou. Bem, deve haver um livro de endereços algures por ali, ou talvez ele tenha a informação sobre os seus contactos num computador.

O escritório do meu pai.

Era assim que eu lhe chamava antigamente, embora o meu pai, tanto quanto eu sabia, nunca lá tivesse posto os pés. Tecnicamente, era o quarto de hóspedes da nossa casa, mas tinha um armário de arquivo, uma secretária e o computador da família, e nós nunca tínhamos hóspedes. Era ali que me sentava duas vezes por semana a pagar as contas da família — a minha tarefa, tal como a de Cara era pôr e tirar a louça da máquina. Todos tínhamos de ajudar quando o meu pai partiu para o Canadá para se juntar à alcateia selvagem. Tenho a certeza de que esperava que fosse a minha mãe a encarregar-se das nossas finanças, mas ela não era boa com prazos e, depois de ter o aquecimento desligado por duas vezes por causa de faturas por pagar, decidimos que eu me encarregaria disso. Portanto, aos quinze anos já sabia quanto dinheiro era preciso para manter uma família. Aprendi tudo sobre taxas de juro por causa da dívida do cartão de crédito. Equilibrei as contas. E quando o meu pai voltou para casa, partiu-se simplesmente do princípio de que eu continuaria a fazê-lo. Ele tinha sempre a cabeça em mil lugares diferentes, mas acontece que nenhum deles era naquela secretária, a pagar as contas.

Provavelmente, acham estranho um adolescente estar encarregado das finanças da família e consideram que isso é desleixo parental. Eu diria que levar os filhos para os cercados dos lobos também se enquadra nessa apreciação. Mas ninguém pestanejou quando Cara, aos doze anos, se tornou a fotogénica coprotagonista do meu pai na sua série do Animal Planet. O meu pai era mestre em fazer com que mesmo os maiores opositores acreditassem que ele tinha tudo nas mãos.

A cadeira do escritório é a mesma: uma daquelas peças ergonómicas com polias e alavancas que ajustam tudo para que as costas não nos doam. A minha mãe encontrou-a numa venda de garagem por dez dólares. Mas o computador já não é de secretária, mas sim um *MacBook Pro* pequeno e elegante com um protetor de ecrã com a fotografia de um lobo que nos fixa com tanta sabedoria nos seus olhos âmbar que, por um momento, não consigo desviar o olhar. Abro as gavetas do armário de arquivo e descubro uma a transbordar de envelopes — uns dizem FORA DE PRAZO. Como que atraído por um íman, dou comigo a examiná-los. Abro a gaveta à direita para tirar o livro de cheques, uma caneta e selos. Pela dimensão daquele monte de envelopes, dir-se-ia que ninguém pagou nada desde que me fui embora.

O que, para ser sincero, não me surpreenderia.

Já me esqueci do que me levou àquele escritório. Em vez disso, começo automaticamente a separar o correio, a passar cheques e a falsificar a assinatura do meu pai. De cada vez que abro um envelope, o meu coração dá um salto, e eu sei que é por estar à espera de ver o mesmo papel timbrado de há seis anos, a conta que me deixou atónito. Aquela que eu queria brandir-lhe na cara e desafiá-lo a voltar a mentir-me.

Mas não há nada disso. Apenas faturas de serviços, cartões de crédito que esgotaram o limite e avisos de agências de cobranças. Tenho de parar depois da conta do telefone, da eletricidade e do combustível porque o saldo do livro de cheques fica negativo.

Para onde diabo foi o dinheiro?

Se tivesse de dar um palpite, diria que foi para o Redmond's. O meu pai tem agora cinco cercados com lobos — cinco alcateias separadas que tem de manter. E também uma filha. Abanando a cabeça, abro a gaveta de cima e começo a enfiar outra vez lá dentro as contas por pagar. Não é problema meu. Não sou contabilista dele. Já não lhe sou nada.

É quando estou a tentar atafulhar os envelopes numa gaveta demasiado pequena para eles que o vejo: um papel amarelecido e enrugado preso na corrediça metálica da gaveta de arquivo. Enfio a mão até ao fundo para tentar soltá-lo. O canto rasga-se, mas consigo retirar a folha e alisá-la ao lado do portátil.

E, como que por magia, volto a ter quinze anos.

Foi na noite antes de o meu pai partir, e eu e Cara estávamos escondidos.

Houvera berros durante todo o dia. A minha mãe gritava, depois era o meu pai, e a seguir a minha mãe desatava a chorar. *Se fizeres isto*, disse ela, *não te dês ao trabalho de voltar*.

Não estás a falar a sério, disse ele.

Cara olhou para mim. Estava a mordiscar a ponta de uma trança, que lhe escapou da boca, molhada como um pincel. *Ela está a falar a sério?*, perguntou Cara.

Encolhi os ombros. A única coisa que sabia sobre amor era que era sempre unilateral. Levon Jacobs, que estava sentado à minha frente nas aulas de Álgebra, tinha pele cor de chocolate quente e

sabia as estatísticas de todos os jogadores dos Boston Bruins, mas a única vez que tinha falado comigo foi quando precisou de pedir um lápis emprestado. Além disso, tal como todos os outros rapazes da minha turma, gostava de raparigas. A minha mãe amava o meu pai, mas ele só pensava nos seus estúpidos lobos. O meu pai amava os lobos, mas até ele lhes diria que eles não retribuía esse amor, que achar isso possível era atribuir emoções humanas a um animal selvagem.

É uma loucura, berrou a minha mãe. *Não é assim que as pessoas se comportam quando têm família, Luke. Não é assim que as pessoas se comportam quando são adultas.*

Quem te ouvir vai pensar que estou a fazer isto para te magoar, redarguiu o meu pai. *Isto é ciência, Georgie. É esta a minha vida.*

Exatamente, disse a minha mãe. *A tua vida.*

Cara fez pressão com as suas costas nas minhas. Era magra, e eu conseguia sentir os altos das suas vértebras. *Eu não quero que ele morra.*

O meu pai ia viver na floresta sem abrigo, comida ou qualquer proteção além de um fato-macaco em lona. Ele planeava vigiar um dos corredores naturais do Canadá para migração de lobos e integrar-se numa alcateia, tal como já fizera com grupos em cativeiro. Se o fizesse, seria seguramente a primeira pessoa a compreender realmente o funcionamento de uma alcateia em estado selvagem.

Isto é, se ainda estivesse vivo para contar a história quando terminasse.

A voz do meu pai tornou-se mais suave, como feltro. *Georgie,* disse. *Não sejas assim, na última noite que passo aqui.*

Houve um silêncio.

O papá prometeu-me que voltava, sussurrou Cara. Ele disse que, quando for mais velha, posso ir com ele.

Aconteça o que acontecer, disse eu, não digas isso à mãe.

Já não os conseguia ouvir. Talvez tivessem feito as pazes. Houvera muitas discussões como aquela nos últimos seis meses, desde que o meu pai anunciara a sua intenção de ir para o Quebeque. Quem me dera que ele já se tivesse ido embora, porque pelo menos isso significaria que paravam de discutir.

Ouvimos uma porta a fechar-se com violência e, segundos depois, alguém bateu à porta do meu quarto. Fiz sinal para a minha irmã ficar quieta e depois abri-a. Era o meu pai. *Edward*, disse, *precisamos de falar.*

Mas quando abri mais a porta, ele abanou a cabeça e fez-me sinal para o seguir. Olhando de relance para Cara numa mensagem muda para não sair dali, segui o meu pai até à divisão a que chamávamos o escritório, que na verdade consistia apenas numa coleção de caixas, uma secretária e um monte de correio que ninguém se dava ao trabalho de separar. O meu pai tirou uma pilha de livros de cima de uma cadeira articulada para eu me poder sentar, e depois remexeu numa das gavetas da secretária e tirou para fora dois copinhos e uma garrafa de uísque escocês.

Para ser sincero, eu sabia que a garrafa lá estava. Até tinha bebido uns quantos goles. O meu pai quase nunca bebia, porque os lobos conseguiam detetar o cheiro no seu organismo, por isso era pouco provável que desse pela lenta descida de nível do conteúdo. No fim de contas, tinha quinze anos, e também lhes posso dizer que, no meio de um monte de exemplares antigos da revista *Life* guardados no sótão, havia duas *Playboys* — dezembro de 1983 e março de 1987 — que eu folheara múltiplas vezes na esperança de

sentir finalmente alguma excitação ao ver uma rapariga nua. Mas não estava à espera de que o meu pai me oferecesse uma bebida, pelo menos até ter vinte e um anos.

Eu e o meu pai não podíamos ser mais diferentes do que éramos, mesmo que tentássemos. Não era por eu ser homossexual. Nunca o tinha visto ou ouvido comportar-se de forma homofóbica. Era porque, enquanto ele era a versão moderna de um homem das montanhas — todo ele força e músculo e instinto visceral —, eu tinha mais propensão para ler Melville e Hawthorne. Um Natal, como prenda, enviara-lhe um poema épico (estava a passar por uma fase Milton). Ele tinha soltado imensas exclamações de espanto e admiração enquanto passava os olhos por ele, mas mais tarde ouvi-o a perguntar à minha mãe que diabo significava aquilo. Sei que ele respeitava a minha sede de conhecimento; talvez até a reconhecesse como a mesma ânsia que ele sentia quando sabia que tinha de ir lá fora para ouvir as folhas secas estalar debaixo dos pés. Eu usava os livros para fugir, da mesma forma que o meu pai usava o seu trabalho, mas ele teria ficado tão perplexo com um exemplar de *Ulisses* como eu com uma noite passada no meio da natureza.

Vais ser o homem da casa, disse ele, de uma forma que me fez perceber que tinha as suas dúvidas quanto à minha capacidade para desempenhar esse papel de forma convincente. Deitou um centímetro de líquido dourado em cada copo e passou-me um para as mãos. Ele bebeu o dele num único trago; eu bebi dois golinhos, senti as entranhas a arder e pousei o copo.

Enquanto eu estiver fora, és capaz de ter de tomar algumas decisões difíceis, disse o meu pai.

Eu não sabia o que dizer. Não fazia ideia do que ele estava a falar. Lá porque ele estava fora, a correr com os lobos, isso não significava que a minha mãe fosse deixar de me dizer para limpar o quarto ou para acabar os trabalhos de casa.

Não creio que chegue a este ponto, mas mesmo assim... Tirou um pedaço de papel de cima do mata-borrão da secretária e empurrou-o na minha direção.

Tinha sido escrito à mão e era simples.

Se não estiver em condições de tomar uma decisão relativa ao meu estado de saúde, autorizo o meu filho Edward a tomar as decisões médicas que sejam necessárias.

A seguir, uma linha para a assinatura dele. E outra para a minha.

O meu coração começou a troar como um canhão. *Não percebo.*

Pedi primeiro à tua mãe, disse ele, mas ela recusa-se a fazer seja o que for que possa dar ideia de que foi a favor desta viagem. E seria irresponsável não pensar... no que pode acontecer.

Olhei-o fixamente. *O que podia acontecer?*

É claro que eu sabia a resposta. Só precisava de ouvi-lo dizê-la em voz alta: estava a arriscar tudo por um punhado de animais. Estava a dar-lhes preferência em relação a nós.

O meu pai não respondeu diretamente. *Olha, disse, preciso que assines isto.*

Peguei no papel. Podia sentir as pequenas saliências e depressões nos sítios onde a caneta escrevera com mais força, e senti um nó na barriga ao pensar que, dois minutos antes, o meu pai tinha estado a pensar na sua própria morte.

Entregou-me uma caneta. Deixei-a cair no chão, sem querer. Quando ambos fizemos menção de apanhá-la, os seus dedos roçaram os meus. Senti um choque físico, como se ele me tivesse

eletrocutado. E foi aí que soube que ia assinar o papel, embora não quisesse fazê-lo. Porque, ao contrário da minha mãe, não era suficientemente forte para o deixar partir — possivelmente para sempre — desejando que as coisas se tivessem passado de forma diferente. Ele estava a oferecer-me a possibilidade de ser algo que nunca tinha sido: o tipo de filho que ele sempre quisera, um rapaz em quem pudesse confiar. Eu precisava de ser alguém para quem ele *quisesse* voltar, caso contrário como poderia ter a certeza de que o *faria*?

Ele rabiscou a assinatura ao fundo da página e depois passou-me novamente a caneta. Desta vez, não a deixei cair. Desenhei cuidadosamente o *E* do meu nome.

Depois, parei.

E se eu não souber o que fazer?, perguntei. *E se fizer a escolha errada?*

Foi assim que soube que o meu pai me estava a tratar como um adulto, e não como um miúdo: ele desistiu de fingir. Não disse que ia correr tudo bem; não me mentiu. *É fácil. Se eu não puder responder por mim e te perguntarem... diz-lhes para me deixarem partir.*

Quando as pessoas dizem que crescer pode acontecer da noite para o dia, estão enganadas. Pode acontecer ainda mais depressa, num instante. Peguei na caneta e assinei o resto do meu nome. Depois, levantei o copo de uísque e bebi-o até à última gota.

Na manhã seguinte, quando acordei, o meu pai já se tinha ido embora.

Durante um longo momento, fito a minha caligrafia cheia de arabescos de quando tinha quinze anos, como se fosse um espelho do meu pensamento. Tinha-me esquecido daquele papel até agora, tal como o meu pai. Um ano e trezentos e quarenta e sete dias mais

tarde, voltou das florestas do Canadá com o cabelo pela cintura e porcaria agarrada às barbas, pregando um susto dos diabos a um grupo de miúdas da escola que estavam numa área de descanso. Chegou a casa, encontrou tudo a funcionar sem ele, e reacostumou-se lentamente a coisas como tomar duche, comer alimentos cozinhados e falar uma língua humana. Nunca mais voltou a falar naquele papel, e eu também não.

Na altura, aconteceu por mais de uma vez ouvir passos a meio da noite, esgueirar-me pelas escadas e dar com o meu pai no relvado das traseiras, a dormir sob o firmamento estrelado. Já nessa altura devia ter percebido que, depois de uma pessoa construir o seu lar ao ar livre, qualquer casa parece uma prisão.

Saio do escritório, segurando ainda o papel amarelecido. Subo as escadas às escuras, passando pela mancha cor-de-rosa do quarto de Cara, hesitando diante do meu antigo quarto de criança. Quando acendo a luz, vejo que nada mudou. A minha cama continua a ter um cobertor azul; os meus pósteres dos Green Day e U2 continuam na parede.

Avanço pelo corredor e entro no quarto dos meus pais. Agora do meu pai, suponho. A colcha de círculos feita de retalhos que tão bem recordei já desapareceu, dando lugar a um cobertor verde-escuro esticado com precisão militar, com a dobra do lençol muito bem feita por cima. Na mesa de cabeceira, está um copo de água e um despertador. Um telefone.

Não é a casa das minhas memórias; não é o meu lar. O problema é que a Tailândia também não o é.

Há dois dias que penso no que virá a seguir — não só para o meu pai, mas para mim. Tenho uma vida no estrangeiro, mas não é uma grande vida. Tenho um emprego sem futuro, alguns amigos

que, tal como eu, estão a fugir de alguma coisa ou de alguém. Embora tenha vindo contrariado, com a intenção de consertar as coisas e depois voltar para o meu porto seguro a meio mundo de distância, as coisas mudaram. Não posso consertar coisa nenhuma: nem o meu pai, nem eu próprio, nem a minha família. Apenas posso tentar atamancá-las e ter esperança de que resulte.

Era muito mais fácil dizer que o meu lugar era na Tailândia quando podia chafurdar em mágoas antigas e reviver vezes sem conta a razão para me ter ido embora com cada bebida que tomava num bar qualquer em Bangucoque. Mas isso foi antes de ter visto a desconfiança no olhar da minha irmã, ou as paredes daquela casa sem uma fotografia minha. Agora, não me sinto tão arrogante e expatriado. Sinto-me apenas culpado.

Em tempos, tomei a decisão radical e decisiva de deixar para trás a vida tal como a conhecia. Agora, volto a tomar essa decisão.

Pego no telefone e ligo à minha senhoria em Chiang Mai, uma doce viúva que me convida para ir jantar ao seu apartamento pelo menos uma vez por semana, e me conta as mesmas histórias sobre o marido e como se conheceram. Num tailandês pouco fluente, conto-lhe a situação em que o meu pai se encontra e peço-lhe que encaixote as minhas coisas e as envie para aquele endereço. Depois, telefono ao meu chefe na escola de línguas e deixo uma mensagem no correio de voz, a pedir desculpa por me vir embora a meio do período e a explicar que se trata de uma emergência familiar.

Descalço os sapatos e deito-me. Dobro o papel em dois, e novamente em dois, e enfio-o no bolso da camisa.

Foi há muito tempo, mas uma vez o meu pai confiou o suficiente em mim para me dizer o que queria, caso acabasse na situação em

que se encontra agora. Foi há muito tempo, mas uma vez prometi-lhe que faria o que ele pedia.

É possível que nunca venha a conseguir contar-lhe o que tenho feito desde que me fui embora, ou fazer com que ele me compreenda. É possível que nunca venha a conseguir formular um pedido de desculpas ou ouvir o dele. Provavelmente, ele nunca saberá que voltei para estar com ele, para me sentar no seu quarto de hospital.

Mas eu saberei.

Na Tailândia, tenho sempre dificuldade em adormecer. Culpo o barulho, o calor, o pulsar da cidade. Mas esta noite adormeço em poucos minutos. Quando sonho, é com agulhas de pinheiro debaixo dos meus pés nus enquanto corro, com um inverno que se infiltra na pele.

LUKE

No dia em que fui para a floresta a norte do rio St. Lawrence, vestia um fato-macaco térmico à prova de água, botas térmicas e ceroulas. Nos bolsos, levava pares de meias sobressalentes, um chapéu e luvas; um rolo de arame, algum fio, barras de muesli e carne seca. Dei os meus últimos dezoito dólares ao camionista que me deixou passar a fronteira à boleia com ele. Enfieei a carta de condução num bolso do macacão com fecho de correr. Se as coisas não resultassem, podia ser a única forma de identificar o que restasse de mim.

Não levei mochila, saco-cama, fogão portátil ou fósforos. Não queria nada que me estorvasse e queria viver o mais possível como um lobo solitário. No fim de contas, a ideia era encontrar uma alcateia com um lugar vago que me deixasse ocupá-lo. O último ser humano com quem falei — durante quase dois anos — foi o camionista que lá me deixou. «Bonne chance», disse ele com o seu sotaque do Quebeque, e eu agradeci-lhe e esgueirei-me por entre os pinheiros que orlavam a estrada. Sem fanfarra. Hoje em dia, teria provavelmente o fato-macaco coberto de patrocínios publicitários; estaria a beber Gatorade de um CamelBak; e o meu progresso seria transmitido em simultâneo na Internet e num reality show. Mas naquela altura, felizmente, era apenas eu e os lobos.

Podia dizer-lhes que era um homem em missão: decidido, corajoso e firme. E a verdade é que o era durante doze horas por dia. Caminhava ao longo dos velhos trilhos dos madeireiros e às vezes palmilhava trinta quilómetros de terreno por dia, mas certificava-me que conseguia aceder diariamente a água fresca. Analisava os excrementos para ver que animais andavam por ali e fazia armadilhas com o arame, fio e ramos para apanhar esquilos,

que esfolava e comia crus. Urinava nos cursos de água, para os predadores não detetarem o meu cheiro. Mas o homem da montanha que havia em mim desaparecia por volta das sete da tarde, quando o Sol incendiava o topo dos pinheiros e desaparecia lentamente para passar a noite.

Nessa altura, ficava aterrorizado.

Imaginem o vosso pior pesadelo. Agora, imaginem que é real. É o que acontece quando sentimos a escuridão cercar-nos como um punho cerrado. Cada tremular, piar e roçar de folha transforma-se numa potencial ameaça. Quando a natureza apaga a sua luz, não há nada que se possa fazer para voltar a acendê-la. As primeiras quatro noites que passei na floresta, dormi numa árvore, certo de que ia ser morto por um urso ou leão-da-montanha. Na quinta noite, caí da árvore e percebi que tinha igual probabilidade de morrer se partisse o pescoço. Depois disso, dormia no chão, mas com sono leve, e despertava ao mais pequeno som.

A minha curva de aprendizagem foi espantosamente acentuada. Passada uma semana, compreendi que na natureza o tempo corre muito mais lentamente. Um vento nunca é apenas um vento: é o sistema de correio eletrónico do mundo natural, trazendo nova informação sobre padrões meteorológicos, animais que entram e saem da região, potenciais predadores. A chuva não é um incómodo: é uma folga dos insetos e água fresca para beber. Um nevão não é um contratempo: é uma nova fonte de pegadas e animais que podem transformar-se numa refeição. O roçar das árvores, o canto de uma ave ou o esgaravatar de um roedor é a chave da nossa sobrevivência; é essencial conseguir detetar um lampejo de movimento por entre a densa folhagem. Quando é uma questão de vida ou morte, o volume da natureza fica muito alto.

Toda a gente pergunta em que pensava eu ali sozinho há tanto tempo. A verdade é que não pensava em nada. Estava demasiado atarefado a manter-me vivo e a interpretar os sinais que me eram apresentados, como uma espécie de código hieroglífico sem a Pedra de Roseta para me orientar. Se pensasse em Cara, Edward e Georgie, sabia que ia ficar suficientemente distraído para deixar passar uma oportunidade ou uma ameaça, e não podia correr esse risco. Por isso, não pensava. Em vez disso, sobrevivia. Passava os dias espantado com a beleza de uma teia de aranha suspensa entre os ramos; com o recorte irregular de uma crista de montanha ao longe; com o crepúsculo a rolar sobre a floresta como um tapete púrpura. Seguia manadas de veados e vi dois castores construírem uma barragem fenomenal. Passava pelas brasas, porque as sextas a meio do dia eram mais seguras do que de noite.

Durante um mês, não vi nem ouvi nenhum lobo, e comecei a pensar se teria cometido um erro.

Na quarta semana que passei na floresta, levantou-se uma tempestade com ventos de nordeste. Afastei-me da margem do rio e abriguei-me debaixo de árvores de folha persistente, porque elas absorvem a humidade pelas suas raízes e o terreno por baixo delas estaria muito mais seco. Sem poder caçar, a tiritar e cheio de fome, adoeci. Fui tomado por uma febre intermitente enquanto a chuva me açoitava, perguntando a mim mesmo por que diabo pensara em ir para ali. Experimentei alucinações em que a floresta tinha pernas e as raízes das árvores estavam a pontapear-me na barriga e nos rins. Tossi até vomitar bÍlis. Houve alturas em que desejei que aparecesse um grande felino ou um urso, alguma coisa que pudesse rapidamente pôr fim ao meu sofrimento.

Agora, ao olhar para trás, penso que tinha de adoecer. Tinha de perder o último resquício de humanidade para começar a comportar-me como um lobo, e não como um homem. E em apuros como aqueles, um lobo não mergulharia no desespero. Os lobos não desistem. Avaliam a situação e perguntam: Que posso eu comer? Como me posso proteger? Mesmo feridos, correm até já não conseguirem estar em pé.

Embora ainda só estivéssemos em outubro, a altitude era suficiente para nevar. Quando a minha febre cedeu, despertei e vi que estava tapado por um cobertor branco, que sacudi enquanto me sentava. Olhei em redor para me certificar de que não havia perigo e foi aí que a vi, na neve, a cerca de um metro de mim: a marca de uma pata de um único lobo macho.

Levantando-me apressadamente, vasculhei a área à procura de outras marcas, prova de que tinha estado ali uma alcateia, mas não encontrei nada. Ou aquele animal estava a fazer o reconhecimento do terreno para a sua alcateia ou era um lobo solitário.

O lobo sabia onde eu estava. Podia encontrar facilmente o caminho de volta até mim e, agora que eu não estava febril e desacordado, considerar-me uma ameaça a eliminar. O mais sensato era seguir viagem, em vez de me expor ao perigo. Mas, em vez disso, fiz algo que comprometeu a minha segurança, que deu a conhecer a minha posição de forma óbvia, com tanta certeza como se disparasse um foguete de sinalização.

Atirei a cabeça para trás e uivei.

CARA

Quando a minha amiga Mariah me vê na cama do hospital, desata a chorar. Chega a ser ridículo: eu, que sou a doente, tenho de lhe dar a embalagem de lenços de papel e dizer-lhe que vai ficar tudo bem. Ela estende-me um urso de peluche roxo. Está a segurar um balão que diz PARABÉNS.

— A iParty esgotou os ursos que dizem Rápidas Melhoras — diz ela, a fungar. — Meu Deus, Cara! Nem acredito que isto aconteceu. Tenho tanta pena.

Encolho os ombros ou, pelo menos, fá-lo-ia se o meu ombro não estivesse imobilizado. Percebo que ela se sente tão culpada por eu ter ido à festa com ela como eu me sinto por o meu pai me ter ido lá buscar. Se não fosse Mariah, eu não estaria em Bethlehem; se não fosse eu, o meu pai não teria ido para a estrada naquela noite. Eu nem sequer queria sair; tínhamos planeado comer uma piza e ver filmes para miúdas em casa de Mariah. Mas ela invocou o código da melhor amiga: *Eu faria isso por ti*. E por isso, como uma idiota, lá fui.

— A culpa não é tua — digo-lhe, embora não acredite realmente nisso quando digo aquilo para mim mesma.

A minha mãe, que tem estado a viver no hospital, está na sala destinada às famílias ao fundo do corredor, com os gémeos e Joe. Não os trouxe para me verem. Tem receio de que todas aquelas ligaduras e hematomas lhes provoquem pesadelos, e não quer que Joe tenha de lidar com isso enquanto ela está ali a dormir comigo. Aquilo faz-me sentir como o monstro de Frankenstein, algo que tem de ser escondido.

Mariah prega os olhos no colo.

— O teu pai... ele vai...

— Tyler — interrompo.

Ela olha para mim, corada e afogueada.

— O quê?

— Conta-me o que aconteceu. — Tyler é a razão para termos ido à festa; foi ele quem convidou Mariah. — Ele levou-te a casa de carro? Estiveram juntos? Ele enviou-te mensagens?

Até para os meus ouvidos, a minha voz parece um fio que foi esticado demais. Mariah franze o rosto e começa novamente a chorar.

— Tu estás enfiada num hospital e tiveste de fazer uma grande cirurgia, e o teu pai está numa espécie de coma, e queres falar sobre um rapaz? Não é importante. *Ele* não é importante.

— Não, não é — digo baixinho. — Mas era dele que estaríamos a falar se eu não estivesse num hospital e se isto nunca tivesse acontecido. Se nós as duas falarmos sobre Tyler, então durante cinco segundos consigo que tudo volte ao normal.

Mariah enxuga o nariz à manga e diz que sim com a cabeça.

— Ele é um estúpido — diz. — Embebedou-se e começou a contar-me que a sua ex-namorada tinha posto mamas novas e como ele gostaria de se vir nelas.

— *De se vir nelas* — repito. — Ele usou mesmo essa frase?

— Pois, mas que grande ordinário, não é? — Abana a cabeça.
— Não sei o que estava a pensar.

— Que ele era parecido com Jake Gyllenhaal — recordei-lhe. — Pelo menos, foi isso que me disseste.

Mariah recosta-se na sua cadeira.

— Da próxima vez que eu decidir arrastar-te para um lado qualquer em nome da minha vida amorosa inexistente, importas-te de me dar simplesmente uma paulada?

Sorrio, e há tanto tempo que isso não acontecia que o meu rosto dói ao fazê-lo.

— Combinado — prometo.

Deixo-a contar-me que está absolutamente convicta de que a nossa professora de francês tem um tumor cerebral, pois que outra razão haveria para ela mandar decorar cinco poemas numa única semana? E que o último boato que corre na escola é que Lucille DeMars, uma miúda gótica que só fala com um fantoche de meia que usa na mão direita e que chama a isso arte performativa, foi apanhada a ter sexo com um professor substituto na sala de música.

Não conto a Mariah que, quando vi o meu pai pela primeira vez, senti que todo o ar à minha volta tinha solidificado e que não conseguia fazê-lo entrar nos pulmões por nada deste mundo.

Não lhe conto que esta tarde fui à sala reservada aos doentes, pesquisei no Google «lesões cerebrais» e encontrei mais histórias sobre pessoas que nunca chegaram a recuperar do que sobre as que foram bem-sucedidas.

Não lhe conto que, depois de tantos anos a desejar que o meu irmão voltasse para casa, agora que ele está ali, gostava que não estivesse. Porque, nesse caso, os médicos, as enfermeiras e todas as pessoas que cuidam do meu pai viriam ter comigo, e não com ele.

Não lhe conto que tenho dificuldade em adormecer e que, quando tenho sorte e *consigo* fazê-lo, acordo aos gritos porque me recordo do acidente.

Sobretudo, não lhe conto o que aconteceu antes. Ou depois.

Em vez disso, durante os quarenta minutos que Mariah ali está, finjo que sou a rapariga que costumava ser.

Há muitos momentos que eu pensava viver com o meu irmão e que nunca aconteceram porque ele abandonou a família. Por exemplo, vê-lo interrogar o meu primeiro namorado antes de uma saída a dois, ou ensinar-me a conduzir em parques de estacionamento vazios, ou comprar-me meia dúzia de latas de cerveja para beber debaixo das bancadas a seguir ao baile. Quando ele se foi embora e os meus pais se separaram, costumava escrever-lhe todas as noites. Algures no meu roupeiro, atrás dos animais de peluche que não consigo deitar fora e da roupa que já não me serve, está uma caixa de sapatos cheia de cartas que nunca enviei, porque não tinha a morada dele.

Vou ser sincera, também costumava imaginar a nossa reconciliação. Pensava que podia acontecer segundos antes de me casar — Edward aparecia precisamente antes de eu dar o nó e dizia-me que não podia perder o casamento da sua irmã mais nova. Imaginava tudo esfumado, como num filme, e ele a dizer-me que eu ainda estava mais bonita do que imaginara. Em vez disso, recebi um olá formal por cima do ventilador do meu pai. A minha mãe disse que Edward me tinha ido ver duas vezes depois da cirurgia, quando eu estava desacordada, mas cá para mim ela está a inventar isso para me fazer sentir melhor.

E é por isso que continua a ser surreal tê-lo ali aos pés da cama, a conversar comigo. Atrás dele, sem som, a televisão mostra um concorrente a fazer girar a Roda da Sorte.

— Estás com muitas dores? — pergunta.

Não, estou aqui por causa da comida gourmet, replico silenciosamente. Alguém compra uma vogal. Há dois AA.

— Já estive pior — digo-lhe.

O meu pai costumava dizer-me que um lobo ferido fica fora de si. Pode reconhecer outro como irmão e mesmo assim rasgar-lhe a garganta com os dentes. Quando a dor entra na equação, o resultado é imprevisível. Eu disse a Edward que não sinto dor, mas é mentira. O ombro pode não me doer, graças aos medicamentos, mas a morfina não fez nada pelo meu coração.

Esta é a única razão que posso dar para usar cada palavra como uma arma para o afastar, quando a única coisa que eu realmente queria era ser abraçada neste momento.

— Eu sei porque te foste embora — digo-lhe. — A mãe contou-me.

Não me incomoda que ele seja homossexual. Mas sempre senti que o mistério à volta da saída de cena do meu irmão era algo que me ia sendo revelado à medida do que precisava de saber. Inicialmente, a minha mãe disse que tinha sido porque o Edward e o meu pai tinham tido uma discussão. Por fim, soube que fora porque Edward assumira a sua homossexualidade perante o meu pai, e que este dissera qualquer coisa aparentemente tão horrível que Edward sentiu que tinha de ir embora. Mas a minha versão é a seguinte: há milhões de adolescentes homossexuais que se assumem junto dos pais, e alguns deles têm reações estúpidas. Como o meu pai não era perfeito, Edward pôs-se a andar. E isso fez com que a minha mãe culpasse o meu pai pelo sucedido e que acabassem por se separar. É essa a história da minha vida, tal como determinada pela decisão impulsiva do meu irmão em fazer uma saída de cena triunfal.

— Sabes que mais? Nem sequer me importa porque te foste embora.

Na realidade, isto não é mentira. Não me importa porque Edward se foi embora. A única coisa que quero saber é porque não fui o suficiente para o fazer ficar.

Estou agora perigosamente à beira das lágrimas, algo que atribuo ao facto de ninguém conseguir dormir como deve ser num hospital, já que há sempre alguém a acordar-nos para medir a tensão ou para tirar a temperatura. Não quero acreditar que é porque Edward mexeu comigo. Esforcei-me demasiado para construir um muro à volta dos meus sentimentos para admitir que ele conseguiu abrir uma brecha tão depressa.

— Encontrei Jesus ou Buda ou qualquer coisa assim na Tailândia? — pergunto. — Bem, sabes que mais, Edward? Eu *não* te perdoo. Aí tens.

Pareço uma miúda mimada. Ele reduziu-me a isso. Odeio-o ainda mais por me transformar numa pessoa que não sou do que por ele ter estado a acompanhar o meu pai, lá em baixo, a fazer-se passar por alguém que não é.

Mas Edward nem pestaneja; é como se me estivesse a ler com uma Pedra de Roseta interior que o faz perceber que aquilo que digo não é o que sinto.

— Neste momento, isto não tem que ver contigo e comigo — diz ele pacientemente. — Temos todo o tempo do mundo para resolver as coisas entre nós. Mas o pai não.

Ele estar finalmente a pedir-me opinião sobre o meu pai deixa-me desorientada. Por um momento, sinto-me ridiculamente feliz — como me costumava sentir quando Edward me ia buscar à escola na sua lata velha e todas as minhas amigas tinham de ir para casa com as suas mães em carros muito menos fixes. Ele até me deixou

dar nome ao carro. *Chase, Viper, Lucifer*, sugerira ele. *Qualquer coisa desse estilo*. Em vez disso, chamei-lhe *Henrietta*.

— Cara, ele não pode ficar ligado ao sistema de suporte de vida para sempre.

Talvez seja da medicação para as dores no meu organismo; talvez seja puro choque. Mas levo alguns segundos a compreender o que ele está a dizer. A perceber que o meu irmão, que tinha saído de casa depois de uma discussão com o meu pai, tinha cultivado aquele ódio como uma plantinha até que, anos mais tarde, os seus rebentos ameaçavam encher cada centímetro do seu corpo.

— Odeia-lo tanto que estás disposto a matá-lo?

Os olhos de Edward ficam mais escuros. Acontece-me o mesmo quando estou zangada. É estranho ver isso refletido no rosto de outra pessoa.

— Tens de estar preparada para fazer escolhas difíceis.

É nessa altura que perco a cabeça. Quem é o meu irmão para me falar de escolhas — o meu irmão, que desistiu desta família há seis anos? Ele não faz ideia de como é ouvir a nossa mãe a chorar à noite através das paredes, ter uma desconhecida que aparece durante a preleção diária do nosso pai acerca dos lobos, no Redmond's, e nos entrega um papel com um número de telefone. Ele não faz ideia de como é assistir ao segundo casamento da nossa própria mãe e depois voltar para casa e encontrar o nosso pai a embebedar-se debaixo da mesa e a perguntar como foi a cerimónia. Ele não faz ideia de como é ser responsável pela compra das mercearias para a família não morrer de fome, por falsificar assinaturas nos boletins de avaliação e por dar desculpas quando o nosso pai se esquece de uma reunião com os professores. Ele não

faz ideia de como é visitar a nossa mãe, vê-la com os gémeos e sentirmo-nos obsoletos. Ele não faz ideia.

A razão por que fiz as escolhas que fiz foi estar tão empenhada em salvar a minha família quanto Edward esteve em destruí-la. Porque quando chegamos a este ponto, a única pessoa em quem podemos confiar é aquela por quem sacrificaríamos a nossa vida. E eu vou fazer isso pelo meu pai agora, independentemente do que Edward pensa.

Não consigo encará-lo, por isso olho por cima do seu ombro. O concorrente da *Roda da Sorte* perde a vez.

— Sei que estás a sofrer e, desta vez, não tens de passar por isso sozinha.

— Isto?

Ele desvia o olhar.

— Perder alguém de quem gostas.

Mas ele está enganado. Apesar de estar a um metro de mim, nunca me senti tão isolada. Por isso, faço o que qualquer lobo faria, se encurralado.

— Tens razão. Porque vou fazer o que for preciso para garantir que o pai melhora.

Edward cerra os lábios.

— Se queres que te levem a sério, comporta-te como adulta — replica. — Ouviste os médicos. Ele não vai voltar, Cara.

Olho-o fixamente.

— *Tu* voltaste.

Ele tenta argumentar, mas eu agarro no comando da televisão e levanto o som. Ouve-se uma campainha quando um concorrente recebe mil e duzentos dólares por escolher um S. Continuo a premir os botões, por isso os aplausos abafam a voz de Edward.

Estou a comportar-me como uma miúda de dois anos. Mas talvez não faça mal, pois, por definição, as crianças pequenas precisam dos seus pais.

Olho para a Roda da Sorte até Edward desistir e sair do quarto. Resolvo o quebra-cabeças em voz baixa: *Os laços de sangue são mais fortes do que todos os outros.*

O concorrente seguinte arrisca um P; ouve-se o som que indica que está errado.

As pessoas, às vezes, conseguem ser tão estúpidas!

A primeira vez que estive cara a cara com um lobo, tinha onze anos. O meu pai acabara de abrir o primeiro cercado no Redmond's. Esperou que o parque encerrasse e depois fez-me passar pela primeira vedação de segurança e continuar até à segunda. Lá dentro estavam *Wazoli*, *Sikwla* e *Kladen*, os primeiros lobos cativos que ele tinha trazido para o parque. Fez-me agachar e levantou-me os punhos, de maneira que os nós dos dedos aflorassem a rede. Assim, os lobos iam habituar-se ao meu cheiro.

Wazoli, a fêmea alfa, correu de imediato para a outra ponta do cercado.

— Ela tem mais medo de ti do que tu dela — disse o meu pai baixinho.

Sikwla era o controlador e *Kalden* o lobo disciplinador. Grande, com manchas pretas ao longo do dorso e cauda, como se alguém tivesse usado um marcador nele, veio até à vedação e fitou-me com os seus olhos muito abertos. Instintivamente, recuei para junto do meu pai, que estava atrás de mim.

— Eles conseguem cheirar o teu medo — disse-me ele. — Por isso, não cedas um milímetro que seja.

Em voz baixa e calma, disse-me o que ia acontecer: ele ia abrir a porta exterior que dava para o cercado e depois passávamos pela pequena porta dupla e fechávamo-la atrás de nós. A seguir, ele ia abrir a porta interior e eu entrava. Tinha de ficar agachada, sem me mexer. Os lobos eram capazes de me ignorar, ou fugir, mas se eu esperasse também eram capazes de se aproximar.

— Eles percebem se o teu coração começar a bater mais depressa — sussurrou o meu pai. — Por isso, não deixes que saibam que estás com medo.

A minha mãe não me queria dentro do cercado dos lobos, e com razão — quem iria expor voluntariamente uma criança ao perigo? Mas eu tinha visto o meu pai insinuar-se naquela alcateia desde há meses. Era possível que eu nunca chegasse a tomar o meu lugar junto de uma carcaça nem a arrancar-lhe a carne com os dentes, como ele fazia enquanto os dois lobos que o ladeavam a disputavam — mas ele esperava que *Wazoli* tivesse crias e eu queria ajudar a criá-las.

Eu não tinha medo de *Wazoli*. Como alfa, nunca se aproximaria de mim — ela detinha o conhecimento de toda a alcateia e manter-se-ia o mais afastada possível de qualquer entidade desconhecida. *Kladen* era grande, sessenta quilos de músculo, mas não me assustava tanto como *Sikwla*, que ainda há um mês tinha mandado um empregado do parque para o hospital depois de lhe morder o dedo até ao osso. O tipo era jardineiro e enfiara a mão pela rede para afagar *Sikwla*, pensando que era bem capaz de se arranhar na vedação, mas quando deu por isso já o lobo se tinha virado e o mordera. Aos gritos, tentou tirar a mão, mas isso só fez com que *Sikwla* o mordesse com mais força. Se ele tivesse ficado perfeitamente imóvel, provavelmente *Sikwla* tinha-o largado.

Sempre que via o jardineiro andar pelo Redmond's com a mão ligada, estremecia.

O meu pai disse que, com ele no interior do cercado, o mais provável era *Sikwla* deixar-me em paz.

— Estás pronta? — perguntou o meu pai, e eu disse que sim.

Ele abriu a segunda porta e entrámos ambos. Eu agachei-me onde o meu pai me tinha dito e esperei, enquanto *Kladen* passava por mim. Sustive a respiração, mas ele continuou a andar em direção ao arvoredor ao fundo do cercado. Depois, *Sikwla* aproximou-se.

— Não te mexas! — sussurrou o meu pai e, de repente, *Kladen* correu para ele, derrubando-o em jeito de saudação.

Por causa disso, e porque a minha atenção vacilou, *Sikwla* aproveitou a oportunidade e abocanhou-me a garganta.

Conseguia sentir-lhe os incisivos afiados e o calor húmido do seu bafo. A pelagem era hirsuta, áspera e húmida.

— Não te mexas — grunhiu o meu pai, incapaz de se libertar suficientemente rápido para me salvar.

Sikwla era um lobo controlador; era essa a sua missão na família. Eu era uma ameaça até prova em contrário; lá por ter entrado no cercado com o meu pai, que eles aceitavam, não significava que me quisessem por perto. *Sikwla* é que estabelecia os padrões para aquela alcateia; esta era a forma de se certificar de que eu estava à sua altura.

Mas, na altura, não pensei em nada disso. Pensei que ia morrer.

Não respirei. Não engoli. Tentei que a minha pulsação não denunciasse o que estava a sentir. Os dentes de *Sikwla* pressionaram a carne do meu pescoço. Apetecia-me empurrá-lo com todas as forças. Em vez disso, fechei os olhos.

Sikwla largou-me.

Por essa altura, o meu pai já se tinha libertado de *Kladen* e tomou-me nos seus braços. Não queria começar a chorar, mas depois vi que ele tinha lágrimas nos olhos.

É nisso que estou a pensar quando, pouco depois das três da manhã, me arrasto para fora da cama. Não é fácil, só com uma mão, e tenho a certeza de que vou acordar a minha mãe, que está a dormir numa cambalhota ao meu lado. Mas ela limita-se a virar-se para o outro lado e começa a risonar ligeiramente, e eu trato de me esgueirar para o corredor.

A sala das enfermeiras fica para a direita, mas os elevadores são à esquerda, o que significa que não tenho de passar por elas e ouvi-las perguntar-me porque estou fora da cama àquela hora da noite. Mantendo-me na sombra, desço o corredor, tendo o cuidado de segurar bem o meu braço ligado contra a barriga, para impedir o ombro de sair do lugar.

Já sei que o meu irmão não está no quarto do meu pai. A minha mãe disse-me que lhe deu a chave da nossa casa, algo que me faz sentir desconfortável. Provavelmente, Edward não vai vasculhar o meu quarto — até porque não tenho nada a esconder — mas mesmo assim... Não me agrada saber que estou aqui, ao passo que ele está lá.

A equipa reduzida da UCI não repara na rapariga de roupão com o braço e ombro ligados que sai do elevador. O que é uma sorte, pois não saberia como explicar a minha migração da ala de ortopedia para aquela.

O meu pai está banhado numa luz azul, o brilho dos monitores que o rodeiam. Não me parece diferente do que estava no dia

anterior. Isso deve ser bom sinal, certo? Se ele não fosse voltar, como diz Edward, devia estar a piorar.

Tenho espaço à justa para me sentar na cama e me deitar sobre o lado bom. Isso faz-me doer imenso o ombro. Apercebo-me que não o posso abraçar por causa da ligadura, e ele, por sua vez, também não me pode abraçar. Portanto, em vez disso, fico apenas ali deitada ao lado dele, com a face encostada ao algodão áspero da sua bata de hospital. Olho para o monitor que mostra o seu batimento cardíaco regular.

Na noite a seguir a ter entrado no cercado dos lobos pela primeira vez, acordei e deparei com o meu pai sentado na borda da minha cama, a observar-me. O luar desenhava-lhe o rosto.

— Quando estava em plena floresta, fui perseguido por um urso. Tive a certeza de que ia morrer. Pensava que não havia nada mais assustador do que isso — disse ele. — Estava enganado. — Estendeu a mão e enfiou-me o cabelo atrás da orelha. — A coisa mais assustadora do mundo é pensar que alguém que amamos vai morrer.

Agora, sinto as lágrimas assomarem aos olhos, um nó na garganta. Afugento-os mantendo uma respiração constante.

Eles conseguem cheirar o teu medo, ensinou-me ele. Não cedas um milímetro.

LUKE

Passaram-se duas semanas sem qualquer sinal ou som do lobo que estivera tão perto de mim quando eu estava doente. Depois, uma manhã, quando estava a beber num ribeiro, vi subitamente uma imagem refletida ao lado da minha. O lobo era grande e cinzento, com grandes riscas negras na cabeça e orelhas. O meu coração começou a bater descompassadamente, mas não me virei. Em vez disso, fitei os seus olhos âmbar no espelho de água e esperei para ver o que ele ia fazer.

Foi-se embora.

Quaisquer dúvidas que eu tivesse em relação ao que estava a fazer desvaneceram-se. Era por aquilo que eu tanto esperara. Se o grande animal que se aproximara de mim no ribeiro era mesmo selvagem, era capaz de estar tão curioso em relação a mim como eu estava em relação a ele. E, se assim fosse, era capaz de conseguir aproximar-me o suficiente para compreender o seu comportamento de dentro, em vez de observar do exterior.

O que eu queria era voltar a ver aquele lobo, mas não sabia ao certo como fazer com que isso acontecesse. Deixar comida ali por perto iria atrair não só o lobo, mas também ursos. Se eu chamasse o lobo, talvez ele respondesse — mesmo que fosse um lobo solitário, ter um parceiro é mais seguro do que estar sozinho — mas esse chamamento também podia revelar a minha posição a outros predadores. E, sinceramente, embora não tivesse visto prova da existência de outros lobos desde que me embrenhara na floresta, não podia ter a certeza de que aquele lobo era o único nas redondezas.

Percebi que se ia dar o próximo passo, isso implicava sair da minha zona de conforto. Bolas! Implicava saltar de olhos vendados

da falésia da minha zona de conforto.

Adapte o meu horário para dormir durante o dia e acordar ao anoitecer. Teria de viajar na escuridão, embora os meus olhos e o meu corpo não se prestassem a tal coisa. Isto era muito mais ameaçador do que qualquer noite que tivesse passado no jardim zoológico, no cercado da alcateia em cativeiro; por um lado, percorria quinze quilómetros por noite na mais completa escuridão; por outro lado, não tinha de me preocupar com os outros animais quando estava no cercado dos lobos, no zoo. Aqui, se tropeçasse numa raiz ou caísse numa poça, ou mesmo se pisasse um ramo seco, estava a emitir um sinal que alertava todas as outras criaturas para a minha localização. Mesmo tentando não fazer barulho, estava em desvantagem; os outros animais eram melhores a ver e ouvir às escuras e vigiavam cada passo que eu dava. Se caísse, estava arrumado.

Aquilo que recordo sobre essa primeira noite é que estava a transpirar por todos os poros, embora o ar estivesse gélido. Dava um passo, depois hesitava para me certificar de que não ouvia nada a vir na minha direção. Embora só houvesse um punhado de estrelas dispersas nessa noite e a lua estivesse velada, a minha visão adaptou-se o suficiente para distinguir sombras. Não precisava de ver claramente. Precisava de ver o movimento ou um olhar coruscante.

Praticamente cego, usava ao máximo os meus outros sentidos. Respirava profundamente, usando a brisa para identificar o cheiro dos animais que me estavam a ver passar. Estava atento a qualquer rumor, ao ruído de passos. Quando os longos dedos do amanhecer tomaram conta do horizonte, senti-me como se tivesse corrido uma maratona, como se tivesse conquistado um exército. Tinha

sobrevivido uma noite na floresta canadiana, rodeado de predadores. Continuava vivo. E, na verdade, só isso importava.

GEORGIE

Ao quinto dia após o acidente, sei dizer-lhes qual vai ser a sopa do dia na cafetaria e a que horas as enfermeiras mudam de turno e onde guardam os pacotinhos de açúcar para a máquina de café do piso da Ortopedia. Memorizei a extensão da cantina, para arranjar taças extra de pudim para Cara. Sei o nome dos filhos da fisioterapeuta. Tenho a escova de dentes na mala.

A noite passada, a única noite em que tentei ir a casa, Cara tinha ficado com febre — uma infecção no local da incisão. Embora as enfermeiras me dissessem que era comum, e embora a minha ausência não tivesse nada que ver com isso, mesmo assim senti-me responsável. Disse a Joe que vou ficar no hospital enquanto Cara lá estiver. Uma forte dose de antibióticos baixou-lhe a febre, mas ela está maldisposta, desconfortável. Se não tivesse sofrido este revés, era capaz de ter saído hoje do hospital. E embora saiba que tal não é possível — desenvolver uma infecção pela força da mente — há uma parte de mim que pensa que o corpo de Cara fez isto para garantir que ela ficava perto de Luke.

Estou a encher a quinta chávena de café do dia na pequena sala onde está a máquina do café, uma dádiva providenciada por uma enfermeira de bom coração. É espantosa a rapidez com que o extraordinário pode começar a parecer um lugar-comum. Eu teria iniciado a manhã com um duche e champô, teria arranjado o almoço para os gémeos e tê-los-ia acompanhado à paragem do autocarro. Agora, parece perfeitamente normal usar a mesma roupa durante dias a fio e esperar, não pelo autocarro, mas pelo médico que faz a ronda.

Aqui há uns dias, pensar na lesão cerebral de Luke era como um murro no estômago. Agora, estou apenas entorpecida. Aqui há uns

dias, tinha de lutar para manter Cara na cama, em vez de ir para a cabeceira do pai. Agora, mesmo quando a assistente social lhe pergunta se gostaria de visitá-lo, ela abana a cabeça.

Creio que Cara tem medo. Não daquilo que irá ver, mas do que não verá.

Abro o pequeno frigorífico para tirar a embalagem de leite, mas escorrega-me das mãos e cai no chão. A poça branca alastra por baixo dos meus sapatos e do frigorífico.

— Bolas! — murmuro.

— Tome.

Um homem atira-me um maço de guardanapos industriais. Faço o melhor que posso para limpar aquela confusão, mas estou à beira das lágrimas. Só por uma vez — *uma vez* — gostava que alguma coisa fosse fácil.

— Conhece o ditado — acrescenta o homem, agachando-se para ajudar. — Não vale a pena chorar sobre leite derramado.

Primeiro vejo-lhe os sapatos pretos e as calças azuis do uniforme. O agente Whigby tira-me os guardanapos ensopados das mãos e atira-os para o caixote do lixo.

— Deve ter mais alguma coisa para fazer — digo eu com rudeza. — Com certeza que há por aí alguém, algures, a circular em excesso de velocidade, não? Ou uma velhota a precisar de ajuda para atravessar a rua?

Ele sorri.

— Ia ficar surpreendida se soubesse a quantidade de velhotas que não precisam de ninguém para nada, hoje em dia. Senhora Ng, sinceramente, a última coisa que quero é incomodá-la numa altura em que já está debaixo de uma pressão enorme, mas...

— Então, não o faça — imploro. — Deixe-nos ultrapassar isto. Deixe a minha filha sair do hospital e deixe o meu ex-marido... — Descubro que não consigo terminar a frase. — Dê-nos simplesmente algum sossego.

— Infelizmente, não posso fazê-lo, minha senhora. Se a sua filha estava a conduzir embriagada, então pode vir a enfrentar uma acusação de homicídio por negligência.

Se Joe ali estivesse, saberia o que dizer. Mas Joe voltou para a minha antiga vida, a fazer almoço para os gémeos e a acompanhá-los à paragem de autocarro. Endireito-me e, com uma confiança que desconhecia ainda ter, viro o meu olhar para o polícia.

— Primeiro que tudo, Luke não morreu. O que significa que a acusação é irrelevante. Em segundo lugar, o meu ex-marido pode ser muitas coisas, senhor agente, mas não é louco, e não teria deixado Cara conduzir se ela estivesse embriagada. Por isso, a menos que tenha factos concretos que provem que a minha filha foi responsável por esse acidente, ela não passa de uma menor que fez uma má escolha e se embriagou, e precisou que o pai a fosse buscar. Se vai prendê-la por não ter idade para consumir álcool, presumo que já prendeu todos os outros adolescentes que estavam nessa festa. E se não o fez, então é porque eu tinha razão quando lhe disse que deve ter mais alguma coisa para fazer.

Passo por ele, de regresso ao quarto de Cara, de queixo bem levantado. Joe ficaria orgulhoso de mim, mas também é verdade que ele é advogado de defesa, e qualquer coisa que desafie o poder instituído é uma coroa de louros para ele. Mas dou comigo a pensar em Luke. *Tens um fogo dentro de ti*, costumava ele dizer. Foi por isso que quis casar comigo. Sob a minha blusa de seda de repórter e a minha licenciatura em jornalismo, disse ele, havia alguém que

estava sempre preparado para o combate. Acho que ele pensava que alguém com aquela chama podia compreender um homem que vivia à beira da morte todos os dias. Ficou verdadeiramente surpreendido ao descobrir que eu queria a casa, o jardim, os filhos e o cão. Podia ter aquela chama interior, mas precisava de paredes grossas e fortes para que ela não se apagasse.

Quando regresso ao quarto de Cara, reparo que deixei o meu café com o agente Whigby e que a minha filha está perfeitamente desperta, a sentar-se na cama. Tem as faces coradas e o cabelo húmido, o que sugere que a febre baixou.

— Mãe — diz ela —, eu sei como salvar o pai.

LUKE

Três semanas mais tarde, estava a caminhar para nordeste quando um lobo saiu subitamente de trás de uma árvore e me barrou o caminho. Para ser sincero, não sei dizer se era o mesmo lobo-cinzento que tinha aparecido junto ao ribeiro ou se era outro. Os seus olhos âmbar fitaram os meus durante quase meio minuto, o que parece uma eternidade quando temos um animal selvagem pela frente. Ele não mostrou os dentes, não rosnou nem manifestou receio, o que me levou a acreditar que sabia da minha presença há muito mais tempo do que eu da sua.

O lobo afastou-se e embrenhou-se na floresta.

Depois disso, via o lobo a intervalos de alguns dias, quando menos esperava. Estava a tirar uma presa morta de uma armadilha e sentia-me observado. Virava-me e dava com ele ali. Abria os olhos depois de uma pequena sesta e apanhava-o a olhar para mim, de longe. Não falei com ele. Não queria que o lobo me visse como humano. Em vez disso, sempre que ele aparecia, deitava-me no chão e rolava até ficar de costas, expondo a garganta e a barriga, o sinal de confiança universal. Ao expor as áreas mais sensíveis, estava a reconhecer que ele me podia matar — de forma rápida ou lenta, como lhe aprouvesse — e a perguntar: Até que ponto és equilibrado? O que aconteceria nessa altura — o que devia acontecer nessa altura — era que o lobo dominante mudava o seu nível de energia, abocanhando-me a garganta com o focinho e depois largando-a, como que a dizer: Podia magoar-te... mas estou a optar por não o fazer. E dessa forma a nossa hierarquia de papéis ficaria estabelecida.

Uma noite, quando estava sentado debaixo de uma árvore a pensar se pressentia neve no ar, o lobo apareceu na clareira à

minha frente. Mas a seguir veio um segundo lobo. Um terceiro. E mais outros três. Começaram a movimentar-se rapidamente entre o arvoredo, fechando o espaço à minha volta. Havia quatro machos e duas fêmeas, e pelo que via, o lobo que me andava a visitar era um dos mais jovens. Provavelmente, tinha sido enviado pela fêmea alfa para saber mais coisas sobre mim.

No dia seguinte, tentei encontrar a alcateia. Mas embora procurasse durante semanas, tinham-se tornado invisíveis. Destroçado — seria aquele o nível de interação com lobos a que poderia aspirar? Tinha estado tão perto para agora ficar desiludido? —, voltei aos velhos hábitos. Vagueava à noite, mas durante o dia regressava ao local onde vira toda a alcateia pela primeira vez.

Passaram-se várias semanas, e depois eles voltaram. Estavam reduzidos a cinco membros — um dos machos estava ausente — e pareciam mais assustadiços do que da última vez. Ficaram a cerca de quarenta metros. O jovem macho que eu vira pela primeira vez estava a brincar com a irmã, a rebolar na neve e a correr um atrás do outro, como cachorrinhos. De vez em quando, um dos lobos mais velhos admoestava-os com uma rosnadela gutural e acabaram por cair de cansados.

Quem me dera poder explicar-vos como me sentia por estar perto deles. Por saber que, de todos os lugares na floresta onde podiam ter descansado, escolheram o que ficava mais perto de mim. Tinha de acreditar que era intencional; havia muitos lugares onde não teriam de estar de atalaia àquele desconhecido. A combinação de euforia e esperança, de sentir que tinha sido de alguma forma escolhido, era o suficiente para me manter durante as semanas em que desapareciam — semanas de tempestades de

gelo e neve, quando por vezes parecia que eu era a única criatura viva que restava no universo.

Dormia durante o dia, quando estava mais calor, mas mesmo nessa altura, por vezes as temperaturas eram brutais. Depois, procurava abrigar-me do frio: uma gruta na rocha, uma árvore caída com o tronco oco ou mesmo uma pequena cova num monte de neve transformavam-se no meu iglu pessoal. Forrava o espaço com galhos de pinheiro para ficar mais quente. Empilhava ramos verdes para impedir a neve ou as rajadas de vento de lá entrarem. Comia o que conseguia apanhar com as armadilhas, e quando isso dava em nada, abria um tronco putrefacto com as mãos e apanhava as formigas.

Uma noite, a alcateia uivou. Foi um som grave, doloroso e desolado — o tipo de lamento destinado a procurar alguém desaparecido. Neste caso, calculei que fosse pelo grande macho cinzento que não tinha regressado. Uivaram todas as noites nessa semana e, à quarta noite, respondi. Fi-lo da forma como um lobo solitário o faria, se pensasse que podia haver lugar para ele numa alcateia.

A princípio, só houve silêncio.

E depois, como que por milagre, toda a alcateia uivou também.

EDWARD

O lobo mordeu o cinto de segurança do carro alugado.

— Bolas! — digo, puxando o cinto para longe da grade da jaula de transporte. — Ele não te ensinou a ter maneiras?

Pergunto a mim mesmo se o seguro opcional que fiz para o carro cobrirá danos provocados por um animal selvagem.

Pergunto a mim mesmo em que sarilhos me irei meter.

Pergunto a mim mesmo, sobretudo, porque deixei Cara convencer-me a fazer aquilo.

Tinha-me dirigido ao hospital naquela manhã com a melhor das intenções, segurando o papel que encontrara com a minha assinatura. Já o tentara mostrar a Cara, mas o meu sentido de oportunidade não tinha sido o melhor: logo de manhã, estava um cirurgião interno a examinar-lhe as suturas, depois veio uma enfermeira dar-lhe um banho de esponja, a seguir o meu pai fora levado para fazer outra TAC e, por fim, ela ficara com febre. Hoje, estava decidido a mostrar-lho. Cara podia não acreditar que eu tinha direito a falar pelo meu pai, mas eu tinha a prova do contrário.

Depois de ver como ele estava (sem alteração, como se fosse preciso mais alguma razão para falar com a minha irmã), tinha subido ao piso da Ortopedia. Cara estava sentada na cama, transpirada e despenteada. A minha mãe estava em pé, ao lado dela. Viraram-se ambas quando eu entrei.

— Tenho uma coisa para lhes mostrar — dissera eu, mas Cara interrompeu-me antes que pudesse mostrar o papel.

— Os lobos — anunciou. — É disso que ele precisa.

— O quê?

— O pai está sempre a dizer que os lobos comunicam num plano diferente do dos humanos. E ele não consegue ouvir-*nos* a dizer-lhe

para acordar. Por isso, o que temos de fazer é levá-lo ao Redmond's.

Eu pestanejei.

— Estás doida? Não é possível transportar uma pessoa ligada a um ventilador até um parque temático manhoso...

— Oh, claro, esqueci-me de que estava a falar *contigo* — disse ela bruscamente. — Mais vale *matá-lo*.

Eu tinha sentido o papel a queimar junto ao meu peito.

— Cara — dissera placidamente —, nenhum médico vai assinar a autorização para o pai fazer essa excursão.

— Então, em vez disso, vais ter de trazer um lobo até cá.

— Porque não há nada mais parecido com «ambiente esterilizado» do que «lobo». — Virei-me para a minha mãe. — Não me diga que concorda com ela.

Antes que ela pudesse responder, Cara interrompera: — Tu sabes que o pai moveria o céu e a terra para salvar um dos animais das suas alcateias. Não achas que eles fariam o mesmo por ele?

Rodou as pernas sobre a cama.

— Onde pensas que vais? — perguntou a minha mãe.

— Telefonar ao Walter — disse Cara. — Se vocês os dois não me ajudam, tenho a certeza de que ele o fará.

Eu tinha olhado para a minha mãe.

— Importa-se de lhe explicar porque é que isso é impossível?

A minha mãe tocou no braço bom de Cara.

— Querida — disse —, o Edward tem razão.

Não consigo explicar a sensação de ouvir aquelas palavras nos lábios dela — bem, nos de qualquer pessoa. Quando se é o falhado da família, ver o nosso mérito reconhecido é avassalador.

Na verdade, essa é a única explicação que consigo dar para ter feito o que fiz.

— Se eu fizer isso — dissera eu à minha irmã —, se eu fizer isso por ti e não resultar... vais ouvir o que tenho para dizer?

Os olhos dela encontraram os meus e ela fez que sim com a cabeça, num contrato não verbal.

— Diz ao Walter para te dar o *Zazigoda* — disse ela. — É o lobo que levamos às escolas. Uma vez, quando ele se assustou, o pai impediu-o de saltar por uma janela.

A minha mãe abanou a cabeça.

— Edward, como é que vais...

— E tens de trazê-lo no banco da frente — interrompeu Cara. — Ele enjoa.

Eu tinha puxado o fecho do casaco.

— Caso estivesse a pensar nisso — disse-lhe —, o estado clínico do pai continua igual ao da noite passada.

Cara sorriu para mim. Era o primeiro sorriso verdadeiro com que me brindava desde o meu regresso.

— Mas não por muito tempo — dissera.

O Redmond's Trading Post é um triste anacronismo de um tempo anterior à tecnologia 3D e às *PlayStations* da Sony — um Disney World para pobres. No inverno, ainda é mais deprimente do que durante a época alta. Fechado para todos com exceção de uns quantos tratadores, parece a terra que o tempo esqueceu. Isto ainda foi reforçado pela visão que tive assim que saltei sobre o molinete para entrar no parque: um dinossauro animatrónico desbotado com pingentes de gelo no queixo que rugiu para mim e tentou abanar a enorme cauda enterrada sob um monte de neve.

Era estranha a sensação de subir a colina que levava aos cercados dos lobos, como se estivesse a recuar anos a cada passada, até voltar a ser criança. Ao passar por um deles, um par de lobos-cinzentos acompanhou-me ao longo da vedação, na expectativa de me verem atirar um coelho sobre a vedação como recompensa. A velha caravana do meu pai estava no topo da colina, acima dos cercados. Via-se uma espiral de fumo a sair pela chaminé do fogão a lenha da caravana, embora ninguém respondesse quando bati à porta.

— Walter? — chamei. — Sou o Edward, o filho de Luke.

A porta abriu-se quando lhe mexi e sentime projetado para trás por uma memória. Nada mudara naquela caravana. Lá estava o sofá com almofadas de espuma que tinham sido rasgadas pelos dentes de inúmeras crias de lobo, onde eu lera dúzias de livros enquanto o meu pai fazia a preleção diária sobre lobos aos visitantes. Lá estava a casa de banho com um autoclismo acionado por uma bomba de pé.

Lá estava a cama estreita, onde tudo tinha ido para as urtigas.

Aquilo era má ideia. Nunca devia ter dado ouvidos a Cara; o melhor era voltar pura e simplesmente para o hospital... Saí da caravana fechando a porta com violência e ouvi alguém a assobiar uma música popular. O som vinha da cabana de madeira onde a carne fresca trazida para os lobos era refrigerada. Enfieei a cabeça lá dentro e dei com Walter, com um avental de talhante, a esquartejar um veado com uma faca gigantesca. Meio abenaqui, Walter mede um metro e noventa e é careca, com espirais de tatuagens a subir-lhe pelos braços. Quando eu era miúdo, exercia alternadamente sobre mim um grande fascínio ou terror.

Walter olhou para mim como se tivesse visto um fantasma.

— Sou eu. Edward.

Ao ouvir isto, largou a faca e deu-me um forte abraço.

— Edward — disse. — És a cara chapada do... — Recuou um passo, franzindo as sobrancelhas. — Ele...?

— Não — disse eu rapidamente. — Não houve alteração.

Olhei lá para fora, onde um trio de lobos me olhava fixamente por trás da vedação. O meu pai costumava falar da sabedoria que havia nos olhos de um lobo; mesmo um leigo que entra em contacto com a espécie sente-se frequentemente enervado da primeira vez que fica cara a cara com um lobo. Eles não se limitam a olhar para nós; olham para *dentro* de nós. Talvez Cara tivesse razão, pensei.

Eu telefonara a Walter na noite anterior, de casa do meu pai, e explicara-lhe o estado em que ele se encontrava, mas agora falei-lhe do motivo que me levava ali hoje, nomeadamente aquilo que Cara pensava que um encontro com lobos poderia fazer pelo meu pai. Ele escutou em silêncio, com trejeitos de lábios, como se pudesse mastigar o plano e cuspir as partes de que não gostava. Quando terminei de falar, cruzou os braços.

— Então, queres levar um lobo ao hospital.

— Sim — disse, baixando a cabeça. — Eu sei que parece ridículo.

— O problema é que não sabes lidar com um lobo. Lá por se parecer com um cão, isso não quer dizer que o seja. Queres que vá contigo?

Pensei seriamente nessa hipótese por um momento.

— É melhor se for sozinho — disse finalmente. Assim, só um de nós arranjará problemas.

Segui Walter para fora do matadouro, colina abaixo em direção aos cercados. Quando nos aproximámos de uma vedação, um par

de lobos-cinzentos saltou em direção a ele. O mais pequeno só tinha três pernas.

— Bom dia, meninos — disse ele, e apontou para o que estava a correr de um lado para o outro em frente à vedação, sem que a falta de um membro constituísse qualquer tipo de impedimento. O seu olhar enterrou-se-me na pele como uma farpa.

— É *Zazigoda* — disse-me Walter. — O nome significa «preguiçoso». O teu pai tem um grande sentido de humor.

Walter enfiou a mão na bolsa de caça do casaco e atirou um esquilo congelado para o meio das árvores na parte de trás do cercado. O outro lobo afastou-se rapidamente para o ir buscar, enquanto *Zazigoda* esperava pela sua recompensa. Mas em vez de tirar outro esquilo do casaco, Walter tirou uma caixa de queijo-creme *Philadelphia*. Rasgou um canto e *Zazi* começou a lambê-lo.

— Os produtos lácteos acalmam-nos — explicou.

Lembrava-me vagamente de o meu pai me contar como uma fêmea alfa que sabe que vai dar à luz em breve é capaz de mandar a sua alcateia matar a fêmea lactante numa manada de veados, simplesmente por saber que as hormonas que estão presentes no organismo da presa irão atenuar as emoções daqueles que a comem. Assim, quando as crias nascem, o resto da alcateia estará mais calma e terá mais probabilidade de aceitá-las.

— Nós salvámos *Zazi* — disse Walter, entrando no cercado sem qualquer hesitação. — Um caçador encontrou-o quando ele tinha cerca de um ano. A perna tinha ficado presa numa armadilha para ursos e ele cortou-a com os dentes. O teu pai cuidou dele. O veterinário disse que era um caso perdido, que estava demasiado fraco e a ferida estava infetada; que ia morrer antes de a semana acabar. Mas *Zazi* arrasou com essas probabilidades. Sabes como,

na vida, há pessoas e *pessoas*? Bem, também há lobos e *lobos*. *Zazi* é um destes. Dizes-lhe que não vai conseguir, e ele prova-te que estás enganado.

Perguntei a mim mesmo se seria por isso que Cara queria que eu levasse *Zazi*, por a sua história refletir tão bem aquilo que ela queria que acontecesse ao meu pai.

Walter olhou para mim.

— Como foi o teu pai que cuidou dele, sempre se sentiu mais à vontade entre humanos do que é costume num lobo. É ótimo com os miúdos, ótimo com equipas de filmagem. Foi por isso que sempre o usámos para as iniciativas de divulgação junto da comunidade. — Arrastou uma jaula de transporte para dentro do cercado e pôs o lobo lá dentro com toda a facilidade. — Um dia, estávamos numa escola com *Zazi*. O teu pai gosta de escolher dois miúdos de uma turma para irem tocar no pelo do lobo, participação ativa, se é que me percebes. Para os deixar curiosos em relação aos lobos, e não aterrorizados. Mas ele avalia os miúdos para ter a certeza de que não escolhe os palhaços da turma e, antes de fazê-lo, estabelece as regras, sobretudo para garantir a segurança do lobo. Se um miúdo se movimentar de uma certa maneira, se se aproximar demasiado rápido ou, simplesmente, não estiver atento, pode ser um pandemónio.

Walter inclinou-se até à rede metálica na parte da frente da caixa e deixou *Zazigoda* lamber-lhe os nós dos dedos.

— Um dia, houve uma auxiliar que trouxe um miúdo com necessidades especiais até à parte da frente da sala. O miúdo devia ter uns dez anos e nunca pronunciara uma palavra; estava numa cadeira de rodas e era deficiente profundo. A auxiliar perguntou se o rapaz podia tocar no lobo. Bem, o teu pai não sabia o que dizer. Por

um lado, não queria rejeitar o miúdo; por outro, sabia que *Zazi* conseguia detetar facilmente a ansiedade e podia atacar rapidamente o rapaz, pensando que tinha de se defender. *Zazi* não é um híbrido; é um animal selvagem. Por isso, o teu pai perguntou à auxiliar se o rapaz conseguia transmitir algum sinal de medo ou nervosismo, e ela disse que não, que ele não era capaz de comunicar. Contra aquilo que lhe parecia mais sensato, o teu pai pôs *Zazi* em cima da mesa, onde podia ficar ao nível da cadeira de rodas do miúdo. *Zazi* olhou para o rapaz, depois inclinou-se para a frente e começou a lambe-lhe os lábios. O teu pai preparava-se para intervir, pensando que *Zazi* tinha sentido cheiro a comida e que o rapaz ia ficar assustado e empurrar *Zazi*. Mas antes que conseguisse puxar *Zazi* para trás, a boca do miúdo começou a mexer-se. Saiu-lhe de forma truncada e foi difícil de ouvir, mas aquele rapaz disse a sua primeira palavra mesmo ali à nossa frente: *lobo*.

Inclinei-me e agarrei na pega da jaula de transporte com Walter, iniciando a longa subida.

— Se me estás a contar isso para eu me sentir melhor por levar um animal selvagem para o hospital, não estás a ajudar.

Walter olhou-me de relance.

— Estou a contar-te isto — disse — porque os milagres não são novidade para *Zazi*.

Na verdade, foi uma coisa que Walter disse que me dá a ideia: *lá por se parecer com um cão, isso não quer dizer que o seja*. Uma vez que nunca haveria ninguém suficientemente estúpido para levar um animal selvagem para um hospital, as pessoas que me virem com *Zazi* vão presumir que se trata de um animal doméstico. Isso

significa que a única coisa que tenho de fazer é arranjar uma razão válida para levar um cão comigo.

Na minha opinião, tenho duas opções. A primeira é um cão usado como terapia. Não faço ideia se fazem isso naquele hospital, mas sei que há voluntários com formação que levam labradores, *springer spaniels* e caniches às alas pediátricas para animar os miúdos que estão doentes. Pelo que sei, esses cães são normalmente mais velhos, mais calmos e imperturbáveis, o que deixa *Zazi* fora da corrida.

O único outro tipo de cão que já vi em hospitais é um cão-guia.

Numa estação de serviço, compro uns óculos de sol pretos, enormes e horríveis, por 2,99 dólares. Ligo para o telemóvel da minha mãe para lhe dizer que estou a caminho e para ir ter comigo ao quarto do meu pai, com Cara. Depois, estaciono no parque do hospital, o mais longe possível de quaisquer outros carros.

O banco da frente foi puxado para trás para acomodar a jaula de transporte de *Zazi*, que ocupa praticamente cada centímetro do espaço disponível. Saio do carro e abro a porta do lado do passageiro, vigiando o lobo através da porta metálica da caixa.

— Olha — digo eu em voz alta —, gosto tanto disto como tu.

Zazi olha-me fixamente.

Tento convencer-me de que, quando abrir a jaula, o lobo não me vai enterrar os dentes na mão. Walter já lhe pôs um arnês; a única coisa que tenho de fazer é prender a trela.

Bem, se ele me morder, pelo menos já estou no hospital.

Com movimentos rápidos e eficientes, abro a jaula de transporte e prendo o pesado mosquetão ao gancho metálico do arnês do lobo. Ele salta para fora da jaula de transporte com um movimento

perfeito e gracioso e começa a puxar-me para a frente. Mal tenho tempo para fechar a porta do carro e tirar os óculos de sol do bolso.

O lobo urina em cada poste de iluminação que ladeia o passeio que leva ao hospital. Quando lhe puxo uma vez pela trela, para o fazer andar, ele vira-se e rosna-me.

Se os voluntários que estão sentados na receção do hospital acham estranho ver um cego a arrastar o seu cão, em vez do contrário, não o dizem. Fico profundamente grato por sermos os únicos ocupantes do elevador que nos leva à UCI, no terceiro piso.

— Lindo menino — digo, quando *Zazi* se deita, com as patas cruzadas.

Mas quando a campainha toca mesmo antes de a porta se abrir, ele põe-se em pé de um salto, vira-se e mordisca-me o joelho.

— Merda! — grito. — Para que foi *isso*?

Baixo-me para ver se fez sangue, mas nessa altura as portas já se abriram e há uma voluntária à espera com um monte de processos.

— Olá — digo, esperando distraí-la do facto de trazer um lobo pela trela.

— Oh! — diz ela, surpreendida. — Olá.

É quando dou conta de que, sendo cego, não devia ter sabido que ela ali estava.

De repente, *Zazi* arranca a toda a velocidade pelo corredor fora. Esforço-me por acompanhá-lo, esquecendo-me da voluntária. Uma enfermeira de meter respeito vem no nosso encalço. É mais alta do que eu, com bíceps que sugerem que era bem capaz de me ganhar num braço de ferro. Tinha-a visto no dia em que cheguei ao hospital, mas só voltara a trabalhar hoje, por isso não me reconhece nem questiona a minha deficiência repentina.

— Desculpe, senhor?

Desta vez, lembro-me de não me virar até ela me chamar.

— Está a falar comigo? — pergunto.

— Sim. Pode dizer-me qual o doente que vem ver?

— Warren. Lucas Warren. Sou o filho, e este é o meu cão-guia.

Ela cruza os braços.

— Com três pernas...

— Está a brincar? — replico, sorrindo com as minhas covinhas.

— Paguei como se tivesse quatro.

A enfermeira não sorriu.

— Vamos ter de pedir autorização aos médicos do senhor Warren antes de o cão poder entrar...

— Um cão-guia pode ir a todos os lugares onde seja permitida a entrada ao público e onde não constitua uma ameaça direta — recito, informação recolhida no meu telefone pelo Google, depois de ter comprado os óculos na estação de serviço. — Custa-me a acreditar que um hospital fosse violar a Lei dos Americanos Portadores de Deficiência.

— Os cães-guias só podem entrar na UCI mediante autorização caso a caso. Se esperar aqui um segundo, eu posso...

— Pode levar o assunto ao Departamento de Justiça — digo, ao mesmo tempo que *Zazi* começa a puxar pela trela com força.

Calculo que tenho cinco minutos, no máximo, antes de a segurança chegar para me tirar dali. A enfermeira continua a gritar enquanto *Zazi* me arrasta pelo corredor fora. Sem qualquer orientação da minha parte, leva-me até ao quarto do meu pai.

Cara está recostada no assento de lona de uma cadeira de rodas; a minha mãe está em pé, por trás dela. O meu pai continua

imóvel na cama, com tubos enfiados pela garganta e a sair por baixo do cobertor texturado.

— *Zazi!* — grita Cara, e o lobo salta em direção a ela. Põe as patas dianteiras no seu colo e lambe-lhe o rosto.

— Ele mordeu-me — digo.

A minha mãe refugiou-se a um canto, pouco entusiasmada por estar a partilhar o espaço com um lobo.

— Ele não é perigoso? — pergunta.

— Não será um bocadinho tarde para perguntar isso?

Mas *Zazi* afastou-se de Cara e está a ganir junto à cama do meu pai. Salta com ligeireza para cima do colchão estreito, fincando as pernas no corpo do meu pai. Passa delicadamente por cima dos tubos e começa a enfiar o focinho por baixo das mantas.

— Não temos muito tempo — digo.

— Vê só — replica Cara.

Zazigoda cheira o cabelo e o pescoço do meu pai. A sua língua lambe-lhe a face.

O meu pai não se mexe.

O lobo geme e volta a lambar o rosto do meu pai. Passa os dentes pelo cobertor e bate-lhe com as patas.

Alguma coisa apita, e todos olhamos para as máquinas atrás da cama. É o saco com a medicação endovenosa que precisa de ser substituído.

— Agora acreditas em mim? — digo eu a Cara.

Os seus maxilares estão cerrados, a expressão decidida.

— Tens de esperar um bocadinho — implora. — *Zazi* sabe que ele está ali.

Tiro os óculos de sol e ponho-me à frente dela, para obrigá-la a olhar-me nos olhos.

— Mas o pai não sabe que *Zazi* está aqui.

Antes que ela possa responder, a porta abre-se de repente e a enfermeira entra com um segurança. Volto a pôr os óculos.

— A ideia foi da minha irmã — digo de imediato.

— Isso, deita as culpas para cima de mim — murmurou Cara.

A enfermeira está praticamente a ter um ataque.

— Está... um cão... em cima da cama — arfa. — Tire... o cão... da cama!

O segurança agarra-me pelo braço.

— Faça o favor de tirar o cão dali, imediatamente!

— Não vejo aqui nenhum cão — digo.

A enfermeira semicerra os olhos.

— Pode parar de fingir que é cego, seu aldrabão!

Tiro os óculos de sol.

— Ah, está a falar *disto*? — pergunto, apontando para *Zazi*, que salta para o chão e se roça na minha perna. — Isto não é um cão, é um lobo.

Depois, agarro na trela e fugimos feitos loucos.

O hospital decide não apresentar queixa depois da intervenção de Trina, a assistente social. Ela é o único membro da equipa que compreende por que razão eu tive de levar o lobo ao hospital. Sem isso, Cara não admitiria uma conversa sobre o estado do meu pai e a sua falta de melhoras. Agora que a minha irmã tinha visto com os próprios olhos que nem mesmo os seus lobos conseguiam provocar uma reação, não podia deixar de perceber que estávamos a ficar sem opções e sem esperança.

Creio que *Zazi* também sabe o que se está a passar. Entra para a sua jaula de transporte sem dar luta e enrosca-se e dorme durante toda a viagem de regresso ao Redmond's Trading Post. Desta vez,

quando paro junto à caravana, Walter sai para me cumprimentar. Tem o rosto tão aberto quanto uma paisagem; está à espera de boas notícias, da história de como o meu pai regressou subitamente ao mundo dos vivos. Mas eu não consigo dizer por meias-palavras a verdade que me está presa na garganta como uma rolha de cortiça, portanto, em vez disso, ajudo-o a tirar a jaula do carro e a levá-la até ao cercado onde a companheira de *Zazi* está de vigia ao longo do perímetro da vedação. Quando Walter liberta *Zazi*, os dois lobos desaparecem por entre o exército de árvores que está em sentido lá ao fundo. Vejo Walter trancar a primeira porta para o cercado e depois continuar até à segunda porta. Segura nas mãos a trela e o arnês.

— E então? — diz ele, incitando-me a falar.

— Walter — digo finalmente, testando o tamanho e a forma destas palavras na minha boca —, aconteça o que acontecer, irá continuar a ter o seu emprego. Eu assegurar-me-ei disso. O meu pai ia querer que alguém de confiança continuasse a tomar conta dos animais.

— Ele vai voltar num abrir e fechar de olhos, para me dizer o que estou a fazer mal. — diz Walter.

— Sim — digo. — Sem dúvida.

Ambos sabemos que estamos a mentir.

Digo-lhe que tenho de voltar para o hospital, mas em vez de deixar o Redmond's de imediato, paro para ver os dinossauros animatrónicos. Limpo a neve de um banco de ferro forjado e espero doze minutos até à hora certa, para poder ouvir o *T. rex* ganhar vida. Tal como antes, não consegue abanar a cauda como devia, por causa da acumulação de neve.

De ténis e calças de ganga, salto a vedação e fico enterrado na neve até aos joelhos. Começo a limpá-la com as mãos nuas. São precisos apenas alguns segundos para os meus dedos ficarem vermelhos e dormentes e para a neve se derreter nas minhas meias. Bato na cauda de plástico verde do *T. rex*, tentando fazer saltar o gelo, mas continua presa.

— Vá lá! — berro, batendo-lhe uma segunda vez. — Mexe-te!

A minha voz ecoa, fazendo ricochete nos edifícios vazios. Mas consigo fazer alguma coisa, pois a cauda começa a andar de um lado para o outro enquanto o falso *T. rex* vai atrás do mesmo falso *Raptor* uma vez mais. Fico ali por um segundo, com as mãos enfiadas debaixo das axilas para as aquecer. Finjo acreditar que o *T. rex* é capaz de conseguir avançar o centímetro necessário para apanhar finalmente a sua presa; que, em vez de se limitar a repetir os seus gestos mecânicos, haverá progresso. Finjo acreditar que consegui voltar atrás no tempo.

Muita coisa pode acontecer em seis dias. É possível travar uma guerra, que o digam os israelitas. É possível atravessar os Estados Unidos. Algumas pessoas acreditam que seis dias foi o tempo de que Deus precisou para criar um universo.

Estou aqui para lhes dizer que também há muita coisa que pode *não* acontecer em seis dias.

Por exemplo, um homem que sofreu um grave traumatismo craniano pode não piorar nem melhorar.

Faz quatro noites que troquei o quarto do hospital pela casa do meu pai, onde encho uma tigela de cereais velhos e vejo o Nick at Nite. Não durmo na cama dele; na verdade, nem sequer durmo. Sento-me no sofá e escuto episódios contínuos de *That '70s Show*.

É estranho sair do hospital todas as noites durante uma vigília. O dia passou sem eu dar por isso e as estrelas refletem-se na neve que caiu sem que eu tivesse consciência disso. A minha vida avança numa estranha narrativa vazia, a que falta uma personagem principal, cuja vida se resume agora a um círculo vicioso. Levo coisas que penso que o meu pai gostaria de encontrar no hospital, caso acordasse: uma escova de cabelo, um livro, uma carta... mas isso só faz com que a casa me pareça ainda mais vazia quando lá me encontro, como se estivesse a liquidar lentamente o seu conteúdo.

Depois do fiasco com o lobo, quando voltei ao hospital, fui ao quarto de Cara. Queria mostrar-lhe a carta que tinha encontrado na gaveta de arquivo do nosso pai. Mas desta vez estava lá uma equipa de fisioterapeutas a testar a amplitude de movimento do ombro e a conversar sobre a forma de o recuperar. Decidi que o que lhe tinha para dizer podia esperar.

Agora, na manhã seguinte, enquanto me dirijo para o seu quarto, sou intercetado por Trina, a assistente social.

— Oh, ótimo — diz ela. — Já soube?

— Soube de quê? — pergunto, com uma centena de sinais de alerta a disparar na cabeça.

— Ia precisamente lá abaixo para o ir buscar. Vamos ter uma reunião de família no quarto da sua irmã.

— Reunião de família? Foi ela que a convenceu a fazer isto?

— Ela não me convenceu a nada, Edward — diz Trina. — É uma reunião para partilhar informação médica sobre o vosso pai com vocês os dois, ao mesmo tempo. Sugeri que o fizéssemos no quarto de Cara porque seria mais confortável para ela do que ser transportada para uma sala de reuniões.

Sigo Trina até ao quarto e encontro um punhado de enfermeiras que já tinha visto a entrar e a sair do quarto do meu pai, e outras que nunca vira; o doutor Saint-Clare; um médico interno de neurologia; e o doutor Zhao da UCI. Também está presente um capelão, pelo menos presumo que o seja, uma vez que usa um cabeção. Por um momento, penso que aquilo é uma encenação, que o meu pai já morreu e acharam que aquela era a melhor forma para nos contar.

— Senhora Ng — diz Trina —, peço desculpa mas vou ter de lhe pedir que saia.

A minha mãe limita-se a pestanejar.

— E Cara?

— Infelizmente, esta reunião é para os parentes mais próximos do senhor Warren — explica a assistente social.

Antes que a minha mãe possa sair, Cara agarra-a pela manga.

— Não se vá embora — sussurra. — Não quero estar sozinha para isto.

— Oh, querida! — diz a minha mãe, afastando-lhe o cabelo do rosto.

Entro no quarto e abro caminho até ficar ao lado da minha mãe.

— E não vais estar — digo eu a Cara, pegando-lhe na mão.

Sou assaltado por uma memória súbita: estou a atravessar a estrada para acompanhar a minha irmã mais nova à escola. Só lhe largo a mão quando sei que ela tem ambos os pés pousados com firmeza no passeio em frente. *Tens o teu almoço?*, pergunto, e ela diz que sim com a cabeça. Vejo que ela quer que eu fique por ali, porque é fixe ser a única miúda do quinto ano que fala com um finalista, mas apresso-me a voltar para o carro. Ela não sabe, mas

só arranco quando a vejo transpor o portão da escola, para não correr riscos.

— Bem — diz o doutor Saint-Clare. — Vamos começar. Estamos aqui hoje para atualizar a informação acerca do estado clínico do vosso pai. — Faz sinal ao médico interno, que põe um computador portátil em cima da cama de Cara, para que todos possamos ver as imagens digitalizadas. — Como sabem, ele foi trazido para este hospital há seis dias com uma lesão cerebral traumática difusa. Estas são as TAC que efetuámos quando ele deu entrada na UCI. — Aponta para um lado da imagem, que parece confuso e espiralado, uma pintura abstrata. — Imaginem que o nariz está aqui e a orelha ali. Estamos a olhar de baixo para cima. Veem toda esta área branca? É sangue, à volta do cérebro e nos seus ventrículos. Esta massa grande é o hematoma no lobo temporal.

Clica no rato e aparece uma segunda imagem ao lado da primeira.

— Isto é um cérebro normal — diz ele, e na verdade não tem de dizer mais nada.

Neste cérebro, é notória a presença de grandes extensões pretas. Há linhas e contornos bem definidos. Tem um aspeto arrumado, organizado, reconhecível.

É completamente diferente da imagem do cérebro do meu pai.

Tenho dificuldade em compreender que este instantâneo indistinto seja a soma da personalidade, pensamentos e movimentos do meu pai. Olho para aquilo, perguntando a mim mesmo que compartimento albergará os instintos animais que ele desenvolveu no meio da natureza selvagem. Pergunto a mim mesmo onde estará armazenada a linguagem — os movimentos não verbais que ele usava para comunicar com os seus lobos, e as

palavras que se esqueceu de nos dizer quando éramos mais novos: que nos amava, que sentia a nossa falta.

O doutor Saint-Clare volta a clicar, por isso uma nova imagem aparece no ecrã. Há menos branco à volta das linhas do cérebro, mas apareceu uma mancha cinzenta nova. O cirurgião aponta para ela.

— Este é o local onde se encontrava o lobo temporal anterior. Ao removê-lo, juntamente com o hematoma, conseguimos reduzir algum do inchaço do cérebro.

O doutor Saint-Clare tinha dito que retirar aquele pedaço do cérebro do meu pai não iria afetar a personalidade, mas significaria, provavelmente, a perda de algumas memórias.

Quais?

O ano que passara na floresta com os lobos?

A primeira vez que viu a minha mãe?

O momento em que soube que eu o odiava?

O neurocirurgião estava enganado, pois perder qualquer uma dessas memórias teria mudado a pessoa que o meu pai era e aquela em que se tornara.

Cara puxa-me o braço.

— Isto é bom, não é? — sussurra.

O doutor Saint-Clare carrega noutra tecla e atualiza a imagem no computador. Está num ângulo diferente, e eu inclino a cabeça, tentando perceber aquilo que estou a ver.

— Isto é o tronco cerebral — explica ele. — As hemorragias chegam ao bolbo e estendem-se à protuberância. — Aponta para um determinado ponto. — Esta é a área do cérebro que comanda a respiração. E esta é a área que afeta a consciência. — Vira-se para

nós. — Não houve nenhuma alteração visível desde que o vosso pai deu entrada.

— Não podem fazer outra operação? — pergunta Cara.

— A primeira foi feita para aliviar a pressão intracraniana, mas já não é isso que vemos. Uma hemicraniectomia ou um coma induzido não vai ajudar. Infelizmente, a lesão cerebral do vosso pai é... irreversível.

— Irreversível? — repete Cara. — Que quer isso dizer?

— Lamento. — O doutor Saint-Clare pigarreia. — Uma vez que o prognóstico de uma recuperação razoável é tão mau, é preciso tomar uma decisão quanto ao prolongamento, ou não, das medidas de suporte de vida.

— *Mau* não é o mesmo que *impossível* — diz Cara com firmeza. — Ele ainda está vivo.

— Tecnicamente, sim — replica o doutor Zhao. — Mas tem de perguntar a si mesma em que consiste uma existência digna. Mesmo que ele recuperasse, coisa que nunca vi acontecer num paciente com lesões desta gravidade, não teria a mesma qualidade de vida que tinha antes.

— Não sabe o que vai acontecer daqui a um mês, ou daqui a um ano. Talvez haja algum avanço médico que o possa curar — argumenta Cara.

Odeio-me por fazer isto, mas quero que ela ouça.

— Quando diz que a qualidade de vida seria diferente, o que quer dizer exatamente com isso?

O neurocirurgião olha para mim.

— Ele não seria capaz de respirar sozinho, de se alimentar sozinho, de ir à casa de banho sozinho. Na melhor das hipóteses, seria internado numa casa de saúde.

Trina dá um passo em frente.

— Eu sei como isto é difícil para si, Cara. Mas se ele estivesse aqui, a ouvir tudo o que o doutor Saint-Clare acabou de dizer, que ia *e/le* querer?

— Ia querer melhorar! — Por esta altura, Cara está a chorar convulsivamente, com dificuldade em recobrar o fôlego. — Ainda nem sequer passou uma semana!

— É verdade — diz o doutor Saint-Clare. — Mas as lesões que o seu pai sofreu não deverão melhorar com o tempo. As hipóteses de recuperação são inferiores a um por cento.

— Está a ver? — diz ela em tom acusador. — Acabou de admitir. Há uma *hipótese*.

— Lá por haver uma hipótese, isso não significa que haja uma boa probabilidade. Achas que o pai ia querer ser mantido vivo durante um, dois ou dez anos, com base numa probabilidade de um por cento de poder vir a acordar e ficar paralisado para o resto da vida? — pergunto.

Ela fita-me, desesperada.

— Os médicos nem sempre têm razão. *Zazi*, aquele lobo que cá trouxeste ontem? Ele arrancou a própria perna com os dentes quando ficou preso numa armadilha. Todos os veterinários disseram que não ia conseguir escapar...

— A diferença é que o pai não pode compensar as suas lesões da mesma forma que *Zazi* fez — observo.

— A diferença é que *tu estás a tentar matá-lo* — diz Cara.

Trina põe a mão no ombro bom de Cara, mas ela afasta o corpo com um gesto brusco que a faz gritar de dor.

— Vão-se embora! — grita Cara. — Todos!

Várias máquinas atrás dela começam a apitar. A enfermeira que a assiste franze o sobrolho ao olhar para o monitor.

— Pronto, já chega! — anuncia. — Saiam.

Os médicos saem em fila, a conversar baixinho entre si. Entra outra enfermeira para regular a bomba de morfina de Cara, enquanto a primeira a imobiliza.

A minha mãe irrompe pelo quarto.

— Mas que diabo se passou aqui? — pergunta, olhando para mim e para as enfermeiras, e depois para Cara.

Vai direita à cama e toma Cara nos braços, deixando-a chorar. Por cima do ombro da minha mãe, Cara fixa os olhos em mim.

— Eu disse para te ires embora — murmura, e eu percebo que, quando ela disse aquilo aos médicos, estava a incluir-me a mim.

Passados segundos, a morfina começa a fazer efeito e Cara relaxa. A minha mãe acomoda-a contra as almofadas e começa a falar baixinho com a enfermeira de serviço sobre o que aconteceu para Cara ter ficado naquele estado. A minha irmã está de olhos vidrados, boca aberta, quase a dormir, mas fixa o seu olhar no meu.

— Não consigo fazer isto — murmura Cara. — Só quero que tudo acabe.

Parece uma súplica. Parece que, pela primeira vez em seis anos, sou capaz de estar em condições de poder ajudá-la. Olho para a minha irmã: — Eu trato disso — prometo, sabendo o que lhe custou pronunciar aquelas palavras. — Eu trato de tudo.

Quando saio do quarto de Cara, encontro o doutor Saint-Clare ao telefone no balcão das enfermeiras. Desliga precisamente quando chego diante dele.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? — digo. — O que... bem... o que iria acontecer?

— Acontecer?

— Se nós decidíssemos... — Não consigo pronunciar as palavras. Em vez disso, encolho os ombros e esfrego a ponta do ténis no linóleo.

Mas ele sabe o que estou a perguntar.

— Bem, ele não sofreria nada. A família pode estar presente quando o ventilador é desligado. O seu pai ainda pode respirar algumas vezes sozinho, mas não de forma regular nem contínua. Por fim, o coração deixará de bater. Normalmente, pede-se à família que saia do quarto enquanto se remove o tubo de respiração, mas depois é convidada a voltar para se despedir durante o tempo que for preciso. — Hesita um pouco. — Mas, em determinadas circunstâncias, o procedimento pode variar.

— Por exemplo?

— No caso de o seu pai alguma vez ter manifestado interesse em doar os órgãos.

Volto quatro dias atrás — terá sido realmente há tão pouco tempo? —, quando examinei o conteúdo da carteira do meu pai. Penso no pequeno coração holográfico impresso na sua carta de condução.

— E se o tiver feito? — pergunto.

— Sempre que há um caso de traumatismo craniano grave, o Banco de Órgãos da Nova Inglaterra é contactado, independentemente de o paciente ter expressado, ou não, anteriormente o desejo de doar os órgãos. Virão falar consigo e responder a todas as perguntas que tenha. Se o seu pai for dador registado e se a família optar por suspender o tratamento, o momento em que isso é feito pode ser coordenado com o banco de órgãos, para que estes possam ser recolhidos de acordo com a

vontade do seu pai. — O doutor Saint-Clare olha para mim. — Mas antes que isso aconteça, o Edward e a sua irmã precisam de estar de acordo quanto a retirar o suporte básico de vida ao vosso pai.

Fico a vê-lo descer o corredor e depois esgueiro-me junto à parede, voltando a aproximar-me do quarto de Cara. Guardo distância, para que não me vejam, mas para poder ver o que se passa lá dentro. Cara está a dormir. A minha mãe está sentada ao lado da cama, com a cabeça pousada sobre as mãos entrelaçadas, como se estivesse a rezar.

Talvez ainda o faça.

Quando costumava levar Cara à escola, e depois ficava sentado no carro para me certificar de que ela transpunha o portão, não era apenas para ter a certeza de que não era raptada por algum perverso. Era porque não podia ser como ela: uma criança com tranças a voar atrás dela, com uma mochila que parecia uma carapaça de tartaruga cor-de-rosa e a cabeça cheia de «ses» e «talvez». Ela conseguia convencer-se de qualquer coisa: que as fadas viviam debaixo dos cogumelos selvagens; que o motivo de a nossa mãe chorar à noite era estar a ler um romance deprimente; que não era muito importante quando o nosso pai se esquecia do meu aniversário ou faltava à sua atuação num concerto porque estava demasiado ocupado a ensinar agricultores polacos a manter os lobos longe das suas terras reproduzindo gravações de uivos. Eu já estava farto e desanimado, cético quanto à possibilidade de um mundo de fantasia poder manter a realidade à distância. Observava-a todas as manhãs porque, no meu pequeno momento de rebeldia, queria ter a certeza de que havia alguém cuja infância não estava tão perdida quanto a minha.

Eu sei que ela pensa que a abandonei, mas talvez tenha regressado precisamente na altura certa. Sou a única pessoa que tem o poder de deixá-la ser criança durante mais algum tempo. De garantir que não se poderá culpar por uma decisão sobre a qual poderá ter dúvidas para o resto da vida.

Não consigo fazer isto, dissera a minha irmã.

Só quero que tudo acabe.

Cara precisa de mim. Ela não quer falar mais com os médicos, enfermeiras e assistentes sociais. Ela não quer ter de fazer esta escolha.

Por isso, serei eu a fazê-la.

O melhor dia que passei com o meu pai foi quase desastroso.

Foi logo a seguir a Cara ter nascido. A minha mãe tinha andado a ler livros sobre como educar os filhos, tentando certificar-se de que um rapazinho que tinha sido o centro das atenções durante sete anos não ia perder a cabeça quando visse um bebé entrar lá em casa. (Uma vez, tentei enfiar uma moeda de vinte e cinco cêntimos na boca de Cara como se ela fosse uma máquina de *flippers*, mas isso é outra história!) Os livros diziam: *O recém-nascido deve dar um presente ao irmão!* Por isso, quando me levaram ao hospital para conhecer aquela minúscula mancha cor-de-rosa que era a minha irmã, a minha mãe deu umas palmadinhas na cama ao lado dela.

— Olha o que Cara te trouxe — disse, e entregou-me um objeto comprido e fino, embrulhado em papel de presente.

Eu olhei para a barriga dela, perguntando a mim mesmo como era possível a bebé ter cabido lá dentro, quanto mais uma prenda daquele tamanho, mas acabei por me distrair com a ideia de que era minha. Desembrulhei-a e encontrei uma cana de pesca.

Aos sete anos, não era como os outros rapazes, que rasgavam as calças de ganga nos joelhos e apanhavam lesmas para crucificar ao sol. Era muito mais provável encontrarem-me no quarto, a ler ou a desenhar. Para um homem como o meu pai, que mal sabia como integrar-se na estrutura de uma família tradicional, ter um filho não tradicional era um quebra-cabeças impossível. Ele não sabia, literalmente, o que fazer comigo. As poucas vezes que tentara iniciar-me nas suas paixões tinham sido um desastre: caíra num monte de hera venenosa; apanhara um escaldão de tal ordem que não conseguia abrir os olhos de tão inchados que estavam. Chegou a um ponto em que, quando tinha de ir ao Redmond's com o meu pai, ficava na caravana e lia até ele ter terminado o que tinha para fazer.

Teria gostado muito mais de receber um estojo de pintura novo, com as aguarelas e canetas de feltro alinhadas como um arco-íris.

— Eu não sei pescar — observei.

— Bem — exclamou a minha mãe —, então o papá precisa de te ensinar!

Já tinha ouvido aquela deixa antes. *O papá ensina-te a andar de bicicleta. O papá pode levar-te a nadar esta tarde.* Mas surgia sempre qualquer coisa, e essa coisa não era eu.

— Luke, porque não vão experimentá-la agora? Assim, eu e Cara podemos fazer uma sesta.

O meu pai olhou para a minha mãe.

— Agora?

Mas não ia discutir com uma mulher que tinha acabado de dar à luz. Olhou para mim e disse que sim com a cabeça.

— Está um belo dia para apanhar peixe — disse, e bastaram aquelas palavras para me fazer pensar que podia ser o início de

algo diferente entre nós. Algo maravilhoso. Na televisão, os pais e os filhos estavam sempre a pescar. Tinham conversas profundas. A pesca podia ser a única coisa que eu e o meu pai podíamos partilhar, só que eu ainda não sabia disso.

Fomos de carro até ao Redmond's.

— Fazemos assim — disse ele. — Enquanto eu dou de comer aos lobos, tu vais apanhar minhocas.

Eu disse que sim com a cabeça. Teria escavado a terra até à China à procura de minhocas se isso fosse um pré-requisito. Estava com o meu pai, sozinho, e ia apaixonar-me pela pesca, custasse o que custasse. Imaginava uma série de dias no futuro que nos envolviam aos dois, a criar laços afetivos sobre picão-verde e perca-listrada.

O meu pai levou-me a um barracão de ferramenta atrás da jaula onde estavam os gibões e descobriu uma pá de metal enferrujado. Depois, foi até ao monte de estrume atrás do aviário, para onde todos os tratadores levavam diariamente os seus carrinhos de mão, depois de limparem as jaulas dos animais. Revolveu um pedaço de terra que parecia borras de café e pôs as mãos nas ancas: — Dez minhocas — disse. — Vais sujar as mãos.

— Não faz mal — respondi.

Enquanto ele ia ver a alcateia, tirei cuidadosamente uma dúzia de minhocas da terra e fechei-as no saco plástico de fecho hermético que o meu pai me tinha dado. Ele voltou com a sua própria cana de pesca. Depois, saímos pelo portão das traseiras, por trás dos leões, e segui o meu pai até à floresta, afastando os fetos para descer um caminho enlameado. Estava a ser picado por mosquitos e já perguntava a mim mesmo quanto tempo faltaria para lá chegar (onde quer que fôssemos), mas não me queixei. Em vez

disso, ouvi o meu pai assobiar e imaginei como seria incrível mostrar a minha cana ao meu melhor amigo, Logan, que vivia na casa ao lado e que estava sempre a gabar-se de ter recebido o jogo *Sonic the Hedgehog 3* pelo seu aniversário.

Após uns dez minutos, a floresta desembocou na berma de uma estrada. O meu pai agarrou-me a mão com força, olhou para os dois lados e depois atravessou a estrada a correr. A água cintilava, da mesma forma que o anel da minha mãe fazia por vezes danças de luz no teto. Havia uma vedação e uma tabuleta branca com letras pretas.

— O que significa PASSAGEM PROIBIDA? — perguntei, a sondar.

— Não significa nada — disse o meu pai. — A terra não é de ninguém. Apenas estamos a pedi-la emprestada.

Passou-me por cima da vedação e depois saltou-a ele, e sentámo-nos lado a lado à beira da represa. A cana de pesca do meu pai estava enferrujada nos sítios onde a minha brilhava. E a minha tinha um objeto vermelho e branco na linha, como uma boia minúscula. Sentei-me sobre os joelhos, depois em cima do rabo, depois ergui-me e fiquei novamente sobre os joelhos.

— A regra número um para pescar — disse-me ele — é estar quieto.

Mostrou-me como libertar o anzol da passadeira onde estava enfiado por razões de segurança e depois tirou uma minhoca do saco de plástico.

— Obrigado — disse ele baixinho.

— Pelo quê?

Olhou para mim.

— Os meus amigos nativos americanos dizem que um animal que dá a vida para alimentar outro deve ser honrado pelo sacrifício

— disse o meu pai, e espetou a minhoca no anzol.

Não parava de se contorcer. Pensei que ia vomitar.

O meu pai ajoelhou-se atrás de mim e pôs os braços à minha volta.

— Carregas aqui neste botão — disse ele, pressionando o meu polegar contra o carrinho *Zebco* — e segura-lo assim. Dá balanço da direita para a esquerda. — Com o seu corpo encostado ao meu, fomos oscilar em simultâneo e, no último minuto, largou o botão de maneira que a linha descrevesse um arco sobre a água, numa parábola prateada. — Queres experimentar?

Eu podia tê-lo feito, mas queria sentir outra vez o bater do coração do meu pai, como um tambor entre as minhas omoplatas.

— Pode mostrar-me mais uma vez? — pedi.

Ele fê-lo duas vezes. E depois pegou na sua própria cana.

— Agora, quando a boia começar a andar para cima e para baixo, não puxes. Há uma diferença entre picar e morder o isco. Quando for para baixo e ficar por lá, aí é que tu puxas e comesças a enrolar o carrinho.

Vi-o agradecer a outra minhoca e enfiá-la no anzol. Eu estava a segurar a cana com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos. Soprava um vento de leste, e isso fazia a boia ressaltar um bocadinho na água. Tinha medo de poder perder um peixe por pensar que era a brisa. Mas também tinha medo de enrolar a linha demasiado cedo e que a minha minhoca tivesse dado a vida para nada.

— Quanto tempo leva? — perguntei.

— Regra número dois para pescar — disse o meu pai. — Ser paciente.

De repente, senti um esticção na linha, como se tivesse acordado de um sonho a meio de um jogo da corda. Quase deixei cair a cana.

— Éumpeixeéumpeixe — gritei, pondo-me em pé, e o meu pai sorriu.

— Então, é melhor tirá-lo para fora, amigo — disse ele. — Devagarinho...

Mas antes que me pudesse ajudar, também apanhou um peixe. Levantou-se enquanto o peixe tentava fugir mais para o meio da represa, fazendo curvar a ponta da cana como uma vara de vedor. Entretanto, o meu peixe veio à superfície da água com um chape. Tinha enrolado o máximo possível; o peixe agitava-se e contorcia-se a centímetros do meu peito.

— O que é que faço agora? — gritei.

— Espera — disse o meu pai. — Ajudo-te assim que tirar o meu.

O peixe era uma perca-listrada, com barbatanas finamente serrilhadas. Tinha os olhos vítreos e assustadiços, como os da boneca de porcelana que tinha sido da avó da minha mãe e que ela dizia ser demasiado antiga e especial para sair da prateleira. Tentei agarrar a perca por duas vezes, mas ela resvalou e debateu-se, fugindo-me da mão.

Mas o meu pai tinha-me dito para esperar. Por isso, embora tivesse medo que os picos das suas barbatanas se espetassem em mim, e embora o peixe cheirasse como o interior de uma bota de borracha e me batesse com o rabo, assim fiz.

O meu punho cerrou-se à volta do peixe, que não tinha mais de quinze centímetros, mas parecia enorme. Os meus dedos não chegavam para o segurar a toda à volta, e ele continuava a debater-se e a tentar tirar o anzol que tinha na boca, que lhe saía pela pele

prateada da garganta e me deixava maldisposto. Apertei com mais força, para ter a certeza de que não escapava.

Mas creio que o apertei demasiado.

Os olhos da perca esbugalharam-se e as suas entranhas saíram de esguicho por baixo. Horrorizado, larguei a cana e olhei para a minha mão, coberta de tripas de peixe, e para a perca morta que continuava presa à linha.

Não pude evitar e desatei a chorar.

Estava a chorar pelo peixe e pela minhoca, que tinham ambos morrido sem motivo. Estava a chorar porque sabia que tinha feito asneira. Estava a chorar porque pensava que aquilo significava que o meu pai não ia querer pescar comigo outra vez.

O meu pai olhou para mim e para os restos mortais da perca.

— O que *fizeste*? — disse ele, e nesse momento de distração a sua própria linha partiu-se. Fosse qual fosse o enorme peixe que ele tinha estado a puxar, desaparecera.

— Matei-o — solucei.

— Bem — observou ele —, ias matá-lo, de qualquer forma.

Isso não me fez sentir melhor. Ainda chorei mais, e o meu pai olhou em volta, embaraçado.

Não era ele que me abraçava quando eu estava doente, nem que me acalmava quando eu tinha um pesadelo — era a minha mãe. O meu pai estava tão fora do seu elemento com um miúdo aterrorizado como eu com uma cana de pesca.

— Não chores — disse ele, mas eu já tinha transposto a linha de pânico que as crianças pequenas ultrapassam por vezes, em que a minha pele estava quente e a respiração arquejante, marcas claras de histeria. Estava ranhoso, e isso fez-me pensar no visco do peixe entre os dedos e fez-me chorar ainda mais.

Ele devia ter-me abraçado. Devia ter dito que não fazia mal e que podíamos tentar outra vez.

Em vez disso, disse bruscamente: — Já conheces a piada do teto? Não? Bem, provavelmente não chegas lá...

Não sei o que o fez dizer uma piada. Uma piada sem graça. Mas foi tão estranho, tão diferente daquilo que eu precisava naquele momento, que me silenciou. Solucei e olhei-o por entre as pestanas molhadas.

— O que diz uma zebra para uma mosca? — disse ele, e as palavras saíram-lhe rápidas e desesperadas. — Tu estás na minha lista negra.

Limpei o nariz à manga e ele despiu a camisa e usou-a para me enxugar suavemente o rosto e instalar-me no seu colo.

— Uma garrafa de gás encontra um balão — disse o meu pai. — E a garrafa pergunta: «Posso contar-te uma anedota?» E o balão diz: «É melhor não, que ainda rebento a rir.»

Eu não compreendi nenhuma das piadas; era demasiado novo. E nunca tinha pensado no meu pai como comediante frustrado. Mas ele tinha os braços à minha volta e, desta vez, não envolvia lições para lançar a cana.

— Foi um acidente — disse-lhe, e os meus olhos ficaram novamente rasos de lágrimas.

O meu pai pegou na faca que trazia no bolso, cortou a linha e atirou os restos mortais do peixe para a água, onde eu já não teria de vê-lo.

— Sabes porque é que o canguru entrou para a universidade? Porque tinha bolsa. — Limpou as mãos às calças de ganga. — Regra número três para pescar: o que acontece no lago fica no lago.

— Eu não sei nenhuma piada — disse.

— O meu avô costumava contar-mas quando eu ficava assustado.

Não conseguia imaginar o meu pai, que achava normal lutar com um lobo, assustado com o que quer que fosse.

Ele ajudou-me a levantar e pegou na minha cana e na dele. Os fiapos de linha de pesca solta voavam pelo ar como a seda de uma aranha.

— O seu pai também lhe contava piadas? — perguntei.

Nessa altura, o meu pai afastou-se um passo de mim, mas pareceu um quilómetro.

— Nunca conheci o meu pai — disse, virando-me as costas.

Percebi que era a única coisa que tínhamos em comum.

Estou sentado às escuras no quarto do meu pai, com a luz verde dos monitores por trás dele a projetar sombras sobre a cama. Tenho os cotovelos apoiados nos joelhos e o queixo pousado sobre as mãos em concha.

— Sabe porque é que as galinhas chocam? — murmuro.

Não há resposta.

— Porque não têm travões.

Esfrego os olhos, que estão a arder. Secos. Sem lágrimas.

— E sabe porque é que os comboios não têm rodas de borracha? — insisto. — Para não apagar as linhas.

Em tempos, as piadas sem graça distraíam o meu pai o suficiente para ele deixar de se sentir assustado. Mas comigo não está a funcionar.

Batem ao de leve na porta aberta e uma mulher entra no quarto.

— Edward? — diz ela. — O meu nome é Corinne d'Agostino. Sou coordenadora de doação no Banco de Órgãos da Nova Inglaterra.

Veste uma camisola verde com folhas bordadas e o seu cabelo castanho está cortado curto. Faz-me lembrar o Peter Pan, o que é irónico. Aqui, não há Terra do Nunca nem eterna juventude.

— Lamento imenso o que aconteceu com o seu pai.

Digo que sim com a cabeça. Sei que é do que ela está à espera.

— Fale-me um bocadinho sobre ele. O que gostava ele de fazer?

Por *esta* é que eu não esperava. Não sou propriamente a pessoa mais qualificada para responder àquela pergunta.

— Ele estava sempre fora — digo finalmente. — Estudava o comportamento dos lobos vivendo com alcateias.

— Isso é espantoso — diz Corinne. — Como se envolveu nisso?

Alguma vez lhe perguntei? Provavelmente, não.

— Achava que os lobos tinham má reputação — replico, lembrando algumas das preleções que o meu pai costumava dar aos turistas que enchiam o Redmond's durante o verão. — E queria clarificar as coisas.

Corinne puxa uma cadeira.

— Parece que ele se preocupava muito com os animais. Muitas vezes, essas pessoas também querem ajudar outras.

Esfrego as mãos no rosto, subitamente exausto. Já não quero estar com rodeios. Só quero que aquilo termine.

— Escute, a carta de condução do meu pai diz que ele quer ser dador de órgãos. Foi por isso que pedi para falar consigo.

Ela faz que sim com a cabeça, aceitando a minha deixa e desistindo das banalidades.

— Falei com o doutor Saint-Clare e estivemos a analisar a papeleta do seu pai. Sei que as suas lesões foram tão graves que ele nunca irá recuperar a qualidade de vida que tinha. Mas nenhuma dessas lesões danificou os órgãos internos. Uma doação após

paragem cardíaca é uma verdadeira dádiva para outras pessoas que estão a sofrer.

— Vai doer-lhe?

— Não — promete Corinne. — Ele continua a ser um doente, e o seu conforto é a nossa principal preocupação. Pode estar com ele quando suspenderem as medidas de suporte de vida.

— Como se processa?

— Bem, a doação de órgãos após paragem cardíaca é diferente da doação após morte cerebral. Começaríamos por analisar a decisão de suspender o tratamento, que tomou em conjunto com a equipa médica, e a situação do seu pai como dador registado. Depois, iríamos trabalhar com os cirurgiões responsáveis pelos transplantes para combinar a altura certa para descontinuar as medidas de suporte de vida e proceder à doação dos órgãos. — Inclina-se com as mãos entrelaçadas no meio das pernas, sem nunca desviar o olhar do meu. — A família pode estar presente. O Edward estaria aqui, juntamente com o neurocirurgião do seu pai e os médicos e enfermeiras da UCI. Ser-lhe-á administrada morfina por via intravenosa. Haverá uma linha arterial a monitorizar a pressão arterial, e uma das enfermeiras ou médicos irá desligar o ventilador que o ajuda a respirar. Sem oxigénio, o coração deixa de bater. Assim que ele ficar assistólico, o que significa que o coração parou, terá oportunidade de se despedir, e depois levamo-lo para a sala de operações. Cinco minutos depois de o coração parar, será declarado morto e a colheita de órgãos iniciar-se-á com outra equipa de médicos, a equipa de transplantes. Normalmente, nas doações após paragem cardíaca, é feita a colheita dos rins e do fígado, mas de vez em quando também são doados corações e pulmões.

Quase parece cruel estar a discutir aquilo literalmente sobre o corpo inconsciente do meu pai. Observo-lhe o rosto e os pontos ainda ensanguentados na sua têmpora.

— E o que acontece depois disso?

— Depois da colheita de órgãos, é levado para a morgue do hospital. Eles contactam a agência funerária que vocês tiverem contratado — explica Corinne. — Também hão de receber uma carta nossa, a falar-lhes das pessoas que receberam os órgãos do vosso pai. Não partilhamos nomes, mas muitas vezes ajuda a família ver as vidas que foram mudadas com os órgãos do dador.

Se olhasse para os olhos de um homem que tivesse recebido as córneas do meu pai, continuaria a sentir que não estava à altura das suas expectativas?

— Há uma coisa que precisa de saber, Edward — acrescenta. — A doação após paragem cardíaca não é uma certeza, ao contrário da doação após morte cerebral. Vinte e cinco por cento das vezes, os pacientes acabam por não ser candidatos.

— Porquê?

— Porque há uma probabilidade de o seu pai não ficar assistólico na janela de oportunidade necessária para colher os órgãos. Às vezes, depois de o ventilador desligado, o paciente continua a respirar de forma irregular. É designada «respiração agónica» e, durante esse tempo, o coração continuará a bater. Se isso se prolongar durante mais de uma hora, a doação é cancelada porque os órgãos já não serão viáveis.

— E o que acontece ao meu pai?

— Morre — diz ela simplesmente, com sinceridade. — Pode levar de duas a três horas. Durante esse tempo, será mantido confortável, aqui mesmo, na sua própria cama. — Corinne hesita. —

Mesmo que a doação não seja bem-sucedida, não deixa de ser uma dádiva maravilhosa. É uma forma de honrar a vontade do seu pai, e nada poderá minimizar isso.

Toco na mão do meu pai, imóvel sobre as mantas. É como a mão de um manequim, branca e fria.

Se cumprir a última vontade do meu pai, será que isso porá uma pedra no assunto? Estarei perdoado por odiá-lo de cada vez que não comia connosco, por destruir o seu casamento, por dar cabo da vida de Cara e por fugir?

Corinne põe-se em pé.

— Com certeza que precisa de algum tempo para pensar sobre isto — diz. — Para discutir o assunto com a sua irmã.

A minha irmã confiou-me esta decisão porque está demasiado próxima para tomá-la.

— Eu e a minha irmã já conversámos. Ela é menor. Em última análise, a decisão é minha.

Com um movimento de cabeça, ela indica que sim.

— Se não tem mais perguntas, então...

— Tenho — replico. — Tenho mais uma pergunta. — Olho para ela, uma silhueta na obscuridade. — Dentro de quanto tempo podem fazer isso?

Nessa noite, digo à minha mãe que eu e Cara conversámos, que ela já não quer ter de lidar mais com aquele pesadelo e que eu não quero que ela tenha de fazê-lo. Digo à minha mãe que tomei a decisão de deixar o meu pai morrer.

Só não lhe digo quando. Tenho a certeza de que ela pensa que a cessação das medidas de suporte de vida será daí a alguns dias, que terá tempo para ajudar Cara a processar todas as emoções, mas na verdade isso é completamente inútil. Se estou a fazer isto

para proteger Cara, então quanto mais depressa melhor, evitando dor desnecessária. Não basta eu tomar a decisão; também é preciso que seja executada, para que não haja segundas opiniões e ela não fique emocionalmente destruída.

A minha mãe estreita-me nos braços e eu descanso a cabeça no seu ombro enquanto ela chora um bocadinho. Pode ter-se separado do meu pai, mas isso não significa que não o tenha amado em tempos. Sei que está perdida nos seus pensamentos sobre a sua vida com ele, e provavelmente é isso que a impede de fazer perguntas a que eu não poderia responder de forma verdadeira. Quando ela se lembrar de as fazer, já tudo estará acabado.

Depois de ela regressar à sua vigília no quarto de Cara, assino a papelada, telefono para uma agência funerária da lista que Corinne me deu, e a seguir saio do hospital. Mas em vez de ir para casa do meu pai, levo o carro até à estrada que passa pelo Redmond's e estaciono perto da represa onde fomos uma vez pescar.

Vejo-me obrigado a desbravar algum mato para conseguir encontrar o trilho por onde o meu pai me levou há muitos anos, aquele que vai dar aos cercados dos lobos. Às escuras, amaldiçoo-me por não ter levado uma lanterna, por ter de me guiar pela luz da lua. A neve nesta floresta dá-me pelos joelhos; não tarda muito até ficar encharcado e a tiritar de frio.

Vejo uma luz na cabana no topo da colina. Walter ainda está acordado. Podia bater-lhe à porta e contar-lhe a decisão que tomei em nome do meu pai. Talvez ele abrisse uma garrafa e brindássemos à vida do homem que era o nosso elo de ligação.

Mas o mais provável é que Walter não tenha nenhuma garrafa ali. O meu pai sempre disse que o olfato de um lobo é tão avançado que não reconhece apenas champôs e sabonetes; é capaz de

identificar aquilo que digerimos, quando e como, dias depois de o termos feito. Consegue detetar o medo, a excitação, o contentamento. As crias de lobo nascem surdas e cegas, apenas com o sentido do olfato para reconhecerem a mãe e os outros membros da sua alcateia.

Pergunto a mim mesmo se os lobos saberão que estou ali, simplesmente por ser filho do meu pai.

De repente, ouço uma nota lúgubre, que acaba por baixar alguns tons até se transformar noutra. Uma pausa. Volta a soar a mesma nota, tão clara como um arco num violino. Faz qualquer coisa dentro de mim cantar como um diapasão.

A princípio, penso que é um uivo de alarme, pois os lobos conseguem cheirar um intruso, mesmo àquela distância.

Depois, percebo que é uma elegia.

Um *requiem*.

Uma canção por um membro da alcateia que não vai regressar.

Pela primeira vez desde que recebi aquele telefonema na Tailândia, pela primeira vez desde que cheguei, pela primeira vez desde há muito tempo, começo a chorar.

É um funeral. Só ainda não temos o corpo.

Estou desajeitadamente de pé junto à cama do meu pai. São 9h00 da manhã em ponto. A equipa de transplantes está pronta, na sala de operações. Corinne está aqui, assim como duas enfermeiras da UCI e Trina. Há uma mulher de fato — disseram-me que é do departamento jurídico. Suponho que o hospital tenha de cumprir todos os trâmites antes de desligar o suporte de vida.

Trina vem para o meu lado.

— Sente-se bem? — pergunta ela com delicadeza. — Quer que lhe traga uma cadeira?

— Prefiro ficar em pé — replico.

Dentro de cinco minutos, o meu pai será declarado morto. E alguém terá uma segunda oportunidade na vida.

O doutor Saint-Clare entra no quarto, seguido pelo doutor Zhao, o médico da UCI.

— Onde está a filha do senhor Warren? — pergunta o doutor Zhao.

Todos os olhos se viram para mim.

— Cara disse-me para tratar de tudo — respondo.

O doutor Zhao franze o sobrolho.

— Ainda ontem ela não estava muito recetiva à ideia de descontinuar o suporte de vida do pai...

— Edward assegurou-me de que ela tinha dado o seu consentimento antes de assinar a papelada — diz o doutor Saint-Clare.

Será que não compreendem que era isto que o meu pai teria querido? Não apenas que o livrasse do seu inferno vegetativo, mas também que protegesse Cara. Estou a salvá-la de ter de tomar uma decisão que lhe deixaria o coração destroçado. E estou a salvá-la de desperdiçar a vida como cuidadora de um inválido.

— Isso é tudo muito bonito — diz a advogada, dando um passo em frente —, mas preciso de ouvi-lo da boca de Cara.

LUKE

Dois dias depois de a alcateia ter respondido aos meus uivos, estava sentado debaixo de uma árvore a desemaranhar uma armadilha quando o grande lobo macho apareceu de repente e correu a toda a velocidade em direção a mim. Os outros quatro lobos pareciam fantasmas entre as árvores, vindo depois perfilar-se como sentinelas em fila. Eu estava indefeso, ali sentado. Tinha a certeza de que era agora que ia morrer. Podia rebolar sobre as costas e expor a garganta, mas não sabia se tinha tempo para pedir ao animal que confiasse em mim antes de ele me enterrar os seus dentes na carne.

No último momento, imobilizou-se à minha frente. Esticou o pescoço, como se me quisesse cheirar, mas sem se aproximar mais. Depois, sem aviso, mordiscou-me o joelho exatamente no mesmo sítio onde tinha sido mordido há anos por Arlo, no jardim zoológico. Bruscamente, deu meia-volta e foi ter com o resto da alcateia, que começou a lambê-lo intensamente junto à boca.

No dia seguinte, o grande macho regressou, desta vez com duas crias, um macho e uma fêmea. Elas flanqueavam-no, observando atentamente. O grande lobo cheirou-me as botas e depois andou à minha volta, como que a tentar perceber se havia alguma coisa nova em mim que pudesse constituir uma ameaça. Os filhotes aproximaram-se para investigar e o grande lobo mordiscou-lhes os focinhos. A mim, mordeu-me por três vezes, beliscando-me a carne por baixo dos joelhos, apoiando-se no meu ombro. Depois de cada mordidela, olhava para mim, imperscrutável. Esfregava o seu corpo contra o meu, como um gato num poste daqueles que eles têm para arranhar.

A seguir, passou para trás de mim, deixando as crias à frente. Comecei a transpirar — não era confortável ter um animal selvagem num sítio onde não o podia ver — e nesse instante a boca do lobo fechou-se à volta do meu pescoço, por trás. Conseguia sentir os seus dentes compridos a roçar-me a jugular.

Nesse momento, a cria fêmea avançou rapidamente e deu-me uma mordidela no joelho, precisamente quando o lobo grande me largou o pescoço. Quando ele foi calmamente ter com os outros dois lobos que estavam à espera na orla da clareira, com as crias a reboque, fiz algo que ainda hoje não sei onde fui buscar coragem para fazer.

Segui-o.

Avancei de joelhos e mãos no chão, aos tropeções, desajeitado. O grande macho olhou duas vezes para trás e é claro que me viu. Sabia que, se ele achasse aquilo má ideia, não teria dificuldade nenhuma em dar-me uma lição, mas em vez disso limitou-se a seguir o seu caminho. Nunca tinha estado tão próximo da alcateia; conseguia sentir o cheiro da lama agarrada às suas patas e o odor almiscarado das suas pelagens húmidas.

Dos dois lobos que tinham ficado longe de mim, um era a fêmea alfa. Era mais pequena, com riscas pretas no dorso, cauda e alto da cabeça, grossas como se tivessem sido feitas com tinta. Olhando-me fixamente, arreganhou os dentes e enrolou a língua.

Eu estava a cerca de vinte e cinco metros quando ela começou a rosnar.

De imediato, as crias correram para o lado dela e fizeram um ar ameaçador. O grande macho pôs-se de permeio, mas ela mordeu-o e meteu-o na linha. A fêmea alfa baixou as orelhas e ladrou de

forma ameaçadora. Depois, deu meia-volta e levou os outros novamente para o meio das árvores.

O grande macho hesitou, captando o meu olhar.

Muito se tem dito sobre o olhar de um lobo-cinzento. É direto, ponderado, misteriosamente humano. O lobo nasce com olhos azuis, mas, passadas seis ou oito semanas, ficam âmbar. E se alguma vez tiveram a sorte de olhar um lobo nos olhos, sabem como são penetrantes. Olham-nos, e nós percebemos que eles estão a tirar um instantâneo de cada fibra do nosso ser; que nos conhecem ainda melhor do que nós próprios.

Eu e o lobo avaliámo-nos mutuamente. Depois, ele baixou a cabeça, deu meia-volta e desapareceu na floresta.

Não voltei a ver aquela alcateia de lobos durante seis semanas. De vez em quando, ouvia-os chamar, mas já não era um chamamento para substituir um elemento em falta — apenas um uivo de localização para se certificarem de que mantinham outras alcateias e animais à distância. O meu convite tinha sido revogado. Eu passara em revista o que tinha acontecido entre nós, se aquele último olhar do grande macho teria sido a sua forma de me transmitir que me tinham dado uma oportunidade e que eu não estivera à altura. Mas ele não ter optado por me dilacerar a garganta levava-me a acreditar que não era isso. Que mesmo que a fêmea alfa não gostasse muito de mim, mais de metade da sua alcateia gostava.

Apareceram no primeiro dia que parecia verdadeiramente primaveril — quando estava calor suficiente para eu partir o gelo do ribeiro para beber sem ter de usar uma pedra ou um pau, quando tinha aberto o fecho do fato-macaco para a brisa me refrescar. Tal como antes, apareceram de forma silenciosa, uma cortina de

nevoeiro cinzento. Deixei-me cair de imediato, para que o meu corpo ficasse abaixo do deles. Até mesmo a fêmea alfa se aproximou.

Mostravam-se enérgicos e turbulentos, mais ativos do que da última vez. Senti um alívio assombroso por terem voltado e por eu já não estar sozinho naquele lugar selvagem. O grande macho veio outra vez ter comigo a correr, como fizera semanas antes, e pôs-me as patas nas costas com todo o seu peso. Nesta pose vulnerável, estava a oferecer-lhe a vida e, sinceramente, estava tão feliz por vê-lo outra vez que nem sequer estava tão aterrorizado como devia.

Talvez fosse por ter baixado a guarda, talvez fosse porque o planeta dava sinais de degelo e eu me sentia orgulhoso por ter sobrevivido ao inverno... Há uma dúzia de razões para não ter previsto o que aconteceu a seguir. O lobo grande desapareceu de repente e a fêmea alfa tomou o seu lugar. As suas patas dianteiras prendiam-me os ombros ao chão e o seu peso recaía sobre a metade inferior do meu corpo. Estava a dois centímetros do meu rosto, a rosnar e a mordiscar-me. Quando o macho se aproximou, ela atacou-o e mordeu-o e ele retirou-se furtivamente.

A sua respiração vinha em bafoes quentes; a sua saliva escorria-me pela testa, mas de cada vez que eu pensava que me ia rasgar a carne, ela refreava-se. Mantive-me perfeitamente imóvel durante os cinco minutos que passaram até ela me largar. Afastou-se, mas em vez de desaparecer na floresta, deitou-se em cima de uma pedra, ao sol. O grande macho acomodou-se ao lado dela.

Eu estava pasmado por terem escolhido continuar na minha companhia, em vez de desaparecerem, como de costume. E depois, para meu espanto, os outros três lobos deixaram a proteção das árvores e vieram para a clareira. Estenderam-se ao pé de mim, dos

dois lados. A fêmea mais jovem bocejou e cruzou as patas dianteiras.

Não nos estávamos a tocar, mas eu conseguia sentir o calor dos seus corpos e estava mais quente do que alguma vez estivera desde há meses. Não me mexi durante mais de uma hora. Deitado entre eles naquela poça de sol, escutei o som da sua respiração.

Ao contrário dos lobos, não consegui dormir. Por um lado, estava demasiado excitado; por outro, não parava de olhar de relance para a fêmea alfa.

Percebi que ela não me tinha tentado matar.

Tinha-me dado uma lição.

Naqueles cinco minutos, podia ter morrido. Em vez disso, estava a ter uma segunda oportunidade na vida.

CARA

Estão a dar-me alta. Agora, que a minha febre baixou e que parece que vou sobreviver à cirurgia ao ombro, querem a cama para alguém que precise mais dela. A má notícia é que ainda não posso voltar para a escola, pois ainda não posso fazer coisas como segurar um garfo ou lápis, ou abrir o fecho das minhas próprias calças de ganga para ir à casa de banho. A boa notícia é que vou ficar em casa da minha mãe e terei imenso tempo para pesquisar informação sobre traumatismos cranioencefálicos e outros casos como o do meu pai. Outros casos em que os pacientes tenham melhorado, contra todas as probabilidades.

A minha mãe promete que assim que tiver os papéis da enfermeira, podemos ir lá abaixo para eu ver o meu pai antes de deixar o hospital.

Já estou pronta há uma hora. Estou sentada na cama, de duche tomado e vestida, extremamente impaciente. O cateter endovenoso já foi retirado. Pelo que o balcão das enfermeiras disse à minha mãe, a papelada está pronta; só falta lá ir o meu cirurgião ortopédico, para dar as instruções de alta e assinar o registo oficial de saída.

A minha mãe está a falar com Joe pelo *iPhone*, a dizer-lhe que vamos para casa. Os seus olhos bailam como nunca aconteceu enquanto esteve ali enfiada. Também ela quer voltar à vida que tinha. Só que é ligeiramente mais fácil para ela do que para mim.

Quando a porta se abre, ela levanta-se.

— Temos de ir, querida — diz ela, e desliga.

Virámo-nos ambas, à espera de ver o meu médico, mas em vez dele entra Trina, a assistente social, com uma mulher que eu nunca vi antes, de saia travada e blusa de seda verde.

— Cara — diz Trina —, esta é Abby Lorenzo. É advogada do hospital.

Entro imediatamente em pânico, a pensar nos dois polícias e na análise ao sangue que mostrava que eu tinha estado a beber naquela noite. Fico com a boca seca e a minha língua parece ter a espessura de um colchão.

Quererá isto dizer que perceberam o que aconteceu?

— Queria fazer-lhe umas perguntas sobre o seu pai — diz a advogada, e nesse instante tenho a certeza de que fiquei petrificada, de que já não posso fugir.

— Parece abalada — diz Trina, franzindo a testa. — Edward disse que vocês os dois tinham conversado.

— Não falo com ele desde ontem — replico.

A minha mãe põe a mão sobre a minha e aperta-ma.

— O meu filho disse-me que ele e Cara decidiram que, daqui para a frente, seria Edward a tomar as decisões médicas relativas ao pai.

— O quê? — pergunto, olhando para a minha mãe com ar surpreendido. — Estão a *brincar* comigo?

A advogada olha para Trina.

— Então, não deu consentimento para descontinuar as medidas de suporte de vida ao seu pai no dia de hoje?

Nem sequer penso. Limito-me a saltar da cama aos tropeções, descalça, usando o ombro bom para abrir caminho entre as duas mulheres. E corro. Primeiro até à escada, depois desço ao piso da UCI, segurando o braço magoado junto ao peito e lutando contra a dor que sinto a cada abanão e a cada curva.

Porque desta vez, quando salvar o meu pai, não vou fazer asneira.

LUKE

Os meus amigos nativos americanos chamam-lhe a dança da morte: o momento em que dois predadores se avaliam mutuamente. Para um lobo no mundo natural, o cérebro não tem escolha. Não consegue dizer: vem ali um urso e eu vou morrer. Em vez disso, pensa: Que sei eu sobre este urso? Que sei eu sobre o meu meio? Quais os membros da minha família que preciso de proteger? De repente, o urso deixa de ser uma ameaça. Ele sabe que és um predador e tu sabes que ele é um predador. Respeitam o terreno um do outro, rodando muito lentamente, de olhos nos olhos. O espaço entre os dois é a diferença entre a vida e a morte. Será que ele te vê como presa? Ou ver-te-á como algo que pode fazer-lhe mal quando for atrás de ti? Se conseguires deixar-lhe essa dúvida na cabeça, o mais provável é que te deixe em paz.

EDWARD

Ela é um autêntico furacão de um metro e sessenta: com o rosto corado e sulcado de lágrimas e o cabelo em desalinho. E vem direitinha a mim.

— Parem! — diz Cara. — Ele é um mentiroso!

Os médicos foram-se embora, prontos a serem chamados pelo *pager* assim que obtivermos a autorização da advogada. Corinne tem estado a andar nervosamente de um lado para o outro; a janela de oportunidade para a doação de órgãos é estreita e está a desaparecer momento a momento. Eu só estava a fazer o que Cara pedira. Ela queria que aquilo acabasse, mas estava demasiado ligada ao meu pai; eu compreendia isso. Era como a criança que estende o braço para levar uma vacina e fecha os olhos com força porque não quer ver até estar tudo acabado.

Mas, aparentemente, Cara mudou de ideias. Antes que ela tenha possibilidade de me arrancar os olhos, uma enfermeira agarra-a pela cintura. Corinne dá um passo em frente.

— Está a dizer que não deu consentimento para a doação de órgãos?

— Não basta matá-lo? — pergunta-me Cara aos berros. — Também tens de cortá-lo em bocadinhos?

Talvez devesse ter perguntado à minha irmã se queria estar presente. Pelo que ela dissera ontem, imaginava que não estivesse emocionalmente capaz disso. Este acesso de fúria só vem reforçar essa ideia.

— O pai não queria isso. Foi ele que me disse.

Por esta altura, a advogada do hospital, Trina e a minha mãe já chegaram ao quarto.

— Bem, não foi isso que o pai *me* disse — replico.

— Quando? — escarnece. — Não vives connosco há seis anos!

— Parem com isso, os dois — diz a advogada. — O que posso dizer-lhes é que não vai acontecer nada hoje. Vou pedir que seja nomeado um tutor temporário para analisar o caso do vosso pai.

Cara descontrai visivelmente. Apoia-se na minha mãe, que está a olhar para mim como se nunca me tivesse visto.

Aquilo que faço a seguir, faço-o porque tenho uma carta a queimar no bolso do peito que serve de validação.

Ou porque sei melhor do que Cara que temos de viver com as escolhas que fazemos.

Ou porque, por uma vez, quero ser o filho que o meu pai queria.

Inclino-me para a frente apoiando as mãos nos joelhos, como se estivesse desapontado. Depois, mergulho sobre o linóleo, empurrando para o lado a enfermeira que está sentada ao lado da máquina que está a respirar pelo meu pai, esperando pela indicação que não vai surgir.

— Lamento — digo em voz alta ao meu pai, à minha irmã e a mim mesmo, e arranco a ficha do ventilador da tomada.

Se chamares um lobo, convidas a alcateia.

— Provérbio búlgaro

SEGUNDA PARTE

CARA

A princípio, quando o alarme dispara, nem sequer percebo o que aconteceu.

Depois, levanto o rosto do ombro da minha mãe e vejo Edward de joelhos, ainda agarrado ao cabo elétrico que sai do ventilador. Segura a ficha na mão, como se não fosse capaz de acreditar que ela está realmente ali.

Eu começo a gritar e é um verdadeiro pandemónio.

A enfermeira junto de Edward põe-se em pé de forma hesitante, enquanto outra enfermeira chama a segurança. Um auxiliar corpulento entra precipitadamente no quarto, empurrando a minha mãe para o lado ao tentar deter Edward. Bate com a mão de Edward contra o chão e consegue soltar o cabo elétrico. De imediato, a enfermeira volta a ligar a máquina e prime o botão de reiniciação.

Talvez tudo isto leve uns vinte segundos. São os vinte segundos mais longos da minha vida.

Sustenho a respiração até o peito do meu pai voltar a encher e a esvaziar, e só depois me permito desatar a chorar.

— Edward — diz a minha mãe, a arfar. — Onde tinhas a cabeça?

Antes que ele possa responder, chega a segurança. Dois guardas que mais parecem salsichas nos seus uniformes agarram Edward pelos braços e obrigam-no a pôr-se em pé. O doutor Saint-Clare entra no quarto a correr, esbaforido. Debruça-se sobre o meu pai, avaliando de imediato os danos que Edward provocou, enquanto uma enfermeira o põe ao corrente.

Consigo sentir a minha mãe ficar tensa atrás de mim.

— Para onde o levam? — exige saber, seguindo os guardas quando eles começam a arrastar Edward para fora do quarto. Abby Lorenzo, a advogada do hospital, vai atrás deles.

— Parem! Por favor. Ele tem estado aqui dia e noite, quase sem dormir — suplica a minha mãe. — Não estava a pensar com clareza.

— Não acredito que esteja a defendê-lo! — exclamo.

Posso ver a tempestade nos seus olhos, aquela que a está a rasgar em duas. Recuo um passo, distanciando-me dela. No fim de contas, foi ela a primeira a fazê-lo.

A minha mãe olha para mim, como quem pede desculpa.

— Ele não deixa de ser meu filho — murmura, e sai do quarto.

Trina aproxima-se de imediato.

— Cara, porque não nos vamos sentar num lugar sossegado enquanto a sua mãe resolve as coisas?

Ignoro-a.

— O meu pai está bem? — pergunto ao doutor Saint-Clare.

O neurocirurgião olha para mim. Eu sei o que ele está a pensar: *O seu pai já não estava bem.*

— Depende do tempo que estive sem oxigénio — diz o doutor Saint-Clare. — Se tiver sido mais de um minuto, pode ser clinicamente relevante.

— Cara — volta a dizer Trina —, por favor.

Toca-me no braço bom, e eu deixo que ela me leve dali para fora. Mas, durante esse tempo, a minha cabeça não para. Que tipo de pessoa desliga, literalmente, o próprio pai? Quanto ódio teria Edward de sentir para agir deliberadamente nas minhas costas e dizer a todos aqueles médicos e enfermeiras que eu tinha

concordado em descontinuar o suporte de vida, e depois, quando as coisas não correram como planeava, fazê-lo com as próprias mãos?

Trina leva-me pelo corredor até uma sala de estar. Há umas quantas no piso da UCI, para as famílias que têm uma longa espera pela frente. Esta está vazia, com desconfortáveis sofás cor de laranja e revistas de 2003 sobre as mesas de centro. Enrolo-me num novelo ao canto de um dos sofás. Sinto-me incrivelmente pequena e negligenciada.

— Sei que está perturbada — diz ela.

— Perturbada? O meu irmão mentiu a toda a gente para poder matar o meu pai. Sim, estou um bocadinho perturbada. — Passo uma mão pelos olhos. — O meu pai parou de respirar. O que vai *isso* fazer à sua recuperação?

Ela hesita.

— O doutor Saint-Clare dir-nos-á assim que puder se houve algum dano. Sei que é preciso estar sem oxigénio cerca de dez minutos para resultar em morte cerebral, se isso a deixa mais tranquila.

— E se o meu irmão tentar novamente?

— Primeiro que tudo, não terá essa oportunidade — diz Trina. — O hospital vai apresentar queixa por agressão. Neste preciso momento, Abby está a diligenciar para que o levem à esquadra. Em segundo lugar, embora Edward seja a pessoa que dispõe de competência legal para tomar uma decisão acerca do seu pai, nunca teríamos agendado uma doação de órgãos se não acreditássemos que tinha dado o seu consentimento. Peço desculpa, Cara. A coordenadora dos dadores disse-me que Edward tinha a sua autorização, mas alguém lhe devia ter feito a pergunta diretamente. Posso assegurar-lhe que não voltará a acontecer.

Não acredito numa palavra do que ela diz. Se Edward encontrou forma de lhes deitar poeira para os olhos uma vez, pode muito bem descobrir uma maneira de voltar a fazê-lo.

— Quero ver o meu pai — insisto.

— Claro que sim — diz Trina. — Mas temos de dar algum tempo aos médicos para se certificarem de que ele está bem.

O meu pai ensinou-me que os lobos conseguem ler a emoção e a doença da mesma forma que os seres humanos leem títulos de jornais. Eles sabem quando uma mulher está grávida antes de ela o saber e tratam-na com maior gentileza; identificam o visitante que sofre de depressão e tentam atacá-lo. A comunidade médica já sabe que os cães são capazes de farejar uma doença invisível, por exemplo uma doença cardíaca ou um cancro. Por outras palavras, não é possível enganar um lobo.

Mas um ser humano é fácil de enganar.

Baixo a cabeça e arregalo os olhos até eles ficarem marejados de lágrimas. Depois, olho para Trina.

— Quero a minha mãe — digo, fazendo uma voz frágil e magoada.

— Provavelmente, está lá em baixo a falar com os advogados do hospital — diz Trina. — Eu vou buscá-la. Porque não fica aqui à espera?

E é isso que faço, contando até trezentos, para ter a certeza de que Trina já não está no corredor da UCI. Depois, ponho a cabeça de fora da porta para espreitar e começo a andar calmamente em direção à escada. Sei, de quando o meu pai foi ao hospital para levar pontos no braço, que as portas da Urgência ficam numa parte completamente diferente do hospital, e é para aí que me dirijo. Para

uma saída em que não esbarre na minha mãe ou irmão, ou em alguém que me possa deter.

Não estou a pensar no que vou fazer, uma vez lá fora com a roupa do dia a dia, sem um casaco de inverno, e sem telefone ou transporte.

Também não estou a pensar na circunstância de que, tecnicamente, ainda não me foi dada alta.

Penso apenas que tempos desesperados requerem medidas desesperadas, e que *alguém* tem de impedir o meu irmão de voltar a fazer aquilo.

Na verdade, devia tornar-me mentirosa profissional. Aparentemente, tenho um dom: neste momento, já consegui enganar os polícias, a minha mãe, uma assistente social e uma mulher no Starbucks que fica ao fundo da rua do hospital. Disse-lhe que eu e o meu namorado tínhamos discutido e que ele se tinha ido embora no carro, deixando-me sem casaco, mala e telefone. Não teria ela por acaso um telefone que me emprestasse para eu ligar à minha mãe a pedir-lhe para me vir buscar? Ter o braço ligado como a asa partida de um pássaro ajuda a granjear votos de simpatia. A senhora não só me deu o telemóvel, como também me comprou um chocolate quente e um *muffin* com sementes de papoila.

Não telefono à minha mãe; telefono antes a Mariah. Na minha maneira de ver, ela tem uma grande dívida para comigo. Se não andasse atrás de um falhado qualquer, eu nunca teria ido àquela festa em Bethlehem. Se não tivesse ido àquela festa, não teria bebido. E o meu pai não teria sido obrigado a ir-me buscar. E, bem... já sabem o resto.

Mariah está na aula de Francês quando lhe ligo. Ouço-a sussurrar «Espera!», e depois, sobrepondo-se à toada monocórdica

de madame Gallenaut a conjugar o verbo *essayer*, Mariah diz: — Posso ir à casa de banho?

J'essaie.

Tu essaies.

Eu tento. Tu tentas.

— *En français* — diz madame.

— *Puis-je aller aux toilettes?*

Ouve-se um barulho de estática e, em seguida, a voz de Mariah: — Cara? — diz ela. — Está tudo bem?

— Não. Está tudo uma confusão. Preciso que me venhas buscar ao Starbucks que fica na esquina antes do desvio para o hospital.

— O que estás aí a fazer?

— Isso é uma longa história. Preciso que venhas *agora*.

— Mas estou a meio da aula de Francês. Tenho um furo ao quinto...

Hesito, recorrendo ao armamento pesado: — Eu faria o mesmo por ti — digo, as mesmas palavras que Mariah usou para me convencer a ir àquela festa em Bethlehem.

Há um pequeno silêncio.

— Estou aí dentro de dez minutos — replica.

— Mariah, enche o depósito.

O escritório do procurador do condado não tem nada o aspeto que os escritórios de advogados têm na televisão. O mobiliário é uma porcaria e a secretária está a trabalhar num computador tão velho que provavelmente ainda usa o sistema BASIC. Há um cartaz emoldurado de Machu Picchu na parede e também duas fotografias — uma de um Obama sereno e uma com Danny Boyle a apertar a mão ao governador Lynch. Há uma árvore-da-borracha moribunda a um canto.

Mariah está à espera dentro do carro, no parque de estacionamento. Não ficou nada entusiasmada com a ideia de uma viagem até North Haverhill, mas levou-me lá na mesma e até me ajudou a arranjar um estratagema para conseguir introduzir-me no gabinete do procurador.

— Danny Boyle — dissera ela. — Com um nome desses, devia mas era estar a dançar numa caixa de cereais.

Aquilo tinha-me deixado a pensar. Alguém cujo nome dava ideia de ter família em Killarney e que construía a sua plataforma política a salvar bebés ainda por nascer era, provavelmente, um católico devoto. Não podia ter a certeza, mas era um bom palpite. E todos os miúdos católicos que eu conhecia na minha escola pareciam ter milhares de primos.

Por isso, aproximo-me da secretária e espero que ela termine o seu telefonema.

— Obrigada, Margot — diz ela. — Sim, é o segmento da Fox News sobre a sua condenação recente. Em formato DVD seria ótimo.

Quando desliga, tento fazer o meu sorriso mais patético. No fim de contas, estou ali com o meu assustador braço ao peito.

— Posso ajudá-la? — pergunta a secretária.

— O tio Danny está? É mais ou menos uma emergência.

— Querida, ele sabia que vinhas? É que ele está muito ocupado agora...

Faço com que a minha voz toque as raias da histeria.

— O meu tio não lhe contou que tive um acidente de carro muito grave? E que tive uma enorme discussão com a minha mãe, e que ela me disse que não vou poder voltar a conduzir até aos quarenta anos e que vou ter de pagar o prémio do seguro e que é melhor

arranjar outra pessoa para financiar os meus estudos universitários e... *santo Deus*, será que não posso falar agora com o tio Danny, por favor? — pergunto, e começo a chorar.

A sério, estou a tornar-me candidata a um Óscar.

A secretária pestaneja diante do jorro de palavras, depois recupera e levanta-se para me reconfortar, dando-me umas palmadinhas no ombro bom.

— Pode ir direitinha ao gabinete dele, minha querida — diz. — Vou-lhe já ligar a dizer que a sobrinha está aqui.

Quando bato à porta que diz DANIEL BOYLE, PROCURADOR DO CONDADO em letras douradas no vidro, ele manda-me entrar. Está sentado atrás de uma grande secretária cheia de processos. O seu cabelo brilha, preto como a asa de um corvo, e os seus olhos dão ideia de que não deve ter dormido muito nos últimos tempos. Ele levanta-se, avaliando-me enquanto entro.

— Não é tão alto como parece na televisão — deixo escapar.

— E a menina não se parece com nenhuma das minhas sobrinhas — replica. — Escute, menina, não tenho tempo para ajudá-la a fazer o seu projeto em Cidadania para conseguir créditos extra. Mas agora, quando sair, Paula pode dar-lhe um conjunto de informações sobre o governo local...

— O meu irmão acabou de tentar matar o meu pai e preciso da sua ajuda — digo.

Danny Boyle franze o sobrolho.

— O quê?

— Eu e o meu pai estivemos envolvidos num acidente automóvel — explico. — Ele não recobrou a consciência. O meu irmão saiu de casa há seis anos, depois de uma discussão com o meu pai. Tem estado a viver na Tailândia, mas voltou para casa depois do

acidente. Ainda só passaram sete dias desde o acidente, e o meu pai só precisa de mais tempo para melhorar, mas o meu irmão não vê as coisas dessa maneira. Ele quer desligar o ventilador e doar os órgãos do meu pai, para voltar a viver a sua vida. Conseguiu convencer o hospital a fazê-lo, e quando eu perdi a cabeça e tentei impedi-los, Edward empurrou uma enfermeira e desligou ele próprio a ficha.

— E o que aconteceu?

— A enfermeira reiniciou o ventilador. Mas os médicos ainda não sabem se ter estado sem oxigénio piorou ainda mais o estado do meu pai. — Paro para respirar. — Eu vi-o nas notícias. O senhor é bom naquilo que faz. Não poderá intentar uma ação contra Edward?

Ele senta-se na borda da secretária.

— Escute, minha querida...

— Cara — interrompo. — Cara Warren.

— Cara. Lamento imenso o que aconteceu ao seu pai e o comportamento do seu irmão. Mas isso é uma questão familiar. Eu intento ações penais.

— É uma tentativa de homicídio! — digo. — Posso não passar de uma aluna de liceu, mas sei que quando se empurra uma enfermeira e se desliga o ventilador a alguém que está inconsciente, é porque se tem intenção de matar! O que pode haver de mais homicida?

— Intenção de matar não é a única coisa a ter em conta — diz Boyle. — Também é preciso provar o dolo.

— O meu irmão odeia o meu pai. Foi por isso que ele saiu de casa há seis anos.

— Pode ser que sim — diz Boyle —, mas desligar uma ficha é muitíssimo diferente de ir atrás de alguém com uma faca ou pistola.

Irei rezar pelo seu pai, mas infelizmente não posso ajudá-la.

Empertiguei-me.

— Se não me ajudar, o meu irmão vai tentar outra vez. Há de ir a tribunal dizer que a minha opinião não importa, porque sou mais nova do que ele. Vai reagendar o procedimento. Mas com uma queixa criminal contra ele, não poderá ser nomeado procurador legal do meu pai. — Quando Boyle olha para mim surpreendido, encolho os ombros. — Google — explico. Tinha usado o telefone de Mariah na viagem para ali.

Boyle suspira.

— Está bem. Vou estudar o assunto — diz. Estica a mão em direção à secretária e entrega-me um bloco e uma caneta. — Dê-me o seu nome e número de telefone.

Por isso, trato de anotá-los e devolvo-lhe o bloco.

— O meu pai pode não estar muito bem neste momento — digo-lhe —, mas isso não dá o direito ao meu irmão de fazer de Deus. Uma vida — digo, papagueando as palavras do próprio Boyle — é uma vida.

Ao descer o corredor, de volta à área da receção, consigo sentir os olhos de Danny Boyle cravados nas minhas costas como uma seta.

LUKE

Têm-me perguntado repetidamente por que motivo uma alcateia de lobos selvagens havia de aceitar um ser humano nas suas fileiras. Porquê importarem-se com uma criatura que os segue demasiado lentamente, que tropeça no escuro, não consegue falar fluentemente a sua linguagem e desrespeita inadvertidamente os seus chefes? Não era como se a alcateia não soubesse que eu não era um lobo, ou não percebesse que eu não podia ajudar a abater uma presa para obter alimento ou a protegê-los com garras e dentes. A única resposta que me ocorre é que perceberam que precisavam tanto de estudar um ser humano como eu precisava de estudá-los a eles. O mundo humano está a ganhar cada vez mais terreno ao mundo dos lobos. Em vez de negarem simplesmente esse facto, eles queriam descobrir o mais possível sobre as pessoas. De vez em quando, encontramos um cão selvagem adotado por uma alcateia pela mesma razão; aceitar-me nas suas fileiras fazia-os ficar um pouco mais próximos.

O meu objetivo, assim que eles parecessem relaxar na minha companhia, era poder segui-los quando se escapuliam por entre as árvores e desapareciam. Não era propriamente a ideia mais brilhante que tivera: podia perder-me com toda a facilidade; e, se eles comesçassem a caçar, não conseguiria acompanhá-los. Mas não podia ter chegado tão perto e desistir agora, por isso, quando os lobos se levantaram e partiram, eu fui com eles.

A princípio, consegui segui-los. Mas era noite, estava escuro como breu, e mal chegámos a uma área densamente arborizada, perdi-os de vista; os meus olhos não estavam à altura dos deles. No caminho de regresso à clareira, bati com a cabeça num ramo baixo e perdi os sentidos.

Quando voltei a mim, o Sol já ia alto no céu e a fêmea jovem estava a lamber-me o corte na cabeça. (De todos os ferimentos que fiz naqueles anos, não houve um único que ficasse infectado. Se tivesse sido capaz de engarrafar as propriedades medicinais da saliva de lobo, estaria rico.) Sentei-me cautelosamente, com as têmporas a latejar, e vi a fêmea pegar na pata de um veado, ainda com casco. Ela rolou-a um pouco na terra, batendo-lhe com as patas, e depois largou-a em cima da minha perna.

Acabaria por aprender que uma fêmea alfa sabe ler cada pedaço de comida que introduzimos no nosso corpo. Escolham algo que os mantenha fortes e em boa condição física para a alcateia, e passarão no exame; escolham algo equivalente a bolo de chocolate no mundo humano e acabam a urinar nos ribeiros para disfarçar o odor, caso contrário sofrerão as consequências. Há alimentos nutritivos, ingeridos diariamente para dar força e a saúde. Os alimentos sociais ajudam a reforçar os papéis na alcateia — quando seis lobos estão a alimentar-se de uma única carcaça, o alfa ficará com os órgãos internos, o beta com a carne muscular da coxa e da rabadilha e o ómega com o conteúdo dos intestinos e carne não associada ao movimento, como o pescoço, coluna e caixa torácica. O lobo controlador recebe cerca de 75% de carne não associada ao movimento e 25% de matéria vegetal; o lobo gama 50% de carne não associada ao movimento e 50% de conteúdo do estômago; o vigia 75% de conteúdo do estômago e 25% de carne não associada ao movimento. Se escolherem uma parte que não lhes cabe, mesmo que acidentalmente, não tardarão a estar com os costados no chão. Alimentos emocionais como leite ou conteúdo do estômago levam um lobo de volta a um tempo na sua vida em que tudo era plácido e em que aceitava tudo o que a sua mãe lhe dava; deem os

mesmos alimentos a lobos mais velhos e eles ficarão mais calmos. A princípio, não sabia se a jovem fêmea me estava a testar, se queria ver se eu ia tentar tirar-lhe a comida. Mas ela pegou nela e largou-a novamente. Por isso, levei a perna de veado à boca e comecei a comer.

A que me soube a carne crua?

Ao bife mais requintado.

Há meses que não comia nada mais substancial do que coelho e esquilo. Esta comida tinha-me sido trazida por um lobo selvagem, que podia não ter querido que eu fosse à caça, mas mesmo assim queria ver-me bem alimentado, como qualquer outro membro da alcateia.

Enquanto rasgava a carne com os dentes, o lobo observava-me calmamente.

Daí em diante, sempre que a alcateia ia caçar, trazia-me comida. Às vezes, vinha enrolada em excremento ou tinham-lhe urinado em cima. Depois da caçada, ficavam na minha companhia ou deixavam-me segui-los; a seguir, abandonavam-me de repente. Às vezes, eu uivava e, se estivessem no raio de alcance da minha voz, respondiam. Quando regressavam, uivavam para mim. Infalivelmente, aquele som fazia-me ajoelhar. Era como o telefonema que recebemos depois de alguém que amamos ter andado a conduzir numa estrada coberta de gelo: já voltei, estou bem, sou todo teu outra vez.

Fazia-me perceber que tinha uma nova família.

GEORGIE

Soube que o meu filho era homossexual antes de ele o saber. Havia nele uma tal delicadeza, uma capacidade de ver o mundo pelas suas partes, e não pelo todo, que o tornava diferente dos outros rapazes da sua sala no infantário. Quando eles pegavam num pau, era uma arma ou chicote. Quando Edward pegava num pau, era uma colher para fazer bolinhos de chocolate, uma varinha mágica. Se combinavam brincadeiras em conjunto e ele e uma amiga se aperlavam, Edward nunca era o cavaleiro, mas antes a princesa. Quando eu queria saber se uma roupa me fazia gorda, nunca recorria a Cara para uma opinião franca, mas sim a Edward.

Seria de esperar que alguém como Luke — alguém viril o suficiente para rasgar literalmente uma carcaça em pedaços com os dentes, ladeado por lobos — tivesse problemas com um filho homossexual, mas nunca previ que isso acontecesse. Ele acreditava com firmeza que não havia nada mais importante do que a família. Tal como os lobos conseguiam manter a individualidade no seio da alcateia e não tinham de demonstrar diariamente as suas capacidades, para Luke, se fôssemos da família, éramos respeitados pelas nossas diferenças, e o nosso papel estava garantido. Uma vez, ele até me tinha contado que havia lobos do mesmo sexo que se montavam durante a época de acasalamento, algo que tinha mais que ver com domínio e subordinação do que com sexualidade. E foi por isso que fiquei tão chocada quando Edward se assumiu perante Luke e Luke disse...

Bem, a verdade é que não faço ideia do que Luke disse.

A única coisa que sei é que Edward foi ao Redmond's para conversar com o pai e, quando voltou para casa, não quis falar

comigo ou com Cara, nem com ninguém. Quando perguntei a Luke o que tinha acontecido, ficou todo corado. «Um erro», disse.

Dois dias depois, Edward foi-se embora. Por mais que lhe perguntasse ao longo dos seis anos seguintes, ele nunca me contou o que o pai tinha dito de tão ofensivo. E da forma como a imaginação funciona por vezes, aquilo que desconhecia acabou por ser mais devastador do que aquilo que sabia. Deitava-me na cama a imaginar as observações abomináveis que Luke podia ter feito, as expressões humilhantes, a resposta reacionária. Ali estava Edward a oferecer o seu coração numa bandeja de prata. E qual era a resposta? Teria Luke dito a Edward que ele podia mudar, se realmente quisesse? Ter-lhe-ia dito que sempre soubera que havia alguma coisa de *errado* com o filho? Como não sabia o que se passara e nenhum dos dois me contava o que tinha acontecido, imaginava o pior.

Só ficamos a conhecer a sensação de falhanço quando o nosso filho de dezoito anos deixa a família. Foi sempre assim que vi as coisas, pois Edward era demasiado esperto para se enfiar num autocarro para Boston ou mesmo para a Califórnia. Em vez disso, tirou o passaporte do armário de arquivo no escritório de Luke e, com o dinheiro que ganhara a dar explicações durante vários verões (dinheiro que ia usar na universidade), comprou um bilhete de avião para um lugar onde sabia que nos seria difícil ir atrás dele. Edward sempre fora impulsivo — desde o infantário, quando atirara um frasco de tinta a um menino que tinha feito pouco das suas pinturas; ou, mais tarde, quando gritara com uma professora injusta, sem pensar nas consequências. Mas aquele era um comportamento que eu não conseguia compreender. O mais longe que Edward alguma vez viajara sozinho tinha sido para assistir a uma simulação de

julgamento, em Washington, DC; que podia ele saber sobre países estrangeiros, encontrar alojamento e fazer o seu próprio caminho no mundo? Tentei envolver a polícia, mas, com dezoito anos, era legalmente adulto. Tentei ligar para o telemóvel de Edward, mas o número tinha sido desligado. Em casa, acordava a meio da noite e durante dois gloriosos segundos esquecia-me de que o meu filho se tinha ido embora. E depois, quando a verdade se enfiava debaixo das mantas, agarrando-se a mim como um amante ciumento, começava a soluçar.

Uma noite, fui de carro até ao Redmond's, deixando Cara a dormir sozinha numa casa vazia — mais uma prova de que era má mãe. Luke não estava na caravana, mas encontrei a sua assistente de investigação. Uma universitária chamada Wren que tinha uma tatuagem gigantesca de um lobo na omoplata direita e que dividia o tempo com Walter para assegurar a presença de alguém durante a noite junto dos animais, quando Luke não estava a viver com uma das suas alcateias — o que, agora, era raro. Wren estava embrulhada num cobertor e meio a dormir quando bati à porta. Pareceu aterrorizada ao ver-me — não era de estranhar, pois eu estava desorientada e furiosa — e apontou em direção aos cercados. Sendo noite, Luke estava completamente desperto na companhia da sua família lupina, a lutar com um grande lobo-cinzentos, quando eu apareci como um fantasma junto à vedação. Foi o suficiente para que ele fizesse algo que nunca fazia: sair da personagem e ser humano.

— Georgie? — disse ele, cauteloso. — Passa-se alguma coisa de errado?

Quase me ri ao ouvir isto; o que se passava que *não* fosse errado? A forma de Luke lidar com a ausência do filho tinha sido

aproximar-se mais da família — não de Cara e de mim, mas da sua irmandade de lobos. Não tinha estado em casa tempo suficiente para me ver pôr um lugar à mesa para Edward e desatar a chorar; ele não se sentava na cama do filho nem segurava na sua almofada, que ainda cheirava ao Edward.

— Preciso de saber o que lhe disseste, Luke — repliquei. — Preciso de saber porque é que ele se foi embora.

Luke passou a porta dupla do cercado e veio para junto de mim, cá fora.

— Eu não disse *nada*.

Limitei-me a olhá-lo, incrédula.

— Será que o teu filho merece menos respeito por ser homossexual? Por não querer saber de animais selvagens nem gostar de estar fora de casa o tempo todo? Por não ter saído igual a *ti*?

Uma centelha de raiva perpassou o rosto de Luke, rapidamente dominada.

— Achas mesmo que eu sou assim?

— Acho que Luke Warren só quer saber de Luke Warren. Não sei, talvez tenhas medo que Edward não se enquadre na tua personagem televisiva.

Por esta altura, já estou aos gritos com ele.

— Como te atreves a dizer uma coisa dessas? Eu *amo* o meu filho. Eu amo-o.

— Então, porque é que ele se foi embora?

Luke hesitou. Nem sequer me consigo lembrar do que ele disse depois daquela breve pausa, mas não foi tão importante como o soluço de espaço, aquela demora infinitesimal. Isto porque esse

momento de hesitação era uma tela, e eu podia pintar nela todos os meus maiores receios.

Três semanas depois de Edward se ter ido embora, enviou-me um postal da Tailândia. Incluía um novo número de telemóvel. Dizia que tinha conseguido um emprego a dar aulas de Inglês e um apartamento, e que nos adorava, a mim e a Cara. Não falava no pai.

Disse a Luke que queria ir vê-lo. Embora o postal não tivesse remetente e embora a Tailândia fosse um país grande, não podia ser muito difícil encontrar um professor caucasiano de dezoito anos. Telefonei ao agente de viagens para reservar um voo, tencionando usar o dinheiro que tínhamos num fundo de emergência.

Depois, um dos preciosos lobos de Luke adoeceu e precisou de ser operado. E, de repente, o dinheiro deixou de existir.

Na semana seguinte, pedi o divórcio.

Eram estas as minhas diferenças irreconciliáveis. O meu filho tinha-se ido embora. A culpa era do meu marido. E eu nunca ia ser capaz de perdoá-lo por isso.

Mas eis o segredo sórdido que continuo a esconder: fui eu quem disse a Edward para ir ao Redmond's nesse dia, quem o incitou a assumir-se junto do pai da mesma forma como fizera comigo. Se não tivesse feito essa sugestão, se estivesse com Edward quando ele contou ao pai, teria Luke reagido melhor? Poderia Edward nunca ter chegado a partir?

Se virmos a questão por este prima, a culpada de ter perdido o meu filho durante seis anos sou eu.

E é por isso que agora não voltarei a cometer o mesmo erro.

Eu seria a primeira a dizer-lhes que não sou perfeita. Só uso fio dentário antes de ir às consultas no dentista. Às vezes, como

alimentos que deixei cair ao chão. Uma vez, até dei uma palmada a um dos gémeos, quando ela fugiu para o meio da estrada.

E sei a ideia que dá quando não fico com a minha filha, que está ligada e ferida muito para lá do osso, e em vez disso opto por ir atrás do meu filho, que tentou desligar o ventilador do pai. Sei que as pessoas ficam a comentar quando vou atrás dos seguranças e da advogada do hospital, a gritar por Edward, para ele saber que não está sozinho.

Dá ideia que sou má mãe.

Mas se eu *não* corresse atrás de Edward, se não tentasse explicar ao hospital e à polícia que ele não tinha intenção de fazer aquilo, isso não faria de mim uma mãe ainda *pior*?

Não lido bem com o stresse. Nunca lidei. Foi por isso que nunca me viram em nenhum dos episódios televisivos de Luke; foi por isso que, quando ele foi viver para as florestas do Quebeque, comecei a tomar *Prozac*. Nesta última semana, fiz o melhor que pude para ter mão em mim por causa de Cara, embora estar neste hospital à noite seja como andar a vaguear pelas ruas de uma cidade-fantasma, e embora entrar no quarto de Luke e vê-lo com a cabeça rapada e os pontos a dividir-lhe o couro cabeludo me dê vontade de dar meia-volta e fugir. Mantive a calma quando a polícia veio fazer perguntas cujas respostas eu não queria saber. Mas, agora, envolvo-me prontamente na confusão.

— Tenho a certeza de que Edward pode explicar — digo à advogada do hospital.

— Terá oportunidade de fazê-lo — replica. — Na esquadra.

Respondendo à deixa, as portas automáticas da entrada do hospital abrem-se e entram dois agentes.

— Também precisamos do depoimento da enfermeira — diz um dos policiais, enquanto o outro algema o meu filho.

— Edward Warren, está a ser detido por agressão simples. Tem o direito de permanecer em silêncio...

— Agressão? — digo eu, a custo. — Ele não magoou ninguém!

A advogada do hospital olha para mim.

— Empurrou uma enfermeira. E nós as duas sabemos que não foi só isso.

— Mãe — diz Edward —, não faz mal.

Às vezes, penso que passei a vida inteira dividida entre dois caminhos: queria uma carreira, mas também queria uma família; adorava o modo como Luke mal conseguia conter a sua paixão agreste, mas isso não o tornava necessariamente no melhor marido, no melhor pai; quero ser boa mãe para Cara, mas agora tenho dois filhos pequenos que exigem toda a minha atenção.

Amo a minha filha. Mas também amo o meu filho.

Fico pregada ao chão enquanto os seguranças e a advogada do hospital se vão embora, enquanto a polícia leva Edward lá para fora, onde a luminosidade é tão forte que me obriga a semicerrar os olhos, e mesmo assim perco-o de vista demasiado depressa.

As portas automáticas murmuram como coscuvilheiras, ao fechar. Revolvo a mala até encontrar o telefone, para poder ligar ao meu marido.

— Joe — digo, quando ele atende —, preciso da tua ajuda.

LUKE

Uma fêmea alfa pode escolher uma presa específica numa manada de centenas pelo cheiro que ela deixa. Um alce com um arranhão na perna dianteira deixa um odor a pus atrás de si, a cada passada. A alfa lê isso como vulnerabilidade, e é capaz de segui-lo como se cada passo fosse uma migalha de pão bem visível. É capaz de farejar os tufo de relva em que o alce se alimentou e saber, pelo cheiro dos seus dentes, qual a idade do animal. Muito antes de vir a estar em contacto com esse alce, já sabe imenso sobre ele.

Por fim, deixa de se centrar no solo e, em vez disso, começa a inalar profundamente. A poeira que salta da pelagem do alce deixa partículas levadas pelo vento, por isso, mesmo a quilómetros de distância, ela sabe que é o mesmo animal. Há de começar a correr, com os seus caçadores a acompanhá-la e, quando alcança a manada, deixa-se ficar para trás — é demasiado valiosa para se expor ao perigo — e sinaliza um plano de ataque para os outros. Há uma glândula na área da coluna vertebral do lobo, perto da cauda. Para fazer com que um caçador se movimente de forma correta, a fêmea alfa levanta a cauda para a esquerda, expelindo um odor direcional que o seu caçador consegue ler. Se quiser que o caçador aumente a velocidade, fará girar a sua cauda. Se quiser que ele abrande, baixará a cauda. Por meio destas posturas da cauda e do seu odor, comunica com a sua equipa, dirigindo-os. Mesmo que haja outro alce por perto, os caçadores só atacarão quando a sua chefe lhes fizer sinal e, mesmo assim, só levarão o animal que ela assinalou.

Uma fêmea alfa põe dois lobos em frente dos quartos dianteiros do alce e depois escuta a sua frequência cardíaca. O alce pode

bater com as patas no chão ou bufar ou agitar as armações para mostrar que é um inimigo poderoso, mas não pode dominar o seu próprio sistema suprarrenal. Quando a fêmea alfa dá indicação a um terceiro caçador para se posicionar por trás do alce e o coração deste acelera, ela é capaz de dar instruções à equipa para o aterrorizarem. Isto pode levar horas; pode levar semanas.

Não é que os lobos sejam cruéis. É porque o alfa sabe, por exemplo, que para leste está uma alcateia rival maior e mais forte do que a sua. Se aquele alce ficar assustado, a adrenalina acabará por saturar o seu organismo — é o preço emocional da morte. Se a sua alcateia puder alimentar-se daquele alce, os rivais a leste sentirão o cheiro da adrenalina na urina e excrementos que a sua alcateia deixa para marcar os limites do território. E, de repente, fica menos vulnerável. Os lobos a leste nunca viriam roubar a comida ou caçar as crias de uma alcateia cujo odor evoca emoção, poder e domínio.

Por outras palavras, aquilo que parece cruel e impiedoso visto de um determinado prisma, visto de outro pode ser a única maneira de proteger a nossa família.

EDWARD

Basta dizer que eu não era o miúdo mais popular do ensino básico. Era o calado, o crânio que só tinha Muito Bons, o rapaz com quem só conversavam se precisassem da resposta ao exercício número 4 do trabalho de casa. No recreio, era mais provável encontrarem-me à sombra, a ler, do que a afundar no campo de basquetebol. Isso foi muito antes de eu ter descoberto os benefícios do treino em circuito, por isso os meus bíceps na altura eram mais ou menos da grossura de macarronete riscado. E, obviamente, não me punha a olhar para raparigas com saias tão curtas que se viam as cuecas por trás — mas, de vez em quando, quando ninguém estava a ver, punha-me a olhar para os rapazes que estavam a olhar para elas.

Tinha amigos, mas eram como eu — miúdos que preferiam passar os dias a misturar-se com os outros do que ser notados, porque normalmente ser notado significava ser alvo das piadas dos miúdos mais populares. E é por isso que, quando fiz treze anos, sei que fiz o mais acertado, embora acabasse por me valer uma semana de castigo na escola e um mês em casa.

Estávamos a formar fila para ir almoçar ao refeitório e tínhamos de esperar que outras turmas saíssem primeiro. Tinha reduzido esta parte do dia a uma arte; nunca ficava na parte da frente da fila (território dos miúdos populares) nem na parte de trás (território dos desordeiros), porque qualquer dos sítios faria de mim um alvo fácil. Em vez disso, enfiava-me no meio, entre uma rapariga que usava um colete para a sua escoliose e outra rapariga que tinha vindo transferida há pouco tempo da Guatemala e mal falava inglês. Por outras palavras, estava muito ocupado a tornar-me invisível quando algo horrível aconteceu: a minha professora, que era velha e meiga

e razoavelmente surda, decidiu passar o tempo a chamar a atenção para o facto de ser o meu aniversário.

— Sabiam que o Edward faz hoje treze anos? — disse a senhora. — Vamos cantar-lhe os parabéns enquanto esperamos. Parabéns a você...

Eu fiquei da cor de um tomate. No fim de contas, não tínhamos cinco anos! Andávamos no oitavo ano. Ter a turma a cantar-nos os parabéns passava de moda mais ou menos ao mesmo tempo em que deixávamos de acreditar na fada dos dentes.

— Por favor, pare com isso — sussurrei.

— Vais fazer alguma coisa de especial para comemorar? — continuou a minha professora.

— Sim — disse um miúdo em tom suficientemente alto para eu ouvir, mas não para a professora dar por isso. — Vai ter uma tarde muito alegre¹, não é, Eddie?

Toda a gente se riu, exceto a rapariga da Guatemala, que provavelmente não compreendeu.

A senhora Stansbury espreitou para o corredor para ver se já estava na nossa vez. Infelizmente, não estava.

— Hoje é dia de festa... — começou ela a cantar. — Cantam as nossas almas, para o menino Edwaaaard...

Cerrei os punhos e gritei: — Cale-se!

E *isso* já a senhora Stansbury ouviu.

E o diretor da escola também, passados alguns momentos. E os meus pais. Fui castigado por ter sido insolente com uma professora que só estava a tentar ser simpática para mim e a querer fazer-me sentir especial no dia do meu aniversário.

Um mês depois de o meu pai me ter posto de castigo (ele pôs a coisa em termos de lobos, e disse que um subordinado nunca agia

assim para com o chefe da alcateia), perguntou-me se eu tinha aprendido alguma coisa. Tratei de não responder. Porque, na verdade, teria voltado a fazer exatamente a mesma coisa.

Isto é apenas a minha maneira de chamar a atenção para que nós, pessoas que saltam sem olhar, não somos estúpidos. Sabemos muito bem que podemos cair. Mas também sabemos que, às vezes, é a única saída.

A sala de interrogatório está um gelo. Presumiria cinicamente tratar-se de uma tática policial para fazer as pessoas falar, não fora o facto de os agentes terem sido tão simpáticos: trouxeram-me café e uma fatia de pão de ló da sala de convívio dos funcionários. Muitos deles são admiradores do meu pai, do programa de televisão; troco alegremente a sua fama por comida. Sinceramente, não me lembro da última vez que comi; aquilo sabe-me a maná caído do céu.

— Então, Edward — diz o inspetor, sentando-se à minha frente —, porque não me conta o que aconteceu hoje?

Abro a boca para responder, e depois fecho-a. Afinal, anos a ver a reposição de *Lei e Ordem* na televisão tailandesa ensinaram-me alguma coisa.

— Quero o meu advogado — anuncio.

O inspetor faz que sim com a cabeça e sai da sala.

Esqueçam o facto de eu não *ter* advogado.

Mas, passado um momento, a porta volta a abrir-se e entra um homem. É baixo e seco, com cabelo preto que está sempre a cair-lhe para os olhos; veste fato e gravata e traz uma pasta. Ainda levo uns instantes a reconhecê-lo, porque só estive com ele uma vez: há dois dias, quando ele levou os gémeos ao hospital para verem a mãe.

— Joe...

Acho que nunca me senti tão feliz por ver uma pessoa. Esquecera-me de que o novo marido da minha mãe exercia advocacia. Já tinha feito coisas estúpidas e impulsivas, mas era a primeira vez que fora algemado por isso.

— A tua mãe ligou-me — diz ele. — Que diabo aconteceu?

— Eu não empurrei a enfermeira, digam eles o que disserem. Ela caiu para trás quando eu...

A voz morre-me nos lábios.

— Quando tu o quê?

— Quando eu desliguei a ficha do ventilador do meu pai — termino.

Joe deixa-se cair numa cadeira.

— Valerá a pena perguntar *porquê*?

Abano a cabeça.

— Ia doar os órgãos do meu pai, que era o que ele queria. Era dador, segundo a carta de condução. Eu só queria cumprir as suas últimas vontades, sabe? Os médicos mal tinham começado quando Cara apareceu e fez uma enorme cena. Como se aquilo tivesse que ver com ela, e não com o meu pai.

— Por aquilo que Georgie me contou, Cara não era a favor de desligar o suporte de vida. E tu tinhas de saber disso.

— Ela disse-me ontem que não queria ter de lidar mais com isto; que não era capaz de falar com os médicos acerca do meu pai, muito menos tomar uma decisão sobre o que fazer. Eu não estava a tentar magoar ninguém. Estava a tentar *ajudar*...

Ele levanta uma mão, fazendo-me calar.

— O que aconteceu, exatamente?

— Baixei-me e peguei no cabo do ventilador. Não empurrei a enfermeira, ela estava de pé entre mim e a máquina. A única coisa que fiz foi arrancar a ficha da tomada, para a desligar. Porque era isso que *devia* acontecer.

Joe não pede que eu me explique. Olha simplesmente para os factos e aceita-os tal como são.

— Trata-se de um crime que admite fiança, um pequeno delito — diz. — Neste estado, se tiveres o registo criminal limpo e família por perto, podes ser libertado mediante o pagamento de fiança. É verdade que não resides cá há algum tempo, mas acho que podemos dar a volta ao problema.

— Então, o que acontece?

— Trago cá um comissário de fiança e vamos dar um passo de cada vez.

Digo que sim com a cabeça.

— Joe? — digo. — Eu, hum... não tenho dinheiro para pagar a fiança.

— Podes liquidar a dívida tomando conta dos gémeos, para eu poder voltar a conviver com a minha bonita mulher — replica. — A sério, Edward. O teu trabalho daqui em diante é ficares sentado e calado e deixares-me tratar de tudo. Nada de tiradas intempestivas, nada de esforços heroicos e grandiosos. Estamos entendidos?

Indico que sim com a cabeça, mas a verdade é que não gosto de ficar a dever nada a ninguém. Há tanto tempo que sigo o meu próprio caminho que aquilo me faz sentir totalmente vulnerável, como se tivesse sido apanhado de repente completamente nu no meio de uma rua cheia de gente.

Quando ele se põe em pé para ir à procura de um agente, percebo do que gosto tanto em Joe Ng.

— É a primeira pessoa que não diz que lamenta muito o que aconteceu ao meu pai — digo pensativamente em voz alta.

Ele para na soleira da porta.

— O mundo conhece o teu pai como um brilhante conservacionista e investigador da vida selvagem. Bem, eu conheço-o como o homem que fez a vida de Georgie num inferno e que deitou fora o casamento por causa de um bando de cães glorificados — diz Joe sem rodeios. — Estou contente por ser teu advogado. Mas não estou a fazer isto pela grande afeição que sinto por Luke Warren.

Pela primeira vez naquilo que me parecem dias, sorrio.

— Consigo viver com isso.

A cela na esquadra é muito pequena e escura, e está virada para uma parede com uns quantos cartazes amarelecidos e um calendário da Agway de 2005. Estou aqui preso, à espera de que chegue um comissário de fiança.

O meu pai costumava dizer que um animal só sente que está em cativeiro se a sua casa não lhe parecer um limite territorial, mas antes uma jaula. O que está em causa é a ausência de natureza, e não o facto de o espaço ter sido limitado. No fim de contas, os animais têm as suas famílias com eles, por isso a única coisa que alteramos ao pôr lobos em cativeiro é a capacidade de se defenderem. Tornamo-los vulneráveis assim que erguemos a vedação.

Mas se enriquecermos o cercado onde se encontram, uma alcateia de lobos pode ser feliz em cativeiro. Se passarmos gravações de alcateias rivais a uivar, obrigamos os machos a unir-se contra essa suposta ameaça. Se alterarmos o meio circundante de tempos a tempos ou reproduzirmos uivos de múltiplas alcateias

em simultâneo, as fêmeas têm de reagir rapidamente e tomar novas decisões para manter a alcateia em segurança: será melhor dividir a alcateia? Será melhor mudar de uivo? Investigar junto daquele pedregulho novo? Se providenciarmos enriquecimento alimentar e evitarmos enfiar as presas no interior de um cercado (onde serão mortas), estaremos a ensinar os lobos a como se comportar no mundo selvagem contra um predador. Se um lobo mata uma presa uma vez em cada dez caçadas na natureza, então em cativeiro precisamos que ele continue a adivinhar a cada dia se vai, ou não, chegar comida. Basicamente, uma jaula deixa de parecer uma jaula quando conseguimos convencer o lobo que está lá dentro de que precisa da família para sobreviver.

Quando ouço passos, levanto-me e agarro-me às grades, à espera de que me digam que o comissário da fiança chegou finalmente. Em vez disso, sou atacado por vapores de álcool muito antes de ver a sua origem: um bêbedo que é mantido em pé por um agente. Caminha aos ziguezagues, afogueado e transpirado, e tenho quase a certeza de que tem um fio de vômito na camisa de flanela aos quadrados.

— Trouxe-te um companheiro de cela — diz o agente, e abre a porta de metal para o homem entrar.

— Feliz Ano Novo — diz o tipo, embora estejamos em fevereiro. Depois, cai de bruços no chão de cimento.

Passo cuidadosamente por cima dele.

Uma vez, quando tinha cerca de dez anos, estava sentado debaixo das bancadas vazias junto ao cercado dos lobos no Redmond's. No verão, todos os dias à uma da tarde, o meu pai dava ali uma preleção sobre os lobos aos visitantes, mas durante o resto do tempo era um lugar fresco para me esconder com um livro num

parque cheio de gente e excessivamente quente. Não estava a prestar atenção ao meu pai, que estava num cercado contíguo, a escavar um lago enquanto os lobos tinham sido relegados para outra parte do cercado. De repente, um tipo chamado Lark, que trabalhava como tratador para o meu pai antes de ele ter contratado Walter, voltou da pausa do almoço. Vinha aos tropeções e aos ziguezagues. Quando passou pelos lobos, eles começaram a perder as estribeiras: a lançar-se contra a vedação, a tentar morder e a ganir, a correr de um lado para o outro como costumavam fazer quando sentiam o cheiro da comida a chegar.

O meu pai largou as ferramentas e correu para os portões até chegar ao pé de Lark, e depois deitou-o ao chão. Com o antebraço encostado à garganta do homem, berrou: — Estiveste a beber?

O meu pai tinha regras rigorosas para as pessoas que trabalhavam com os seus animais — nada de champôs ou sabonetes perfumados, nada de desodorizante. E absolutamente nada de álcool. Um lobo conseguia cheirá-lo no nosso organismo dias depois de o termos bebido.

— Foram uns tipos que me levaram a comer fora, para comemorar — disse ele de forma atabalhada. Tinha-lhe acabado de nascer o primeiro filho.

Aos poucos, os lobos acalmaram. Nunca os tinha visto tão alterados ao pé de uma pessoa, sobretudo um dos seus tratadores. Quando um humano os perturbava, como os miúdos irritantes que acenavam e gritavam junto à vedação, os lobos limitavam-se a ir para a parte de trás do cercado, desaparecendo entre as árvores.

O meu pai soltou Lark, que rebolou para longe, a tossir.

— Estás despedido — disse.

Lark tentou defender-se, mas o meu pai ignorou-o e voltou para o cercado, onde tinha estado a trabalhar no lago. Esperei até Lark parar de praguejar e subir a colina até à caravana para ir buscar os seus pertences. Depois, passei pelo portão de segurança e sentei-me na relva do lado de fora do cercado onde o meu pai estava a trabalhar.

— Não quero saber se ele bebeu uns copos a mais — disse ele amargamente, como se estivéssemos a meio de uma conversa e precisasse de se defender. — Mas devia ter a sensatez de não o fazer quando está a trabalhar. — Enterrou a pá no solo e levantou um grande pedaço de terra. — Pensa nisso. Um tipo bêbedo a cambalear por aqui. O que te parece?

— Hum... um tipo bêbedo a cambalear por aqui? — disse.

— Bem, para um lobo, parece-se muito com um vitelo ferido. E isso desencadeia o instinto de caça. Não interessa que os lobos conheçam Lark ou estejam com ele todos os dias. A forma como ele vinha a andar era o suficiente para perder a identidade para a alcateia. Tê-lo-iam matado, se pudessem.

Enterrou a pá no solo, deixando-a direita como um soldado.

— É uma boa lição de vida, quer venhas ou não a trabalhar com lobos, Edward — disse o meu pai. — Não importa o que fazes por alguém, não importa se lhe dás o biberão em bebé, ou se te enroscas com ele à noite para o manter quente, ou se lhe dás comida para que não tenha fome... Dá um passo errado na altura errada e tornas-te irreconhecível.

É claro que este comentário tornar-se-ia pessoal anos mais tarde. O meu pai tinha dado um passo errado na altura errada. Apercebo-me, sobressaltado, de que depois do que se passou naquela manhã ele pode acusar-me do mesmo.

O bêbedo aos meus pés começa a ressonar. Passado um momento, chega um polícia.

— O espetáculo vai começar — diz.

Olho para o relógio e dou conta de que passei ali três horas, a maior parte atolado na areia movediça das memórias que tenho do meu pai.

Isto serve para lhes mostrar que podemos pôr quinze mil quilómetros entre nós e outra pessoa. Podemos jurar não voltar a pronunciar o seu nome. Podemos remover cirurgicamente alguém da nossa vida.

E, mesmo assim, essa pessoa virá assombrar-nos.

Estamos de volta à mesma sala de interrogatório onde já estive, só que agora, além do inspetor e de Joe, também está lá um fulano com o cabelo penteado de uma forma que lhe cubra a careca e olhos tão vermelhos que eu pensaria que estava pedrado se não achasse que era um comportamento particularmente arriscado para alguém que trabalha habitualmente numa esquadra.

— Muito bem — diz o comissário de fiança. — Tenho uma consulta para diagnosticar a minha conjuntivite, portanto vamos ser rápidos. Que temos aqui, Leo?

O inspetor entrega-lhe uma folha de papel.

— Este é um caso bastante grave, Ralph. Não se trata apenas de agressão em segundo grau. O acusado também interferiu com os deveres do pessoal do hospital e afetou negativamente a saúde de um paciente.

Que significa isto?, penso. O meu pai está pior do que estava antes?

— Estamos a pedir que a fiança seja fixada em cinco mil dólares, com obrigação de comparência — conclui o inspetor.

O comissário de fiança lê o papel que o inspetor lhe entregou.

— Desligou a *ficha*? — diz ele, olhando para Joe. — Senhor Ng, o que tem a dizer?

— A pessoa de que estamos a falar é meu enteado — começa Joe. — Esta é a cidade onde ele cresceu e está rodeado de família e amigos. Tem laços com a comunidade e não tem fundos que lhe permitam fugir. E dou-lhe a minha palavra de que não o perderei de vista.

O comissário esfrega os olhos.

— O objetivo da fiança é garantir a comparência do acusado em tribunal. Não praticamos prisão preventiva em Beresford, senhor Warren, por isso vou fixar a fiança no montante de cinco mil dólares. Será libertado mediante a promessa de comparecer no tribunal amanhã de manhã, de não perturbar a ordem pública e de demonstrar bom comportamento. Não poderá sair do estado do New Hampshire enquanto a ação estiver pendente. Vou estabelecer como condição para a sua libertação que seja submetido a uma avaliação psiquiátrica e vou emitir uma ordem de afastamento do hospital e imediações.

— Espere um segundo — digo, quebrando a promessa que fiz a Joe de me manter em silêncio. — Isso não vai funcionar. O meu pai encontra-se no hospital e está a morrer...

— Mas não suficientemente rápido para si, ao que parece — diz o inspetor.

— Não vou permitir que hostilizem o meu cliente — declara Joe.

O comissário de fiança levanta as mãos.

— Calem-se os dois! Já tenho uma conjuntivite, não preciso de uma enxaqueca. Será ouvido amanhã no tribunal distrital.

— E o meu pai? — pressiono.

É nessa altura que Joe me dá uma forte pisadela.

— Como disse, senhor Warren? — pergunta o comissário.

Olho para ele.

— Nada — murmuro. — Absolutamente nada.

¹ Joga-se aqui com o duplo sentido da palavra *gay*, que tanto pode remeter para a alegria como para a homossexualidade. (*N. da T.*)

LUKE

Uma caçada é um lugar assustador para se estar, a quinze centímetros da bocarra de um lobo que rosna e abocanha mesmo ao nosso lado. Para os lobos, é o festim ou a fome, e a maior parte das vezes que empreendem essa caçada mortífera não comem há vários dias, por isso é uma luta pela sobrevivência. Se nos desviarmos demasiado para a esquerda ou virarmos na direção errada, eles dizem-nos isso com rosnadelas e mordidelas, e, no entanto, no meio de toda essa energia tremenda, excitação frenética e raiva explosiva, conseguem refrear-se de modo que a disciplina que nos aplicam não seja nem de longe parecida com a que irão infligir à sua presa.

A maior parte das vezes, os lobos sabiam que eu não conseguiria seguir ao mesmo ritmo do que eles e que seria mais um estorvo do que uma mais-valia durante uma caçada. Numa perseguição em linha reta, não conseguia ser suficientemente rápido; não tinha as mesmas armas para derrubar uma presa, nem sequer me podia defender com uma pele tão fina quanto a minha. Mas depois de começar a nevar, a técnica de caça mudou para emboscada. Durante os poucos meses em que o solo esteve coberto por sessenta centímetros de neve, não só fui convidado a participar na caçada, como esperavam que eu estivesse presente.

Numa emboscada, a alcateia precisa do peso dos grandes machos. Às vezes, precisam que a presa se vire e corra para determinado maciço de vegetação, de onde saltam outros lobos para a cercar enquanto os caçadores a matam. Eu estava posicionado numa pequena cova escavada na neve com os lobos mais jovens da alcateia e o alfa, à espera de que o grande lobo preto e a outra fêmea adulta afugentassem a caça na nossa direção.

Estávamos à espera há dias — sem nos mexermos porque revolveríamos a neve e alertaríamos a presa. Mesmo com lobos dos dois lados, tinha frio, e comecei a distrair-me deixando a imaginação correr. Aqueles lobos eram mestres da camuflagem. Sabiam a direção do vento e como disfarçar o seu cheiro. Mas não estaria o veado também a agir por instinto? Saberia ele, por anos de experiência ancestral, que se um lobo o perseguia daquela forma e àquela velocidade naquele tipo de formação, isso desembocaria numa emboscada em vez de uma perseguição direta? Saberia ele por causa de alguma mudança imprevisível do vento que tinha problemas pela frente?

Os meus pensamentos dispersaram-se abruptamente quando o alfa começou a comer neve. O jovem macho seguiu imediatamente o seu exemplo, enterrando o focinho na neve e comendo-a. A jovem fêmea esticou-se até um ramo de onde pendia um pingente de gelo, como um ornamento numa árvore de Natal, e partiu-o entre os dentes. Começou a lambê-lo como se fosse um chupa-chupa.

Por que diabo estão a fazer isto?, interroguei-me. Nunca tinha visto aquilo ao longo dos três dias que passáramos acampados naquela vegetação rasteira. Talvez os lobos precisassem apenas de se mexer um bocadinho por estarem parados há tanto tempo. Talvez estivessem com sede.

Mas os lobos nunca tinham sido irrequieten antes, e como eu não tinha sede, provavelmente eles também não.

Estava a pensar se a neve alta estaria a desidratá-los de alguma forma quando o alfa me abocanhoun em silêncio e franziu o focinho, enterrando-o depois novamente na neve. Eu percebi. Comecei a apanhar mãos-cheias de neve e a comê-la como se não houvesse amanhã.

Foi então que compreendi: a única coisa que a presa podia ver enquanto corria em direção ao nosso esconderijo era o nosso bafo gelado no ar. Manter neve e gelo nas nossas línguas significava que mesmo a nossa respiração era invisível.

Passado um momento, um veado veio direito à vegetação.

De alguma forma, o alfa soubera que a emboscada estava iminente. Mas, também, qual é o trabalho do alfa senão manter a família unida, para que no momento crucial todos os seus membros façam o que lhes dizem?

CARA

Quando volto para casa, estou à espera da Terceira Guerra Mundial, e não fico desapontada. A minha mãe corre para o carro de Mariah e começa a puxar-me para fora do banco, lembrando-se tarde demais de que tenho um ombro magoado. Estremeço quando ela me agarra no braço e vejo Mariah articular em silêncio *Boa sorte* ao mesmo tempo que arranca.

— Estás de castigo até... até aos *noventa anos*! Por amor de Deus, Cara, onde estiveste?

Não posso contar à minha mãe. Portanto, em vez disso, prego os olhos no chão.

— Desculpe — digo. — Depois de Edward ter... a mãe sabe... tinha de sair dali. Já não aguentava mais, por isso fugi. Mariah veio buscar-me de carro.

A minha mãe acionou um interruptor interno e, de repente, está a abraçar-me com tanta força que não consigo respirar.

— Oh, minha querida! Estava tão preocupada... Quando cheguei lá acima, tinhas desaparecido. Os seguranças procuraram por todo o lado. Não sabia se devia ficar no hospital ou voltar para aqui...

A porta da frente abre-se e os gémeos enfiam a cabeça cá fora, ao frio, lembrando-me: (1) por que razão a minha mãe foi para ali, em vez de ter ficado no hospital; e (2) porque não devo acreditar que posso alguma vez figurar em primeiro lugar na sua lista de prioridades.

— Elizabeth, Jackson, voltem para dentro antes que apanhem uma pneumonia — ordena ela. Depois, volta-se novamente para mim. — Fazes ideia de como estava desesperada? Até pus a polícia à tua procura...

— Aposto que sim. Era a forma de haver menos polícias em cima de Edward.

A minha mãe dá-me uma bofetada tão depressa que nem tenho tempo para antecipar o seu gesto. Ela nunca me fez isto na vida, e acho que está tão chocada quanto eu. Afasto-me dela, levando a mão à face.

— Vai para o teu quarto, Cara — diz ela em voz trémula.

De lágrimas nos olhos, fujo para dentro de casa. Elizabeth e Jackson estão sentados nos degraus da escada.

— Estás de castigo — diz Jackson.

Olho-o fixamente e digo: — Lembras-te quando te disse que não tinhas monstro nenhum no roupeiro? Estava a mentir. — Depois, passo por cima dos seus corpinhos e vou para o meu quarto, onde bato com a porta e me atiro para cima da cama.

Quando começo a chorar, sei que não é por sentir a face a arder — a humilhação magoou-me mais do que a bofetada. É porque sinto que estou sozinha no mundo. Não faço parte desta família nuclear; a minha própria mãe pôs-se do lado do meu irmão; o meu pai está a flutuar algures, onde não consigo alcançá-lo. Estou verdadeira e horivelmente sozinha agora, o que significa que não posso limitar-me a ficar sentada e a esperar que alguém conserte as coisas.

Não creio que o hospital volte a tentar desligar o suporte de vida ao meu pai, mesmo que Edward o peça. A questão é que se não conseguir arranjar maneira de o impedir, ele vai dar o próximo passo e fazer com que o nomeiem legalmente como tutor do meu pai, coisa que não posso ser, uma vez que só tenho dezassete anos.

Mas isso não significa que não possa tentar.

Recompondo-me, enxugo o rosto na gaze da ligadura e sento-me de pernas cruzadas. Pego no computador portátil e ligo-o pela primeira vez numa semana, ignorando os dezasseis milhões de *emails* de Mariah a perguntar-me se estou bem e que ela deve ter enviado antes de saber que eu estava no hospital.

Escrevo algumas palavras no motor de busca e clico no primeiro nome que me aparece no ecrã.

Kate Adamson, totalmente paralisada em 1995 por um duplo acidente vascular cerebral, nem sequer conseguia piscar os olhos. A equipa médica retirou a sonda de alimentação de Kate durante oito dias, antes de ter sido reintroduzida devido à intervenção do marido. Hoje, está quase totalmente recuperada — ainda parcialmente paralisada do lado esquerdo, tem domínio absoluto das suas faculdades mentais e é oradora motivacional.

Clico noutra ligação: Vítima de um acidente de carro em virtude do qual se acreditava ter ficado em estado vegetativo persistente durante 23 anos, Rom Houben esteve na verdade consciente durante todo esse tempo, embora incapaz de comunicar. Os médicos tinham usado inicialmente a escala de coma de Glasgow para avaliar as respostas oculares, verbais e motoras e para descrever o seu estado como irrecuperável, mas em 2006 foram desenvolvidas novas técnicas de tomografia que sugeriam que o seu cérebro estava a funcionar na perfeição. Comunica agora por intermédio de um computador. «Os avanços médicos vieram a tempo para ele», diz o seu médico, o doutor Laureys, que acredita que muitos pacientes classificados em estado vegetativo estão mal diagnosticados.

E noutra: Carrie Coons, uma nova-iorquina de 86 anos, esteve em estado vegetativo durante mais de um ano. Um juiz sancionou o desejo da família de que lhe fosse retirada a sonda de alimentação. No entanto, ela recobrou inesperadamente a consciência, passando a comer pela própria boca e conversando com as outras pessoas. Este caso suscita a questão de saber até que ponto é fiável um diagnóstico de perda de consciência irreversível e, do ponto de vista legal, quando deve o suporte artificial de vida ser descontinuado.

Começo a marcar os documentos: Vou fazer uma apresentação em *PowerPoint* e voltar ao escritório de Danny Boyle para lhe provar que o que Edward fez não é diferente de apontar uma arma à cabeça do meu pai.

Quando o telemóvel toca — está a carregar — estendo a mão para lhe pegar, presumindo que é Mariah a perguntar se fui esfolada viva pela minha mãe. Mas é um número que não reconheço.

— Aguarde, por favor, que vou passar ao procurador do condado — diz a voz de Paula e, passado um momento, Danny Boyle está em linha.

— Quer mesmo fazer isto? — pergunta.

Penso na pobre Kate Adamson e em Rom Houben e em Carrie Coons.

— Sim — digo-lhe.

— Amanhã, o júri de acusação reúne-se em Plymouth. Quero que vá ao tribunal, para poder pô-la no banco de testemunhas.

Não faço ideia de como hei de fazer o longo trajeto até Plymouth. Não posso pedir a Mariah que volte a faltar à escola. Não tenho carro, estou praticamente inválida e, ah, pois, também estou de castigo.

— Haverá alguma hipótese de passar por Beresford quando for para Plymouth? — pergunto o mais educadamente possível.

— Por amor de Deus — diz Danny Boyle. — Os seus pais não podem lá levá-la de carro?

— A minha mãe está ocupada a fazer tudo o que está ao seu alcance para garantir que o meu irmão não vai parar à cadeia. E quem me dera que o meu pai me pudesse levar. Mas ele está demasiado atarefado a lutar pela vida no Beresford Memorial Hospital, neste momento.

Há um instante de silêncio.

— Qual é a morada? — pergunta.

Joe não vem para casa nessa noite. Acontece que a única maneira de manter Edward fora da cadeia é garantir que é

supervisionado e, sensatamente, Joe não achou que fosse muito boa ideia trazer o meu irmão para ali, para o pé de mim. É estranho que Joe e a minha mãe não troquem de lugar, para a minha mãe viver na sua antiga casa com Edward, nem que seja só por uma noite. Mas também é verdade que Joe pensa que a minha mãe é a razão de o Sol nascer todos os dias e ele faria tudo para garantir que ela não precisa de voltar a pôr os pés naquela casa e enfrentar todas as memórias que tem do meu pai.

Também significa que, na manhã seguinte, quando Danny Boyle me vem buscar, a minha mãe está ao fundo do quarteirão com os gémeos, à espera do autocarro escolar, desconhecendo por completo que o vistoso *BMW* prateado que passa por ela a toda a velocidade e dobra a esquina está prestes a parar junto ao caminho de entrada da sua casa.

Entro no carro de Danny Boyle e ele olha para mim.

— O que raio traz vestido?

Percebo imediatamente que cometi um erro. Queria estar apresentável para ir a tribunal — quer dizer, é isso que se espera, não é verdade? —, mas os vestidos melhores que tenho são aquele sem alças que usei no baile de primavera, e um rosa-vivo com chumaços que fui obrigada a usar no casamento da irmã de Joe, cujo tema era «Recordar os Anos 80». A minha mãe insistira em fazer a bainha pelo joelho para eu poder voltar a usá-lo, embora o único sítio em que conseguia imaginar-me a usar outra vez algo assim fosse o baile de máscaras do *Já Tocou*.

— Parece uma refugiada do clube de fãs de Pat Benatar — diz Danny.

— Muito bom palpite — replico, impressionada. Ponho o cinto de segurança e resguardo o rosto com a mão quando passamos pela

minha mãe na paragem de autocarro.

— Depreendo que a sua mãe não faça ideia do que vai fazer hoje — diz Danny. O meu palpite é que a minha mãe vai estar demasiado ocupada a defender o meu irmão, onde quer que ele esteja, para notar sequer que eu saí do meu quarto. — Tem de compreender o seguinte — continua ele. — Quer que isto seja uma acusação de homicídio, e isso significa que tem de cumprir os três critérios: dolo, premeditação e intenção de matar. Não temos de provar isso perante um júri de acusação, mas temos de ser capazes de assinalar os três pontos para que eles os possam juntar. Se não estiverem os três presentes, não é homicídio. Compreende o que lhe estou a dizer?

Olho para ele. Não é o que ele está a *dizer* que é importante, mas sim o que *não* está a dizer.

— Farei o que precisar que eu faça, desde que isso mantenha o meu pai vivo.

Ele olha-me de relance e acena com a cabeça, satisfeito.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? — digo. — O que o levou a mudar de ideias?

— Recebi um telefonema da minha irmã, ontem. Estava muito aborrecida por causa de uma coisa que tinha acontecido no trabalho. — Fecha a mão sobre o volante. — Parece que houve um homem que endoideceu no quarto de hospital onde estava o pai, o mesmo quarto onde ela estava de serviço junto ao ventilador. — Olha-me de relance. — Ela é a enfermeira que o seu irmão empurrou.

Suponho que estivesse à espera de uma sala de audiências ricamente apainelada, com uma bancada e um juiz de cabeleira branca a presidir. Fico bastante surpreendida ao descobrir, em vez

disso, que um júri de acusação é um pequeno grupo de pessoas vulgares, de calças de ganga e camisola, sentadas à volta de uma mesa numa sala sem janelas.

Tento de imediato enfiar a camisola por cima do meu vestido rosa demasiado vistoso.

Há um gravador em cima da mesa, o que me deixa ainda mais nervosa, mas concentro-me no rosto de Danny Boyle, tal como ele me disse para fazer.

— Esta é Cara Warren — anuncia ao pequeno grupo. — Alguém conhece a testemunha?

As pessoas reunidas à volta da mesa abanam a cabeça. Uma delas, uma mulher com cabelo louro cortado à pajem revirado em direção ao queixo, faz-me lembrar uma das minhas professoras. Ela levanta-se e estende uma Bíblia: — Pode levantar a mão direita... — diz, antes de perceber que tenho o braço direito ao peito. Há algum riso ansioso à volta da mesa. — Pode levantar a mão *esquerda* e repetir comigo...

Esta parte é tal qual como na televisão: juro dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade, assim Deus me ajude.

— Cara — diz Danny —, diga o seu nome e morada, por favor.

— Cara Warren. Statler Hill, número quarenta e seis, Beresford, New Hampshire — respondo.

— Com quem vive?

— Com o meu pai. Até há uma semana.

O procurador do condado gesticula em direção a mim.

— Podemos ver que tem um braço ao peito. O que aconteceu?

— Eu e o meu pai tivemos um grave acidente de carro há uma semana — explico. — Fraturei a omoplata. O meu pai ficou inconsciente desde então.

— Em coma?

— Em estado vegetativo, é assim que os médicos dizem.

— Tem mais alguma família?

— A minha mãe, que se voltou a casar. E o meu irmão, que não via há seis anos. Ele vive na Tailândia, mas quando o meu pai ficou ferido, a minha mãe telefonou-lhe e ele voltou para casa.

— Como é o relacionamento com o seu irmão? — pergunta Danny.

— Que relacionamento? — digo de forma inexpressiva. — Ele foi-se embora e depois disso não queria falar com nenhum de nós.

— Há quanto tempo o seu pai está no hospital?

— Oito dias.

— Qual é o prognóstico dos médicos para o seu pai?

— É demasiado cedo para dizer seja o que for — replico. E não é?

— Discutiu a situação do seu pai com o seu irmão?

Subitamente, sinto o estômago vazio como uma algibeira.

— Sim — digo e, embora não queira, sinto os olhos marejados de lágrimas. — O meu irmão só quer que isto acabe. Ele pensa que o desfecho vai ser o mesmo. Mas eu quero manter o meu pai vivo o tempo suficiente para lhe provar que está enganado.

— O seu pai contactou o seu irmão durante os seis anos que ele esteve na Tailândia?

— Não.

— Ele alguma vez fala sobre o seu irmão?

— Não. Tiveram uma grande discussão, e foi por isso que o meu irmão saiu de casa.

— Tem tido contacto com o seu irmão, Cara? — pergunta Danny.

— Não.

Olho para um dos membros do júri. Está a abanar a cabeça. Pergunto a mim mesmo se estará a reagir ao facto de Edward ter saído de casa ou de eu não o ter contactado.

— Bem — diz o procurador do condado —, ontem contou-me algo muito perturbador.

— Sim.

— Importa-se de contar o que aconteceu às senhoras e senhores do júri de acusação?

Eu e Danny tínhamos ensaiado aquilo no carro. Dezasseis vezes, para ser mais precisa.

— O meu irmão tomou a decisão de descontinuar o suporte básico de vida ao meu pai sem me pedir opinião. Descobri por acaso e desci as escadas a correr até ao quarto do meu pai. — Consigo ouvir tão nitidamente como se fosse agora o alarme a soar quando o meu irmão desligou aquela ficha. — Havia médicos, enfermeiras, uma advogada do hospital e outras pessoas que não reconheci, todas reunidas à volta da cama do meu pai. O meu irmão também lá estava. Gritei-lhes que parassem, que não matassem o meu pai, e toda a gente recuou. Toda a gente, exceto o meu irmão. Ele baixou-se, fingindo estar a recuperar o fôlego e arrancou a ficha do ventilador da tomada.

Hesito, olhando à volta da mesa. Os rostos dos júris parecem balões, de tão calmos e impassíveis. De repente, lembro-me do que Danny disse no carro sobre os três critérios para homicídio. Premeditação, intenção de matar e dolo. É óbvio que o meu irmão tinha planeado aquilo, caso contrário não teriam sido convocados todos aqueles médicos e enfermeiras. É igualmente óbvio que ele queria matar o meu pai. O dolo é que é mais problemático.

Penso no facto de ter jurado dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade. Mas também é verdade que não levantei a mão direita. *Não podia*, por uma questão logística. Portanto, talvez a forma como prestei juramento seja equivalente a cruzar os dedos atrás das costas quando pregamos uma mentira sem importância à nossa mãe — que escovámos os dentes, que passeámos o cão, que não pusemos a embalagem de leite vazia no frigorífico.

Não é propriamente uma mentira se os fins justificarem os meios, pois não? Se, por causa dela, o meu pai tiver oportunidade de melhorar. Na altura em que descobrirem que eu romanceei a verdade, já terei conseguido mais umas horas ou dias para o meu pai.

— Ele desligou a ficha — repito — e gritou: «Morre, filho da mãe!»

Diante disso, uma das juradas tapa a boca com a mão, como se tivesse sido *e/la* a dizê-lo.

— Alguém o dominou — prossigo — e a enfermeira voltou a ligar o ventilador. Os médicos ainda estão a avaliar os danos sofridos pelo meu pai enquanto estive sem oxigénio.

— É justo dizer que o seu irmão e o seu pai tinham uma relação muito tempestuosa?

— Completamente.

— Sabe porquê, Cara?

Abano a cabeça.

— Sei que tiveram uma enorme discussão quando eu tinha onze anos. Foi suficientemente grave para levar Edward a fazer as malas, a sair de casa e a nunca mais lhe falar.

— Quando o seu irmão chamou «filho da mãe» ao seu pai, estava zangado, não estava?

— Sim — anuo.

— Não tem nenhuma dúvida de que ele pretendia matar o seu pai, ou tem? — pergunta Danny.

Olho diretamente para ele.

— Não. E não tenho nenhuma dúvida de que voltará a fazer a mesma coisa, se tiver oportunidade.

LUKE

Em cativeiro, um lobo pode viver durante onze ou doze anos, embora saiba de alguns que viveram ainda mais do que isso. Mas, na natureza, um lobo já tem muita sorte se chegar aos seis anos. O nível de experiência e conhecimento num lobo é insubstituível, e é por isso que o alfa fica na toca junto aos mais jovens a maior parte do tempo, enviando outros membros do bando para fazer patrulhas, caçar e garantir a segurança. Também é por isso que, quando um alfa é abatido, há tantas alcateias que se desintegram. É como se o sistema nervoso central tivesse perdido subitamente o seu cérebro.

Então, o que acontece quando um alfa é morto?

Seria de pensar que existe promoção interna e que talvez o beta, o número dois, fosse ocupar o lugar do antigo chefe. Mas, no mundo dos lobos, as coisas não se passam assim. Na natureza, começaria o processo de recrutamento. Seria emitido um chamamento para os lobos solitários, dando-lhes a saber que há uma vaga na alcateia. Os candidatos seriam desafiados para garantir que o escolhido é o mais inteligente, o mais seguro de si e o mais capaz de proteger a família.

É claro que, em cativeiro, esse tipo de recrutamento não pode acontecer. Em vez disso, um animal que ocupa uma posição intermédia ou inferior na hierarquia, naturalmente desconfiado e tímido, vê-se a braços com a decisão. O que é um desastre.

De vez em quando, vemos documentários sobre lobos de posição inferior que de alguma forma ascendem ao topo da alcateia — um ómega que consegue um lugar de alfa. Sinceramente, não acredito. Creio que, na atualidade, os produtores desses documentários começaram por identificar mal o lobo. Por exemplo, uma personalidade alfa, para o homem vulgar, é normalmente

considerada corajosa, dominante e enérgica. Mas no mundo dos lobos, isso descreve os betas. Da mesma forma, um lobo ómega — um animal tímido e nervoso na base da pirâmide — pode muitas vezes ser confundido com um lobo que se deixa ficar para trás dos outros, cauteloso, a proteger-se, procurando uma visão de conjunto das coisas.

Ou, por outras palavras: na natureza selvagem, não há contos de fadas, não há histórias de Cinderela. O lobo humilde que parece ascender ao topo da alcateia era na realidade um alfa o tempo todo.

EDWARD

Quando entro na cozinha, onde Joe está em pé junto à bancada a comer uma tigela de cereais e a folhear a secção desportiva do jornal, ele olha para mim.

— Era *isso* que estavas a pensar levar vestido? — diz, em tom de quem tinha em mente algo completamente diferente.

Nunca dei muita atenção à roupa; nesse aspeto, não correspondo ao estereótipo do homossexual. Sinto-me perfeitamente feliz com as calças de ganga que tenho desde o liceu e uma camisola tão velha que está puída nos cotovelos. É claro que tinha camisas e gravatas para dar aulas, mas imagino que estejam numa caixa, algures entre Chiang Mai e a minha terra natal. Dado que apanhei de imediato o avião para o New Hampshire, trazendo apenas bagagem de mão, as minhas opções quanto a vestuário são bastante limitadas.

— Peço desculpa — digo. — Quando fiz a mala, não percebi que ia precisar de um visual bom para ir a tribunal.

— Tens pelo menos uma camisa de colarinho?

Digo que sim com a cabeça.

— Mas é de ganga.

Joe suspira.

— Vem comigo.

Pousa a tigela e sai da cozinha, subindo a escada até ao quarto do meu pai. Percebo demasiado tarde qual é a sua intenção.

— Não vale a pena — digo, quando Joe começa a remexer no roupeiro do meu pai. — Ele nem uma gravata tinha!

Mas Joe vai ao fundo do roupeiro e tira para fora uma camisa de cerimónia branca, passada a ferro e ainda dentro do saco da limpeza a seco.

— Veste isto — ordena. — Podes levar uma das minhas gravatas. Tenho sempre uma a mais na mala do carro.

— Vai ficar-me enorme. O meu pai parece o Hulk!

Joe estremece quase impercetivelmente.

— Sim, já reparei.

Deixa-me sozinho para ir buscar a gravata. Sento-me na cama, tentando evitar dar mais simbolismo do que o devido àquele momento. Em rapaz, nunca me senti à altura do meu pai — que era um portento, literal e figuradamente. Vestir a sua camisa será como uma criança a mascarar-se de adulto, fingindo encher sapatos que são demasiado grandes para mim.

Rasgo o saco de plástico e começo a desabotoar a camisa. Mas quando começou o meu pai a usar roupa daquela? Não me lembro de um único momento em que ele não estivesse de camisa de flanela, roupa interior térmica, fato-macaco e botas gastas. Uma pessoa não se veste para o sucesso quando passa vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, num cercado de lobos; veste aquilo que a protege de mordidelas e arranhões, e da lama e chuva. Teria ele mudado o suficiente durante o tempo em que eu estivera fora para conseguir aclimatar-se ao mundo dos humanos de forma tão perfeita como quando andava na companhia de lobos? Frequentaria bares, concursos de poesia, teatros?

Será que o pai que continuei a imaginar, num vídeo amador contínuo, é agora uma pessoa diferente?

E se for, será que posso ter a certeza de que continua a acreditar naquilo que me disse enquanto bebia um uísque quando eu tinha quinze anos?

Sim, digo para comigo. Tem de ser, pois não consigo enfrentar a alternativa.

Dispo a camisola e visto a camisa do meu pai. O algodão tem um toque fresco na minha pele, como asas a nascer-me nas costas. Abotoo a carcela e depois enfio a mão no bolso de peito engomado, soltando a película de goma do tecido.

Quando eu era pequeno, o meu pai tinha um casaco de lã aos quadrados pretos e vermelhos que costumava usar para trabalhar. Tinha dois bolsos no peito e, sempre que ele chegava a casa, dizia-me para escolher um deles. Se escolhesse o bolso certo e pusesse a mão lá dentro, encontrava uma guloseima. Levei anos a perceber que não havia bolsos errados ou certos. Ambos tinham guloseimas; eu saía sempre vencedor.

Viro-me impulsivamente e procuro o casaco no roupeiro do meu pai. A princípio, penso que não está lá, e depois encontro-o pendurado atrás de um fato-macaco rasgado.

Vejo o meu reflexo no espelho posto na parte de dentro da porta do roupeiro. Para minha surpresa, a camisa não me fica nada grande. Encho os ombros, e os braços têm exatamente o comprimento que escolheria se a tivesse comprado para mim. Com um sobressalto, reparo que agora podia passar facilmente pelo meu pai, com as feições e a altura que tenho.

Pego no casaco de xadrez e também o visto.

— É uma mensagem — argumenta Joe, o mesmo argumento que tem usado desde que descí a escada com o casaco do meu pai vestido. — E, em tribunal, não vais querer fazer nada que deixe o juiz irritado.

— É um casaco, não é uma mensagem — replico. — Estão quinze graus lá fora. E estamos no New Hampshire. Não me vai dizer que todos os réus vestem *Armani*.

Antes que possamos continuar a discutir, o delegado entra na sala de audiências.

— Atenção, atenção, todos de pé! — Olha para a galeria. — Todos aqueles que têm assuntos para tratar diante do tribunal distrital devem aproximar-se agora, registrar a sua presença, e serão ouvidos. A Meritíssima Juíza Nettie McGrue preside à sessão!

A juíza parece um passarinho, com um cabelo assustadoramente amarelo e um nariz afilado e pontiagudo. A sua toga tem uma profusão de renda na gola que me faz pensar num cão raivoso a espumar pela boca.

— Senhor advogado — diz. — Tratarei das questões formais agendadas para pronúncia.

Joe põe-se em pé, ao meu lado.

— Meritíssima, estou pronto no que respeita ao caso de Edward Warren.

— Senhor Warren, apresente-se — diz a juíza, ao mesmo tempo que Joe me faz levantar. — Escrivão, cite o réu.

Avançamos até à parte da frente da sala, e eu dou o meu nome e morada — bem, dou a morada do meu pai.

— Senhor Warren — diz a juíza — Vejo que é representado pelo advogado... O ilustre advogado quer fazer o favor de se identificar, para que conste?

— Joe Ng, Meritíssima.

— Senhor Warren, está no tribunal acusado de agressão de segundo grau contra Maureen Cullen, enfermeira no Beresford Memorial Hospital. Como se declara em relação a esta acusação?

Os meus dedos fecham-se sobre o punho do casaco do meu pai.

— Inocente, Meritíssima.

— Vejo que a fiança foi fixada em cinco mil dólares, com obrigação de comparência. O réu, tendo aparecido aqui voluntariamente, é libertado nas mesmas condições. Senhor Warren, vou estabelecer condições de fiança idênticas às fixadas pelo comissário: terá de submeter-se a uma avaliação psiquiátrica, ficará proibido de contactar com o seu pai e de entrar no Beresford Memorial Hospital. — Fixa os seus olhos pretos e brilhantes em mim. — Tem consciência de que se não realizar a avaliação dentro dos próximos dez dias, pode ser trazido aqui novamente e detido sem direito a fiança na cadeia do condado até ser ouvido? Compreende os termos e condições da sua libertação?

Ela pede-me para levantar a mão direita e jurar que voltarei ali dentro de dez dias para uma audiência com vista a determinar a suficiência dos fundamentos, o que quer que isso seja.

— Próximo caso — diz a juíza, pondo fim à questão.

Todo o processo leva cerca de dois minutos, no máximo.

— É só isto? — pergunto a Joe.

— Preferias que se arrastasse por mais tempo? — diz ele, puxando-me para fora da sala de audiências.

Sigo-o pelo parque de estacionamento até ao carro.

— E agora? — pergunto, com as palavras a mudar de forma no ar frio. Bato com os pés no chão enquanto ele abre a porta.

— Agora fazes o que a juíza disse. Vais fazer a tua avaliação psiquiátrica e aguentas firme enquanto eu tento descobrir uma maneira de anular o caso. — Liga a ignição e faz marcha-atrás. — Vou levar-te a casa do teu pai...

É interrompido pelo som estridente da «Bohemian Rhapsody» dos Queen. Sobressaltado, mexo no rádio para baixar o volume, mas nem sequer está ligado.

— Joe Ng — anuncia ele em voz alta, não sei para quem.

Depois, ouço outra voz, transmitida pelo sistema de mãos livres do telefone.

— Joe? Daqui fala Danny Boyle, o procurador do condado.

— Danny — diz Joe, cauteloso. — Que posso fazer por si?

— Na verdade, é mais ao contrário. O seu enteado foi hoje indiciado pela tentativa de homicídio do pai...

— Que diabo! — deixo escapar.

Joe dá-me um soco no braço.

— Desculpe, deixe-me só baixar o rádio — diz ele, ao mesmo tempo que me lança um olhar fulminante e leva o dedo aos lábios: *silêncio!* — Creio que é capaz de estar enganado — continua Joe. — Ele foi acusado de agressão em segundo grau.

— Bem, Joe — a outra voz é suave e untuosa —, tenho a acusação aqui na minha mão. Para ser sincero, este telefonema foi mera cortesia profissional. Em vez de mandar alguém buscá-lo, pensei que preferiria trazê-lo ao departamento da polícia.

— Sim — replica Joe. — Eu levo-o. Obrigado pelo telefonema. — Prime um botão no volante, desligando a chamada, e olha para mim. — Estás metido em grandes apuros.

— Eu não estava a tentar matar o meu pai — insisto, enquanto Joe despeja a chávena de café de um trago e depois a estende à empregada de mesa para voltar a enchê-la. — Bem, isto é, eu *estava*, mas não por querer vê-lo morto, e sim porque era isso que *ele* queria.

— E como sabes disso?

Procuro no bolso do casaco a carta que assinei para o meu pai, mas depois dou conta de que ficou em casa, na minha camisola.

— Tenho um papel assinado, que me dá o poder de tomar decisões médicas por ele, caso não esteja em condições de tomá-las — replico. — Ele disse-me que, se alguma vez estivesse numa situação como esta, não queria que o mantivessem vivo.

Perante isto, Joe ergue as sobrancelhas.

— Quando é que ele assinou esse papel?

— Quando eu tinha quinze anos — admito, e Joe enterra o rosto nas mãos.

— Vou resolver isto — promete —, mas tens de me contar exatamente o que aconteceu ontem.

— Eu já...

— Conta-me outra vez.

Respiro fundo. Conto-lhe sobre a reunião à cabeceira de Cara, a forma como o neurocirurgião e o médico da UCI disseram ambos que o meu pai não ia recuperar e que teríamos de fazer algumas escolhas relativamente aos cuidados a prestar-lhe. Conto-lhe como Cara se passou e como a enfermeira pôs toda a gente na rua.

— Cara disse que não conseguia fazer isto — explico. — Não conseguia continuar a ouvir todos aqueles médicos a dizer que não havia esperança. Por isso, eu disse-lhe que ia tratar de tudo. E tratei.

— Então, ela nunca *disse* realmente que queria que desligasses o suporte artificial de vida ao vosso pai...

— Claro que não. Nenhum de nós o *queria*. Quem quererá uma coisa dessas, quando isso significa a morte de um familiar? Mas Cara também não era capaz de enfrentar o facto de o meu pai não ir voltar a *viver*. — Abano a cabeça. — Não se perspetiva nenhum milagre, quer esperemos mais uma semana, um mês ou um ano. É o que é. E é tramado, mas significa que as nossas opções são

mandá-lo para uma casa de saúde para o resto da vida ou pôr fim ao suporte artificial de vida, e Cara não quer ter de escolher nenhuma das duas. Posso não ter estado por perto nos últimos tempos, mas continuo a ser o seu irmão mais velho e sou eu que devo protegê-la dos rufiões, dos namorados imprestáveis e de situações horríveis como esta. Foi por isso que decidi que seria eu a decidir. Dessa forma, ela não teria de carregar essa pequena culpa para o resto da vida.

— Mas *tu* sim — diz Joe.

— Pois — digo, olhando para ele.

— Então, o que fizeste?

— Falei com o cirurgião do meu pai. Queria ter a certeza de que aquilo que ele estava a dizer era que o meu pai não ia voltar a si. Nunca mais. Depois, disse-lhe que queria falar com as pessoas que coordenavam a doação de órgãos.

— Porquê?

— A carta de condução do meu pai diz que ele queria ser dador — respondo. — Por isso, reuni-me com eles, assinei os formulários e eles agendaram tudo para a manhã seguinte.

— Porque não foste falar com Cara sobre isso?

— Ela estava sedada. Por aí, pode ver como ela ficou quando os médicos disseram que o meu pai não tinha hipótese. — Encolho os ombros. — Pode perguntar à minha mãe, se não acredita em mim.

— E depois o que aconteceu?

— Às nove horas, estava no hospital, no quarto do meu pai, com duas enfermeiras, a advogada do hospital e o neurocirurgião, e o médico da UCI perguntou onde estava Cara. A seguir, só sei que ela irrompeu pelo quarto aos gritos, a dizer que eu estava a tentar matar o meu pai. — Pego no garfo, brincando com ele. — A advogada do

hospital pediu a toda a gente para suspender o que estava a fazer, pois as coisas não podiam continuar como planeado. Mas a única coisa que me vinha à cabeça era: *Não posso deixar que isto se arraste por mais tempo*. Por mais que esperássemos, aquilo nunca iria tornar-se mais fácil, quer Cara estivesse, ou não, disposta a admiti-lo. Por isso, baixei-me e desliguei a ficha do ventilador. — Olho de relance para Joe. — Fui de encontro à enfermeira quando me estiquei para agarrar na ficha, mas não a empurrei.

— A enfermeira é a menor das tuas preocupações, neste momento — diz Joe. — Disseste alguma coisa quando desligaste a ficha?

— Não me parece — digo, abanando a cabeça.

— Alguma vez fizeste alguma coisa que possa ter levado as pessoas a pensar que estavas zangado com o teu pai?

Hesito.

— *Ontem* não.

Ele recosta-se no banco.

— A situação é a seguinte. O estado tem de provar, para lá de qualquer dúvida razoável, que tiveste intenção de matar o teu pai, que pensaste previamente nisso e que o querias fazer com dolo. É óbvio que querias acelerar a morte dele. A premeditação existe, mesmo que só tenhas pensado nisso segundos antes de agires. Por isso, o que está aqui em causa, aquilo a que nos podemos agarrar, é a questão do dolo ou má-fé.

— Má-fé é manter alguém vivo com máquinas — respondo. — Como pode ser lícito prolongar artificialmente a vida, e não sê-lo deixar alguém morrer livrando-o de todas essas medidas especiais?

— Não sei, Edward, mas neste momento não tenho tempo para discutir a filosofia da eutanásia — diz Joe. — O que aconteceu

quando desligaste a ficha?

— Fui atacado por um auxiliar e depois apareceram os seguranças e levaram-me para o átrio. A polícia foi lá buscar-me.

Vejo Joe tirar uma caneta do bolso e escrevinhar qualquer coisa num guardanapo.

— Bem, a nossa estratégia é esta: não se trata de homicídio, mas sim de um ato de compaixão.

— Exatamente.

— Preciso que me tragas a tal carta que o teu pai assinou.

— Está lá em casa.

— Vou lá buscá-la depois.

— Porque não agora?

— Porque vou falar com todas as outras pessoas que estavam presentes naquele quarto de hospital — diz Joe, pondo uma nota de vinte dólares em cima da mesa. — E tu vais apresentar-te na esquadra.

O comissário da fiança é o mesmo do dia anterior.

— Sabe, senhor Warren — diz ele —, não vai obter milhas de passageiro frequente por cá voltar.

É um enorme *déjà-vu*, com outra queixa-crime a ser entregue ao comissário, outro inspetor de braços cruzados, mas desta vez dá para ver que está surpreendido.

— Tentativa de homicídio é um crime muito grave. E é a sua segunda detenção em dois dias. Esta está fora da minha zona de conforto, senhor Warren. Vou fixar a fiança em quinhentos mil dólares.

— *O quê?* — explode Joe, levantando-se. — Isso é uma soma astronómica!

— Leve o assunto na segunda-feira ao juiz — diz o comissário.

Joe vira-se para o polícia que está na sala.

— Posso ficar um momento a sós com o meu cliente?

O comissário da fiança e o inspetor terminam e deixam-nos sozinhos na sala de interrogatório. Joe abana a cabeça. Tenho a certeza de que gostava de se ter casado com alguém cuja bagagem não incluísse um filho como eu, que parece não conseguir manter-se longe de problemas.

— Não te preocupes — diz. — Quando fores ao tribunal superior para ouvires a acusação, o juiz não irá sancionar esta fiança.

— Mas que fazemos entretanto?

— Precisamos de cinquenta mil dólares para pagar a fiança — explica Joe, de olhos pregados no chão. — E, Edward, eu não tenho esse dinheiro disponível.

— Não compreendo.

— Significa — diz ele — que vais ter de passar o fim de semana na cadeia.

Se há uma semana me tivessem dito que estaria num estabelecimento prisional do condado do New Hampshire, tê-los-ia apodado de loucos. Na verdade, pensava que por esta altura já o meu pai estaria a convalescer e eu a bordo de um avião de volta aos meus alunos em Chiang Mai.

Mas a vida encarrega-se de nos defraudar.

O guarda prisional que está a processar a minha informação utiliza apenas um dedo. Seria de esperar que, sendo este o seu trabalho, já o fizesse melhor nesta altura. Ou então podia ter feito um curso de digitação. É tão lento que nem sei se chegarei a passar algum tempo na cela, ou se ainda estarei ali sentado quando me vierem buscar para me levar a tribunal.

— Esvazie as algibeiras — diz ele.

Tiro para fora a minha carteira, que tem trinta e três dólares e uns quantos *bahts*, a chave da casa do meu pai e as chaves do carro de aluguer.

— Recupero estas coisas? — pergunto.

— Se for libertado — diz o guarda. — Caso contrário, o dinheiro é posto numa conta enquanto aguarda julgamento.

Nem sequer quero pensar nessa hipótese. Isto é um mal-entendido, só isso, e na segunda-feira Joe encarregar-se-á de demonstrar isso mesmo ao juiz.

Mas há dúvidas que continuam a perseguir-me, como sombras numa viela. Se não fosse grave, por que razão a fiança fixada havia de ser tão elevada? Se não fosse grave, porque havia de ter sido o procurador do condado a telefonar pessoalmente a Joe para o informar de que eu tinha sido indiciado? Se não fosse grave, porque me haviam de ter levado até à prisão do condado no banco de trás do carro do xerife?

Não sou especialista em leis, isso é indiscutível. Mas sei o suficiente para compreender que, embora o hospital possa ter apresentado a queixa que levou à acusação de agressão, tinha de ser o estado a apresentar a queixa-crime por tentativa de homicídio.

Como podia o procurador do condado ter sabido tão rapidamente do assunto?

Alguém lhe contou.

Não teriam sido os médicos, que, diga-se a verdade, haviam sido perfeitamente claros ao explicar o mau prognóstico do meu pai. Não teria sido a advogada do hospital, que (se tudo tivesse corrido de acordo com o plano) ficaria de bom grado com a cama para um doente que pudessem efetivamente ajudar. Não teria sido a

coordenadora da doação de órgãos, pois isso seria contraproducente para a sua organização.

Resta apenas uma das enfermeiras, possivelmente. Tinha conhecido enfermeiras de todo o tipo, a entrar e a sair do quarto do meu pai. Umas eram divertidas, outras gentis; umas traziam-me lanchinhos, outras cartões com orações. Creio que é possível que alguma mais conservadora que acreditava no caráter sagrado da vida se possa ter tornado enfermeira para preservar essa dívida. Assim sendo, retirar o suporte artificial de vida seria moralmente perturbador, apesar de fazer parte da sua descrição de funções. Se acrescentássemos a isso a explosão de Cara e...

De repente, tropeço nos meus próprios pensamentos. *Cara*.

Tanto quanto sei, foi ela que me denunciou. No fim de contas, quem escolheria um alegado homicida para ser tutor legal de alguém?

Começo a tiritar, embora o aquecimento esteja regulado aproximadamente para o oitavo círculo do Inferno. Cruzo os braços, na esperança de conseguir disfarçar.

— Tem problemas de ouvido? — berra o guarda, a olhar para mim. Dou conta de que não ouvi uma palavra do que ele tem estado a dizer.

— Não, peço desculpa.

— Por aqui.

Leva-me para uma sala minúscula e abafada.

— Dispa-se — exige.

Não preciso de lhes falar dos estereótipos relacionados com homens homossexuais e cadeia. Mas quando ele diz isto, já não posso fingir que aquilo não é real e que não está a acontecer. Eu, que nunca me atrasei sequer a devolver um livro à biblioteca, agora

tenho registo criminal. Estou prestes a ser revistado. Vou ser trancado numa cela com alguém que realmente *merece* lá estar.

— À sua frente?

— Oh! — diz o guarda, arregalando os olhos com horror fingido. — Peço muita desculpa! Devia ter reservado a cabana com vista para a praia. Infelizmente, neste momento esse pacote não se encontra disponível. — Cruza os braços. — No entanto, poderá escolher uma de duas coisas: pode ser o senhor a despir-se ou eu a fazê-lo por si.

As minhas mãos vão imediatamente para o cinto das calças. Atrapalho-me com o fecho e viro-me de costas para o guarda. Dispo o casaco do meu pai e desabotoo a sua camisa. Depois, descalço as meias e, finalmente, dispo as cuecas. Ele pega em cada peça de roupa e inspeciona-a.

— Vire-se para mim e levante os braços — diz o guarda, e eu assim faço, fechando os olhos.

Sinto os seus olhos passar-me a pente fino, como um dragaminas. Calça umas luvas de látex e levanta-me os testículos.

— Vire-se e incline-se — diz ele, e quando o faço posso senti-lo a afastar-me as pernas, a explorar.

Uma vez, num bar em Banguet, conheci um homem que era guarda prisional. Tinha posto toda a gente a rir com histórias de reclusos que se esfregavam com as suas próprias fezes — a que os guardas chamavam autobronzeador —, de um tipo que mergulhou da parte de cima do beliche em direção à sanita, como se fosse uma piscina, e das coisas que encontravam durante as revistas às cavidades corporais: espigões, latas de refrigerante, chaves de parafusos, lápis, chaves, saquinhos de heroína, e uma vez um pardal vivo. «Mas temos de estar de olho é nas reclusas», dissera.

«Conseguem fazer desaparecer uma *torradeira*.» Na altura, tinha achado aquilo hilariante.

Mas agora não.

O guarda descalça as luvas e atira-as para o caixote do lixo. Depois, entrega-me um saco de lavandaria. Contém um uniforme azul, algumas *t-shirts*, roupa interior, chinelos de banho e uma toalha.

— Isto é uma oferta de boas-vindas do gerente em funções — diz. — Se tiver alguma pergunta, pode ligar para a receção. — Desata a rir, como se aquilo tivesse graça.

Sou levado a uma enfermeira, que me mede a tensão arterial e me enfia um termómetro na boca. Quando ela se inclina para ouvir os meus pulmões com um estetoscópio, sussurro-lhe ao ouvido: — Houve um engano.

— Como diz?

Olho à minha volta para ter a certeza de que a porta está fechada e que estamos sozinhos.

— Eu não pertenço aqui.

Ela dá-me umas palmadinhas no braço.

— És tu e eu, meu querido — diz ela.

Entrega-me a um guarda diferente, que me leva para as entranhas da cadeia. Há portas duplas em vários pontos, guardadas de ambos os lados por pessoas em torres de vigia, que abrem e fecham as portas sequencialmente. Quando passamos por um dos portões, o guarda enfia as mãos numa caixa e entrega-me outro saco de lavandaria.

— Lençóis, cobertores e uma almofada — diz. — A roupa é lavada de duas em duas semanas.

— Só vou cá estar durante o fim de semana — explico.

Nem sequer olha para mim.

— Você é que sabe.

Estamos num passadiço metálico que ressoa de cada vez que o piso. As celas ficam de um dos lados. Cada uma delas tem um beliche, um lavatório, uma sanita e uma televisão com caixa plástica para se poder ver o interior. A maior parte dos presos por que passamos está a dormir. Os que estão acordados estão a assobiar ou chamam quando me veem passar.

Carne fresca, ouço.

Oh, temos um menino!

Dou por mim a pensar no meu pai, a dar-me instruções quando me aproximei do cercado dos lobos pela primeira vez: *Eles sabem se a tua pulsação está a aumentar, por isso não os deixes perceber que estás com medo.* Continuo a olhar em frente. O meu relógio foi confiscado, mas a tarde já está a chegar ao fim; vai ser apenas uma questão de horas até sair dali.

Mais uma vez, ouço a voz do meu pai. *Tenho dificuldade em descrever o que senti da primeira vez que me tranquei no cercado dos lobos. De início, foi apenas puro pânico.*

— Vern — diz o guarda, parando em frente de uma cela com um recluso lá dentro. — Tenho um companheiro de quarto para ti. Este é o Edward — remata, abrindo a porta e aguardando que eu entre calmamente.

Pergunto a mim mesmo se terá havido alguém que se tenha recusado terminantemente a fazê-lo, que tenha ficado para trás, agarrado às barras de ferro, que se tenha atirado por cima do corrimão do passadiço.

Quando a porta se volta a fechar atrás de mim, olho para o homem sentado na cama de baixo. Tem cabelo ruivo e barba com

comida agarrada. Um dos seus olhos não para quieto e desvia-se para a esquerda, como se não estivesse preso dentro da sua cabeça. Tem tatuagens em cada centímetro de pele que consigo ver — incluindo o rosto — e os seus punhos parecem pernis de Natal.

— Porra! — exclama. — Trouxeram-me um maricas.

Fico petrificado, a segurar o saco com os lençóis e as toalhas. E essa é a confirmação de que ele precisa.

— Tentas chupar-me o coiso a meio da noite e juro que te corto os tomates com uma faca de manteiga.

— Não há problema.

Afasto-me dele o mais possível (o que não é fácil, num espaço que tem dois metros por dois e meio) e subo para o beliche de cima. Não me dou ao trabalho de fazer a cama. Em vez disso, deito-me e olho para o teto.

— Porque é que estás dentro? — pergunta Vern passado um minuto.

Ainda penso em dizer-lhe que estou à espera de ser acusado de homicídio. Talvez isso me faça parecer mais durão, alguém que é melhor deixar em paz. Mas, em vez disso, digo: — Por causa da comida grátis.

Vern resfolega.

— Está bem, já percebi. Não queres que ninguém saiba das tuas merdas.

— Não estou a tentar ser um enigma...

— Pois, é verdade que não me estás a enfiar nenhuma mangueira pelo cu acima...

Levo um minuto a perceber a tirada.

— Eu não disse *enema* — replico. — E não estou a esconder nada. A questão é que não pertenço aqui.

— Porra, Eddie — diz Vern, a rir —, nenhum de nós pertence.

Viro-me de lado e ponho a almofada por cima da cabeça, para não ter de continuar a ouvi-lo. *São só umas noites*, digo para mim mesmo. *Qualquer pessoa consegue sobreviver umas noites*.

Mas e se não forem? E se Joe não conseguir desfazer todo o equívoco e eu tiver de ficar ali durante seis meses ou um ano até irmos a julgamento? E se eu, Deus me livre, acabar por ser condenado por tentativa de homicídio? Eu não era capaz de viver assim, enjaulado.

Tenho medo de fechar os olhos, mesmo depois de as luzes se apagarem, horas mais tarde. Mas lá acabo por adormecer e, quando o faço, sonho com o meu pai. Sonho que ele está numa cela e que eu sou a única pessoa que tem a chave.

Enfio a mão no bolso para a tirar, mas o forro das calças tem um buraco e, por mais que procure, não a consigo encontrar.

LUKE

Uma vez, vi um lobo cometer um assassinio.

Havia um lobo solitário que estava sempre a passar as fronteiras das outras alcateias e a caçar gado das herdades que havia na área. Por mais que a minha alcateia o ameaçasse com os seus uivos, ele não se mantinha afastado. No entanto, a decisão de agir não foi minha, mas sim da fêmea alfa. Sempre que aquele lobo estava perto do nosso território, a tensão aumentava. Os lobos da minha alcateia lutavam uns com os outros. À noite, ouvíamos outras alcateias a uivar, a dizer-lhe para se pôr a milhas.

Um dia, o grande lobo preto — o beta — desapareceu numa patrulha com a outra fêmea. Isso, só por si, não era nada de anormal; era o seu trabalho no seio da alcateia. No entanto, desta vez não regressou. Passaram-se quatro dias... cinco... seis. Comecei a ficar preocupado — a acreditar que tinha desaparecido de vez — e depois a fêmea regressou sozinha, confirmando os meus receios. Nessa noite, a nossa alcateia uivou, mas não era um uivo de localização. Era dor envolta numa única nota. Era o que fazíamos quando queríamos chamar alguém para o pé de nós.

Eu fui recetor desse chamamento. Na floresta, não temos orientação, por isso, quando este tom vocálico constante surge de repente como um farol, dá-nos uma direção para seguir, diz-nos onde a nossa alcateia nos espera. Mas o beta não apareceu. Três noites a chamá-lo, e nunca respondeu.

Tinha a certeza de que tinha sido morto.

Depois, uma noite, quando uivámos, houve uma resposta. Não do lobo preto, mas do lobo solitário que tinha sido um transtorno tão grande para a nossa alcateia.

A fêmea alfa continuou a chamá-lo. Longe de mim questionar as suas motivações, mas imaginava que iria ser um desastre. Ali estava ela a anunciar o lugar vago na alcateia, a convidá-lo para se juntar a nós, e ele não passaria de um empecilho.

Por fim, os chamamentos deste lobo solitário tornaram-se mais próximos e ele abordou a alcateia. Todos estavam de pé atrás; no fim de contas, era um elemento desconhecido para a família e o primeiro encontro seria como uma dança desajeitada, o início de um casamento arranjado. Mas mal ele entrou na clareira onde o esperávamos, o grande lobo preto beta saiu do meio da floresta e armou-lhe uma emboscada. De imediato, a outra fêmea e o jovem macho saltaram em frente para ajudar à luta.

O lobo solitário morreu em poucos segundos. Deitado imóvel no chão, parecia um cruzamento de um dingo e de um animal selvagem, o que explicaria o seu mau comportamento. O beta foi rodeado pelo resto da alcateia, que lhe lambeu o focinho e se esfregou nele como forma de solidariedade e para lhe dar as boas-vindas.

Não creio que esteja a deixar o meu lado humano interferir na leitura que faço do que aconteceu nesse dia quando digo que foi um ataque coordenado. Que a alcateia criou intencionalmente um stratagema, em que o beta foi mandado ficar de emboscada — em silêncio — para atrair o lobo solitário para mais perto; para o beta esperar que o lobo solitário saísse do seu esconderijo, para poder ser abatido com a ajuda do resto da alcateia. Bem, foi um ato premeditado e de má-fé, e muito, muito necessário na altura para manter a família em segurança.

Chamam-lhe assassínio.

Um lobo é capaz de lhe chamar oportunidade.

CARA

Costumava interrogar-me sobre os reclusos que tinham sido condenados a prisão perpétua. E se um deles tiver um ataque cardíaco, for declarado morto e acabar por ser ressuscitado por médicos? Será que isso significa que cumpriu a sua pena? Ou será por isso que às vezes as sentenças contemplam duas ou três perpétuas?

A razão por que pergunto é que, neste momento, estou de castigo até aos 198 anos.

É claro que a minha mãe tinha voltado da paragem de autocarros para casa e dado pela minha ausência. Eu não podia dizer-lhe que ia a caminho para depor diante do júri de acusação em Plymouth, por isso tinha-lhe deixado um bilhete muito veemente sobre o quanto me custava saber que o meu pai estava sozinho no hospital, e por isso Mariah ia levar-me lá para o visitar, mas que prometia não abusar e que ela não se devia sentir obrigada a vir para o pé de mim, uma vez que não tinha estado com os gémeos durante uma semana, graças à cirurgia que me tinham feito ao ombro, blá-blá-blá. Calculava que a compaixão se sobrepusesse à fúria, e estava certa: como nos podemos zangar com uma miúda que sai de casa à socapa para visitar o pai no hospital?

Se Danny Boyle acha estranho eu pedir-lhe para me deixar ao fundo do quarteirão, para poder fazer o resto do caminho a pé sem a minha mãe me fazer perguntas sobre o *BMW* desconhecido que me deixou ali, não diz nada. Na verdade, quando entro em casa, a minha mãe dá-me um abraço cuidadoso, pede desculpa por ter gritado comigo na noite anterior e pergunta: — Como é que ele está?

Durante um segundo, penso que ela está a falar do procurador do condado. Depois, lembro-me do álibi falso.

— Na mesma — digo.

Ela segue-me até à cozinha, onde começo a abrir e a fechar portas de armários à procura de um copo.

— Cara — diz a minha mãe —, quero que saibas que esta é a tua casa, para sempre, se assim o desejares.

Eu sei que ela diz aquilo com boa intenção, mas a minha casa fica do outro lado da cidade — com um sofá em mau estado que tem covas nos lugares onde eu e o meu pai nos costumamos sentar. A minha casa tem champôs e creme de barbear naturais para os lobos não serem agredidos pelo perfume quando o meu pai trabalha com eles. A minha casa tem uma única casa de banho com duas escovas de dentes: cor-de-rosa para mim e azul para o meu pai. Aqui, tenho de vasculhar seis gavetas diferentes antes de conseguir encontrar o que quero. A nossa casa é o lugar onde sabemos onde está a baixela, onde se escondem as chávenas, onde estão os pratos limpos.

Abro a torneira para poder beber.

— Hum — digo, embaraçada. — Obrigada.

Tento imaginar uma vida em que tenho de estar constantemente à espera de encontrar uma pestinha escondida debaixo da cama para me assustar, em que tenho recolher obrigatório, em que me dão uma lista de tarefas para fazer em vez de ser constituída sócia em pé de igualdade com os outros membros da família. Tento imaginar uma vida sem o meu pai. Ele pode ser um pai pouco ortodoxo, mas continua a ser o melhor para mim. Lembram-se da controvérsia quando Michael Jackson balouçou o filho sobre um varandim? Aposto que ninguém perguntou ao miúdo como é que ele

se sentia. Provavelmente, estava encantado porque, para ele, o lugar mais seguro do mundo eram os braços do pai.

Ouçõ uma porta bater e, passado um momento, Joe entra na cozinha. Tem um ar desalinhado e perturbado, mas a minha mãe age como se ele fosse Colin Farrell.

— Chegaste cedo! — diz ela. — Espero que isso signifique que conseguiste anular aquela acusação ridícula contra Edward...

— Georgie — interrompe ele —, acho que é melhor sentares-te.

As feições da minha mãe ficam paralisadas. Viro-me novamente para o lava-louça, despejando o copo e enchendo-o novamente, desejando não ter sido apanhada na teia daquela conversa.

— Recebi um telefonema do procurador do condado — explica Joe. — Alteraram a acusação contra Edward de agressão para tentativa de homicídio.

— O quê? — diz a minha mãe, estupefacta.

— Não tenho a certeza de onde vem a pressão. Pode ser uma questão política, pois ele construiu um programa com base em ideias pró-vida e estamos em ano de eleições e isso pode render-lhe o voto de todos os conservadores do estado. Pode estar a querer exhibir-se, e Edward ser simplesmente o bode expiatório. — Joe olha para a minha mãe. — Tu estavas no quarto do hospital quando tudo aconteceu. O Edward disse ou fez alguma coisa que possa ter sido publicamente interpretada como má-fé?

Sim, penso. Tentou matar o meu pai.

— Eu... não consigo lembrar-me. Aconteceu tudo muito depressa. Num minuto, a advogada do hospital estava a dizer que a intervenção ia ser cancelada, e no minuto seguinte ouviu-se um alarme e um auxiliar agarrou em Edward... — Vira-se para mim. — Cara, ele disse alguma coisa?

Ele não disse *nada*. E é isso que eles não percebem. Ele não me perguntou primeiro se podia matar o nosso pai; não se importou absolutamente nada com eu estar completamente contra.

— Acho que preciso de me deitar — replico, despejando a minha água no lava-louça pela segunda vez.

A minha mãe senta-se à mesa da cozinha.

— Onde está Edward, agora?

Joe hesita.

— Tem de passar o fim de semana na cadeia. É ouvido na segunda-feira de manhã.

Creio que não pensei que as ações têm consequências, que aquilo que fiz podia significar o meu irmão ficar preso numa cela. E que podia lá ficar durante anos. Quisera pô-lo algures fora do meu caminho para conseguir que os médicos me dessem ouvidos, mas não tinha pensado onde seria esse algures.

Quando disse que precisava de me deitar, estava apenas a inventar uma desculpa, para poder sair da cozinha antes que Joe percebesse que era eu a culpada pela situação do meu irmão. Mas agora, acho que sou mesmo capaz de *ter de* me deitar.

Porque sou eu a responsável por destruir esta família.

Por fazer a minha mãe chorar.

Por não ouvir as razões de ninguém, a não ser as minhas.

O que significa que acabei de fazer exatamente o mesmo que acusei o meu irmão de ter feito no passado.

LUKE

É possível ser expulso de uma alcateia.

Já vi ambos os lados da questão. Há lobos que são extremamente respeitados pelo seu conhecimento e experiência, que podem adoecer ou ficar aleijados e são tratados por toda a alcateia até recuperarem. Levam-lhes comida, são mantidos quentes e o andamento é ajustado em função deles até que se restabeleçam.

Também vi lobos que sabem que já não têm nenhuma serventia para a alcateia serem brindados com o olhar de esguelha do alfa. Isto pode dever-se a doença ou à idade. E talvez na próxima patrulha, ou na próxima caçada, optem por desaparecer. Deitar-se debaixo de um maciço de árvores. Deixar-se ir.

JOE

O anúncio televisivo de trinta e dois segundos ao meu escritório de advogados mostra-me com ar severo e concentrado à frente da minha secretária, de braços cruzados. *Joe Ng*, anuncia uma voz-off, com o som gutural do meu último nome a ecoar nas colunas de som. «O nome significa “Not Guilty”», digo, e ouve-se um martelo de juiz a bater.

Sim, é piroso. E é claro que Ng não significa «Not Guilty», mas não me importo quando os escrivães batem a palma da mão na minha e me chamam assim. Fui o primeiro da família a ir para a universidade, ainda por cima para Direito. O meu pai era um pescador do Camboja e a minha mãe costureira, e mudaram-se para Loell, no Massachusetts, pouco antes de eu nascer. Eu era o menino de ouro, o sonho americano enfaixado em fraldas descartáveis.

Toda a vida tive sorte. Nasci às 9h09 do dia 9/9, e toda a gente sabe que nove é o número da sorte no Camboja. A minha mãe conta que ainda mal me tinha em pé quando me encontrou a segurar uma cobra no quintal. Não importa se era uma vulgar cobra de jardim, pois conseguir matar tal criatura com as minhas mãos nuas e rechonchudas significava claramente que eu era especial. O meu pai está convencido de que a razão para eu ter sido convidado a colaborar no *Jornal de Direito* não foi por tirar sempre as classificações mais altas, mas porque ele tinha rezado a Ganesha para eliminar todos os obstáculos da minha ascensão à grandiosidade.

Tal como toda a gente na América, lembro-me de quando Luke Warren saiu da floresta como se fosse uma espécie intermédia e aterrorizou um grupo de estudantes católicas cujo autocarro fizera

uma paragem para almoço numa área de descanso junto ao rio St. Lawrence. Assisti às entrevistas que ele deu a Katie Couric, Anderson Cooper e Oprah. Provavelmente, até li por alto o seu perfil na revista *People*, que tinha uma fotografia de Georgie sentada com Luke nos degraus da entrada de uma casa onde ele raramente dormia, com os dois filhos a ladeá-los, como cerra-livros.

Mesmo assim, quando Georgie veio ao meu escritório em Beresford, a perguntar se podia representá-la no processo de divórcio, não a reconheci pelo nome nem pela cara. Limitei-me a pensar que, mesmo depois de ter pago cinquenta mil dólares a um *designer* de interiores chamado Swag para aplicar ao meu escritório os princípios do Feng Shui, só no momento em que Georgie entrou por aquela porta é que tudo começou a parecer estar no sítio certo.

O divórcio decorreu sem problemas. Luke apenas queria custódia partilhada e uma porcaria de uma caravana que se encontrava no parque do Redmond's Trading Post. Também consegui que Georgie recebesse uma parte do que ele tinha ganho a fazer as emissões especiais sobre o comportamento dos lobos para o Animal Planet. Eu tratava-a por senhora Warren, e fui cem por cento profissional até ao dia em que o divórcio foi decretado. E depois liguei-lhe para o telemóvel e perguntei se ela queria sair comigo.

Eu não acreditava que alguém que se tivesse apaixonado por Luke Warren olhasse sequer duas vezes para um tipo como eu. Não é que eu seja um monstro hediondo ou coisa do género, mas não sou propriamente o tipo de homem capaz de rivalizar com os heróis de tronco nu que aparecem nas capas dos romances de cordel. Tenho uma pequena careca que tento ignorar e, com um metro e

setenta, tenho menos dois centímetros que Georgie. Mas ela não pareceu importar-se.

Tenho de admitir que todas as noites, antes de ir para a cama, dedico uma pequena oração a Luke Warren, pois se ele não tivesse sido tão estúpido, Georgie era capaz de não me ter achado tão bom, em comparação.

Há qualquer coisa que me está a atormentar.

Embora Georgie consiga ter mão em si durante o jantar, eu sei que ela está a pensar em Edward. Pede para ser dispensada de ler *One Fish Two Fish* aos gémeos e, em vez disso, diz que está com uma enxaqueca. Sobe para o quarto, mas mesmo com a porta fechada consigo ouvi-la a chorar.

Depois de ter aconchegado os miúdos nas suas camas, bato à porta de Cara. As luzes estão apagadas, mas ouço música a tocar. Quando entro, encontro-a sentada na cama com o computador portátil aberto. Fecha-o de imediato.

— O que foi? — pergunta, com ar de desafio.

Abano a cabeça. Estou a trilhar uma linha ética muito fina como advogado de Edward, mesmo que ele seja da família da minha enteada. Tecnicamente, não devia estar ali, muito menos indagar sobre as circunstâncias que levaram à detenção de Edward.

— Só queria ter a certeza de que estavas a sentir-te bem — digo. — O ombro não te dói?

— Sou rija — diz ela, encolhendo os ombros.

Eu sei disso. Tive de me esforçar para conseguir penetrar as suas defesas quando eu e Georgie nos juntámos. Ela estava convencida de que eu estava interessado no dinheiro que tinha conseguido para Georgie com o acordo de divórcio. Na verdade, foi por causa de Cara que eu fiz um acordo pré-nupcial — não para

proteger a mãe de mim, mas para dar garantias à filha de que estava a fazer aquilo pelas razões certas.

— Sabes que não posso falar contigo acerca do que aconteceu no hospital, Cara. Mas se fores tu a dar a informação, já não faz mal. — Hesito. — Pode ser que consigas salvar o teu irmão.

Os seus olhos fecham-se, subitamente escuros e indecifráveis.

— Não faço ideia por que razão Danny Boyle decidiu escolher Edward para uma caça às bruxas — diz Cara.

Hesito, com a mão na maçaneta da porta.

— Talvez passe por cima dele e vá falar diretamente com Lynch — divago em voz alta.

— Com quem?

Olho para ela e abano a cabeça.

— Ninguém.

Mas quando volto a fechar a porta, penso em como é incrivelmente normal uma adolescente moderna não fazer ideia de que John Lynch é o governador do New Hampshire.

O que ainda torna mais estranho que, mesmo sem eu o ter mencionado antes, ela se referisse ao procurador do condado pelo nome.

Nessa noite, ligo para Danny Boyle e combino um encontro com ele logo pela manhã.

Ainda só são 7h30, e como é sábado, a secretária de Boyle não está no escritório. Ele recebe-me com o cabelo ainda molhado e um leve odor a cloro agarrado à pele.

— O que quer que tenha a dizer, Joe — diz-me ele, conduzindo-me ao seu gabinete —, pode dizer à frente do juiz.

Faz-me sinal para me sentar, mas eu fico em pé. Pego numa das fotografias emolduradas que ele tem em cima da secretária. Uma

rapariga mais ou menos da idade de Cara sorri para mim, com as faces coradas do sol.

— Tem filhos? — pergunto.

— Não — diz ele, revirando os olhos. — Ponho fotos à toa na minha secretária, apenas por capricho. Vá lá, Joe. Não tenho tempo para conversa fiada, e você também não.

— Eu tenho gémeos. E também dois enteados — digo, como se ele não tivesse falado. — E o problema é que todo este pesadelo está a desgastar a minha família. A minha mulher está praticamente dividida em duas, e não sei o que lhe dizer. Não sei como fazer isto sem magoar alguém. — Olho para ele. — Recorro a si, não como advogado, mas como pai e marido. Preciso de ter acesso à audiência preliminar antes da primeira apresentação em tribunal.

— O júri de acusação esteve reunido *ontem* — diz Boyle. — Arranjo-lhe a transcrição assim que puder.

— Podia dar-me a gravação dos autos *agora* — replico.

O procurador do condado olha para mim durante um longo momento e depois abre a gaveta da secretária e entrega-me um CD.

— A família é tudo — diz. — É por isso que lhe estou a dar isto. — Pego no disco e preparo-me para sair do gabinete. — E sabe uma coisa, Joe? Também é por isso que esta acusação tem pernas para andar.

Apresso-me a ir para o carro e a enfiar o CD no leitor. Há alguma discussão com o júri de acusação; e a voz de Danny, a fazer a primeira pergunta à testemunha.

E depois, clara como água, ouço a resposta de Cara.

Escusado será dizer que os guardas encarregados de passar o detetor de metais à entrada da cadeia tiveram de olhar duas vezes

ao verem um advogado de quarenta e seis anos, com uma pasta numa mão e um *karaoke* de brincar na outra. Não posso levar a aparelhagem do carro para dentro do edifício, a unidade de CD do meu computador está avariada e preciso que Edward ouça aquilo. Estava a pensar onde ficava a Best Buy mais próxima e quanto custaria um leitor de CD barato quando vi no banco de trás o brinquedo que demos a Elizabeth pelo Natal. Introduz-se o CD de *karaoke* e a criança pega no microfone apenso e começa a cantar em coro as canções do *Yo Gabba Gabba!* ou dos Wiggles.

Sinto-me um idiota, mas funciona. Ponho o brinquedo de plástico colorido no tapete rolante e esvazio os bolsos de trocos e aparelhos eletrónicos. O guarda que me manda passar ri-se à socapa.

— Ora, Luther — digo jovialmente —, tenho a certeza de que não sou o único fã secreto da Hannah Montana.

Edward já foi levado para uma sala destinada a reuniões entre clientes e advogados. Quando entro, faço uma avaliação rápida: sei que Georgie me vai perguntar como é que ele passou a noite.

Tem os olhos raiados de sangue, o que não é de admirar — nunca imaginei que ele fosse dormir bem na prisão. Mas está claramente agitado e nervoso.

— Joe — diz assim que ficamos sozinhos —, tem de me tirar daqui para fora. Não posso ficar ali. O meu companheiro de cela é o exemplo acabado da Irmandade Ariana.

— Vou dar o meu melhor — prometo. — Há uma coisa que precisas de ouvir.

Pouso o leitor de CD em cima da mesa entre nós e carrego no PLAY. Edward aproxima a cabeça do altifalante.

— O que é isto?

— Os autos do júri de acusação. — Hesito. — A testemunha é Cara.

Edward prime o PAUSE.

— Foi a minha irmã que me denunciou?

— Não sei como é que ela chegou à fala com o procurador do condado. Nem por que razão ele decidiu dar-lhe ouvidos. Mas sim, parece que foi ela a fonte.

— Quando sair daqui, vou matá-la — murmura Edward.

Agarro-lhe o braço de imediato.

— Se voltas a dizer alguma coisa desse género, garanto-te que vais ficar com o Hitler Júnior durante muito tempo. Não estou a brincar, Joe. Os polícias avisam durante a detenção: *Tudo o que disser poderá ser, e será, usado contra si*. E disseste alguma coisa naquele quarto, mesmo sem intenção, que deve ter sido suficiente para o procurador do condado achar que te podia condenar.

Volto a premir o PAUSE, e o CD começa. A boca de Edward contrai-se; ele está zangado, mas está a conseguir dominar-se. E isso é uma boa coisa para se aprender antes de entrar na sala de audiências.

A voz de Cara parece mais jovem do que pessoalmente. *Gritei-lhes que parassem, que não matassem o meu pai, e toda a gente recuou. Toda a gente, exceto o meu irmão. Ele baixou-se, fingindo estar a recuperar o fôlego e arrancou a ficha do ventilador da tomada. Hesita. Ele gritou: Morre, filho da mãe!*

Edward põe-se em pé de um salto.

— É mentira! Eu não disse isso! Eu contei-lhe o que aconteceu, e não foi assim. Pergunte a qualquer uma das pessoas que estava no quarto!

E é isso que tenciono fazer. Mas mesmo que Cara tenha mentido sob juramento, a verdadeira questão é se Boyle sabia que ela estava a mentir.

Dizer que é um fim de semana tenso em casa da família Ng seria um eufemismo. Georgie está numa pilha de nervos, a pensar no filho a apodrecer numa cela — embora eu lhe tenha assegurado que ele vai sobreviver. Cara trancou-se no quarto, não querendo enfrentar a ira da mãe. Até mesmo os gémeos estão rabugentos e maldispostos, apercebendo-se da tensão no ar. Eu tomei a decisão de *não* contar a Georgie — ou Cara — que sei que foi Cara que testemunhou contra o irmão. Em parte porque o meu dever de lealdade é para com o meu cliente, em parte porque tenho um forte sentido de autopreservação e não quero sarilhos até à pronúncia de acusação de Edward.

Por todas estas razões, nunca fiquei tão feliz por ver chegar o dia de segunda-feira. Estou estacionado no parque do tribunal superior ainda antes da abertura do edifício. A primeira indicação que tenho de que não se trata de uma simples acusação criminal é a sala de audiências estar à pinha. Normalmente, as únicas pessoas que aparecem são os arguidos e os seus advogados e, por vezes, um correspondente de um jornal local que tem de fazer a cobertura do que se passa no tribunal e listar os nomes daqueles que foram acusados de espancar a mulher, roubar televisões ou assaltar carros. Mas hoje há câmaras a filmar ao fundo da sala e tenho a sensação de que estão ali por causa de Edward. E que foi Danny Boyle, que precisa tanto da atenção dos meios de comunicação como as plantas precisam de sol, que os alertou.

O nosso caso é o terceiro do dia.

— Estado do New Hampshire contra Edward Warren — chama o escrivão, e Edward é trazido do labirinto subterrâneo do tribunal. Tem ar de quem não dorme há uma semana. Senta-se ao meu lado, com o pé a balouçar nervosamente. Na mesa ao nosso lado, encontra-se Danny Boyle, que está agora de fato e tem uma camisa com tanta goma que o colarinho e os punhos eram capazes de cortar um bife. Senta-se quase de lado, para que as câmaras o apanhem de perfil, e não por trás.

Sorri para mim.

— É sempre um prazer vê-lo, Joe — diz, embora antes da nossa discussão de sábado de manhã só tivesse estado uma vez com ele, num jantar da Ordem.

Não faço muitas acusações criminais. Convenhamos que o New Hampshire não é propriamente um bastião de depravação; os meus casos tendem mais a ser ações cíveis ou batalhas de custódia, e não tentativas de homicídio. Portanto, tenho de admitir que embora não o demonstre, como Edward, estou tão nervoso quanto ele.

O juiz é um homem pequeno com físico de corredor e bigode de pontas reviradas.

— Senhor Warren, faça o favor de se levantar — diz. — Tenho à minha frente o requisitório 558 do júri que o acusa de tentativa de homicídio sobre Luke Warren. O que tem a dizer sobre isto?

Edward pigarreia.

— Sou inocente.

— Vejo que o seu advogado já compareceu em tribunal como seu representante. Gostava de ouvir as partes. Senhor Boyle, qual é a sua posição em relação à fiança?

O procurador do condado levanta-se e mostra um semblante severo.

— Meritíssimo, trata-se de um caso muito grave — diz. — Há fortes elementos de premeditação, de intenção expressa e dolosa. Foi um plano maquinado por alguém com uma intensa animosidade contra Luke Warren, que está a lutar pela vida num hospital e que é incapaz de se defender neste momento. Receamos que o filho do senhor Warren, que estava de relações cortadas com ele, volte a tentar fazer a mesma coisa e, além disso, sentimos que a sua presença na comunidade apresenta um perigo. Ele esteve longe durante os últimos seis anos e não teve contacto com a família, senhor juiz. Não há nada que o impeça de sair do país antes do julgamento.

O juiz coça a face.

— Doutor Ng, o que tem a dizer?

— Meritíssimo — começo —, o meu cliente voltou imediatamente para casa quando soube do trágico acidente do pai. Se tivesse realmente alguma má vontade contra o pai, teria apanhado um avião? Teria passado uma semana à sua cabeceira?

Tenho quase a certeza que ouço Danny Boyle comentar baixinho: «À espera da altura certa para avançar...»

— Edward Warren voltou por causa do amor que sente pelo pai e da preocupação com o seu bem-estar. Não nutre nenhuma animosidade pelo pai; só deseja cumprir as vontades do pai, tal como o próprio Luke Warren lhe pediu para fazer. Não há móbil, não há ganho financeiro para Edward se o pai morrer. Se o senhor Boyle está preocupado com o risco de fuga, teremos todo o gosto em entregar o passaporte de Edward e também não nos opomos a que ele fique obrigado a apresentações semanais ou a quaisquer outras condições que o tribunal possa determinar.

— Meritíssimo — diz Boyle —, pedimos que o tribunal tenha em consideração as pessoas que precisam de ser protegidas dos desvarios de Edward Warren, nomeadamente Luke Warren e a sua filha, Cara.

O juiz olha para mim, e depois para Boyle.

— Vou libertar o arguido sob fiança de cinquenta mil dólares, na condição de que entregue o seu passaporte, faça uma avaliação psiquiátrica e não mantenha contacto com o pai ou irmã. Terá de se apresentar todas as quintas-feiras no Serviço de Liberdade Condicional. Próximo?

Enquanto o escrivão chama o próximo conjunto de advogados para junto do juiz, eu levanto-me.

— Lamento que não tenha conseguido o que queria, Danny — digo. — Sobretudo tendo em conta que trouxe a assistência consigo.

Ele fecha bruscamente a pasta e encolhe os ombros.

— Vemo-nos em tribunal, Joe — replica.

Passados quinze minutos, já assinei todos os documentos necessários para a libertação de Edward. Ele escondeu-se no casaco axadrezado do pai e não para de correr o fecho para cima e para baixo, como uma espécie de técnica de relaxamento.

— Então, onde vamos agora?

— *Nós* não vamos a lado nenhum. *Eu* é que vou — replico, ao dobrarmos a esquina.

Danny Boyle está em pé no átrio, a falar com seis ou sete repórteres televisivos.

— Não nos cabe a nós decidir qual o tipo de vida que vale a pena ser vivida — diz ele, tentando dar nas vistas. — Acham que os pais de Helen Keller sentiam que a sua existência não valia a pena

todo o trabalho que tiveram? E o que dizer da família de Stephen Hawking? A vida é um bem precioso, ponto final. E podemos remontar à Bíblia para saber que tirar a vida a outrem antes de tempo é uma injustiça e uma abominação. *Não matarás!* — cita Boyle. — Não podia ser mais claro.

Edward olha-o fixamente por um momento.

— Então está certo deixar os médicos ajudar pessoas que não deviam estar vivas a viver, mas não ajudar pessoas que deviam estar mortas a morrer? — grita.

Os repórteres giram sobre si, e as pesadas câmaras rodam para apanhar Edward.

— Cala-te! — ordeno, pegando-lhe no braço.

Mas ele é maior e mais forte, e livra-se de mim.

— Quantos de vocês já levaram um animal de estimação velho e doente ao veterinário, para ser abatido, porque não querem que ele sofra mais? Também acham que isso é assassínio?

— Edward, *para de falar* — berro. Puxo-o com toda a força na direção contrária, para longe de Danny Boyle, que tem um sorriso de orelha a orelha.

E como não havia de ter? Edward acabou de comparar o pai a um cão.

Embora me sinta tentado a trancar Edward num armário, para ver se ele não se mete em mais trabalhos, fico-me por um belo sermão que dura o caminho todo até à casa do pai e pela promessa de que lhe irei tapar a boca com fita adesiva da próxima vez que estivermos em público, se preciso for. Depois, sigo no carro até ao hospital, ligando a Georgie para lhe dizer que Edward saiu sob fiança e está fora de perigo, para já.

O doutor Saint-Clare está numa cirurgia, dizem-me quando me dirijo ao seu gabinete. Por isso, vou buscar um café e paro em frente do balcão das enfermeiras da UCI.

— Olá — digo, sorrindo para uma mulher com curvas tão avantajadas quanto a Muralha da China. — Tem ar de ser a responsável.

Ela levanta os olhos do ecrã do computador.

— E você tem ar de ser delegado de informação médica. Pode deixar as amostras no armário.

— Na verdade, sou advogado.

— As minhas condolências.

— Estou à procura da enfermeira que esteve envolvida naquele... incidente, na quinta-feira? Há hipótese de poder vir a receber uma compensação monetária num acordo...

— Já era de esperar. Maureen é uma sortuda. Eu estou ao serviço do vomitador crónico no 22B enquanto ela leva um encontrão e alega um traumatismo qualquer. — A enfermeira aponta para outra mulher de bata hospitalar ao fundo do corredor, que está a enfiar lençóis sujos numa cesta. — É ela.

Desço o corredor até chegar ao pé dela.

— Maureen? O meu nome é Joe Ng e sou advogado.

— Oh, por amor de Deus! — suspira. — Suponho que tenha sido o meu irmão que o mandou cá?

Provavelmente, o irmão soube do sucedido e viu ali uma hipótese de ganhar dinheiro. São tipos como ele que me permitem ganhar a vida.

— Sim — minto.

— Não devia estar a falar consigo. O hospital tem a certeza de que vai ser processado — diz Maureen, abanando a cabeça. — Mas

aquele pobre homem. Só está aqui há seis dias, e o filho toma a decisão de lhe desligar o suporte de vida?

— Por aquilo que sei, o prognóstico do senhor Warren não é muito bom...

— Os milagres acontecem — diz Maureen. — Vejo-os todos os dias.

— Que se passou exatamente ali dentro?

— O filho assinou os papéis para a doação de órgãos, e a colheita foi agendada. Todos pensávamos que ele tinha obtido o consentimento da irmã. Ela é menor, por isso tecnicamente não tem voto na matéria, mas a política é fazer com que toda a família esteja de acordo antes de pôr fim às medidas de suporte de vida. Quando a advogada do hospital percebeu que não era o caso, foram falar com ela.

— E onde estava durante todo esse tempo?

— Sentada em frente do ventilador — diz ela, levantando o queixo. — Não concordo necessariamente com as decisões que algumas famílias tomam, mas é minha função fazer aquilo que me dizem.

— E o que estava o filho do senhor Warren a fazer?

— Estava à espera. Juntamente connosco. Não estava a falar. Era um momento difícil para ele, como pode imaginar.

— E depois?

— A rapariga entrou no quarto como um furacão e, antes de eu perceber o que se estava a passar, o filho empurrou-me e arrancou a ficha da tomada.

— O que é que ele disse?

— Nada. — Maureen encolhe os ombros. — Aconteceu tudo muito depressa.

— Não o ouviu dizer «Morre, filho da mãe!»?

— Acho que me ia lembrar se tivesse ouvido uma coisa dessas — resmunga.

— Será que não ouviu o que ele disse por causa de ter sido empurrada?

— Ele magoou-me a anca, não os ouvidos! — diz ela. — Escute, tenho de voltar ao trabalho. De qualquer forma, já contei isso tudo ao meu irmão na semana passada.

— Ao seu irmão?

— Sim — diz ela revirando os olhos. — Danny Boyle? A pessoa que o mandou cá?

Dizem-me que Danny Boyle está a recolher um depoimento e não pode reunir comigo sem hora marcada.

— Oh, ele quer receber-me — insisto, e passo pela secretária, abrindo portas até encontrar a sala de reuniões. Boyle está sentado em frente de um advogado e de um cliente e, quando me vê, dá ideia de ir rebentar de cólera.

— Estou um bocadinho ocupado, agora — diz em voz cortante.

Por esta altura, já a secretária me alcançou.

— Tentei dizer-lhe, mas...

Sorrio beatificamente.

— Creio que é mesmo do interesse do procurador Boyle ouvir o que tenho a dizer — anuncio. — Tendo em conta que a minha próxima visita vai ser à imprensa.

Boyle comprime a boca num sorriso superficial.

— Desculpam-me por um momento? — diz ele ao cliente, e leva-me até ao seu gabinete. Fazendo sinal para a secretária se ir embora, fecha a porta atrás de nós.

— É bom que isto seja mesmo importante, Ng, porque juro que faço com que a Ordem lhe instaure um inquérito por comportamento impróprio se...

— Está metido em grandes sarilhos, Danny — interrompo. — *Morre, filho da mãe?* A sério ?

Encolhe os ombros.

— Foi o que ela me disse. Ela testemunhou sob juramento.

— O que eu sei é isto: falei com a sua irmã e você sabia muito bem que Edward nunca disse nada remotamente parecido com isso. Portanto, permitiu intencionalmente o perjúrio diante do júri de acusação. É capaz de achar que um caso como este lhe pode granjear o voto dos conservadores e fazê-lo voltar às suas funções ainda antes de o lugar ficar frio, mas a maior parte das pessoas neste condado preferem saber que o seu procurador é honesto e íntegro, e não um espertalhão que está disposto a distorcer a lei para ganhar vantagens políticas.

— Foi a rapariga que veio ter *comigo* — diz Boyle. — Não foi o contrário. Não tenho culpa, se ela é mentirosa.

Dou um passo em direção a ele e espeto-lhe um dedo no peito, embora tenha menos uma cabeça de altura do que ele.

— Já ouviu falar de diligência devida, Danny? Falou com algum dos médicos de Luke Warren para perceber se Cara compreendeu bem o prognóstico do pai? Perguntou a mais alguém que estivesse no quarto, alguém que não fosse seu parente, se houve intenção ou má-fé? Ou optou simplesmente por acreditar numa miúda de dezassete anos que está perturbada e desesperada para manter o pai vivo?

Tirando o telemóvel do bolso, seguro-o entre nós dois.

— Tenho o *Union Leader* em marcação rápida, e você vai estar amanhã de manhã na primeira página, a menos que faça alguma coisa agora. — Depois, sento-me numa cadeira. — Aliás, vou esperar aqui sentado até ter a certeza que o fez.

Ele fulmina-me com o olhar e depois vai até à secretária, premindo a tecla de alta voz antes de marcar um dos seus contactos. Mas, para minha surpresa, a voz do outro lado da linha não é a do editor do maior jornal no New Hampshire, mas a de alguém que reconheço.

— Cara — diz Boyle quando ela atende o telemóvel —, é Daniel Boyle.

— Há algum problema?

— Não... Só tenho uma pergunta importante para lhe fazer.

Há um momento de silêncio.

— Hum... Está bem.

— Mentiu ao júri de acusação?

A voz dela volta numa vaga de palavras: — Disse-me que eu precisava de fazê-los acreditar que era premeditado e que Edward pretendia matar o meu pai e que também havia má-fé, por isso fiz o que tinha de fazer. Não menti, apenas disse o que me disse para dizer.

O rosto de Boyle fica lívido. Na verdade, é uma visão belíssima.

— Eu não lhe disse para dizer nada. Declarou sob juramento...

— Bem, tecnicamente, não. Tenho o braço direito ao peito.

— Está a admitir, Cara, que o seu irmão nunca disse *Morre, filho da mãe!* no quarto de hospital do seu pai?

Ela fica calada por um segundo.

— Se não disse — murmura finalmente —, sei que era o que estava a pensar.

Recosto-me na cadeira de Boyle e ponho os pés em cima da secretária.

— Está sempre a lutar por pessoas que nem sequer conhece; aqui estamos a falar da vida do meu pai — acrescenta Cara. — Imagina como me senti? Não tive outra opção.

Boyle fecha momentaneamente os olhos.

— Isso é um problema sério, Cara. Esta pronúncia foi feita com base em falsas circunstâncias. Eu nunca participei, nem nunca participarei, em qualquer fraude... e nunca toleraria perjúrio — diz ele do alto da sua pose. — Compreendeu-me mal. Percebo que esteja transtornada neste momento e que talvez não estivesse a pensar com clareza, mas vou anular esta acusação antes que algum de nós dois sofra um embaraço ainda maior.

— Espere! — grita Cara. — E que faço eu em relação ao meu pai?

— Essa é uma questão de direito civil — diz Boyle, e desliga o telefone.

Ponho as pernas para baixo.

— Uma vez que está a meio de um depoimento, pode enviar-me para o telemóvel uma foto do pedido de anulação que vai apresentar em tribunal antes do final do dia. Ah, Danny, só mais uma coisa. — Passo por ele com um grande sorriso nos lábios. — Aquela acusação de agressão contra o meu cliente também vai desaparecer!

Quando conheci Cara, ela tinha doze anos e estava zangada com o mundo. Os pais tinham-se separado, o irmão fora-se embora e a mãe estava apaixonada por um tipo a quem faltavam vogais no seu apelido impronunciável. Por isso, fiz o que qualquer homem naquela situação faria: cheguei armado de presentes. Comprei-lhe

coisas que achava que uma miúda de doze anos gostaria de ter: um póster de Taylor Lautner, um CD da Miley Cyrus, verniz para as unhas que brilhava no escuro.

— Mal posso esperar pelo próximo filme do *Twilight* — balbuciei quando lhe dei as prendas à frente de Georgie. — A minha canção favorita do CD é «If We Were a Movie». E quase optei pelo verniz com purpurina, mas a vendedora disse que este era muito mais giro, sobretudo quando está a chegar o Halloween.

Cara olhou para a mãe e disse, sem qualquer juízo de valor: — Acho que o seu namorado é homossexual.

Depois disso, esgueirava-se sempre que eu visitava Georgie ou ia buscar a mãe para sair. Mas quando eu e Georgie nos decidimos casar, sabia que tinha de criar uma ligação com Cara de alguma forma. Por isso, uma manhã, presenteei Georgie com uma ida de surpresa a um *spa* e depois arrumei-lhe a cozinha e comecei a cozinhar a comida do Camboja que a minha mãe me costumava fazer.

Digamos apenas que se nunca experimentaram *prahok*, são capazes de querer continuar assim. É um alimento de base na dieta cambojana, um prato daqueles que nunca compreenderiam, a menos que tivessem crescido com ele, como a *Marmite* ou o *gefilte fish*. A minha mãe usava-o a todas as refeições como molho, mas naquela manhã eu estava a fritá-lo em folhas de bananeira como prato principal.

Cara não demorou muito a vir à cozinha, de pijama, cabelo desgrenhado e olhos ainda inchados de sono.

— *Morreu* alguma coisa aqui? — perguntou.

— Para tua informação — anunciei —, isto é uma refeição caseira cambojana.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Bem, cheira a rabo.

— Na verdade, o cheiro que sentes é a pasta de peixe fermentada. Por outro lado, o durião cheira a rabo. É um fruto que os cambojanos comem. Não sei se o venderão na Whole Foods...

Cara estremeceu.

— Sim, provavelmente ao lado da carne de baleia putrefacta.

— Há coisas que são um gosto adquirido — disse-lhe.

Estava a falar do *prahok*, mas também de mim. Como padrasto, como companheiro da mãe, talvez fosse um novo elemento na família de que ela fosse aprendendo a gostar.

— Experimenta só — incitei.

— Preferia morrer — disse-me Cara.

— Receava que dissesses isso — repliquei. — E foi por isso que também fiz isto. — Abri um *wok* e usei uma tenaz para lhe servir um pouco de *mee kola*, um prato de massa que nunca vira nenhum miúdo rejeitar.

Ela debicou os amendoins triturados por cima e enfiou o dedo no molho.

— Isto — admitiu — é um prato decente.

E comeu três tigelas cheias, enquanto eu me sentava à frente dela com o temido *prahok*. Enquanto comíamos, fiz-lhe perguntas — com gentileza, da mesma forma como sondava testemunhas traumatizadas. Cara contou-me que algumas miúdas da turma só queriam ser suas amigas por causa de o pai ser famoso na televisão, e que era mais fácil andar sozinha do que tentar adivinhar a motivação de alguém para dividir as suas bolachas de chocolate e menta com ela, ao almoço. Falou de uma professora que tinha cometido um erro na grelha de respostas para um teste, e de como

era injusto mesmo assim marcar errado aos alunos. Disse que queria desesperadamente um telemóvel, mas que a mãe pensava que ela ainda era demasiado nova. Disse que, lá no íntimo, pensava que os Jonas Brothers tinham sido enviados por extraterrestres para avaliarem as reações da humanidade. Disse-me que podia passar sem gelado, mas se lhe dissessem que nunca mais podia comer um *Twizzler* na vida, provavelmente suicidava-se.

Cara saiu da cozinha a pensar que tinha acabado de tomar o pequeno-almoço. Mas enquanto lavava os pratos e os tachos, sabia que o que ela tinha acabado realmente de fazer era de ter uma conversa.

Depois de me casar com Georgie e de nos mudarmos para a nossa casa, levantava-me ao domingo de manhã e começava a cozinhar. *Amok trei, ka tieu*. Fazia sobremesas como *sankya lapov* e *ansom chek*. Georgie ficava a dormir, mas Cara levantava-se e vinha até à cozinha. Falávamos enquanto ela trabalhava ao meu lado, cortando papaia ou gengibre ou pepinos. Depois, sentávamo-nos à mesa da cozinha e devorávamos as nossas criações. Quando cresceu, as nossas conversas mudaram. Às vezes, queixava-se de um castigo que Georgie lhe aplicara, esperando que eu intercedesse. Às vezes, virava o assunto para mim — perguntando como era crescer como americano de primeira geração, ou como eu soubera que queria ser advogado, ou se estava nervoso por causa de ir ter gémeos. Depois de Georgie ter tido os bebés, e mesmo depois de Cara ir viver com o pai, quando vinha passar o fim de semana connosco nos termos do acordo de custódia, eu preparava sempre um segundo prato para ela ao domingo de manhã.

E é por isso que quando volto para casa e estou a pôr Georgie ao corrente da súbita reviravolta, começo a cozinhar. Há algum

tempo que não vou à mercearia asiática, por isso tenho de me arranjar com os ingredientes que temos no frigorífico.

— Então, ele está livre? — pergunta Georgie. — Mesmo livre?

— Sim — replico, e espreito para dentro do frigorífico. — Não tínhamos carne para guisar?

De repente, sou puxado para trás pela minha mulher, que me agarrou pelo pescoço para me beijar.

— Amo-te — diz ela junto aos meus lábios. — És o meu super-herói.

Abraço-a com força e beijo-a como se nunca mais viesse a ter oportunidade de fazê-lo. Gostava de dizer que sou otimista, mas a verdade é que estou sempre à espera de que aconteça algo de mal, que Georgie me diga que cometeu um erro e que me vai deixar. Quando as coisas estão assim tão bem, tenho de acreditar que não vão durar.

No caso em concreto: preciso de lhe contar a razão por que Edward acabou por não ser pronunciado por tentativa de homicídio.

— Georgie — confesso —, foi Cara quem testemunhou contra Edward.

Ela abana um pouco a cabeça, como se tivesse de aclarar as ideias.

— Isso é ridículo. Ela tem estado aqui ou no hospital, e não no tribunal.

— Foste tu que a levaste ao hospital?

— Não, mas...

— Então, como sabes que foi mesmo aí que ela foi?

A boca de Georgie retrai-se.

— Ela nunca faria isso ao irmão.

— Faria, se pensasse que isso ia salvar o pai — contraponho.

Sei que Georgie não o rebaterá. Se Luke Warren é uma personalidade marcante para a maior parte das pessoas que o conhecem, é absolutamente mítico para Cara.

— Vou matá-la — diz Georgie calmamente. — E depois vou perguntar-lhe em que diabo estava a pensar.

— É melhor inverteres a ordem — sugiro. Deito azeite no *wok* e acendo o lume; depois, com um chiar e uma nuvem de vapor, atiro os cubos de carne e os vegetais lá para dentro. A casa enche-se com o cheiro a cebolas e pimento.

Ela senta-se num banco da cozinha e esfrega as tâmporas.

— O Edward sabe?

— O Edward sabe o quê? — pergunta Cara, que aparece à porta com uma expressão aflita. — Aconteceu alguma coisa ao pai?

Georgie olha para ela, de cara fechada.

— Nem sequer sei o que te dizer neste momento. Sabes como te sentes por perderes o teu pai? Como se faltasse um pedaço? Foi assim que me senti todos os dias desde que o teu irmão saiu de casa. Agora, ele está de volta, e tu tentas livrar-te dele fazendo com que seja acusado de tentativa de homicídio?

Cara fica subitamente corada.

— Ele é que começou! — diz.

— Tu não tens sete anos! Isto não é sobre quem partiu um candeeiro! — grita Georgie.

— Ele tinha matado o pai se eu não tivesse descoberto a tempo de o impedir — responde Cara. — Tenho dezassete anos e três quartos, e ninguém quer saber disso para nada. O meu voto ainda não conta. Por isso, diga-me de que outra maneira conseguiria chamar a atenção de toda a gente.

— Talvez agindo como adulta, e não como uma miúda mimada ressentida — argumenta Georgie. — Se as pessoas te virem assim, tratar-te-ão como tal.

— Está a criticar o *meu* comportamento? — Cara ri, incrédula. — Quer saber o que vejo? Vejo Edward, que há seis anos que está chateado com o pai. Vejo os médicos, que preferiam ter um novo doente que pudesse pagar as contas do hospital. Vejo que a mãe, lá no fundo, gostava que tivesse sido eu a desaparecer, e não Edward. — Limpa os olhos com as costas da mão livre. — Mas sabe o que *não vejo*? Alguém que se preocupe comigo *ou* com o meu pai.

— Pensas mesmo que não gosto de ti? Nem do Luke, já agora?

Não consigo evitar. Ao mesmo tempo que corto alface e tomate, sinto-me vacilar.

— Agora tem a sua familiazinha perfeita — diz Cara com amargura. — Só aqui estou até tudo isto terminar, certo?

Georgie recua, aturdida.

— Isso não é justo — replica. — Nunca escolhi entre ti e os gémeos.

— Mas escolheu entre mim e Edward, não foi? — diz Cara sem rodeios. — Foi atrás dele, no hospital. Inventou desculpas. Arranjou-lhe um advogado.

— Eu amo-o, Cara. Estou a fazer o que é preciso por ele.

Cara cruza os braços.

— E eu estou a fazer o que é preciso pelo pai.

Segue-se um longo silêncio. Depois, Georgie vai junto de Cara e tira-lhe o cabelo dos olhos.

— Não estou a arranjar desculpas para o teu irmão, e não gosto mais dele do que de ti. Mas Edward não quer matar o vosso pai,

quer apenas deixá-lo morrer. Há uma diferença, Cara, mesmo que tu não queiras ver isso.

Sai da cozinha e Cara atira-se para cima de um banco, enterrando o rosto nas mãos.

— Eu não queria deixá-la tão enervada.

Faço deslizar um prato de *loc lac* para a frente dela.

— Acho que é um dom que tu tens.

— Leva-me ao hospital?

— Não. Ainda tenho de ir falar com o meu cliente. Se queres visitar o teu pai, vais ter de restaurar a diplomacia com a tua mãe.

— Ótimo — murmura. Depois, olha para mim. — O Edward sabe o que fiz?

— Oh, sim! — digo, pousando os cotovelos na bancada, à frente dela. — Ele ouviu o testemunho na íntegra.

— Aposto que me quer matar.

— Se fosse a ti, tinha um bocadinho mais de cuidado a usar essa frase. Podias ter ido parar à cadeia, sabes? Por perjúrio.

— Eu não o tinha deixado ir preso a sério. Se chegasse a esse ponto, dizia alguma coisa...

— Infelizmente, a lei não cede aos caprichos de uma adolescente de dezassete anos. Depois de o estado deduzir acusação, já não estaria nas tuas mãos.

Ela faz uma careta.

— Eu não queria mentir. Mas escapou-me.

— Tal como te escapou quando mentiste à polícia sobre teres estado a beber na noite do acidente? — pergunto.

Cara levanta o rosto. Tem os olhos arregalados, e eu consigo ver segredos a nadar neles, como *kois* nas águas pouco profundas de um lago.

— Sim — admite.

— E não foi só sobre isso que mentiste, pois não? — pressiono.

Ela abana a cabeça, em silêncio.

Tenho esperança de que, desta vez, o nosso momento partilhado de comida cambojana possa levar a uma conversa. Tenho esperança de que, não fazendo eu parte do universo desta família, e sendo apenas um satélite, ela esteja mais predisposta a conversar comigo. Mas nessa altura ouve-se uma porta a bater e as bolhinhas de hélio das vozes dos gémeos encham o corredor.

— Papá! Papá! — grita Elizabeth. — Desenhei uma sereia para ti!

— Jackson, deixa-me desapertar a tua bota — diz Georgie. A sua voz ainda está trémula, e conheço-a suficientemente bem para perceber que está grata pela distração, pelas mãos rechonchudas que lhe agarram os ombros enquanto ela tira o sapato do nosso filho, e pelo seu cheiro de criança pura, quando enterra o rosto no lado direito do seu pescoço. Passado um instante, os gémeos entram na cozinha e agarram-se-me às pernas como moluscos. Elizabeth atira o desenho húmido ao ar; cai-lhe nas mãos.

— Que sereia mais bonita! — exclamo. — Não achas, Cara?

Mas o banco onde ela estava sentada está vazio. O prato de *loc lac* está cheio e a fumegar — a primeira refeição cambojana que cozinhei para Cara e que ela não devorou.

Fico a pensar como é que alguém pode desaparecer num abrir e fechar de olhos, sem ninguém dar por isso.

E assim, de repente, o meu pensamento vai parar a Luke Warren.

Mais tarde, nesse dia, recebo uma mensagem de Danny Boyle. Não tem texto, apenas um instantâneo do pedido de anulação que

ele entregou no tribunal.

Vou de carro até à antiga casa de Georgie. Edward abre a porta com uma *t-shirt* do Liceu de Beresford e umas calças de fato de treino velhas.

— Ele guardou a minha roupa — diz Edward. — Estava numa caixa no sótão. O que acha que isso significa?

— Que pensas demais — digo-lhe, entregando-lhe o passaporte. — Parabéns! Tens a tua vida de volta.

— Não compreendo.

— A pronúncia foi anulada. Toda a acusação foi revogada. Podes ir ao hospital ver o teu pai; podes voltar para a Tailândia se quiseres; podes fazer o que quiseres e ires onde quiseres. É como se nada tivesse acontecido.

Edward dá-me um grande abraço.

— Não sei o que dizer, Joe. Sinceramente. Aquilo que fez por mim...

— Fi-lo pela tua mãe. Portanto, faz-me um favor e pensa como é que ela se vai sentir antes de voltares a tomar alguma decisão mais drástica.

Edward baixa a cabeça e indica que sim com a cabeça.

— Queres ir lá a casa? Ver a tua mãe? Eu sei que ela ia gostar.

— Vou ao hospital — diz Edward. — Ver se houve alguma alteração.

Estou prestes a desejar-lhe boa sorte quando tocam à campainha. Sigo-o até à entrada, onde ele abre a porta a um homem de blusão de cabedal e um boné de lã.

— Desculpe incomodar — diz o homem. — Estou à procura de Edward Warren.

— Sou eu — responde Edward.

O homem estende uma pastinha azul.

— Considere-se notificado — diz sorrindo, e vai-se embora.

Edward tira os documentos dobrados da pasta. *In Re Luke Warren*, leio em cima.

— O que é isto? — pergunta ele.

Tiro-lhos da mão e passo rapidamente os olhos pelas folhas.

— É uma ação que foi interposta pelo hospital no tribunal das sucessões — explico. — O tribunal já nomeou um tutor temporário para o teu pai; vai realizar-se uma audição expedita na quinta-feira para nomear um tutor permanente.

— Mas eu sou o *filho* — diz Edward. — Cara ainda nem sequer é maior.

— Dados os acontecimentos recentes, é possível que o juiz venha a decidir transformar a nomeação temporária em permanente. Por outras palavras, nem tu nem Cara terão voto na matéria.

Edward olha-me fixamente, com a respiração acelerada.

— Um completo desconhecido? Isso é uma loucura! Isso é o que se faz quando não há ninguém que assuma a responsabilidade. Por amor de Deus, eu tenho uma carta assinada pelo meu pai a *dizer-me* para tomar esta decisão por ele!

— Então é melhor seres simpático com esta mulher, quando ela vier entrevistar-te — sugiro. — Porque tenho praticamente a certeza de que Cara recebeu uma pastinha azul igual a esta, e ela vai esforçar-se ao máximo para fazer com que a tutora temporária acredite que ela é a melhor candidata para cuidar do vosso pai.

Há uma norma no tribunal das sucessões, ao contrário do que acontece em qualquer outra ação cível. Para poder nomear um tutor para alguém, o queixoso tem de provar para lá de qualquer dúvida

razoável que essa pessoa está definitivamente incapacitada. Por outras palavras, para privar uma pessoa dos direitos civis e liberdades, cabe ao autor o ónus da prova.

— Edward — digo —, acho que está na altura de eu ver essa carta.

LUKE

Anos depois de ter voltado da floresta, quando estava a trabalhar com agricultores ucranianos para desviar as alcateias da sua terra e do seu gado, observei algo de extraordinário. Havia uma alcateia cujas crias tinham sido separadas por biólogos. Uma foi enviada numa direção, a outra na direção oposta. Anos mais tarde, tinham formado alcateias rivais e, um dia, assisti ao seu encontro numa linha de divisão do território. Uniram-se aos seus irmãos de alcateia, eriçando o pelo e arreganhando os dentes, em duas cumeadas opostas.

Assim que os companheiros de ninhada se viram, correram para a terra de ninguém que os separava e saudaram-se, irmão e irmã a rebolar na relva a festejar a reunião.

Só depois de outros lobos adultos descerem até lá e recordarem a cada um deles que o irmão fazia parte de um bando rival é que eles pararam.

E depois os dois lobos lutaram um contra o outro como se nunca se tivessem encontrado antes.

GEORGIE

Não é politicamente correto dizer que se gosta mais de um filho do que dos outros. Eu amo *todos* os meus filhos, ponto final, e são todos os meus preferidos de formas diferentes. Mas perguntem a qualquer pai que tenha passado por algum tipo de crise relativamente a um dos filhos — uma doença grave, um revés académico, um problema emocional — e ele dirá a verdade. Quando alguma coisa destrói o equilíbrio — quando um filho precisa mais de nós do que os outros —, esse desequilíbrio torna-se um buraco negro. Podemos não admitir em voz alta, mas o que amamos mais é aquele que precisa de nós mais desesperadamente do que os irmãos. E temos a esperança de que chegue a vez a todos; de que tenhamos reservas suficientes para estar lá para cada um deles, em alturas diferentes.

Tudo isto se esfuma quando dois dos nossos filhos estão a lutar entre si e ambos querem que fiquemos do seu lado.

Durante anos depois de Edward se ter ido embora, costumava acordar a meio da noite e imaginar o pior que lhe podia acontecer num país estrangeiro. Imaginava rusgas de droga, deportação, violações em becos. Imaginava-o assaltado e espancado, a sangrar, incapaz de encontrar alguém que o ajudasse. Tal como um dente em falta, às vezes uma ausência é mais digna de nota do que uma presença, e dei comigo a preocupar-me ainda mais do que quando ele estava ao pé de mim. Amava-o mais porque pensava que esse podia ser o feitiço que o traria de volta para mim.

Entretanto, Cara culpou-me pelo divórcio quando Luke se foi embora de vez; e censurou-me por substituir a nossa família destruída por uma novinha em folha. Admito que, às vezes, concordo com ela. Quando estou com os gémeos, penso que

aquela é a minha segunda oportunidade, que talvez consiga criar vínculos mais fortes com aqueles pequeninos do que consegui com os meus primeiros dois filhos.

Estou lá fora, a ver os miúdos a brincar no forte de neve que construímos há duas semanas — antes do acidente de carro, antes de Edward ter voltado para casa, antes de eu ter de tomar partido. Depois do meu confronto com Cara, é libertador sentar-me nos degraus do alpendre e ouvir Elizabeth e Jackson a fingir que vivem num palácio de gelo e que os pingentes são talismãs mágicos. Neste momento, daria tudo para fantasiar a realidade.

Quando ouço um carro a descer o caminho da entrada, levanto-me e vou pôr-me entre a estrada e os gémeos, como se isso fosse suficiente para os proteger. Eles enfiam a cabeça pela janela do seu pequeno iglu de gelo, ao mesmo tempo que um desconhecido baixa o vidro da porta.

— Olá — diz ele. — Estou à procura de Georgiana Ng.

— Sou eu — replico, a pensar se Joe me terá mandado flores outra vez. Ele gosta de fazer isso, não para pedir desculpa de se ter esquecido do meu dia de anos ou do aniversário de casamento, como Luke, mas porque lhe apetece.

— Ótimo.

O homem entrega-me uma pastinha azul, documentos jurídicos, e faz marcha-atrás para ir embora.

Não preciso que Joe me traduza aquilo por miúdos; é um requerimento para nomear um tutor permanente para Luke. A razão para eu ter sido notificada é porque Cara, como parte interessada, ainda é menor. E é exatamente por isso que todas as probabilidades estão contra ela.

— Vá, meninos — digo —, está na hora do chocolate quente!

Os gémeos não vão querer ir já para dentro, mas tenho de contar aquilo a Cara. Por isso, faço um acordo com eles que inclui verem mais meia hora de televisão à tarde, instalo-os no sofá em frente do Nickelodeon e depois vou lá acima ao quarto dela.

Está sentada à secretária, a ver um vídeo no YouTube que mostra o pai inclinado sobre uma carcaça, a alimentar-se entre dois lobos. Provavelmente, foi carregado por algum visitante do Redmond's; se pesquisarmos o nome de Luke no Google, encontramos centenas. A novidade de ver um homem adulto a defender-se entre as mandíbulas assustadoras de dois animais selvagens nunca se faz velha, suponho. Pergunto a mim mesmo como reagiriam esses realizadores de vídeos amadores se soubessem que comer as entranhas cruas do vitelo deixava Luke com uma diarreia tão violenta que ele começou a pedir a Walter que removesse os órgãos e lhes desse uma fritura antes de voltar a pô-los dentro das carcaças em saquinhos de plástico. Os animais nunca perceberam — pensavam que ele estava simplesmente a comer a parte que lhe cabia —, mas o aparelho digestivo de Luke parou de se rebelar.

Por mais que ele gostasse de pensar em si como um lobo, o seu corpo traía-o.

Cara faz girar a cadeira quando me vê. Parece nervosa.

— Desculpe por ter saído às escondidas — começa. — Mas se lhe dissesse onde queria ir, a mãe nunca me teria levado.

Sento-me na cama dela.

— Uma desculpa com defesa incluída não é grande desculpa — faço notar. — E posso desculpar-te por isso, pois sei que estavas a pensar no teu pai. O que é mais difícil de desculpar é tudo o resto

que disseste. Isto não é uma competição entre ti e o teu irmão. Ou entre ti e os gémeos.

Cara desvia o olhar.

— É difícil rivalizar com um fugitivo torturado ou criancinhas superqueridas.

— Não há rivalidade, Cara — replico. — Porque não te teria trocado por nada. E não há ninguém que faça melhor de ti do que tu.

Ela rói a cutícula do polegar.

— Lembra-se de quando o Edward se foi embora? A mãe costumava vir ao meu quarto quando eu estava a dormir e enroscar-se atrás de mim. Pensava que eu estava a dormir, mas não — diz Cara. — E eu pedia sempre o mesmo desejo a cada estrela ou pestana solta: que ele ficasse onde estava, para a mãe continuar a fazer isso. Éramos só as duas, e depois, um dia, deixámos de ser. — Engole em seco. — Primeiro, foi Edward que se foi embora, e logo a seguir a mãe. Por isso, desde há muito tempo que tem sido apenas o pai e eu.

Cara pode pensar que não gosto tanto dela como do irmão, mas os pais não são os únicos a ter preferências. Tanto Cara como Edward sempre gostaram mais de Luke. E como não haviam de gostar, quando era ele que os levava para estudarem orientação na floresta e lhes mostrava os tipos de trevo comestíveis e que lhes punha crias de lobo no colo a mordiscar as suas mangas? Eu era quem lhes dizia para limparem os quartos e comerem brócolos.

Quero aproximar-me de Cara, mas o muro que ela ergueu entre nós é invisível, largo e forte.

— Sabes que quando descobri que estava grávida de ti desatei a chorar?

Cara fica boquiaberta, como se estivesse à espera de uma confissão do género, mas não achasse que eu alguma vez tivesse coragem para dizer uma coisa daquelas.

— Pensava que não ia ser capaz de amar outro bebé da mesma forma que amava o que já tinha — continuo. — Mas aconteceu uma coisa estranhíssima quando peguei em ti pela primeira vez. Foi como se o meu coração se desdobrasse subitamente. Como se houvesse um espaço secreto cuja existência eu desconhecia, e houvesse espaço para vocês os dois. — Olho-a fixamente. — Depois de os meus sentimentos terem experimentado essa nova amplitude, não havia como voltar atrás. Sem ti, teria sentido um vazio.

Cara inclina-se para a frente, com o cabelo a tapar-lhe a cara.

— Visto deste lado, nem sempre parece que seja assim.

— Eu não te preteri em relação a Edward — digo. — Escolho-os aos dois. E é por isso que te vou dar isto. — Entrego-lhe os documentos. — Na quinta-feira, o tribunal vai nomear um tutor permanente para o teu pai.

Cara arregala os olhos.

— E a pessoa que escolherem é aquela a quem o hospital vai ter de dar ouvidos?

— Sim.

— E o seu nome está nos documentos porque a mãe é a *minha* tutora legal.

— Presumo que sim. E presumo que Edward tenha recebido um conjunto de documentos igual a este.

Ela levanta-se tão depressa que a cadeira vai para trás.

— Eles têm de escolhê-la! Precisa de arranjar um advogado...

Levanto a mão de imediato.

— Cara, nem pensar em voltar a envolver-me na vida do teu pai.
— *Ou na sua morte*, penso.

— É só por três meses, até eu fazer dezoito anos — implora. — A única coisa que tem de fazer é dizer o que eu digo, e os médicos vão dar-lhe ouvidos. E, quem sabe, nessa altura o pai até já pode estar a recuperar.

— Eu sei o quanto o amas, querida, mas isso está fora da minha zona de conforto. O teu pai é uma montanha-russa e eu não consigo lidar outra vez com isso.

— A mãe não compreende — diz Cara. — Eu não posso perdê-lo.

— Na verdade, podes crer que compreendo — digo-lhe com gentileza. — Houve um tempo em que sentia a mesma coisa. Não há ninguém no mundo como o teu pai. Mas tive de me lembrar de que ele já não era o homem por quem me tinha apaixonado. Que ele tinha feito algumas más escolhas.

Cara fita-me, de olhos secos e ar decidido.

— Ele não escolheu *isto* — replica. — Talvez ele a tenha abandonado, mãe, mas nunca me abandonaria a mim.

As suas palavras fazem-me recuar no tempo. Estou grávida de Cara, e Luke dorme com os braços à volta de mim. *Uma fêmea alfa pode ter uma gravidez fantasma*, diz-me.

Tenho a certeza de que esta é a sério, respondo, virando-me ligeiramente na esperança de conseguir encontrar uma posição confortável para a minha barriga. *Não ia querer fingir uma coisa destas.*

Faz com que todos os outros lobos se comportem lindamente. Querem candidatar-se a amas potenciais, ou provar à fêmea alfa que continuam a ser bons a proteger o bando ou a difundi-lo, ou

sejam lá quais forem as tarefas capazes de preservar as crias sãs e salvas. E depois, no final, quando a fêmea alfa já tem todos os lobos a agir da maneira que quer, inibe as hormonas que têm estado presentes na sua urina e odor e diz: Enganei-os!

Isso é impressionante, digo.

Ele põe as mãos em concha sobre o meu ventre. E não sabes da missa a metade. Quatro ou cinco meses antes de entrar no cio, uma fêmea alfa sabe o número de crias que vai ter, o seu sexo e se ficarão na sua alcateia ou serão dispersas para formar uma nova.

Eu rio-me. Eu contentava-me em saber se hei de comprar roupa azul ou cor-de-rosa.

É espantoso, sussurra. Esses bebés fazem parte da família ainda antes de serem concebidos.

Agora, percebo que Cara tem razão. Luke pode ter sido um marido horrível e particularmente egoísta, mas amava os filhos. Demonstrava-o da única maneira que sabia: levando-os para o mundo sem o qual não conseguia viver. Para Edward, isso era um choque; para Cara, puro prazer.

Eu tinha defendido Edward quando ele precisara de um advogado; ia fazer a mesma coisa por Cara. Não posso ser a tutora que ela quer que eu seja para o pai, mas isso não significa que não a possa ajudar. Decidida, levanto-me.

— Vai ter comigo ao carro. Vamos ter de levar os gémeos connosco, mas são capazes de adormecer pelo caminho...

— Onde vamos? — pergunta Cara.

— Vamos atrás de Danny Boyle. Ele vai arranjar-te um advogado.

O procurador do condado não está no escritório, mas os antigos jornalistas nunca deixam de o ser — apenas passam a combinar

tardes de brincadeira em vez de reuniões secretas com fontes e a usar plasticina caseira em vez de saia travada. Basta um telefonema para um antigo colega para descobrir que Boyle está a dar uma conferência de imprensa no Beresford Grange Hall. Uma acusação por tentativa de homicídio numa pequena vila da Nova Inglaterra — mesmo anulada — é o suficiente para merecer uma notícia de primeira página, e o procurador do condado não é pessoa para perder uma oportunidade de ouro como essa.

Quando eu e Cara lá chegamos, a conferência de imprensa está em curso. Os gémeos adormeceram no carro, e cada uma de nós tem um ao colo, um peso húmido e quente. Destacamo-nos entre os repórteres e equipas de televisão, por isso, embora estejamos nas margens difusas da multidão, não fico surpreendida quando vejo os olhos de Boyle fixarem-se em Cara e ele faz uma pequena pausa durante o discurso.

— Considero-me um defensor da justiça — diz ele. — E é por isso que farei o que for preciso para garantir que a justiça não se desgoverna. Se eu tiver voz ativa, não iremos transformar-nos numa sociedade litigiosa com acusações forjadas baseadas em provas falsas.

É curioso não mencionar que foi *e/le* quem deixou que as acusações se desgovernassem.

— Então e o tipo dos lobos que está hospitalizado? — grita um repórter, e eu sinto Cara retrair-se ao meu lado.

— Os nossos pensamentos e orações continuam com ele e a sua família — diz Boyle sobriamente, e depois levanta uma mão. — Desculpem, chega de perguntas por hoje.

Abre caminho através da multidão até chegar junto de Cara e agarra-a pelo braço.

— O que está aqui a fazer? — sibila.

— Está em dívida para comigo — diz ela, levantando o queixo.

Boyle olha à sua volta para ver se há alguém a ouvir e depois arrasta Cara para a cozinha comunitária do Grange. Eu sigo-os, segurando Jackson a dormir contra o meu ombro.

— Eu é que *estou em dívida* para consigo? — diz Boyle, incrédulo. — Devia mas era pô-la na cadeia. — Repara em mim e franze o sobrolho. — Quem é esta?

— A minha mãe — diz Cara.

Isto faz Boyle moderar um bocadinho a sua atitude. No fim de contas, sou uma eleitora.

— Se não tivesse a certeza absoluta de que a sua atuação resultou de estar transtornada com o estado do seu pai, eu própria a teria indiciado. Não lhe devo nada; estou a dar-lhe uma oportunidade colossal!

— Bem — responde Cara, sem se deixar intimidar. — Preciso de um advogado.

— Já lhe disse que não trato de ações cíveis...

— Foi nomeado um tutor público temporário para o meu pai. Na verdade, nem sei ao certo o que isso é. Mas haverá uma audiência em tribunal na quinta-feira para escolher um tutor permanente, e eu tenho de fazer saber ao juiz que sou a única pessoa que quer manter o meu pai vivo.

Fico impressionada ao ver Cara em ação. Parece um *terrier* com os dentes enterrados nas calças do carteiro. Pode ter o tamanho e a envergadura contra si, mas não desiste sem dar luta.

Boyle desvia os olhos de Cara e foca-os em mim: — A sua filha é uma carga de trabalhos!

Quando ele diz isso, apercebo-me de que, naquele momento, Cara me faz lembrar eu própria.

Eu, quando era jornalista, e não parava até conseguir a resposta que pretendia.

— Sim — digo. — Não podia estar mais orgulhosa.

Talvez Cara tenha escolhido viver com Luke, em vez de ficar comigo e com Joe. Talvez esteja disposta a abdicar de tudo agora para tomar conta do pai. Contudo, apesar da sua lealdade infalível a Luke, acontece que ela é muito mais parecida com a mãe.

Danny Boyle escreve alguma coisa na parte de trás de um dos seus cartões de visita.

— Esta mulher costumava trabalhar para mim. Agora, exerce direito em tempo parcial. Eu telefono-lhe a dizer que vai entrar em contacto com ela. — Entrega o cartão a Cara. — E depois disso nunca mais quero ter notícias suas.

LUKE

Há uma hierarquia muito bem definida numa alcateia, um teste variável e constante de dominação e respeito. Se um lobo de uma categoria superior vem em direção a mim, devo deslocar as minhas armas — os meus dentes — da direita para a esquerda, na horizontal. Por outro lado, se eu estiver a passar por esse lobo, não devo aproximar-me demasiado rápido, caso contrário ele irá retesar-se e inclinar-se para a frente, mantendo a posição até eu me baixar. Depois de ele olhar para mim, estabelecendo contacto visual para me fazer sinal para avançar, posso aproximar-me, mas, mesmo assim, tenho de passar de lado, evitar que a minha cabeça e dentes o encarem, provando que não constituo ameaça.

Escusado será dizer que não sabia nada disto, a princípio. Em vez disso, era apenas um humano estúpido com um verdadeiro dom para me atravessar à frente de lobos de categoria superior. A primeira vez que me tentei aproximar demasiado do beta sem convite formal, ele disciplinou-me. Estávamos na clareira, e começara a chover — um chuvisco gelado e desagradável. O beta teve a sorte de estar posicionado debaixo de um maciço de árvores e eu pensei que havia muito espaço ao lado dele. Por isso, eu e o outro lobo jovem decidimos partilhar o espaço.

Os olhos do beta semicerraram-se e ele rosnou, um ruído surdo e prolongado, mas eu não percebi a mensagem. Quando estava a cerca de vinte metros, ele mostrou os dentes. O jovem macho agachou-se de lado de imediato, mas quando eu não fiz o mesmo, o beta voltou a rosnar, desta vez de forma mais profunda.

Continuei sem entender isso como um aviso. No fim de contas, tinha sido ele o primeiro a chamar-me, a convidar-me para viajar com a alcateia. Por isso, podem imaginar como o meu coração

disparou quando, de repente, ele cobriu a distância entre nós e fez menção de me morder, com os dentes a centímetros do meu rosto.

Fiquei pregado ao chão, cheio de medo. Não conseguia mexer-me, não conseguia respirar. O beta agarrou-me com os seus maxilares, com os dentes e o bafo sobre o meu rosto. Virou-me a cabeça bruscamente para a esquerda e para baixo, ensinando-me a resposta correta. Depois, mordiscou-me, rosnou fortemente, mostrou os dentes e rosnou ligeiramente, invertendo os passos da lição.

Mais tarde, nesse mesmo dia, estava sentado com os joelhos puxados para cima quando o beta se aproximou e investiu subitamente contra mim, agarrando a minha garganta pela parte inferior. Conseguia sentir os seus dentes a enterrar-se na minha pele e, instintivamente, rolei de costas, uma posição de pura subordinação. Percebi que ele queria ter a certeza de que eu tinha aprendido aquilo que me tentara ensinar. Apertou-me o pescoço com mais força, deixando-me sem respiração. Sabes do que eu sou capaz, estava ele a dizer. E, no entanto, só te vou fazer isto. É por isso que podes confiar em mim.

O lobo com a categoria mais elevada na alcateia não é aquele que usa a força bruta. É aquele que pode usá-la, e opta por não o fazer.

HELEN

É significativo, suponho, que todos os meus fatos de trabalho sejam de diferentes tons de cinzento. Não apenas pelo valor metafórico, mas porque isso significa que, de manhã, não tenho de me preocupar se devo usar a blusa verde ou a azul e se alguma delas é demasiado vistosa para o meu trabalho como tutora pública. A triste verdade é que, no que toca a tomar decisões pessoais, tenho dificuldade em comprometer-me, ao passo que, no que toca a organizar os assuntos dos outros, sou naturalmente dotada.

O Gabinete dos Tutores Públicos no New Hampshire é uma organização sem fins lucrativos que serve quase um milhar de doentes mentais ou portadores de deficiências do desenvolvimento, que têm Alzheimer ou sofreram um traumatismo craniano. Somos nomeados por juízes que recebem pedidos de tutela temporária ou permanente. Ontem, o meu chefe atirou outro processo para cima da minha secretária. Não era a primeira vez que era nomeada defensora temporária de alguém com uma lesão cerebral, mas este caso era diferente. Normalmente, recorrem ao nosso gabinete quando um hospital não consegue encontrar alguém disposto ou capaz de tomar decisões médicas em nome de uma pessoa legalmente incapaz. Mas, pelo que li, o problema neste caso era que ambos os filhos do homem em causa estavam a disputar esse estatuto, e as coisas tinham-se complicado.

Aparentemente, sou a única pessoa do gabinete que nunca ouviu falar de Luke Warren. Ele é famoso, ou pelo menos tão famoso quanto um naturalista pode ser. Tinha um programa de televisão num canal por cabo que exibia o seu trabalho com alcateias, mas eu só ouço as notícias e a PBS. É La-a (pronuncia-se Ladasha¹, o que me leva a pensar se ela se sentirá tão frustrada

com o seu nome como eu com o meu) quem larga o livro na minha secretária esta manhã.

— Helen — diz ela — achei que eras capaz de gostar disto. O Hank deixou-o lá em casa quando se foi embora, a cavalgada.

Quem diria que Luke Warren não era apenas uma personalidade televisiva e um conservacionista da vida selvagem, mas também autor? Passo a mão pelas letras em relevo do título da autobiografia. LOBO SOLITÁRIO, diz. A VIAGEM DE UM HOMEM AO MUNDO SELVAGEM.

— Eu devolvo-to quando terminar, prometo.

La-a encolhe os ombros.

— É do Hank. O que significa que, pela minha parte, podes queimá-lo. — Toca na capa do livro, com a fotografia de Luke Warren a ser coberto de beijos por um animal supostamente selvagem. — Mas é triste saber que alguém pode passar tão depressa disto — desloca a mão para o dossiê escuro — para isto.

A maior parte dos tutelados com quem trabalhei não têm autobiografias publicadas nem filmes no YouTube que os mostrem a trabalhar quando estavam no auge. Aqui é mais fácil ter uma ideia de quem era Luke Warren antes do acidente. Pego no livro e leio o primeiro parágrafo: **Estão sempre a perguntar-me: como foi capaz de fazer isso? Como foi capaz de se afastar da civilização e da família e ir viver nas florestas do Canadá com uma alcateia de lobos selvagens? Como foi capaz de abdicar dos duches quentes, do café, do contacto humano, da conversa, de dois anos da vida dos seus filhos?**

Quando me torno tutora de alguém, ainda que temporária, tento meter-me na pele dessa pessoa, encontrar algo dentro de mim que seja parecido com ela. Poderiam pensar que uma mulher solteira de

quarenta e oito anos com um guarda-roupa monocromático e com uns modos tão calmos que os bibliotecários lhe pedem para falar mais alto é capaz de não ter nada que ver com Luke Warren, mas a ligação que sinto é imediata e intensa.

Luke Warren teria ficado delirantemente feliz por despir a sua pele humana e tornar-se um lobo de verdade.

E, tal como ele, passei toda a minha vida a desejar ser alguém que não sou.

O nome da minha mãe na sua certidão de nascimento é Crystal Chandra Leer. Ela trabalhava no Cat's Meow Gentlemen's Club como atração principal até que, a meio de uma noite de tequila e luar, o barman a seduziu no armazém, em cima de caixas de Absolut e Jose Cuervo. Quando eu nasci, já ele se tinha posto a andar há muito tempo, e a minha mãe criou-me sozinha. Para nos sustentar, fazia reuniões em casa para vender brinquedos sexuais em vez de Tupperware. Ao contrário de outras mães, a minha tinha o cabelo tão oxigenado que parecia da cor do luar. Usava saltos altos, mesmo ao domingo. Não tinha uma peça de roupa que não incluísse renda.

Deixei de levar as minhas amigas lá a casa depois de a minha mãe lhes ter dito, numa altura em que elas lá tinham ido dormir, que quando eu era bebé tinha tantas cólicas que a única coisa que me acalmava era enfiar um vibrador ao meu lado na cadeirinha do carro. A partir desse dia, a minha missão passou a ser tornar-me na antítese da minha mãe. Recusava usar maquilhagem e vestia roupa disforme e debotada. Estudava sem parar, para ter a média mais alta da minha turma. Nunca namorei. Os professores que conheciam a minha mãe nas noites da escola aberta à comunidade

diziam espantados que não parecíamos ser da mesma família, que era exatamente o que eu pretendia.

Agora, a minha mãe mora em Scottsdale com o marido, um ginecologista reformado que lhe comprou pelo Natal um descapotável rosa-claro com matrícula personalizada 38DD. No meu último aniversário, ela enviou-me um cartão de presente da Sephora, que eu voltei a presentear no Dia da Secretária.

Tenho a certeza de que a minha mãe não tinha intenção de me magoar ao pôr o apelido do meu pai na minha certidão de nascimento. Também tenho a certeza de que ela achava que o meu nome era um jogo de palavras engraçado, e não um nome adequado para uma drag queen.

Digamos apenas isto: seja qual for a sua resposta quando eu me apresentar... já a ouvi antes.

— Estou aqui para ver Luke Warren — digo à enfermeira da UCI que está na receção.

— E a senhora é...?

— Helen Bedd — replico em tom formal.

Ela sorri.

— Ainda bem para si.

— Falei ontem com uma das suas colegas. Sou do Gabinete dos Tutores Públicos.

Espero até ela encontrar o meu nome numa lista.

— Ele está no 12B, à esquerda — diz a enfermeira. — Acho que o filho é capaz de estar com ele.

É com isso que estou a contar.

Quando entro no quarto, fico impressionada com as parecenças entre pai e filho. Era preciso conhecer Luke Warren antes do acidente, é claro, mas aquele jovem curvado como um ponto de

interrogação ao canto é tal qual o homem que está na capa do livro que tenho na mala, embora com um corte de cabelo muito mais metrossexual.

— Deve ser o Edward — digo.

Ele olha-me de cima a baixo com olhos cansados e raiados de sangue.

— Se vem da parte da advogada do hospital, não pode obrigar-me a ir embora — diz ele, passando imediatamente à ofensiva.

— Não tenho nada que ver com o hospital — sossego-o. — O meu nome é Helen Bedd e sou a tutora temporária do seu pai.

É como se toda uma ópera se desenrolasse nas suas feições: a surpresa da salva de abertura, um crescendo de desconfiança e finalmente a ária da tomada de consciência: eu sou a pessoa que vai apresentar as suas recomendações ao juiz na quinta-feira. Levanta-se cautelosamente.

— Olá — diz.

— Peço desculpa por invadir este tempo de privacidade com o seu pai — digo-lhe, e olho pela primeira vez com olhos de ver para o homem que está na cama de hospital.

É como todos os outros com quem trabalhei: um invólucro, um objeto inerte. Mas o meu trabalho não é vê-lo como ele é agora. É descobrir quem costumava ser e pensar da maneira como ele teria pensado.

— Mas quando tiver um bocadinho, gostava de falar consigo.

Edward franze o sobrolho.

— Talvez seja melhor chamar o meu advogado.

— Não vou falar consigo de nenhuma das questões criminais dos últimos dias — prometo. — Isso não me diz respeito, se é essa

a sua preocupação. A única coisa que me importa é o que vai acontecer ao seu pai.

Ele olha para a cama de hospital.

— Já aconteceu — diz ele calmamente. Alguma coisa apita atrás de Luke Warren, e uma enfermeira entra no quarto. Retira um saco cheio de urina que estava pendurado ao lado da cama. Edward desvia o olhar.

— Sabe — digo —, apetecia-me um café.

Na cafetaria do hospital, sentamo-nos a uma mesa junto à janela.

— Imagino que isto seja incrivelmente difícil para si. Não só por causa do que aconteceu ao seu pai, mas também porque tem estado longe de casa.

Edward põe as mãos à volta da chávena de café.

— Bem — admite —, não foi o regresso que imaginei.

— Quando partiu?

— Quando tinha dezoito anos — diz Edward.

— Então foi assim que pôde sair do ninho.

— Não. Quer dizer, nunca ninguém teria desconfiado que o faria. Era um miúdo que só tirava boas notas, tinha-me candidatado a meia dúzia de universidades, e o que aconteceu foi que uma manhã levantei-me e fui-me embora de casa.

— Isso parece uma decisão muito radical — replico.

— Não podia continuar ali. — Hesita. — Eu e o meu pai... não estávamos de acordo.

— Então foi-se embora porque não se davam bem?

Edward ri-se desconsoladamente.

— Pode dizer-se que sim.

— Deve ter sido uma discussão e tanto, se o deixou suficientemente zangado para sair de casa.

— Já estava zangado muito antes disso — admite Edward. — Ele deu cabo da minha infância. Foi-se embora durante dois anos para ir viver com uma alcateia de lobos, por amor de Deus! Estava sempre a dizer que, se pudesse, teria optado por não voltar a interagir com seres humanos. — Edward olha-me de relance. — Quando somos adolescentes e ouvimos o nosso pai dizer isso a uma equipa de televisão, pode crer que isso não nos faz sentir propriamente felizes!

— E onde tem estado durante todo este tempo?

— Tailândia. Ensino ISL, isto é, inglês como segunda língua. — Edward abana a cabeça. — Ensinava ISL.

— Então, mudou-se permanentemente para cá?

— Com franqueza, não sei onde irei parar. Mas já me fiz à vida uma vez. Voltarei a fazê-lo.

— Deve estar desejoso de recuperar a sua vida — sugiro.

Ele semicerra os olhos.

— Não o suficiente para matar o meu pai, se é isso que está a pensar.

— É isso que pensa que eu estava a pensar?

— Escute, é verdade que eu não queria voltar para cá. Mas quando a minha mãe me telefonou e contou sobre o acidente de carro, meti-me no primeiro voo que consegui. Escutei tudo o que o neurocirurgião disse. Estou apenas a tentar fazer o que o meu pai queria que eu fizesse.

— Com o devido respeito, depois de seis anos sem contacto, o que o faz pensar que pode avaliar isso?

Edward olha para cima.

— Quando tinha quinze anos, antes de o meu pai ter partido para a floresta, ele assinou uma carta a dar-me o direito de tomar decisões médicas em relação a ele, caso ele não o pudesse fazer.

Isto, para mim, é novidade. Ergo as sobrancelhas.

— Tem essa carta?

— Agora, está com o meu advogado — diz Edward.

— Isso é muita responsabilidade para um miúdo de quinze anos! — observo. Não fico apenas a saber se Luke Warren queria acabar com o suporte artificial de vida. Também fico a saber das suas competências parentais. Ou falta delas.

— Eu sei. De início, não queria fazê-lo, mas a minha mãe nem sequer conseguia enfrentar o facto de o meu pai se ir embora durante dois anos. Estava completamente transtornada por causa disso, e Cara ainda era uma criança. Enquanto ele esteve ausente, havia alturas em que me deitava na cama e tinha a esperança de que ele morresse junto dos lobos, para eu não ser obrigado a tomar esse tipo de decisão.

— Mas está disposto a fazê-lo agora?

— Sou filho dele — diz Edward simplesmente. — Não é uma decisão que alguém queira tomar. Mas isto já aconteceu antes. Quer dizer, isto foi o que o meu pai sempre pediu à família: que lhe desse liberdade para ir a sítios onde não queríamos que ele fosse.

— Sabe que a sua irmã tem uma opinião diferente.

Ele brinca com o pacote de açúcar.

— Quem me dera também conseguir acreditar que o meu pai vai abrir os olhos, acordar e recuperar... mas a minha imaginação não é assim tão boa. — Baixa os olhos para a mesa. — Quando aqui cheguei e as pessoas entravam no quarto para falar sobre o estado do meu pai, baixava sempre a voz. Como se fôssemos acordá-lo

porque ele estava a dormir. Mas sabe que mais? Podia ter berrado a plenos pulmões e ele não se teria mexido. E agora... passados onze dias... bem. Já não baixo a voz.

O pacote de açúcar escapa-lhe das mãos e cai no chão, ao lado do meu saco. Edward inclina-se para o recuperar e vê o exemplar do livro do pai lá dentro.

— Trabalho de casa? — pergunta.

Tiro o Lobo Solitário do saco.

— Comecei esta manhã. O seu pai é um homem muito interessante.

Edward toca com reverência nas letras douradas da capa.

— Posso? — Agarra no livro e folheia-o. — Já cá não estava quando foi publicado — diz. — E depois, um dia, estava numa livraria de língua inglesa, e lá estava ele. Sentei-me logo ali e li-o todo, seis horas seguidas. — Folheia a parte do meio, uma série de fotos a preto-e-branco de Luke Warren com os seus lobos — em crias e em adultos. A comer, a brincar e a descansar.

— Está a ver esta? — Edward aponta para uma fotografia que mostra Luke num dos cercados enquanto uma criança pequena está sentada na ladeira, a observar. A criança está de costas, com a cabeça coberta pelo capuz da sweatshirt: Cara Warren vê o pai ensinar Kladen e Sikwla a caçar. — Não é Cara — diz Edward. — Sou eu. É a minha sweatshirt, são os meus tornozelos escanzelados, e até o meu livro sobre a relva. Era Um Atalho no Tempo, de Madeleine L'Engle. Se for procurar na Net, verá a mesma capa. — Volta a percorrer o título com a ponta do dedo. — Há anos, da primeira vez que vi isto, fiquei a pensar se algum fulano lá na editora se teria enganado na citação ou se o meu pai me teria excluído gradualmente da sua vida depois de eu ter saído de casa.

Fita-me com um olhar subitamente penetrante e intenso.

— Por outras palavras — diz-me —, não acredite em tudo o que lê.

O interior da casa parece um globo de neve que foi virado ao contrário. Minúsculas penas brancas juncam o chão, o sofá e o cabelo da mulher que abre a porta.

— Oh! — diz ela em voz sumida. — Já são duas horas?

Enquanto estava no hospital, tinha telefonado a Georgie Ng, a perguntar-lhe se agora seria boa altura para ter uma conversa com Cara. Mas pelo ar demoníaco dos pequenos gémeos, a guinchar e a escorregar de meias calçadas pelo meio das penas, pergunto a mim mesmo se alguma vez será boa altura para fazer alguma coisa naquela casa.

Ao entrar, as penas agarram-se à minha saia cinzenta como limalha atraída por um íman. Sabe-se lá quanto tempo levarei a tirá-las com uma escova adequada. Georgie está a segurar num aspirador.

— Peço imensa desculpa por... isto. Crianças, já se sabe como é, não é verdade?

— Não sei. Não as tenho.

— Sábia escolha — murmura Georgie, tirando a almofada rebentada da mão de um dos filhos. — Qual foi a parte do Parem com isso! que não perceberam? — pergunta. Vira-se para mim, com ar contrito. — É capaz de ser mais fácil se for lá acima falar com Cara — sugere. — Ela está no quarto da direita, ao cimo das escadas. E sabia que vinha. — Depois, desaparece a uma esquina, ainda a segurar o aspirador num amplexo mortífero, a correr atrás dos filhos. — Jackson! Não ponhas a tua irmã no secador de roupa!

Avançando cautelosamente pelo meio da penugem, vou lá acima. É estranho conciliar Georgie Ng com a mulher que Luke Warren menciona brevemente no seu livro — uma ex-repórter que se apaixonou por ele em trabalho por causa da sua paixão pelos lobos e que compreendeu demasiado tarde que isso não deixava espaço para a paixão por ela. Imagino que seja mais feliz agora, com um marido mais atento e outra família. Cara não seria a primeira filha de pais divorciados a andar de uma casa para a outra, mas a diferença de estilo de vida entre os dois deve ter sido drástica.

Bato à porta devagarinho.

— Entre — diz Cara.

Admito que estou curiosa por conhecer a rapariga que teve capacidade para fazer com que o procurador do condado lhe desse ouvidos. Mas Cara é jovem, franzina e um bocadinho nervosa. Tem o braço direito enfaixado junto ao corpo como uma asa partida, o que aliado ao cabelo escuro e ondulado que lhe dá pelos ombros e às feições delicadas faz lembrar um pássaro que foi empurrado do ninho.

— Olá — digo. — Sou Helen, a tutora temporária do seu pai. — Quando digo isto, algo lhe perpassa pelo rosto, mas desaparece demasiado rápido para que eu seja capaz de interpretá-lo. — A sua mãe achou que se conversássemos aqui, podíamos ficar menos...

— Alérgicas? — sugere.

Oferece-me a cadeira da secretária, enquanto ela se senta na cama. O quarto está pintado de um azul durável, com uma colcha de retalhos na cama e uma cómoda branca. Parece um quarto de hóspedes, mas não para uma visita frequente.

— Tenho a certeza de que isto é muito difícil para si — começo, tirando o meu bloco-notas para fora. — Peço desculpa por ter de fazer todas estas perguntas neste momento, mas preciso mesmo de falar consigo sobre o seu pai.

— Eu sei — diz ela.

— Vocês viviam juntos antes do acidente, correto?

Ela diz que sim com a cabeça.

— Desde há quatro anos. Primeiro, fiquei com a minha mãe, mas depois, quando ela teve os gémeos, às vezes era difícil não me sentir a mais. Quer dizer, eu adoro-a, adoro o Joe e adoro ter um irmãozinho e uma irmãzinha, mas... — A voz morre-lhe nos lábios. — O meu pai diz que, com os lobos, todos os dias começam e acabam com um milagre. Aqui, todos os dias começam e acabam com uma chávena de café, um jornal, um banho e uma história para adormecer. Não é que eu não goste de estar aqui ou que não me sinta grata por isso. É simplesmente... diferente.

— Então, também é viciada na adrenalina, como o seu pai?

— Nem por isso — admite Cara. — Quer dizer, havia alturas em que eu e o meu pai alugávamos um filme e jantávamos pipocas, e isso era tão bom como das vezes que ia trabalhar com ele. — Corre a orla da colcha com os dedos. — É como um telescópio. O meu pai, faça o que fizer, concentra-se nisso de tal forma que não vê mais nada a não ser o que está ali com ele naquele momento, como quem faz zoom. A minha mãe está sempre em panorâmica.

— Então, devia-lhe custar quando ele se focava nos lobos, e não em si.

Fica calada por um momento.

— Alguma vez lhe aconteceu estar a nadar no verão e vir uma nuvem e tapar o sol? Sabe como durante alguns segundos nos

sentimos absolutamente enregeladas na água e pensamos que o melhor é sair para nos secarmos? Mas logo a seguir o sol volta de repente e ficamos outra vez quentes e quando contamos às pessoas o quanto nos divertimos a nadar, nem nos passa pela cabeça mencionar essas nuvens. — Cara encolhe os ombros. — É assim com o meu pai.

— Como descreveria a sua relação com ele?

— Ele conhece-me melhor do que qualquer outra pessoa neste planeta — diz ela de imediato.

— Qual foi a última vez que o viu?

— Ontem de manhã — replica Cara. — E a minha mãe prometeu que me leva ao hospital assim que a senhora se for embora. Sem ofensa — diz, olhando para mim.

— Não há problema. — Dou umas pancadinhas com a caneta no bloco. — Podemos conversar um bocadinho acerca do acidente?

Ela dobra-se sobre si mesma, puxando o braço ligado para mais junto do corpo com o braço livre.

— O que quer saber?

— Há alguma controvérsia sobre se a Cara tinha estado a beber naquela noite.

— Não foi quase nada. Bebi uma cerveja antes de me vir embora...

— Embora de onde? — pergunto.

— Daquela estúpida festa. Fui com uma amiga, e passei-me quando vi que estavam todos a ficar bêbedos, por isso telefonei ao meu pai. Ele fez o caminho até Bethlehem para me ir buscar. — Olha para mim, muito séria. — Eu não ia a conduzir, mesmo que a polícia pense que sim. Ele nunca me teria deixado fazê-lo.

— Estava zangado consigo?

— Estava desiludido — diz ela baixinho. — O que era pior.

— Lembra-se do acidente?

Abana a cabeça.

— Os paramédicos disseram que arrastou o seu pai do carro, antes de ele se incendiar. Isso foi incrivelmente corajoso da sua parte.

Cara enfia a mão livre debaixo da coxa. Tem os dedos a tremer.

— Podemos... podemos não falar mais no acidente?

Recuo de imediato para terreno mais seguro.

— De que gosta mais no seu pai?

— De ele não desistir — replica. — Quando as pessoas lhe disseram que ele era doido por querer ir viver com um bando de lobos selvagens, ele disse que conseguia fazê-lo e que quando acabasse havia de saber mais sobre eles do que qualquer outra pessoa no mundo. E tinha razão. Quando alguém lhe trazia um lobo ferido ou a morrer de fome ou mesmo mantido como animal de estimação no apartamento de uma idiota qualquer em Nova Iorque, como aconteceu uma vez, ele nunca dizia que o lobo era um caso perdido. Mesmo que morressem durante o processo, ele tentava salvá-los na mesma.

— Alguma vez teve uma conversa com o seu pai sobre o que ele queria que acontecesse se estivesse numa situação deste género?

Cara abana a cabeça.

— Estava demasiado ocupado a viver para falar sobre morte.

— O que acha que devia acontecer agora?

— Bem, obviamente quero que ele melhore. Sei que vai ser difícil e tudo isso, mas já acabei praticamente o secundário e podia

ir para uma universidade local em vez de ir para outro estado, e assim podia ajudá-lo na reabilitação...

— Cara — interrompo —, o seu irmão tem uma opinião diferente. Porque acha que isso acontece?

— Ele pensa que vai acabar com o infortúnio do meu pai. Que viver com lesões cerebrais não é viver. O problema é que isso é o que Edward pensa. O meu pai nunca veria uma oportunidade para viver, por mais pequena que ela fosse, como um infortúnio — diz ela de forma tensa. — Edward foi-se embora há seis anos. O meu pai não o reconheceria se esbarrasse com ele na rua. Por isso, tenho muita dificuldade em acreditar que Edward saiba o que é melhor para o meu pai.

Ela é feroz nas suas convicções, evangélica. Pergunto-me como seria ser o destinatário daquele amor incondicional.

— Falou com os médicos do seu pai, não falou? — pergunto.

Cara encolhe os ombros.

— Eles não sabem nada.

— Bem, sabem muito sobre medicina — contraponho. — E têm muita experiência com pessoas com lesões cerebrais como a do seu pai.

Ela fita-me durante um longo momento e depois sai da cama e vem em direção a mim. Durante um momento embaraçoso, penso que me vem abraçar, mas estica o braço junto ao meu ombro para premir um botão no computador portátil.

— Alguma vez ouviu falar de um tipo chamado Zack Dunlap? — pergunta.

— Não.

Rodo a cadeira para poder ver o ecrã do computador. É um clipe do Today Show, onde se vê um jovem com chapéu de cowboy.

— Sofreu um acidente com um veículo todo-o-terreno em 2007 — explica Cara. — Os médicos declararam a sua morte cerebral. Os pais decidiram doar os seus órgãos porque ele manifestara essa vontade na carta de condução. Mas quando desligaram as máquinas de suporte de vida, um dos primos, que era enfermeiro, teve um palpite e passou-lhe a lâmina de um canivete pelo pé e este deu um salto. Embora outra enfermeira dissesse que era apenas um reflexo, o primo enterrou a sua própria unha por baixo de uma das unhas de Zack e ele sacudiu-a. Passados cinco dias, abriu os olhos e quatro meses depois do acidente saiu da reabilitação.

Vejo a montagem de Zack na cama do hospital e dos pais a contarem o milagre. De Zack a ser recebido como herói na sua terra natal. Ouço Zack falar sobre as memórias que perdeu e aquelas de que se lembra. Incluindo uma em que ouviu os médicos declará-lo morto, sem ele se poder levantar e dizer-lhes que não era verdade.

— Os médicos disseram que Zack Dunlap estava em morte cerebral — repete Cara. — É uma situação ainda pior do que aquela em que o meu pai se encontra. E hoje Zack consegue andar e falar e fazer praticamente tudo o que fazia. Por isso, não me diga que o meu pai não vai recuperar, porque acontece.

O clipe termina e o próximo favorito na lista do YouTube de Cara começa a passar. Paralisadas, vemos Luke Warren a esfregar uma cria de lobo minúscula e de olhos semicerrados com uma toalha. Ele enfia-a debaixo da camisa, aquecendo-a com o calor do seu próprio corpo.

— Era um dos bebés de Pguasek — diz Cara baixinho. — Mas Pguasek adoeceu e morreu, por isso o meu pai teve de tratar das suas duas crias. O meu pai alimentava-as a conta-gotas. Quando já tinham idade para isso, ensinou-lhes como se comportar na alcateia.

A esta, chamou Saba, «Amanhã», para que este nunca lhe faltasse. Foi a única coisa a que ele nunca se conseguiu habituar no meio selvagem: a forma como uma ninhada morria para ensinar a mãe loba a fazer um melhor trabalho da próxima vez. Ele dizia que tinha de interferir, pois como era possível desperdiçar assim uma vida?

No pequeno ecrã retangular, o cabelo de Luke Warren pende para a frente, obscurecendo a cara macilenta da cria engelhada. Vá lá, minha menina, murmura. Não desistas.

¹ Dash significa «traço». (N. da T.)

LUKE

Quem diz à geração seguinte aquilo que ela precisa de saber?

Numa família, é o pai ou a mãe. Numa alcateia, é a ama. O lugar é muito cobiçado e, quando uma fêmea alfa fica prenhe, serão vários os lobos da alcateia a candidatarem-se à função, como concorrentes de um concurso de beleza, tentando convencer a futura mãe a escolher um deles. O lugar é atribuído em função da experiência que têm — muitas vezes, é um alfa ou beta mais velho, que já não consegue desempenhar as tarefas necessárias para manter a alcateia em segurança, que trata das crias. Nisto, a cultura dos lobos é muito parecida com a cultura dos nativos americanos, em que a idade é venerada, e muito diferente da maior parte dos americanos, que põem os pais idosos em lares e os visitam duas vezes por ano.

Eu não fiz audições para o papel de ama enquanto estive na floresta; teria sido um desastre, uma vez que mal me conseguia manter em segurança e a minha própria curva de aprendizagem era muito acentuada. Mas observei a loba que se tornou prestadora desses cuidados e gravei as suas ações na memória. E também foi bom porque me tornei ama por ausência de outros candidatos. De volta ao Redmond's, anos mais tarde, quando Mestawe rejeitou as suas crias, eu e Cara salvámos três das quatro — e alguém ia ter de lhes ensinar como se comportar numa alcateia. Isso significava orientá-las até ascenderem a posições de chefia. Quando terminei, a minha categoria só era superior à de Kina, que estava destinada a ser um controlador.

Os lobos ensinam-se pelo exemplo; disciplinam-se privando-os do afeto por que as crias anseiam. Quando elas se portavam bem, alinhava nas suas brincadeiras. Quando se descontrolavam,

mordiscava-as, fazia-as rolar sobre si e arreganhava os dentes junto às suas gargantas para saberem que podiam confiar em mim. Iniciei a sua diferenciação hierárquica por meio da fonte de alimento, porque os lobos são mesmo aquilo que comem. É um ciclo: aquilo que os lobos comem determina a sua posição hierárquica na alcateia; e esta determina aquilo que eles comem. Por isso, assim que eu e Cara desabituámos as crias do Esbilac e lhes começámos a dar coelho, eu dava-lhes três partes diferentes do animal. Kina, o membro da categoria mais baixa, ficava com o conteúdo do estômago; Nodah, o robusto beta, com a «carne de movimento», ou seja, os músculos do dorso e da perna; Kita recebia os preciosos órgãos. Quando passámos para as carcaças de vitelo, eu dirigia os lobos para as partes apropriadas, da mesma forma que os meus irmãos lobos me tinham feito no Canadá.

Nodah, que era um rufia, às vezes empurrava Kita para ficar com as partes boas — o coração, o fígado. Quando isso acontecia, eu tratava de simular uma luta com Kina durante alguns minutos, e depois voltava com o sangue a ferver e os níveis de adrenalina aumentados. Como que por encanto, Nodah recuava e fazia o que eu lhe dizia.

Ensinei-lhes a sua própria linguagem: aprenderam que um ganido agudo é encorajador, ao passo que um ganido grave é calmante; que uma rosnadela é um aviso, e um som uff, uff significa perigo.

Mas a lição mais difícil que tive de lhes ensinar foi a ordem de importância. Se uma alcateia está em perigo, esta protege o alfa a todo o custo. Qualquer outro elemento pode ser substituído, mas se perderem o alfa, o mais provável é a alcateia desintegrar-se. Por isso, depois de escavar covas de reunião — buracos fundos para

onde eles podiam correr e esconder-se se surgisse um perigo na forma de um urso ou humano ou qualquer outra ameaça — eu brincava à apanhada, mordendo-lhes as pernas e quartos traseiros como se fosse um predador a persegui-los. Dirigia-os para as covas de reunião, para que eles aprendessem que a única forma de me escaparem era enfiar-se lá dentro. Mas tinha de me certificar de que deixavam Kita entrar primeiro. Em comparação com este futuro alfa, Nodah e Kina não eram essenciais.

Mas aquilo deixava-me sempre totalmente de rastos, pois por mais que quisesse ser lobo, eu era apenas humano. E qual é o pai que escolhe um filho em detrimento de outro?

CARA

Zirconia Notch vive numa quinta sustentável tão ao norte do estado do New Hampshire que fica praticamente no Canadá. Há cabras e lamas a andar livremente pelo seu terreno quando a minha mãe lá entra de carro, o que a deixa encantada, pois isso significa que pode deixar os gémeos fazer festas aos animais para passar o tempo enquanto eu me encontro com a minha nova advogada.

Ela disse-me pelo telefone que não faz grande coisa com a sua licenciatura em Direito, hoje em dia. Em vez disso, arranjou uma nova profissão: é médium de animais de estimação que já morreram. Só há cinco anos descobriu que tinha esse dom, quando o espírito do labrador da sua vizinha veio ter com ela a meio da noite e começou a ladrar. E como não podia deixar de ser, a casa dos vizinhos estava em chamas. Se Zirconia não os tivesse acordado, podia ter sido um desastre.

Quando entro na casa, cheira-me a incenso. Uma janela com vinte e cinco vidraças minúsculas tem um frasco de compota em cada cubículo, cheios com aquilo que parece ser água misturada com corante alimentar. O resultado é algo entre um arco-íris e a botica de *Romeu e Julieta*, tal como sempre a imaginei quando li a peça no décimo ano. Há uma cortina de contas de cristal pendurada na porta, mas se me puser num determinado ângulo, consigo ver Zirconia sentada com uma cliente a uma mesa com uma toalha de renda roxa e juncada de urze. Zirconia tem cabelo branco comprido e a tatuagem de uma ervilha-de-cheiro que se lhe enrola à volta do pescoço e desaparece sob a gola. Veste um colete sem mangas de pele, que tem ar de ter vindo do dorso de um dos lamas que anda lá fora, e segura na mão um brinquedo de corda para cão.

— *Nibbles* quer que saiba que ela não queria sujar o tapete oriental — diz Zirconia, de olhos fechados e o corpo a oscilar ligeiramente. — E que está com a sua avó Jane...

— June? — diz a cliente.

— Sim. Às vezes, é difícil compreender o dialeto num latido...

— Pode dizer-lhe que sentimos a falta dela? Todos os dias?

Zirconia cerra os lábios.

— Ela não acredita em si. Espere... Estou a ouvir um nome. — Zirconia abre os olhos. — Está a falar de uma *Juanita*.

— *Juanita* é a nossa cadelinha chihuahua — arfa a cliente. — Não deixa de ser uma cadela, mas não substituiu *Nibbles*. Nenhum outro cão poderia fazê-lo.

Zirconia leva a mão à têmpora e semicerra os olhos.

— *Nibbles* já se foi embora — diz, pousando o brinquedo.

A mulher sentada à sua frente está frenética.

— Mas tem de lhe fazer chegar uma mensagem! Dizer-lhe que a amamos!

— Acredite em mim — diz Zirconia, tocando na mão a cliente. — Ela sabe disso! — Levanta-se bruscamente, vendo-me à entrada através da cortina de cristal. — São trezentos dólares. Aceito cheques.

Enquanto Zirconia leva a cliente à entrada para lhe dar o casaco, vejo que está a usar *collants* rosa-vivo por baixo da saia preta.

— Deve ser Cara — diz. — Pode entrar. — Dá um abraço de despedida à outra mulher. — Se *Nibbles* aparecer durante outras sessões, tenho o seu número de telefone.

As contas de cristal tilintam quando passo por elas.

— Então — diz Zirconia —, conseguiu encontrar o caminho para cá chegar.

Sento-me.

— A minha mãe é que conseguiu. Ela está lá fora, com os meus meios-irmãos.

— Será que ela quer entrar? Posso fazer-lhe um chá. Ler-lhe as folhas.

— Tenho a certeza de que ela está bem lá fora.

Zirconia desaparece por outra cortina de cristal e volta com duas chávenas fumegantes do que parece ser água de lavar pratos com tabaco no fundo.

— Obrigada por aceitar representar-me, senhora Notch.

— Zirconia. Ou, melhor ainda, Z. — Encolhe os ombros. — Nasci numa iurta na base de Franconia Notch. Os meus pais pensaram em chamar-me Diamond, pela sua força e beleza, mas tiveram medo que soasse demasiado a um nome de madame do Faroeste, por isso optaram pelo segundo melhor.

Um gato, que eu tomara por uma estátua sobre a lareira, mia de repente e salta para o meio da mesa, prendendo as garras na renda. Zirconia desenreda-o distraidamente enquanto continua a falar.

— Sei que deve estar a pensar por que razão Danny Boyle me recomendou, dado que seleciono os meus casos. Digo-lhe uma coisa, nunca pensei em vir a ser advogada. Queria combater o poder instalado. Mas depois percebi que iria mais longe se o combatesse de dentro. Está a perceber?

Ela fala como alguém que fumou demasiada erva nos anos 60. Digo que sim com a cabeça.

— Perfeitamente — digo, e pergunto a mim mesma em que raio Danny Boyle estaria a pensar.

— Acontece que eu tinha um verdadeiro dom para a acusação. Gosto de pensar que é por ter os chacras alinhados e, deixe-me que lhe diga, não havia uma única pessoa no gabinete do procurador do condado que pudesse dizer o mesmo. Tinha uma percentagem de condenações ainda mais alta do que a de Danny Boyle.

— Então, porque não continuou a ser advogada de acusação?

Ela afaga o gato duas vezes e liberta-o no chão, onde ele passa a correr pela cortina de cristal.

— Porque um dia acordei e questionei-me sobre ter uma profissão que, por definição, sugere que nunca alcançaremos a proficiência. Quer dizer, por quanto tempo teria de continuar a *praticar* Direito até fazer as coisas bem?

Rio-me e bebo um gole de chá. Para minha surpresa, tem um sabor decente.

— Muita gente lhe diria que uma médium de animais de estimação é um golpe colossal. Eu própria lho teria dito, antes da minha primeira experiência de contacto com o Além. — Encolhe os ombros. — Quem sou eu para questionar um talento que traz descanso a tantas famílias desconsoladas? Vou ser sincera consigo: é uma bênção e uma maldição.

Admito que fiquei bastante cética em relação a Zirconia quando ela me contou como ganhava a vida agora. Pois, estava-se mesmo a ver que todos os cães que morriam queriam pedir desculpa ao dono por terem urinado no lindo tapete lá de casa... mas, por outro lado, como podia ela saber que o novo cão da família se chamava *Juanita* ? Não estou a dizer que acredito, mas admito que me deu que pensar.

— Bem, Cara — diz Zirconia —, sou a sua advogada, e sou fiel à definição. Quero saber qual o desfecho que pretende e, depois,

quero descobrir de que forma posso advogar o seu caso para lá chegar. — Inclina-se para a frente, com o cabelo a cair-lhe pelas costas como uma avalanche glacial.

— Só quero que o meu pai melhore — digo-lhe.

Foi o mesmo que disse no dia anterior à tutora, mas desta vez sinto um nó na garganta. Creio que é porque sinto que até agora tinha sido um exército de uma só pessoa e, de repente, há alguém a lutar ao meu lado.

Zirconia faz que sim com a cabeça, visivelmente comovida.

— Sabe o que vamos fazer? Vamos já acender uma vela especial pelo seu pai, e é como se ele estivesse aqui connosco.

Remexe num armário e tira de lá uma vela aromática. Pousa-a em cima da mesa, entre nós as duas, e acende-a. E, de repente, fica no ar um cheiro a pinhal, e isso apanha-me de surpresa porque era ao que o meu pai cheirava sempre que vinha lá de fora.

— Agora que temos o objetivo em vista, temos de começar a eliminar os obstáculos — diz Zirconia. — E o maior problema é o facto de ter dezassete anos.

— A minha mãe diz que assina o que for preciso — digo-lhe.

— Infelizmente, para o estado do New Hampshire, ainda é menor, e os menores não estão autorizados a tomar decisões médicas em nome de alguém que se encontra incapacitado.

— É apenas um número. Primeiro que tudo, daqui a três meses faço dezoito anos. Além disso, há anos que tomo conta de mim e do meu pai.

— Infelizmente, não é assim que a lei vê as coisas. Por isso, que posso eu dizer ao tribunal que os ajude a decidirem ignorar os aspetos técnico-jurídicos?

— Vivo com o meu pai há quatro anos. Tomámos juntos todas as decisões. Conduzo. Vou à escola. Tomo conta de crianças para ganhar dinheiro. Faço as compras de casa e o meu nome consta da conta bancária do meu pai. Sou eu quem paga as contas todas, trato das questões que surgem relacionadas com a série televisiva e respondo ao correio dos fãs. A única coisa que não faço é votar.

— Para ser sincera — diz Zirconia —, também não houve muitos candidatos de jeito nos últimos doze anos. — Olha para mim. — E o que foi isso de andar nos copos?

— Não ando. Mas bebi na noite do acidente.

Zirconia fecha as mãos em frente do rosto.

— Quanto?

— Uma cerveja.

— Uma?

Roo a cutícula do polegar.

— Três.

Zirconia ergue as sobrancelhas.

— Então, basicamente, mentiu a toda a gente sobre isso. — Agita os braços num movimento circular. — Isto é um círculo de verdade. É bom que doravante me conte tudo exatamente como aconteceu. Se não foi assim que as coisas se passaram, não vale a pena contar-me.

— Está bem — digo, baixando a cabeça.

— Esses vão ser os dois pontos mais problemáticos que o advogado do seu irmão vai usar contra si — diz Zirconia.

— Também há muitos que fazem dele um tutor inadequado — observo. — A começar pela acusação de homicídio.

— Que foi anulada — replica Zirconia. — Por isso, é como se nunca tivesse existido.

Falamos durante mais três horas: sobre o meu pai e a forma como ele vivia a vida, e sobre todos os nomes que encontrei na Internet de pessoas que recuperaram quando lhes foi dada uma segunda oportunidade. Zirconia toma notas num guardanapo de papel reciclado e depois nas costas de um bilhete eletrónico antigo da Southwest Airlines que tinha guardado no bolso da saia. Só se interrompe uma vez, para fazer batidos de leite de soja com banana para os gémeos, que estão a ver um filme na carrinha da minha mãe.

Por fim, pousa a caneta.

— Vou dar-lhe algum trabalho de casa — diz. — Quero que vá ao quarto do seu pai no hospital e deite a cabeça no peito dele. Depois, diga-me quais são os pensamentos que lhe ocorrem.

Prometo que assim farei, embora aquilo seja demasiado New Age para mim. Falamos sobre a logística do tribunal na quinta-feira; onde tenho de ir e onde me irei encontrar com ela. Só quando ensaia as perguntas que me irá fazer no banco das testemunhas é que subitamente me apercebo: isto está mesmo a acontecer. Vou enfrentar o meu irmão em tribunal, na esperança de conseguir ficar com a guarda do meu pai.

Zirconia observa-me cuidadosamente.

— Acabou de se tornar real — supõe.

— Sim. — Sinto o coração descompassado. — Posso perguntar-lhe uma coisa?

Tenho receio de formular a pergunta em voz alta, mas tem de ser, pois não há mais ninguém a quem a possa fazer. E ela disse que era minha advogada, minha ajudante, e Deus sabe que preciso de ajuda. Por isso, sussurro as palavras que têm estado em tropel no meu coração, a apertá-lo quando menos espero.

— Acha que estou a fazer o correto?

— O correto — repete Zirconia, rolando as palavras na boca como se fossem um rebuçado. — Uma vez, falei com um mastim que tinha morrido. O veterinário dizia que era extraordinário ele ter vivido tanto tempo; segundo os exames médicos, devia ter morrido três anos antes. A dona do mastim era uma velhota que vivia sozinha. Quando ele começou a falar comigo do Além, disse que estava muito cansado. Tinha sido um trabalho esgotante manter-se vivo durante todo aquele tempo por causa da dona. Mas não podia partir em paz porque sabia que ia deixá-la sozinha.

Zirconia olha para mim.

— Creio que está a fazer a pergunta errada. A questão não é saber se o seu pai ia querer morrer, mas sim se o seu pai ia querer deixar este mundo sem saber que haveria aqui alguém para tomar conta de si.

Até ela me passar um guardanapo limpo para a mão, nem sequer me apercebera de que estava a chorar.

Quando chego ao hospital e entro no quarto do meu pai, Edward está lá.

Por um momento, ficamos ambos a olhar um para o outro. Parte de mim compreende que agora, que já não está na cadeia, é óbvio que ia voltar ali; a outra parte de mim pergunta a si mesma como pode ele ter coragem de entrar na UCI depois do que fez. Os seus olhos ensombram-se e, por um segundo, penso que ele vai atravessar o espaço minúsculo e esganar-me por tê-lo metido naquela carga de trabalhos, mas a minha mãe interpõe-se.

— Edward — diz ela —, porque não vamos jantar enquanto a tua irmã passa algum tempo sozinha com o teu pai?

Edward anui com um gesto tenso e passa por mim sem dizer uma palavra.

Gostava de lhes dizer que o meu pai abriu os olhos nessa altura e arranhou o meu nome e que eu tive o meu final feliz, mas não é verdade. Ainda está deitado da mesma forma que estava há um dia, da última vez que o vi; quando muito, parece ainda mais encovado e transparente, como se já fosse uma ilusão.

Talvez me esteja a enganar. Talvez eu seja a única pessoa que consegue olhar para o meu pai e ver um milagre. Mas *tenho de* fazê-lo. Caso contrário, aquilo que ele me disse naquela noite seria verdade.

Pensando em Zirconia, subo para cima da cama e deito-me. Enrolo-me contra o meu pai, que continua quente, sólido e familiar. Isto deixa-me a garganta a picar como um cato. O coração dele está a bater por baixo do meu ouvido.

Como querem que eu acredite que ele não vai voltar a si, quando consigo sentir isto?

Quando o meu pai salvou as crias que *Mestawe* rejeitou — os irmãos do pequeno *Miguen*, que morreu a caminho do veterinário —, teve de ensinar-lhes de alguma forma a comportarem-se como uma família sem a ajuda da sua mãe biológica. Havia *Kina*, a tímida; e *Kita*, a inteligente; e depois *Nodah*, o macho corpulento e robusto. Mas, apesar de toda a coragem de *Nodah*, ele morria de medo dos relâmpagos. Passava-se sempre que havia uma tempestade, e a única forma de o acalmar era o meu pai pegar nele e aninhá-lo junto ao peito. É claro que isto era fácil quando ele tinha quatro semanas, mas um bocadinho mais desafiante quando já era adulto. Eu costumava rir-me ao ver aquele brutamontes a escalar o meu pai para ouvir as batidas do seu coração.

Acontece que já não tem graça; não agora, quando sou eu que estou no meio da tempestade.

Fecho os olhos e imagino o meu pai, no tempo em que era ama daqueles lobos, quando eu costumava ficar junto à vedação a observá-lo. *Tem de ensiná-los a brincar?*, perguntei. *Eles não vêm já a saber fazer isso?*

O meu pai espetava o rabo no ar, com a metade da frente agachada num arco de ataque — dessa posição, um lobo conseguia saltar dois metros em todas as direções. Sempre que as brigas e as acrobacias se tornavam demasiado duras para os lobos, ele adotava esta posição e todos paravam para o imitar. *Uma família pode ter uma luta a fingir*, dizia o meu pai, *mas precisa de saber quando é altura de parar.*

Estou a ensiná-los a ser equilibrados, costumava explicar o meu pai.

Estou a ensiná-los a não se matarem uns aos outros.

LUKE

Eu sei que era uma curiosidade para a minha família de lobos. Às vezes, quando estava a dormir, acordava com cinquenta quilos de lobo em cima de mim, para verem qual seria a minha reação. Quando saíam para caçar e optavam por levar-me com eles, ziguezagueavam à minha frente, tentando ver se conseguiam enganar-me, como se quisessem catalogar todos os meus defeitos antes que um inimigo o fizesse. Em retrospectiva, compreendo que o meu papel para eles era semelhante ao de um humano raptado por um extraterrestre: queriam saber quem tinham pela frente, agora que os nossos mundos e territórios estavam a interpenetrar-se.

Numa noite de verão, ao lusco-fusco, o alfa tinha levado os caçadores numa viagem algures para sul. Eu fiquei para trás com o jovem macho e a sua irmã, que estava a patrulhar o perímetro do nosso território. Fazia um calor tórrido; eu estava constantemente a ir até ao ribeiro, para molhar a cabeça com água; depois, voltava para a nossa clareira e passava pelas brasas, embalado pela tagarelice dos mosquitos e pelas gargalhadas das rãs-touro. Embora soubesse que devia estar de atalaia, como o jovem macho, o calor e a humidade tinham atenuado as minhas defesas e instintos.

Acordei sobressaltado e vi o jovem macho sentado ao meu lado. A fêmea ainda lá não estava. Por outras palavras, nada mudara. Por isso, tratei de levantar-me, com a intenção de me ir refrescar uma vez mais ao ribeiro. Mas, assim que cheguei à água, o jovem macho atacou-me, deixando-me sem ar. Rosnou e abocanhou-me o rosto, de olhos chamejantes e dentes arreganhados, em modo de ataque. Rolei imediatamente de barriga para cima, pedindo confiança ao lobo, espantado com aquele comportamento. Era a primeira vez

desde que tinha sido aceite pela alcateia que sentia a minha vida em perigo e, pior ainda, às mãos de um dos meus irmãos lobos.

Ele continuou a rosar-me, de orelhas baixas, enquanto me fazia recuar do ribeiro para o esqueleto contorcido formado por várias árvores enormes que tinham sido derrubadas durante uma trovoadas. Deitei-me com o rosto encostado ao solo, inspirando galhos e terra, suado e trémulo. Sempre que me tentava mexer, o lobo aproximava-se mais e abria as suas poderosas mandíbulas a centímetros do meu rosto.

Podem imaginar o que me passou pela cabeça durante esse tempo. Que os biólogos tinham razão: que era impossível infiltrar-me numa alcateia; que os lobos eram animais selvagens e nunca me considerariam um deles; que aquele jovem macho só estava à espera de que o resto da alcateia voltasse para me matar, porque o alfa lhe tinha dito que eu já não era necessário. Pensei em todo o conhecimento perdido que acumulara acerca daquelas criaturas notáveis, em como nunca ninguém viria a saber o que eu tinha aprendido. Perguntei a mim mesmo se alguém viria a encontrar o meu corpo, dado que nem sequer sabia bem a que distância estava da civilização, nesta altura. E pela primeira vez desde há muito tempo, pensei em Georgie e nos meus filhos. Perguntei a mim mesmo se eles cresceriam a odiar-me por tê-los abandonado. Perguntei a mim mesmo se pensariam sequer em mim, passado todo este tempo.

Com o cair da noite, os sons da floresta mudaram. A sinfonia de grilos deu lugar ao piar de uma coruja; o vento levantou-se, e a terra começou a arrefecer por baixo da minha face. Depois de quatro horas a prender-me de forma agressiva naquela caverna improvisada, o jovem lobo sentou-se de repente, deixando-me

espaço para rastejar lá para fora. Olhou para mim com a calma espelhada nos seus olhos âmbar.

Pensei que se tratava, com certeza, de um truque.

Assim que saísse do buraco, ele ia filar-me o pescoço.

Quando não saí, ele aproximou-se novamente. Recuei instintivamente, mas em vez de me abocanhar, começou a lamber-me a boca e as faces, da mesma forma como saudaria os lobos da alcateia quando regressassem.

Ainda aterrado, rastejei para campo aberto, certificando-me de que mantinha o meu corpo mais baixo do que o dele para mostrar submissão. Ele virou-se e trotou em direção ao ribeiro, parando para olhar sobre o ombro para mim. Era um convite para o seguir, por isso foi o que fiz, continuando a manter as distâncias.

Quando chegou ao ribeiro, alçou a perna e marcou o tapete de relva onde eu estivera ajoelhado. Olhando para o chão, vi um monte de excrementos que não se pareciam com os de nenhum animal que eu tivesse encontrado. Ao lado, na lama macia, estava a pegada perfeitamente preservada de um leão-da-montanha.

Os pumas são raros aqui, na região oriental do Canadá, mas tem havido avistamentos no New Hampshire e no Maine e na New Brunswick. São caçadores solitários, e o verão é a altura em que os animais jovens deixam as suas mães para procurarem os seus próprios territórios. Competem diretamente com os lobos pelas presas. Um leão-da-montanha solitário é mais poderoso do que um lobo sozinho, mas uma alcateia consegue derrotar um leão-da-montanha.

O único outro facto que eu sabia acerca dos pumas era que matam por meio de emboscada, saltando para as costas da presa e partindo-lhe o pescoço com uma dentada.

Não tinha a segurança da alcateia a rodear-me, a força dos números. Ajoelhara-me sozinho junto ao ribeiro, a altura certa para um puma na vizinhança saltar sobre mim e desferir um golpe mortífero.

O jovem lobo não tinha tentado matar-me, mas sim salvar-me a vida.

Não há amor entre lobos. É um compromisso incondicional. Se fizermos o nosso trabalho, uma missão para a vida, então fazemos parte da família. Precisamos dos outros elementos da alcateia para nos completar. O jovem lobo protegera-me, não devido a uma ligação emocional, mas porque eu era um membro valioso para o bando — um lobo gama improvisado que reforçava as fileiras nas caçadas de emboscada ou contra alcateias rivais; mas também um indivíduo que lhes podia ensinar mais sobre os humanos com quem eram obrigados a partilhar cada vez mais o território.

Contudo, lá no fundo, na parte de mim que ainda era humana, gostava que ele me tivesse protegido porque gostava tanto de mim como eu gostava dele.

No dia a seguir a ter sido quase morto por um leão-da-montanha, soube que estava na altura de abandonar a minha alcateia. Pus alguma carne da caçada da noite anterior no bolso do meu fato-macaco e comecei a caminhar para leste. Os lobos deixaram-me ir; provavelmente, presumiram que me dirigia ao ribeiro ou que ia em patrulha; não havia razão para pensarem que não iria voltar.

Da última vez que vi a minha família, o macho e a fêmea jovens estavam a lutar na brincadeira, sob o olhar atento do grande lobo beta. Fiquei a pensar se os ouviria uivar por mim nessa noite.

As pessoas pensam que a razão para me ter afastado da alcateia nesse dia foi porque as condições difíceis se tinham tornado

finalmente insuportáveis — o tempo, o frio, a quase inanição, a constante ameaça dos predadores. Mas a verdadeira razão para eu ter voltado é muito mais simples.

Se não me tivesse vindo embora naquele momento, sabia que teria ficado lá para sempre.

JOE

Há alianças naturais que se formam numa sala de audiências. Quando entro no tribunal das sucessões, a advogada do hospital já está sentada à sua mesa, à esquerda. Com ela, está o neurocirurgião.

Na mesa à direita, está Cara e a sua advogada.

Encaminho de imediato Edward para a mesa da advogada do hospital.

A última pessoa a entrar na sala é Helen Bedd, a tutora temporária. Ela olha para a disposição dos lugares e posiciona-se sensatamente entre as duas mesas, no espaço que separa Edward e Cara.

Georgie está na fila atrás de mim.

— Olá, querida — digo, inclinando-me sobre a barra para lhe dar um beijo rápido. — Como te estás a aguentar?

Ela olha para a filha.

— Muito bem, dadas as circunstâncias.

Sei o que quer dizer. De manhã, enquanto ela dava papas de aveia e sumo a Cara e se despachava para a levar ao hospital e depois ao tribunal, para se encontrar com a advogada, peguei numa barra de *muesli* e fui até à casa de Luke Warren buscar o meu cliente. Na verdade, não podemos falar sobre o caso, uma vez que estamos em campos diferentes. Sinto como se o meu casamento fosse um diagrama de Venn, e o único espaço partilhado entre nós neste momento fosse um silêncio constrangedor.

Não pensem que eu não me interroguei acerca das minhas próprias motivações neste caso. Estou a representar Edward, é claro, e era capaz de não me ter sentido impelido a fazê-lo se Georgie não me tivesse pedido desesperadamente para o tirar da

esquadra. Profissionalmente, quero uma vitória para o meu cliente. Mas será porque acredito realmente que Edward tem o direito de tomar uma decisão médica pelo pai... ou porque sei qual será essa decisão médica? Se Luke Warren morrer, sai de cena. Nunca voltará a interpor-se entre mim e Georgie. Por outro lado, se for transferido para uma unidade de cuidados continuados e Cara acabar como sua tutora, Georgie irá continuar a desempenhar um papel importante até Cara fazer dezoito anos, e talvez mesmo depois disso.

Edward tem outra vez vestido o casaco de xadrez do pai; creio que o seu estatuto terá passado de peça de roupa a talismã. Quando Cara o vê com ele, os seus olhos arregalam-se e quase sai da cadeira, mas a advogada puxa-a para baixo e começa a sussurrar com ar furioso.

— Lembras-te de tudo o que te disse? — murmuro para Edward. Ele sacode o queixo, numa forma de assentimento.

— Mantém-te calmo, aconteça o que acontecer.

Estou à espera de que o descrevam como uma pessoa impetuosa, alguém que toma decisões precipitadas. Quem mais sairia de casa depois de uma discussão para ir viver para a Tailândia? Ou quem é que, frustrado pelo rumo dos acontecimentos, arrancaria a ficha de um ventilador da tomada? Apesar de a acusação criminal não ser admissível em tribunal por ter sido anulada, a verdade é que também não ajuda. A vila é pequena e toda a gente sabe o que Edward fez.

Cabe-me dar a volta à situação para que ele pareça um anjo misericordioso, em vez de um filho pródigo ressentido.

O escrivão olha para todos os que estão agrupados junto às mesas.

— Estão todos prontos? — pergunta. — Todos de pé! O Meritíssimo Juiz Armand LaPierre preside à audiência.

Embora nunca tenha arguido perante este juiz, estou bem ciente da sua reputação. Trata-se de um homem alegadamente compreensivo. Tão compreensivo, de facto, que tem dificuldade em tomar decisões. É frequente sair do tribunal durante a hora do almoço para ir até ao fundo da rua ao Sagrado Coração, a igreja católica mais próxima, onde diz novenas pelas partes envolvidas e pede a Deus que o guie.

O juiz entra numa nuvem de preto — toga preta, sapatos pretos, cabelo cor de azeviche.

— Antes de começarmos — diz —, quero dizer que este caso é profundamente perturbador para todos quantos aqui se encontram. Estamos reunidos para determinar quem será o tutor permanente de Luke Warren. Sei que o seu estado clínico não sofreu alteração desde que nomeei um tutor temporário na sexta-feira passada. Hoje, vejo que o hospital está representado, assim como os dois filhos do tutelado, como partes interessadas. — Franze o sobrolho. — Trata-se de uma audiência muito pouco convencional, mas as circunstâncias também são pouco convencionais. E aquilo que o tribunal espera ter em conta é que, em última análise, estamos a tentar tomar uma decisão que vá ao encontro daquilo que Luke Warren quereria, se pudesse falar. Há alguma questão preliminar que deva ser discutida?

É a minha deixa. Levanto-me da cadeira.

— Meritíssimo, gostaria de chamar a atenção do tribunal para que uma das partes interessadas aqui presentes é menor. Cara Warren ainda não atingiu a maioridade, o que implica que não tem competência jurídica para que lhe seja conferida a autoridade de

tomar decisões sobre os cuidados de fim de vida prestados ao pai. — Olho diretamente para o juiz, incapaz de enfrentar a ira do olhar de Cara. — Peço ao tribunal que cancele a sua comparência aqui hoje e a faça abandonar a sala de audiências, dispensando do processo a sua representante legal, a senhora Notch, uma vez que a cliente não tem competência jurídica para fazer esse tipo de escolha em nome do pai.

— O que está para aí a dizer? — intervém Cara. — Eu sou filha dele, tenho todo o direito de estar aqui...

— Cara — admoesta a advogada. — Senhor juiz, o que a minha cliente *queria* dizer...

— Tenho a certeza de que o que a sua cliente queria dizer tinha uns quantos impropérios acoplados — replica o juiz. — Mas, meus senhores, agora a sério. Começámos há trinta segundos e já estão a guerrear dessa maneira? Eu sei que as emoções estão ao rubro, mas vamos ter calma e olhar simplesmente para o precedente jurídico.

Zirconia Notch levanta-se. Está vestida como uma advogada do pescoço até aos joelhos, mas os *collants* são verde-lima com riscas vermelhas, e os sapatos de um amarelo berrante. É como se a metade superior do seu corpo tivesse caído sobre a metade inferior da Bruxa Malvada do Oeste.

— Meritíssimo — diz ela —, é verdade que a minha cliente tem dezassete anos, mas ela também é a única pessoa nesta sala que esteve intimamente envolvida na vida quotidiana do senhor Warren. Ao abrigo da RSA 454-A, um tutor só precisa de ser competente. O facto de o aniversário de Cara só acontecer daqui a três meses não tem nenhuma influência na possibilidade de o tribunal lhe conferir a autoridade para tomar decisões relativas à vida do seu pai. De facto,

se tivesse sido acusada de um crime grave, como o irmão, teria sido julgada como adulta no tribunal...

— Protesto — digo. — Essa acusação foi retirada. A senhora Notch está a tentar trazer à baila essa queixa irrelevante para prejudicar o meu cliente.

— Meus senhores — suspira o juiz —, vamos limitar-nos ao assunto que está a ser apreciado esta manhã, está bem? Doutora Notch, importa-se de retirar os sininhos que tem no pulso? São um fator de distração.

Sem se deixar intimidar, Zirconia tira as pulseiras e continua: — Assim que o tribunal ouvir o seu testemunho, tenho a certeza de que o senhor juiz irá determinar que esta jovem tem idade, maturidade e inteligência suficientes para ter opinião e para ser considerada competente, tal como os critérios da referida lei determinam.

O juiz tem ar de quem está a ter um ataque de úlcera. A sua boca contorce-se, os olhos lacrimejam.

— Não estou inclinado a dispensar Cara do processo, nesta altura — diz. — Ainda tenho de ouvir as testemunhas, e preciso tanto de ouvir a sua perspetiva quanto a do irmão, Edward. Vou pedir aos dois que apresentem breves alegações iniciais. Primeiro as senhoras. Doutora Notch.

Ela levanta-se e caminha em direção ao juiz.

— Terry Wallis — diz ela. — Jan Grzebski. Zack Dunlap. Donald Herbert. Sarah Scantlin. Provavelmente, nunca ouviram falar destas pessoas, por isso deixem-me apresentá-las. Terry Wallis passou dezanove anos em estado minimamente consciente. Depois, um dia, começou de forma espontânea a falar e recuperou a consciência do mundo à sua volta. Jan Grzebski, um ferroviário polaco, acordou de um coma de dezanove anos em 2007. Zack

Dunlap foi declarado em morte cerebral após um acidente com um veículo todo-o-terreno e estavam prestes a desligar o suporte de vida para que os seus órgãos pudessem ser doados quando ele mostrou sinais de movimento intencional. Passados cinco dias, abriu os olhos; dois dias mais tarde, desligaram o ventilador; e hoje consegue andar e falar e continua a melhorar.

Encaminha-se para Edward.

— Donald Herbert — prossegue — sofreu uma lesão cerebral grave enquanto combatia um incêndio em 1995. Após dez anos em estado vegetativo, pronunciou as suas primeiras palavras. Sarah Scantlin foi uma transeunte colhida por um condutor embriagado em 1984. Após seis semanas em coma, entrou num estado minimamente consciente e depois, em janeiro de 2005, começou a falar novamente. — Zirconia estende as mãos, numa súplica. — Cada um destes homens e mulheres sofreu lesões que se julgavam irreversíveis — diz. — Cada um destes homens e mulheres tinha uma vida pela frente que a família perdera a esperança de que viessem a viver. E cada um destes homens e mulheres estão hoje entre nós porque alguém os amava o suficiente para acreditar na sua recuperação. Para lhes dar tempo para se curarem. Para *ter esperança*.

Volta para a sua mesa, pousando a mão no ombro bom de Cara.

— Terry Wallis, Jan Grzebski, Zack Dunlap, Donald Herbert, Sarah Scantlin. E talvez, Meritíssimo, Luke Warren.

O juiz olha para mim enquanto Zirconia se senta.

— Senhor Ng?

— Pessoas diferentes acreditam que a vida começa em lugares diferentes — digo, levantando-me. — Os budistas tibetanos dizem que começa com o orgasmo. Os católicos fazem a vida remontar ao

momento em que o espermatozoide encontra o óvulo. Aqueles que usam células estaminais dizem que o embrião só está vivo ao décimo quarto dia, quando desenvolve uma linha primitiva, o segmento mais espesso que se transforma na coluna vertebral. *Roe contra Wade* diz que a vida começa às vinte e quatro semanas. E os navajos acreditam que a vida começa da primeira vez que um bebê ri.

Encolho os ombros.

— Habitúamo-nos a que exista uma multiplicidade de crenças no que toca ao início da vida. E em relação ao fim da vida? Será a sua definição igualmente confusa? Na década de 1900, Duncan McDougal acreditava que se podia pôr um paciente moribundo numa balança e saber o momento exato em que a morte ocorria, porque ele perdia vinte gramas — o peso da alma humana. Hoje em dia, a Lei Uniforme para a Determinação da Morte define esta última como a cessação irreversível de todas as funções cerebrais. É por isso que a morte cerebral é considerada morte, e que a morte cardíaca é considerada morte.

Olho para o juiz.

— Estamos aqui hoje, Meritíssimo, porque Luke Warren não nos deixou uma diretiva que nos mostre como define a morte. Mas sabemos como definiria a vida. A vida, para o senhor Warren, significava ser capaz de correr com os seus lobos...

Deixando a mulher e os filhos em casa, penso.

— Significava tornar-se especialista no comportamento das alcateias...

Embora não soubesse nada sobre manter a sua própria família unida.

— Significava integrar-se perfeitamente na natureza...

Enquanto a mulher esperava por ele.

— Não significava estar deitado numa cama de hospital, inconsciente, incapaz de respirar por si próprio, sem presumível esperança de recuperação. Meritíssimo, foi o senhor quem disse que devíamos tomar uma decisão que vá ao encontro daquilo que Luke Warren queria. — Enquanto faço uma pausa, olho Edward nos olhos. — Luke Warren iria pedir-nos para o deixarmos partir.

Durante a primeira pausa de quinze minutos, eu e Edward vamos aos lavabos.

— Acredita? — pergunta, enquanto estamos ambos no urinol. — Naquilo que a advogada disse?

— Estás a falar daquela gente toda que recuperou de lesões cerebrais?

Ele faz que sim com a cabeça, puxando o autoclismo antes de ir lavar as mãos.

— Sim.

— Não sei. Mas podes ter a certeza de que vou interrogar o neurocirurgião acerca deles. — Acabo o que estou a fazer e dou com Edward a olhar para o espelho da casa de banho, como se não reconhecesse o seu próprio rosto. — Escuta — digo-lhe —, hoje, não vais precisar de tomar nenhuma decisão relativamente ao teu pai. Só precisas de ganhar o direito a tomar essa decisão.

Vamos buscar um refrigerante antes de termos de voltar para a sala de audiências. Na área da máquina de venda automática, Zirconia e Georgie estão sentadas na pequena mesa industrial, em frente de Cara.

— Minhas senhoras — digo, piscando o olho a Cara.

Ela prega os olhos na mesa, segurando uma *Coca-Cola*.

— Como está o teu pai? — pergunto. Sei que Cara tinha pedido para visitar Luke antes de vir para o tribunal.

Ela semicerra os olhos.

— Como se isso lhe interessasse.

— Cara! — Georgie respira fundo. — Pede desculpa ao Joe.

— Bem vistas as coisas, creio que ele me deve um pedido de desculpa, primeiro. — Pega na *Coca-Cola* e põe-se em pé. — Espero lá em cima.

Mas antes que se possa ir embora, Edward bloqueia-lhe a saída. Estende-lhe uma embalagem de *Twizzlers*, tirada na máquina de venda automática.

— Toma! — diz ele.

— O que te leva a pensar que quero isso?

— Pelo menos, costumavas querer — diz-lhe Edward. — Costumavas suplicar-me que tos comprasse quando te ia buscar à escola e parávamos numa bomba de gasolina para meter combustível. Arrancavas as extremidades com os dentes e enfiavas um no pacote de leite que trazias da escola, como se fosse uma palha. Dizias que, assim, era um batido de morango. — Olha para Georgie. — Era um segredo que escondíamos da mãe, porque ela dizia que eras viciada em açúcar e ias perder os dentes todos antes de chegares à puberdade.

Segurando o refrigerante, Cara não consegue segurar na embalagem; só tem uma mão livre.

— Tinha-me esquecido disso — murmura.

Edward enfia os doces numa dobra da ligadura.

— Eu não — diz ele.

A advogada do hospital, Abby Lorenzo, começa por chamar o doutor Saint-Clare ao banco das testemunhas. Presta juramento e

refere rapidamente as suas credenciais como neurocirurgião, sempre com ar de quem podia estar a fazer algo muito mais importante, como salvar vidas.

— Conhece Luke Warren? — pergunta ela.

— Sim. É um dos meus pacientes.

— Quando o conheceu?

— Há doze dias — responde o médico.

— Pode falar-nos do estado do senhor Warren quando chegou ao hospital?

— Foi trazido na sequência de um acidente de automóvel — diz Saint-Clare —, depois do qual foi encontrado fora do veículo. Os técnicos de emergência médica no local presumiram que ele tinha uma lesão cerebral traumática difusa, com base nas circunstâncias. Foi-lhe atribuído um cinco na escala de coma de Glasgow e chegou ao hospital apresentando a pupila direita dilatada, fraqueza do lado esquerdo e uma laceração na testa. Quando uma TAC revelou inchaço grave em torno do cérebro e edema periorbital à volta dos olhos, fui chamado.

— E depois, o que aconteceu? — pergunta a advogada.

— O senhor Warren voltou a ser testado na escala de coma e continuou num cinco...

— Que quer isso dizer, exatamente?

— É uma escala neurológica para medir a reatividade ou falta dela depois de um traumatismo craniano. A escala vai de três a quinze, em que o três corresponde a uma pessoa em coma profundo e o quinze a um indivíduo normal e saudável. Dos pacientes que obtêm entre cinco e sete após vinte e quatro horas, cinquenta e três por cento irão morrer ou ficar em estado vegetativo.

Lorenzo diz que sim com a cabeça.

— Como tratou o senhor Warren?

— A TAC de urgência sugeria que ele tinha um hematoma no lobo temporal e uma hemorragia subaracnoideia, uma hemorragia intraventricular e hemorragias no tronco cerebral e no bolbo raquidiano, estendendo-se à protuberância.

— Em termos leigos?

— O senhor Warren deu entrada com sangue à volta do cérebro, sangue nos ventrículos cerebrais e hemorragias nas partes do cérebro que afetam a respiração e a consciência. Administrámos-lhe um medicamento chamado manitol para reduzir a pressão no cérebro e efetuámos uma lobectomia temporal — uma cirurgia que daria espaço no interior do crânio para o seu cérebro se expandir, para que o inchaço pudesse diminuir. Retirámos o hematoma, assim como parte do lobo temporal anterior. Depois da cirurgia, continuava sem respirar por si próprio e não acordou; no entanto, a sua pupila direita voltou a ficar reativa, o que sugere que o inchaço no cérebro diminuiu. A lobectomia temporal significa que o senhor Warren perderia provavelmente algumas memórias, mas não todas; contudo, uma vez que a consciência ficou comprometida de forma tão grave pelas lesões no tronco cerebral, é pouco provável que alguma vez venha a ser capaz de aceder a alguma dessas memórias.

— Então, ele não está em morte cerebral, doutor Saint-Clare?

— Não — replica o cirurgião. — O eletroencefalograma mostra atividade no córtex cerebral. Mas não pode aceder-lhe, pois não consegue recuperar a consciência.

— Como está o senhor Warren a ser mantido vivo?

— Tem um ventilador a respirar por ele, e está a ser alimentado com uma sonda.

— Qual é a sua opinião profissional em relação às hipóteses de recuperação do senhor Warren?

Olho para Cara enquanto o cirurgião responde. Tem os olhos semicerrados, queixo decidido, como se as palavras dele fossem um vento revigorante.

— Repetimos a TAC de dois em dois dias. Embora saibamos que a pressão no cérebro diminuiu, as hemorragias no tronco cerebral tornaram-se um pouco maiores. Continua inconsciente, encontra-se em estado vegetativo. Na minha opinião, trata-se de uma lesão cerebral grave da qual não esperamos que recupere.

Cara estremece.

— Mesmo que houvesse uma hipótese, o que seria extremamente improvável, o cenário mais otimista para o senhor Warren seria uma vida numa unidade de cuidados continuados com funções limitadas, sem nunca recobrar a consciência.

— Até que ponto está seguro da sua opinião profissional, doutor Saint-Clare? — pergunta Lorenzo.

— Sou neurocirurgião há vinte e nove anos e nunca vi um doente recuperar de um traumatismo cranioencefálico tão grave como este.

— Qual é a posição do hospital em relação aos cuidados e recuperação do senhor Warren?

— É um paciente, e receberá os melhores cuidados possíveis para assegurar o seu conforto. No entanto, como não esperamos melhoria no que toca à sua qualidade de vida, é necessário tomar uma decisão. O senhor Warren terá de ser transferido para outra unidade que lhe preste cuidados vinte e quatro horas por dia, ou então, se a opção for descontinuar o suporte de vida, será candidato para a doação de órgãos.

— Se o senhor Warren não está em morte cerebral, como pode ser candidato para a doação de órgãos?

O neurocirurgião recosta-se na cadeira.

— Tem razão, ele não preenche os critérios médicos para morte cerebral. No entanto, preenche os critérios para doação após paragem cardíaca. Os pacientes que têm uma lesão cerebral grave e que não respiram sozinhos podem ainda assim ser dadores, desde que tenham manifestado esse desejo. O hospital põe as suas famílias em contacto com o Banco de Órgãos da Nova Inglaterra. Depois de tomada a decisão de pôr fim ao suporte de vida, o ventilador é desligado e o paciente deixa de respirar. É iniciada uma contagem decrescente e, passados cinco minutos, o paciente é declarado morto, levado para uma sala de operações e os órgãos são colhidos. No caso do senhor Warren, os órgãos viáveis seriam o fígado e os rins, possivelmente até o coração. — O médico faz uma pausa. — Para muitas famílias que se confrontam com esta situação de impasse, saber que o seu ente querido pode ajudar a salvar a vida de outra pessoa com a doação de órgãos é muito reconfortante.

— Obrigada, doutor Saint-Clare — diz Abby Lorenzo. — Não tenho mais perguntas.

Levanto-me, pronto para interrogar o neurocirurgião.

— Senhor doutor — começo —, está familiarizado com o caso de Zack Dunlap?

— Estou.

— Tem consciência de que o senhor Dunlap esteve envolvido num acidente com um veículo todo-o-terreno, foi declarado em morte cerebral e depois recuperou espontaneamente, certo?

— Isso é o que as pessoas pensam.

— Que quer dizer com isso?

— A comunidade médica acredita que o senhor Dunlap nunca esteve realmente em morte cerebral, mas que foi mal diagnosticado — replica o médico. — Se estivesse em morte cerebral, não teria recuperado. Na verdade, fiz parte de um grupo nacional que ia investigar o caso do senhor Dunlap: analisar os registos e produzir uma declaração pública oficial sobre o que realmente aconteceu. Mas a família não quis. — Encolhe os ombros. — Preferiam chamá-lo um milagre.

— E Terry Wallis?

— O senhor Wallis também foi diagnosticado em estado vegetativo durante quase duas décadas, mas não estava. Encontrava-se num estado minimamente consciente, o que é muito diferente. Os pacientes que estão minimamente conscientes têm algum grau de consciência de si e do mundo que os rodeia, mas não são capazes de comunicar os seus pensamentos e sentimentos. Podem responder a estímulos dolorosos ou cumprir uma ordem, ou chorar ao ouvirem a voz de um ente querido. A consciência mínima pode ser uma situação crónica, mas há mais hipóteses de recuperação do que para alguém que se encontra em estado vegetativo.

— É possível o senhor Wallis ter passado de um estado vegetativo para um estado minimamente consciente?

— Sim. Há um espectro de consciência que vai do coma ao estado vegetativo, passando pelo estado minimamente consciente. Alguns doentes passam de um para o outro.

— Então, não é possível que o mesmo aconteça ao senhor Warren?

— A recuperação de Terry Wallis foi extraordinária e inesperada, mas o traumatismo inicial foi bastante diferente do que o senhor Warren sofreu. Terry Wallis sofreu uma lesão axonal difusa, que ocorre sem pressão intracraniana e que não danifica os neurónios, apenas os axónios. Os neurónios encontram-se no córtex cerebral. Depois, temos a matéria cinzenta. Os axónios vão daí até à matéria branca. Um traumatismo craniano que leva a uma lesão axonal difusa significa que as células na matéria cinzenta estão intactas, mas não estão ligadas a nada porque essas ligações, os axónios, foram seccionadas. É um traumatismo craniano muito grave, mas poupa as células, os neurónios. A recuperação do senhor Wallis surgiu por via da regeneração dos axónios. A lesão do senhor Warren não foi provocada pelo seccionamento de axónios, mas antes por neurónios danificados. E ao contrário dos axónios, quando um neurónio é destruído, a regeneração não é possível.

Para todos os outros indivíduos mencionados por Zirconia nas suas alegações iniciais, o doutor Saint-Clare tem uma razão médica para a recuperação ter sido possível.

— Então, deixe-me ver se percebi — recapitulo. — Cada uma das pessoas que a senhora Notch mencionou acabou por recuperar porque foi mal diagnosticada inicialmente ou porque as suas lesões eram substancialmente diferentes das sofridas pelo senhor Warren, é isso?

— Exatamente — diz o neurocirurgião. — Ninguém está a contestar que o eletroencefalograma do senhor Warren mostra sinais de atividade. É possível que tenha conservado a mesma capacidade verbal e motora que tinha, nos lobos frontais do seu cérebro. Mas com as lesões que sofreu no tronco cerebral, não importa o que acontece nos lobos frontais. Ele não é capaz de se

ligar, por assim dizer. — O doutor Saint-Clare olha para o juiz. — É um bocadinho como ir de férias e ver o nosso destino do avião, e de repente aparecer um tornado que nos impede de aterrar. Podemos continuar a ver a estância de férias mais maravilhosa, com uma praia idílica e um serviço de cinco estrelas, mas não há forma de passarmos do sítio onde estamos para o sítio que queremos visitar.

— O senhor Warren dependerá sempre de um ventilador para respirar e de sondas para se alimentar? — indago.

— Na minha opinião, sim.

— Consegue prever quanto tempo irá viver se esse tratamento for continuado?

— A maioria dos pacientes com este tipo de lesão morre no espaço de semanas ou meses devido a pneumonia ou a qualquer outra complicação. — O médico abana a cabeça. — Todas estas máquinas apenas prolongam o processo da morte. Estamos a manter uma vida, mas não é grande vida.

— Obrigado — digo. — A testemunha é sua.

Zirconia Notch mostra um semblante severo ao neurocirurgião enquanto se aproxima.

— Quem está a pagar os cuidados do senhor Warren?

— Tanto quanto sei, ele não tem seguro de saúde. É hóspede do estado.

— Um hóspede que lhes custa aproximadamente cinco mil dólares por dia, fora os honorários médicos.

— Não temos isso em conta quando dispensamos os cuidados de saúde...

— Não é verdade que o seu hospital perdeu dois milhões de dólares no ano passado?

— Sim...

— Então, não é possível que parte da motivação do hospital para forçar uma decisão relativamente à situação do senhor Warren seja libertar uma cama para um doente *pagante*?

— Não é essa a minha preocupação como médico.

— O doutor disse que o senhor Warren é candidato para a doação de órgãos após paragem cardíaca, correto?

— Sim. Um homem com a sua condição física seria um dador excelente.

— Não é verdade que um quarto dos casos de doação após paragem cardíaca não corre como planeado?

Ele indica que sim.

— Às vezes, quando o ventilador é desligado, o paciente respira sozinho de forma errática. Se isso não parar dentro de cerca de uma hora, a doação é cancelada e espera-se que o paciente morra.

— Por que motivo a doação é cancelada?

— Porque o paciente não tem oxigénio suficiente na sua corrente sanguínea para manter os órgãos viáveis, mas tem demasiado oxigénio para levar à paragem cardíaca, que é o critério para a morte.

— Então — diz Zirconia, contraindo os lábios —, basicamente, esperam que o coração pare, deixam passar cinco minutos e depois colhem os órgãos, é isso?

— Correto.

— Já ouviu falar do doutor Robert Veatch? — pergunta.

O doutor Saint-Clare pigarreia.

— Sim.

— É ou não verdade que o doutor Veatch é um conhecido professor de ética médica que questionou a doação após morte cardíaca?

— Sim.

— Importa-se de resumir a posição do doutor Veatch para o tribunal?

O doutor Saint-Clare anui.

— O doutor Veatch faz notar que um coração que para pode ser posto novamente a bater. Aliás, é exatamente assim que se faz um transplante cardíaco. Em sua opinião, a cessação da função cardíaca e da circulação não é irreversível em doentes dadores de órgãos após paragem cardíaca, o que significa que não cumpre a norma aceite para a determinação da morte.

— Portanto, basicamente, está a dizer-me que o senhor Warren pode ser declarado morto quando o seu coração parar. Mas este pode ser depois doado a outra pessoa... e começar novamente a bater.

— Isso mesmo.

— Então não será um pouco apressado considerar que o senhor Warren está morto, dado que tecnicamente o seu coração podia ser desfibrilado e voltar a bater ainda dentro do seu próprio corpo?

— A determinação da morte circulatória é uma prática médica comum no mundo desenvolvido, doutora Notch — diz o médico. — Os cinco minutos de espera visam assegurar que o coração não começa a bater novamente sem intervenção médica.

Zirconia diz que sim com a cabeça, mas dá para ver que não está convencida.

— O senhor Warren sente alguma espécie de dor no seu atual estado clínico?

— Não — diz o médico. — Ele está inconsciente, não é capaz de sentir nada. Estamos a fazer o que podemos para o manter confortável.

— Portanto, não está em sofrimento, pois não?

— Não.

— Não está angustiado?

O doutor Saint-Clare mexe-se desconfortavelmente no lugar.

— Não.

— E podia continuar nesse estado, sem sofrer, por quanto tempo?

— Se não contrair uma doença que comprometa ainda mais os seus sistemas orgânicos e se for transferido para uma unidade de cuidados continuados, pode durar vários anos.

Zirconia cruza os braços.

— Bom, disse ao senhor Ng que as cinco pessoas que eu inicialmente referi e que sofreram graves lesões cerebrais foram mal diagnosticadas, e que foi por isso que recuperaram, não é verdade?

— Sim. Os distúrbios da consciência são manifestamente difíceis de diagnosticar com precisão.

— Então, como pode ter a certeza de que o senhor Warren não será o próximo caso de estudo de uma chamada recuperação milagrosa?

— É possível, mas altamente improvável.

— Está ao corrente da síndrome do encarceramento, senhor doutor?

— Claro. A síndrome do encarceramento é um quadro em que o paciente está consciente e desperto, mas incapaz de se mexer ou comunicar.

— É ou não verdade que a evidência de uma lesão no tronco cerebral e um eletroencefalograma normal são ambos sintomáticos da síndrome do encarceramento?

— Sim.

— E não é verdade que a lesão cerebral do senhor Warren revela lesões no tronco cerebral e um eletroencefalograma normal?

— Sim, mas os doentes com a síndrome do encarceramento clássica têm pupilas contraídas e outros sinais que levam ao reconhecimento do seu estado. A maior parte dos neurologistas consideram esse diagnóstico quando um paciente parece estar em coma, e testam essa hipótese pedindo-lhe que olhe para cima e para baixo.

— Mas não nos casos de síndrome do encarceramento total, certo? Esses doentes não conseguem olhar para cima e para baixo voluntariamente, por definição.

— Correto.

— Então não é verdade que, sem esse movimento ocular voluntário, seria extremamente difícil saber se um paciente tem a síndrome do encarceramento ou está em estado vegetativo?

— Sim, podia ser difícil — admite o doutor Saint-Clare.

— E o doutor sabe que os pacientes com essa síndrome comunicam muitas vezes por meio de dispositivos de ajuda, e alguns deles têm vidas longas?

— Assim tenho ouvido dizer.

— Pode dizer a este tribunal com cem por cento de certeza que o senhor Warren *não tem* síndrome do encarceramento?

— Em medicina, nada é a cem por cento — contrapõe.

— Então, suponho que também não possa dizer com cem por cento de certeza se o senhor Warren não irá progredir de um estado vegetativo para um estado minimamente consciente, e até mesmo para a consciência total?

— Não. Mas o que lhe *posso* dizer é que os tratamentos e intervenções que experimentámos não lograram alterar o seu

estado de consciência, e não tenho razões médicas para acreditar que isso venha a mudar no futuro.

— O doutor deve saber que houve pessoas que sofreram lesões na medula espinal e a quem foi dito que não voltariam a andar, e que acabaram por vir a fazê-lo devido aos avanços na medicina.

— Claro.

— E os soldados que regressaram do Iraque e do Afeganistão com membros amputados têm hoje a ajuda de próteses espantosas que teriam sido pura ficção científica para um soldado da Guerra do Vietname. Não será correto dizer que a investigação médica avança todos os dias?

— Sim.

— E não há muita gente que recebeu diagnósticos sombrios, e até terminais, e que acabou por viver vidas plenas e preciosas? Não pode dizer que, daqui a cinco anos, não vá aparecer alguém que tenha desenvolvido uma técnica capaz de ajudar uma pessoa com lesões cerebrais a recuperar, pois não?

O doutor Saint-Clare suspira.

— É verdade. No entanto, não temos forma de saber quanto tempo levará até começarmos a ver essas curas hipotéticas de que fala.

Zirconia olha-o nos olhos.

— Suponho que leve mais de doze dias — diz. — Não tenho mais perguntas.

O doutor Saint-Clare levanta-se, mas antes de conseguir sair do banco das testemunhas, o juiz interrompe: — Doutor — diz —, tenho mais uma pergunta para si. Não entendo muita da gíria médica que usou hoje, por isso quero ir diretamente à questão. Se este homem fosse seu irmão, o que faria?

O neurocirurgião volta a deixar-se cair lentamente na cadeira. Em vez de encarar o juiz, vira-se para Cara, com um olhar magoado e quase terno.

— Despedia-me dele — responde o doutor Saint-Clare — e deixava-o partir.

LUKE

Devo ter caminhado durante seis ou sete dias, a tentar encontrar o caminho de regresso à humanidade. Chorei durante a maior parte do tempo, sentindo já a perda da minha família de lobos. Sabia que eles sobreviveriam sem mim. Só não tinha a certeza se o inverso seria verdadeiro.

Têm de perceber que eu não me via há dois anos, a não ser ocasionalmente no reflexo barrento de uma poça de água. O cabelo chegava-me a meio das costas e estava emaranhado em rastas não intencionais. A barba era farta e cerrada. O meu rosto estava cheio de arranhões recentes sofridos a brincar com os lobos. Não tomava um banho completo há meses. Tinha perdido mais de vinte e cinco quilos e os meus pulsos saíam espetados como galhos dos punhos do meu fato-macaco. Tenho a certeza de que parecia o maior pesadelo do mundo.

Ouvi a estrada muito antes de vê-la, e percebi até que ponto os meus sentidos estavam apurados — consegui sentir o cheiro tipicamente estival do alcatrão quente quilómetros antes de as árvores começarem a rarear e de o talude da estrada se erguer à minha frente. Quando desemboquei na luz do sol direta, franzi os olhos; um grande camião que ia a passar fez tanto barulho que quase recuei a cambalear com o seu troar. A lufada de ar quente que levantou atrás de si tirou-me o cabelo do rosto imundo.

Quando cheguei à rede da vedação, toquei nela. O aço frio encostado como uma treliça à palma da minha mão era tão diferente de tudo aquilo em que tocara nos últimos tempos que fiquei imóvel por um momento, a sentir a força e as linhas puras do metal. Comecei por escalá-la, saltando destramente sobre ela e caindo silenciosamente do outro lado: eram essas as capacidades que

tinha vindo a aperfeiçoar. Quando ouvi as vozes, todos os pelos da minha nuca se eriçaram e agachei-me naturalmente. Atravessei para ficar contra o vento, para elas não darem pela minha presença.

Era um grupo de escuteiras, ou lá como é que elas se chamam no Canadá. Estavam a fazer um piquenique na área de descanso da autoestrada, enquanto o seu autocarro dormia como um pesado monstro à sombra do parque de estacionamento.

Senti-me nervoso, excitado, demasiado exposto. Não havia árvores onde me esconder; não havia ninguém a ladear-me e disposto a lutar ao meu lado se fosse preciso. Conseguia ouvir o som agudo e dilacerante dos carros que zuniam ao passar na estrada e cada barulho era para mim como uma bala que passava demasiado perto para me sentir confortável. O riso das raparigas era ensurdecedor; fez-me tapar os ouvidos com as mãos.

Em retrospectiva, consigo imaginar como foi para elas: estarem na galhofa num minuto, e no minuto seguinte terem um monstro à mesa do piquenique, a mover-se desajeitadamente, esfarrapado e fedorento. Algumas das raparigas começaram aos gritos, uma correu para o autocarro. Tentei acalmá-las, mas o meu instinto imediato foi baixar-me, baixar a cabeça. Depois, lembrei-me de que tinha voz.

Uma voz que não usava há dois anos, a não ser para uivar e rosnar.

Estava ferrugenta, fraca, parecia um ganido. Um som de que não me lembrava.

Custou-me produzir esse som. Tentar dar-lhe a forma de uma palavra na minha língua. Enquanto me atrapalhava e me engasgava com as sílabas, o motorista do autocarro apareceu a correr.

— Já chamei a polícia — ameaçou, mantendo-me afastado com uma lanterna gigantesca, uma arma improvisada.

Foi nessa altura que recuperei a fala.

— Socorro — disse.

Na verdade, foi uma bênção disfarçada quando a polícia apareceu. A princípio, foi difícil convencê-los da minha identificação, apesar de ter no bolso do peito do meu fato-macaco andrajoso a carta de condução com que me internara na floresta, dois anos antes. Dado o meu aspeto, pensaram com certeza que era um sem-abrigo que tinha roubado a carteira a alguém. Foi quando ligaram a Georgie e ela desatou a soluçar ao telefone que acreditaram finalmente em mim e me deixaram tomar um duche no vestiário da esquadra. Deram-me uma t-shirt e umas calças de treino da polícia. Compraram-me um hambúrguer no McDonald's.

Comi-o em cinco segundos. Depois, passei a hora seguinte na casa de banho, a vomitar.

O chefe da polícia trouxe-me água e bolachas de água e sal. Queria saber o que levava um homem a ir viver com uma alcateia de lobos. E, sobretudo, queria saber como é que eu não tinha acabado a servir-lhes de jantar. Quanto mais falava com ele, mais a minha voz perdia a sua rouquidão, e as palavras que tinham estado a pairar como fantasmas no céu da boca aterravam suavemente, sólidas e reais.

Ele pediu desculpa por me fazer dormir na cela, sobre a fina enxerga. Mas era a primeira cama que eu tinha em dois anos e não me conseguia sentir confortável. As paredes pareciam fechar-se sobre mim, embora os agentes tivessem deixado a porta da cela aberta. Tudo cheirava a tinta, a toner e a pó.

De manhã, quando levaram Georgie até lá, depois de ter passado a noite a conduzir para ir ter comigo, estava a dormir profundamente no chão da cela. Mas como qualquer animal selvagem, fiquei cem por cento alerta antes de ela transpor a soleira da porta. Sabia que ela estava a chegar porque o cheiro do seu champô e perfume atingiu-me como um maremoto antes mesmo de conseguir vê-la.

— Oh, meu Deus! — murmurou ela. — Luke?

Correu em direção a mim.

Acho que foi isso que levou o instinto a prevalecer e a razão a esfumar-se. Seja como for, quando Georgie veio a correr para mim, eu fiz o que qualquer lobo teria feito naquela situação.

Afastei-me dela, cauteloso.

Por muito tempo que viva, hei de lembrar-me sempre da forma como o seu olhar perdeu o brilho, tal como a chama de uma vela apanhada por uma corrente de ar inesperada.

EDWARD

Enquanto presto juramento no banco das testemunhas, enfio a mão no bolso do casaco do meu pai e sinto um pedaço de papel minúsculo. Não quero dar nas vistas e tirá-lo para fora para ver o que é, sobretudo enquanto estou ali sentado, mas estou mortinho por saber. Será uma anotação? Uma lista de compras, com a letra do meu pai? Um recibo dos correios? Um talão da lavanderia? Tenho uma visão fugaz de uma empregada a perguntar a si mesma por que razão as calças que Luke Warren lá deixou não foram levantadas na passada segunda-feira, como deviam ter sido. Pergunto a mim mesmo por quanto tempo guardarão a roupa. Teriam ligado ao meu pai a pedir-lhe que fosse buscar os seus pertences ou teriam dado as calças a alguma instituição de caridade?

Mas quando consigo fazer deslizar o papel às escondidas para fora do bolso e segurá-lo por baixo da barra do banco das testemunhas para dar a ideia de que estou apenas a olhar para o colo, vejo que se trata de uma mensagem de um bolinho da sorte chinês.

A ira começa com loucura e termina em arrependimento.

Pergunto a mim mesmo porque a terá guardado. Se terá sentido que lhe era dirigida. Se a leria de vez em quando e a consideraria como um aviso.

Se a teria enfiado simplesmente no bolso e esquecido que ali estava.

Se o fazia lembrar-se de mim.

— Edward — diz Joe —, como foi crescer com o seu pai?

— Achava que tinha o pai mais fixe do mundo — admito. — Têm de perceber que eu era um rapaz muito calado, um crânio. Passava

a maior parte do tempo com a cabeça enfiada num livro. Era alérgico praticamente a tudo o que metesse natureza. Era o alvo perfeito para os rufiões. — Sinto os olhos de Cara em mim, curiosos. Este não é o irmão mais velho de que ela se lembra. Do ponto de vista de uma miúda, até um chato pode parecer fixe se andar no liceu e conduzir uma lata velha e lhe comprar alcaçuz. — Quando o meu pai voltou da floresta, tornou-se instantaneamente numa celebridade. De repente, passei a ser mais popular só por causa de ser da família dele.

— Então e como era a relação com o seu pai? Eram próximos?

— O meu pai passava muito tempo longe de casa — digo diplomaticamente, e vem-me uma frase à cabeça: *Não digas mal dos mortos*. — Houve a viagem ao Quebeque, para viver com os lobos selvagens, mas mesmo depois de ter regressado e começado a criar as alcateias no Redmond's, passava as noites na caravana ou às vezes nos cercados. A verdade é que Cara gostava mais de andar com ele do que eu, por isso ela passava mais tempo no parque temático e eu ficava com a minha mãe.

— Ficava ressentido por o seu pai não estar consigo?

— Sim — digo sem rodeios. — Lembro-me de sentir ciúmes dos lobos que ele criava, porque o conheciam melhor do que eu. E lembro-me de ter ciúmes da minha irmã, porque ela parecia falar a língua dele.

Cara baixa os olhos, com o cabelo a tapar-lhe o rosto.

— Odiava o seu pai, Edward?

— Não. Não o compreendia, mas não o odiava.

— Acha que ele o odiava?

— Não. — Abano a cabeça. — Acho que ele se sentia desconcertado. Esperava que os filhos se interessassem

naturalmente pelas mesmas coisas que ele e, para ser sincero, se não gostássemos das mesmas coisas que ele, tinha dificuldade em manter uma conversa.

— O que aconteceu quando tinha dezoito anos?

— Eu e o meu pai tivemos... uma discussão — digo. — Eu sou homossexual, tinha acabado de me assumir perante a minha mãe e, por sugestão dela, fui ter com o meu pai à caravana, no parque temático, para lhe contar.

— As coisas não correram muito bem, suponho.

Hesito, escolhendo o caminho por entre o campo minado da minha memória.

— Pode dizer-se que não.

— E depois, o que aconteceu?

— Saí de casa.

— Para onde foi?

— Tailândia. Comecei a ensinar inglês como segunda língua e viajei pelo país.

— E esteve lá quanto tempo?

— Seis anos — replico. A minha voz cede entre as duas palavras.

— Durante o tempo em que esteve fora, teve algum contacto com a sua família? — pergunta Joe.

— A princípio, não. Eu queria mesmo... aliás, precisava de fazer uma rutura total. Mas acabei por entrar em contacto com a minha mãe. — Olho-a nos olhos e tento transmitir-lhe que lamento tê-la feito passar um mau bocado durante todos aqueles meses de silêncio. — Não falei com o meu pai.

— Quais foram as circunstâncias que o levaram a voltar da Tailândia?

— A minha mãe ligou-me a dizer que o meu pai tinha tido um acidente grave e que Cara também estivera envolvida.

— O que sentiu quando soube disso?

— Passei-me. Quer dizer, não vemos uma pessoa há muito tempo não importa. Não é por isso que deixam de ser da nossa família. — Levanto os olhos. — Apanhei o primeiro avião que consegui para os Estados Unidos.

— Conte ao tribunal, por favor, a primeira vez que viu o seu pai no hospital.

O pedido de Joe faz-me recuar no tempo. Estou aos pés da cama do meu pai, a olhar para o emaranhado de tubos e fios que saem de debaixo da sua bata de doente. Tem uma ligadura na cabeça, mas aquilo que me atinge como um murro no estômago é uma gota de sangue minúscula. Está no seu pescoço, mesmo por cima da maçã de Adão. Percebo facilmente que pode ter sido confundida com um bocadinho de barba por fazer, um arranhão. Mas quando todas as provas do traumatismo já foram cuidadosamente limpas pelas enfermeiras atentas, esta minúscula lembrança quase me faz cair de joelhos.

— O meu pai era um homem grande — digo com ternura —, mas quando o conhecíamos parecia ainda maior do que era. Provavelmente, só a sua energia dava-lhe mais cinco centímetros. Era o tipo que não ia a andar a lado nenhum; ia a correr. Não comia, devorava uma refeição. Sabe aquelas pessoas que vivem nos limites da normalidade? O meu pai era assim. — Aconchego o casaco à minha volta. — Mas o homem que estava naquela cama de hospital? Nunca o tinha visto na minha vida.

— Falou com o neurocirurgião que o estava a acompanhar? — pergunta Joe.

— Sim. O doutor Saint-Clare veio falar comigo sobre os exames que tinham feito e a cirurgia de emergência que tinham efetuado para aliviar a pressão sobre o seu cérebro. Explicou que, embora o inchaço tivesse diminuído, o meu pai sofrera um grave traumatismo no tronco cerebral e que não havia cirurgia capaz de solucionar isso.

— Com que frequência visitou o seu pai no hospital?

Hesito, tentando descobrir como dizer que estive lá constantemente, tirando os momentos em que estive legalmente impedido de entrar no seu quarto.

— Tentei arranjar tempo para ir visitá-lo todos os dias.

Joe olha para mim.

— Alguma vez teve uma conversa com o seu pai acerca do que ele queria fazer se ficasse incapacitado, Edward?

— Sim, uma vez.

— Pode contar-nos como foi?

— Quando tinha quinze anos, o meu pai decidiu ir para as florestas do Quebeque para tentar viver com lobos selvagens. Nunca ninguém fizera nada assim. Os biólogos tinham identificado corredores de lobos ao longo do rio St. Lawrence, por isso ele ia tentar intercetá-los, e depois infiltrar-se numa alcateia. Numa fase anterior da sua carreira, já conseguira que algumas alcateias em cativeiro o aceitassem, e ela achava que aquilo era uma extensão natural. Mas também significava viver sozinho durante um inverno no Canadá sem qualquer abrigo ou comida.

— O seu pai estava preocupado com o bem-estar?

— Não. Estava simplesmente a fazer o que sentia que tinha de fazer. Para ele, era mesmo um *chamamento*. A minha mãe não via as coisas da mesma forma. Ela sentia que ele estava a fugir dela e a deixá-la com dois filhos. Tinha a certeza de que ele ia morrer.

Achava que era uma irresponsabilidade e uma loucura, e que ele acabaria por cair em si e decidir ficar em casa, onde era o seu lugar... só que ele não o fez.

A minha mãe está petrificada no seu lugar na primeira fila, de olhos postos no colo. Tem as mãos entrelaçadas.

— Na noite antes de se ir embora, o meu pai chamou-me ao escritório. Tinha dois copos e uma garrafa de uísque em cima da secretária, e disse-me que eu devia beber um copo porque, agora, ia ser o homem da casa.

O álcool parece fogo; tusso, os meus olhos enchem-se de lágrimas e penso que sou capaz de morrer ali mesmo, mas ele bate-me nas costas e diz-me para respirar. Limpo o rosto com a fralda da camisa e juro nunca mais beber aquela porcaria. Quando a minha visão clareia, vejo algo em cima da secretária que não estava lá antes. É um bocado de papel.

— Reconhece este documento? — pergunta Joe.

E lá está ela outra vez, amarrotada e rasgada numa ponta, a carta que encontrei enfiada no armário de arquivo. Ele regista a carta como prova e depois pede-me para lê-la em voz alta. Eu faço-o, mas é a voz do meu pai que ouço na minha cabeça.

E, depois, a minha própria resposta: *E se eu fizer a escolha errada?*

— É a sua assinatura ao fundo da página? — pergunta Joe.

— Sim.

— E é a assinatura do seu pai?

— Sim.

— Nos últimos nove anos, o seu pai alguma vez lhe comunicou a intenção de revogar esta procuração médica?

— Protesto! — A advogada de Cara levanta-se. — Esta nota não é uma procuração médica legalmente válida.

— Indeferido — murmura o juiz, e começa novamente a arrancar cabelos. Até admira ainda não estar careca, por esta altura.

Num universo paralelo, eu e Cara ter-nos-íamos rido à conta disso.

— Não voltámos a falar sobre isso. E um dia ele voltou do Quebeque, e pronto.

— Quando se lembrou deste contrato?

— Há uns dias, quando estava em casa dele a remexer nos papéis, a tentar descobrir o número de telefone do tratador que toma conta dos lobos no Redmond's. Estava preso no fundo de um armário de arquivo.

— Quando estava a remexer nos papéis do seu pai — diz Joe — encontrou outras procurações?

— Não, não encontrei.

— E um testamento? Ou uma apólice de seguro?

— Testamento não — replico —, mas encontrei uma apólice.

— Pode dizer ao tribunal quem era o beneficiário dessa apólice, na infeliz circunstância da sua morte?

— A minha irmã. Cara.

Ela fica boquiaberta, e eu percebo que o meu pai nunca lhe falou daquilo.

— Também é beneficiário?

— Não.

Quando tinha encontrado a apólice, numa pasta com o registo de propriedade da carrinha e o passaporte, lera-a de uma ponta à outra. Tinha feito o jogo mental de me interrogar sobre se ele me

teria tirado da apólice depois de eu me ter ido embora ou se apenas a teria subscrito depois disso.

— Ficou surpreendido?

— Nem por isso.

— Ficou zangado?

Levanto o queixo.

— Há seis anos que faço pela vida. Não preciso do dinheiro dele.

— Então, esta iniciativa que empreendeu para se tornar tutor do seu pai e tomar uma decisão relativamente aos cuidados médicos a prestar-lhe não é motivada por nenhum ganho pecuniário?

— Não ganho um cêntimo com a morte do meu pai, se é isso que está a perguntar.

— Edward — diz Joe —, o que acha que o seu pai ia querer que acontecesse agora?

— Protesto! — intervém Zirconia Notch. — É uma opinião pessoal.

— É verdade — concorda o juiz —, mas é também o que preciso de ouvir.

Respiro fundo.

— Falei com os médicos e fiz uma centena de perguntas. Sei que o meu pai não vai voltar. Ele costumava falar-me dos lobos doentes, que deixavam de comer porque sabiam que estavam a atrasar a alcateia e mantinham-se nas imediações até ficarem suficientemente fracos para se deitar e morrer. Não porque não quisessem viver ou ficar bem outra vez, mas porque, naquele estado, estavam a pôr todos aqueles que amavam em desvantagem. O meu pai seria o primeiro a dizer-vos que pensa como um lobo. E um lobo poria o bando acima de tudo o resto.

Quando reúno coragem suficiente para olhar para Cara, sinto-me como se tivesse sido trespassado por uma espada. Os seus olhos estão rasos de lágrimas, os seus ombros estão a tremer com o esforço para se conter.

— Lamento, Cara — digo-lhe diretamente. — Eu também o amo. Sei que não acreditas, mas é verdade. E quem me dera poder dizer-te que ele vai melhorar, mas não vai. Ele dir-te-ia que chegou a sua vez. Que para a família poder seguir com a sua vida, ele tem de partir.

— Isso não é verdade — explode Cara. — Nada do que disseste. Ele não me deixaria para trás. E tu não o amas. *Nunca* amaste.

— Doutora Notch, tenha mão na sua cliente — diz o juiz.

— Cara — murmura a advogada —, há de chegar a nossa vez. Joe vira-se para mim.

— A sua irmã tem uma opinião claramente diferente. Porquê?

— Porque se sente culpada. Também esteve envolvida no acidente. Ela está melhor, e ele não. Não estou a dizer que a culpa seja dela, apenas que está demasiado próxima da situação para conseguir tomar uma decisão.

— Poderá haver quem diga que o Edward estava demasiado longe para tomar uma decisão — contrapõe Joe.

Digo que sim com a cabeça.

— Eu sei. Mas dei conta de uma coisa desde que voltei. Quando vamos embora, pensamos que tudo fica como está. Que o mundo fica parado à nossa espera. Mas nada fica igual. Há edifícios que são demolidos. Pessoas que têm acidentes. Meninas que ficam crescidas. — Viro-me para Cara. — Quando eras pequena, costumavas ir à piscina no verão e saltar da prancha para dares

grandes chapas na água. Querias que eu te pontuasse, como faziam nos Jogos Olímpicos. Metade do tempo, eu estava ocupado a ler e limitava-me a inventar um número. Se era demasiado baixo, tu imploravas para te deixar repetir. O problema é que, quando crescemos, não há repetições. Ou fazes as coisas bem ou fazes asneira e tens de viver com aquilo que fizeste. Eu não via o meu pai há seis anos e sempre pensei que acabaríamos por falar. Achava que ele me ia pedir desculpa, ou que talvez eu o fizesse, mas seria como naqueles filmes em que tudo acaba bem. Não posso recuperar esses seis anos, mas a qualquer momento podia ter agarrado no telefone e ligado ao meu pai para lhe dizer: *Olá, sou eu.* — Enfio a mão no bolso, apalpo o papel do bolinho da sorte. — Ele confiou em mim em tempos, quando eu tinha quinze anos. Quero que ele saiba que, aconteça o que acontecer, embora me tenha ido embora, pode continuar a confiar em mim. Quero que ele saiba que lamento que as coisas tenham acabado como acabaram entre nós. Sou capaz de nunca ter hipótese de lho dizer cara a cara. Esta é a única maneira como sei fazê-lo.

De repente, lembro-me do que aconteceu no escritório, depois de eu ter assinado o contrato. A caneta escapou-me da mão como se me tivesse queimado os dedos. O meu pai pegou no uísque que eu tinha deixado no copo e bebeu-o até à última gota. *Tu*, disse ele, *tens uma alma nobre. Vais sair-te muito melhor nisto do que eu.*

Agarrei-me ao elogio, aquele tesouro, da mesma forma que uma ostra cria uma pérola, esquecendo completamente a dor que tornou isso possível.

— Não te iludas — diz-me Joe, antes de começar a inquirição por parte da advogada. — Zirconia Notch pode ter ar de quem cultiva maconha no jardim e tricota camisolas com o próprio cabelo,

mas é uma piranha! Costumava trabalhar para Danny Boyle, e ele escolhe os seus advogados com base no tempo que levam a fazer sangue.

Por isso, enquanto a advogada de Cara se aproxima de mim com um sorriso, agarro-me à cadeira das testemunhas, preparando-me para a batalha.

— Não é verdade — diz ela — que está a tentar convencer este tribunal de que, aos quinze anos, era suficientemente maduro para ser nomeado pelo seu pai para tomar uma decisão relativa à saúde dele? No entanto, agora, alega que a sua irmã, que tem dezassete anos e três quartos, não deve ser autorizada a fazer a mesma coisa...

— Foi o meu pai que fez essa escolha. Eu não pedi nada disso — replico.

— Sabe que é Cara quem trata das finanças do seu pai e lhe paga as contas?

— Não me surpreende, tendo em conta que era o que eu fazia quando tinha a idade dela.

— Não via o seu pai há seis anos, certo?

— Sim.

— Não será possível que ele tenha elaborado outro documento, em que talvez designe Cara como sua tutora no que respeita aos cuidados de saúde, e que o Edward não saiba disso? Ou talvez o tenha encontrado... e deitado fora?

Joe levanta-se.

— Protesto! Não tem fundamento...

— Retiro o que disse.

Mas aquilo deixa-me a pensar. E se o meu pai nomeou *realmente* Cara, ou outra pessoa, e nós ainda não encontrámos

esse documento? E se ele mudou de ideias e eu estava demasiado longe para saber? Não creio que seja homicídio desligar o suporte de vida segundo os desejos expressos pelo próprio. Mas e se acabar por se saber que *não* era isso que ele queria?

— Descrever-se-ia como uma pessoa impulsiva, Edward?

— Não.

— A sério? E sai de casa depois de uma discussão mais acesa? Isso não é um comportamento normal.

Joe abre as mãos.

— Meritíssimo? Havia alguma pergunta algures neste juízo de valor?

— Protesto aceite — diz o juiz.

Zirconia não perde tempo.

— Descrever-se-ia como uma pessoa que gosta de ter o comando das coisas?

— Apenas do meu próprio destino — replico.

— E do destino do seu pai? — insiste. — Está a tentar comandá-lo neste momento, não é verdade?

— Ele pediu-me para o fazer — digo em voz mais tensa. — E tornou público o seu desejo: inscreveu-se como dador de órgãos.

— E sabe disso como?

— Porque é o que diz na carta de condução.

— Sabe que no New Hampshire, para ser dador de órgãos, não precisa apenas de ter um pequeno autocolante na carta de condução? Também precisa de se registar na Internet?

— Bem...

— E sabia que o seu pai *não* efetuou esse registo?

— Não.

— Acha que poderá ter sido porque mudou de ideia?

— Protesto — diz Joe. — Especulativo.

O juiz franze o sobrolho.

— Vou permitir. Senhor Warren, responda à pergunta.

Olho para a advogada.

— Acho que foi porque não sabia que tinha de fazê-lo.

— E sabe o que ele pensa porque vocês os dois tiveram uma relação muito próxima nos últimos seis anos — ironiza Zirconia. — Ora, aposto que tiveram longas conversas pela noite dentro sobre todo o tipo de assuntos. Ah, espere, é verdade! *Você não estava cá.*

— Estou aqui agora — digo.

— É verdade. E foi por isso que, depois de conversar com os médicos, estava pronto para tomar as medidas necessárias para pôr termo à vida do seu pai?

— Os médicos e a assistente social disseram-me que eu devia parar de pensar no que quero, e pensar antes no que o meu pai queria.

— Porque não discutiu o assunto com a sua irmã?

— Tentei, mas ela ficava histérica sempre que eu falava na situação do nosso pai.

— Quantas vezes tentou discutir isso com Cara?

— Duas vezes.

Zirconia Notch levanta uma sobrancelha.

— Quantas?

— Uma — admito.

— Tem noção de que Cara esteve envolvida num grande acidente automóvel? — pergunta.

— Claro.

— Sabe que ela ficou gravemente ferida?

— Sim.

— Sabe que ela tinha acabado de ser submetida a uma intervenção cirúrgica?

— Sim — digo, depois de suspirar.

— E que estava sob a ação de analgésicos e muito frágil quando falou com ela?

— Ela disse-me que não queria fazer aquilo — contraponho. — Que só queria que tudo acabasse.

— E por essas palavras depreendeu que ela estava a falar da vida do vosso pai? Embora minutos antes ela se tivesse oposto de forma veemente a que desligassem o suporte de vida?

— Presumi que ela estava a referir-se a toda aquela situação. Era demasiado duro para ela ouvir e processar tudo aquilo. Foi por isso que lhe disse que tratava de tudo.

— E por «tratar de tudo» quis dizer tomar uma decisão unilateral de pôr fim à vida do vosso pai.

— Era o que ele queria — insisto.

— Mas seja sincero, Edward, isto tem tudo que ver com o que *você* quer, não é assim? — ataca Zirconia.

— Não. — Consigo sentir uma dor de cabeça a começar nas minhas têmporas.

— A sério? É porque agendou a suspensão do suporte de vida do seu pai sem dizer à sua irmã que o tinha feito. Momentos antes de acontecer, ainda não tinha contado à sua irmã. E mesmo quando a administração do hospital percebeu o que se passava e parou com o procedimento — diz —, e mesmo apesar de Cara estar ali a suplicar-lhe que parasse, tirou as pessoas do caminho e fez o que sempre tinha querido fazer: matar o seu pai.

— Isso não é verdade — digo, já enervado.

— Foi ou não foi indiciado por homicídio não premeditado, senhor Warren?

— Protesto! — diz Joe.

O juiz indica que sim com a cabeça.

— Protesto aceite.

— Disse hoje no seu testemunho que não tem interesse pecuniário na morte do seu pai porque não é beneficiário da sua apólice de seguro de vida, não é verdade?

— Só soube do seguro de vida há dez dias — replico.

— Tempo suficiente para planejar um homicídio, zangado com o facto de ele o ter excluído da apólice — diz Zirconia com ar pensativo.

Joe levanta-se.

— Protesto!

— Aceite — murmura o juiz.

Sem se deixar intimidar, a advogada aproxima-se mais, de braços cruzados.

— O seu pai também não tem testamento, o que significa que, se morresse hoje sem ele, o Edward seria herdeiro dos seus bens e teria direito a metade de tudo o que ele tivesse.

Isto, para mim, é novidade.

— A sério?

— Portanto, teoricamente, sempre beneficia com a morte do seu pai — observa ela.

— Duvido que sobre muito depois de pagarmos as contas do hospital.

— Então, está a dizer que, quanto mais depressa ele morrer, mais dinheiro ficará?

— Não foi isso que eu quis dizer. Até há dois segundos, nem sequer sabia que ia receber o que quer que fosse...

— É verdade. No fim de contas, o seu pai está morto para si há anos. Sendo assim, porque não legalizar a situação?

Joe tinha-me avisado de que Zirconia Notch ia tentar exasperar-me, ia tentar fazer-me parecer alguém capaz de cometer um homicídio. Respiro fundo, tentando impedir que a fúria me aflore ao rosto.

— Não sabe nada sobre a minha relação com o meu pai.

— Pelo contrário, Edward. Sei que as suas ações aqui são motivadas pela raiva e pelo ressentimento...

— Não...

— Sei que está zangado por ter sido excluído da apólice de seguro de vida. Sei que está zangado porque o seu pai nunca foi atrás de si, quando se foi embora. Está zangado porque a sua irmã tinha com o seu pai a relação que, lá no fundo, o Edward continuava a desejar ter...

Uma veia começa a latejar no meu pescoço.

— Está enganada.

— Admita: não está a fazer isto por amor, Edward. Está a fazê-lo por ódio.

Abano a cabeça.

— Odeia o seu pai por tê-lo rejeitado quando lhe contou que era homossexual. Odiou-o tanto por isso que destruiu a sua família...

— *Ele destruiu-a primeiro!* — expludo. — Está bem. Eu odiava o meu pai. Mas nunca cheguei sequer a dizer-lhe que era homossexual. Nunca tive essa oportunidade. — Olho à volta da galeria até encontrar um rosto petrificado. — Porque, quando cheguei à caravana naquela noite, encontrei-o a trair a minha mãe.

Durante a pausa, Joe sequestra-me numa sala de conferências. Vai buscar-me um copo de água que eu não vou ser capaz de beber porque as minhas mãos continuam a tremer imenso. Era exatamente isto que eu *não* queria que acontecesse.

A porta abre-se e, para minha surpresa, não é Joe a voltar com a água, mas a minha mãe. Ela senta-se à minha frente.

— Edward — diz, e aquela única palavra é uma tela para eu pintar uma história em falta.

Parece acabrunhada e abalada, mas suponho que seja isso que acontece quando ficamos a saber que a história que contámos a nós próprios durante tantos anos não é verdadeira. E pelo menos por isso devo-lhe uma explicação.

— Fui até ao Redmond's para falar com ele e assumir a minha homossexualidade, mas ele não respondeu quando bati. A porta da caravana estava aberta, por isso entrei. As luzes estavam acesas e havia um rádio a tocar. O pai não estava na sala da entrada, por isso fui até ao quarto.

Seis anos mais tarde, a cena continua tão nítida como na altura: os membros prateados num nó górdio, a roupa amontoada no chão de linóleo, os segundos que levei a perceber o que estava realmente a ver.

— Ele estava na cama com uma estagiária da universidade chamada Sparrow ou Wren, ou qualquer coisa... Uma rapariga que tinha mais dois anos do que eu. — Olho para a minha mãe. — Não podia contar-lhe uma coisa destas. Por isso, quando presumiu que a razão para eu ter voltado aborrecido era a conversa não ter corrido bem, limitei-me a deixá-la acreditar nisso.

Ela cruza os braços com força, ainda em silêncio.

— Ele devia-nos aqueles dois anos em que esteve longe — digo.
— Devia ter voltado e ter-se comportado como um pai. Como um marido. Em vez disso, voltou a pensar e a agir como um daqueles lobos estúpidos com que vivia. Ele era o alfa e nós éramos a sua alcateia, e os lobos põem sempre a família em primeiro lugar. Quantas vezes ele nos disse isso? Mas estava a mentir com quantos dentes tinha, durante todo esse tempo. Estava-se nas tintas para a nossa família. Andava a traí-la às escondidas, ignorava os próprios filhos. Ele não era um lobo; era apenas um hipócrita.

O queixo da minha mãe parece feito de vidro. Como se virar a cabeça, ainda que ligeiramente, o pudesse partir.

— Então, porque te foste embora?

— Ele suplicou-me que não lhe contasse. Disse que tinha sido uma vez sem exemplo, um erro. — Baixo os olhos. — Não queria magoá-la a si nem a Cara. No fim de contas, esperou dois anos por ele, como Penélope e Ulisses. E Cara, bem, ela sempre o viu como um herói, e não queria ser eu a tirar-lhe essas lentes cor-de-rosa. Mas sabia que não podia mentir por ele. Acabaria por me descair, e isso iria destruir a família inteira. — Enterro o rosto nas mãos. — Por isso, em vez de correr esse risco, fui-me embora.

— Eu sabia — murmura a minha mãe.

Respiro fundo.

— O quê?

— Não saberia dizer qual das raparigas era, mas tinha as minhas suposições. — Aperta-me a mão. — As coisas deterioraram-se entre nós depois de o teu pai ter voltado do Canadá. Ele saiu de casa, ora ficando na caravana, ora com os seus lobos. E depois começou a contratar essas jovens, estudantes de zoologia, que o tratavam como se ele fosse Jesus Cristo. O teu pai nunca disse

nada de específico, mas não precisava. Passado um tempo, essas raparigas deixavam de me olhar nos olhos quando eu aparecia por acaso no Redmond's. Sentava-me na caravana à espera de Luke e encontrava uma escova de dentes extra ou uma camisola cor-de-rosa. — A minha mãe olha para mim. — Se soubesse que te tinhas ido embora por essa razão, teria nadado até à Tailândia para te ir buscar — confessa. — Devia ser eu a proteger-te, Edward, e não o contrário. Desculpa.

Batem à porta devagarinho e Joe entra. Quando a minha mãe o vê, corre para os seus braços.

— Não faz mal, querida — diz ele, afagando-lhe as costas e o cabelo.

— Não tem importância — diz ela junto ao ombro dele. — Foi há uma eternidade.

Não está a chorar, mas calculo que seja apenas uma questão de tempo. As cicatrizes são um mapa do tesouro para a dor que enterrámos demasiado fundo para nos lembrarmos delas.

A minha mãe e Joe têm uma estenografia de amantes, uma economia de gestos que acontece quando se tem intimidade suficiente com alguém para falar a sua língua. Pergunto a mim mesmo se a minha mãe e o meu pai alguma vez a terão tido, ou se a minha mãe apenas tentava decifrá-lo.

— Ele nunca a mereceu — digo à minha mãe. — Nunca mereceu nenhum de nós.

Ela vira-se para mim, ainda a segurar a mão de Joe.

— Queres que ele morra, Edward — pergunta —, ou queres vê-lo morto?

Percebo que há uma diferença. Posso dizer a mim mesmo que estou ali para refutar a teoria do filho pródigo, posso dizer que *quero*

cumprir o desejo do meu pai até à exaustão, mas não é por chamarmos pato a um cavalo que lhe vão nascer penas ou bico. Podemos dizer a nós mesmos que a nossa família é a imagem da felicidade, mas isso é porque a solidão e a insatisfação nem sempre são captadas pela câmara.

Acontece que há uma linha muito fina entre misericórdia e vingança.

Tão fina, na verdade, que sou capaz de tê-la perdido de vista.

LUKE

A âncora que tinha a prender-me ao mundo humano — a minha família — era diferente. A minha filha, que ainda tinha medo do escuro quando me fui embora, usava agora aparelho nos dentes, abraçava-me, mostrava-me o seu peixinho novo, o capítulo favorito de um livro, uma fotografia sua num encontro de natação. Agia como se tivessem passado dois minutos, em vez de dois anos. A minha mulher era mais reservada. Seguia-me para todo o lado, certa de que, se tirasse os olhos de cima de mim, eu era capaz de desaparecer novamente. Mantinha a boca firmemente cerrada, por causa de tudo aquilo que me queria dizer, mas tinha medo de soltar. Após o nosso primeiro encontro na esquadra do Canadá, tinha mostrado receio de se aproximar demasiado, fisicamente. Em vez disso, cumulava-me de confortos materiais: as calças de fato de treino mais macias no meu novo tamanho, mais pequeno; comidas caseiras simples que o meu estômago tinha de reaprender; um edredão de penas para me manter quente. Não podia virar costas sem que Georgie tentasse fazer alguma coisa por mim.

Por outro lado, o meu filho mantinha-se indiferente ao meu regresso. Cumprimentava-me com um aperto de mão e poucas palavras, e às vezes dava com ele a observar-me prudentemente da soleira da porta ou de uma janela. Mostrava-se cauteloso e indeciso, pouco disposto a confiar de imediato.

Ao que parecia, com o tempo, tinha ficado mais parecido comigo.

Seria de pensar que os confortos materiais me tivessem feito voltar a mergulhar de cabeça no mundo humano, mas não era assim tão fácil. À noite, ficava acordado, e deambulava pela casa, a patrulhá-la. Qualquer ruído tornava-se uma ameaça: a primeira vez que ouvi a máquina do café a largar o último resquício de água no

final do seu ciclo, corri escada abaixo em cuecas e voei para a cozinha de dentes arreganhados e costas arqueadas, na defensiva. Preferia sentar-me às escuras a ligar a luz artificial. O colchão era demasiado macio, por isso deitava-me no chão, ao lado da cama. Uma vez, quando Georgie me viu a tremer de frio enquanto dormia e tentou tapar-me, levantei-me como um foguete ainda antes de ela ter acabado de estender a colcha por cima de mim, agarrei-lhe os pulsos e fi-la rolar de forma que ficasse pregada ao chão, para eu ter supremacia física. «Des... desculpa», balbuciou ela, mas eu tinha-me deixado levar de tal forma pelo instinto que nem consegui encontrar palavras para lhe dizer: Não, eu é que peço desculpa.

Há uma honestidade no mundo dos lobos que é libertadora. Não há diplomacia nem decoro. Dizemos ao nosso inimigo que o odiamos; mostramos a nossa admiração confessando a verdade. Essa sinceridade não funciona com os humanos, que são mestres do subterfúgio. Este vestido faz-me parecer gorda? Amas-me mesmo? Sentiste a minha falta? Quando uma pessoa faz estas perguntas, não quer saber a resposta verdadeira. Quer que lhe mintam. Após dois anos a viver com os lobos, tinha-me esquecido da quantidade de mentiras que é precisa para construir um relacionamento. Pensava no grande beta do Quebeque, que combateria até à morte para me proteger. Confiava nele implicitamente porque ele confiava em mim. Mas aqui, entre os humanos, havia tantas meias-verdades e mentiras inofensivas que era demasiado difícil lembrar o que era real e o que não o era. Parecia que de cada vez que eu falava verdade, Georgie desatava a chorar; como já não sabia o que devia dizer, deixei pura e simplesmente de falar.

Não suportava estar dentro de casa, pois sentia-me enjaulado. A televisão fazia-me doer os olhos; a conversa à mesa era uma língua estrangeira. Até entrar na casa de banho e sentir o cheiro combinado do champô, sabonete e desodorizante deixava-me tão tonto que tinha de me encostar à parede. Estivera num mundo em que havia quatro ou cinco cheiros básicos. Tinha atingido uma acuidade sensorial em que, quando a fêmea alfa começava a mexer-se na sua toca, a trinta metros de distância, eu sabia, simplesmente porque o seu espreguiçar lançava uma baforada a terra argilosa desde a toca subterrânea, pela sua estreita abertura, e esse cheiro era como um sinal de alerta entre os outros odores a urina, pinheiro, neve e lobo.

Também não podia ir lá fora porque, quando descia a rua, os cães das outras pessoas começavam a ladrar nas suas casas ou, se estivessem no quintal, corriam a confrontar-me. Lembro-me de passar por uma mulher a cavalo, e este espantou-se e relinchou quando me viu. Embora tivesse feito a barba e desincrustado dois anos de sujidade da minha pele, continuava a exalar algo animalesco, natural e predador. (Até hoje, tenho de me desviar vinte e cinco metros de um cavalo para ele passar). Podemos tirar o homem da natureza selvagem, mas não podemos tirar a natureza selvagem do homem.

Por isso, fazia sentido que o único lugar onde me sentia em casa fosse no Redmond's, nos cercados dos lobos. Pedi a Georgie que me levasse lá, pois ainda não me sentia preparado para conduzir. Os tratadores dos animais receberam-me como se eu fosse Cristo na terra, mas não era a eles que eu queria ver. Em vez disso, com um alívio próximo de um colapso total, introduzi-me no cercado com Wazoli, Sikwla e Kladen.

Kladen, o beta, foi o primeiro a vir ter comigo. Quando instintivamente me agachei e desviei a cabeça dele, reconhecendo a sua superioridade, ele saudou-me lambendo-me o rosto. Percebi a facilidade com que aquela conversa não verbal me ocorria — muito maior, na verdade, do que a conversa entrecortada que tinha tido com Georgie a caminho dali sobre se tinha, ou não, pensado no futuro e no que iria fazer a seguir. Também percebi que me tinha tornado muito mais fluente na língua dos lobos. Coisas sobre as quais, em tempos, tinha de pensar enquanto estava nos cercados com os lobos surgiam agora como uma resposta natural. Quando Sikwla, o lobo controlador, me mordiscou, saiu-me uma rosnadela gutural. Quando, finalmente, a cautelosa Wazoli — a alfa — se aproximou, deitei-me e rolei de costas para lhe oferecer a minha garganta e a confiança. E o melhor de tudo foi que, a rebolar no chão daquela maneira, comecei a cheirar novamente a mim, e não a Head & Shoulders e a sabonete Dove. O atilho do meu cabelo perdeu-se no meio da brincadeira, e o meu cabelo, que eu cortara pelos ombros, espalhou-se pelas costas e ficou cheio de lama.

Estes lobos eram mais meigos do que os meus irmãos e irmãs no Quebeque. Continuavam a ser animais selvagens, e continuavam a ter instintos de animais selvagens, mas, por definição, a vida de um lobo em cativeiro não é tão dura como a de um lobo selvagem. Isto voltaria a exigir uma adaptação da minha parte, já que me lembrava que o meu papel ali não era apenas como elemento da alcateia, mas também como professor: oferecer àqueles lobos um programa de enriquecimento para fazer com que aprendessem aquilo que lhes faltava por estarem fechados no interior daquela cerca de arame.

E agora que tinha passado por aquela experiência, quem melhor do que eu?

Tinha pedido a um dos tratadores que trouxesse metade de um vitelo do matadouro: uma refeição de comemoração. Ele assim fez, mas ainda teve de olhar duas vezes quando me viu agachado entre Kladen e Wazoli. Eu queria aquela comida porque era comida de alcateia, comida que iria lembrar-lhes que eu pertencia à família. Assim que o vitelo foi trazido para o cercado e o tratador se foi embora, os lobos desceram. Wazoli foi direita aos órgãos, Kladen à carne, e Sikwla ao conteúdo do estômago e coluna. Eu enfiei-me entre Kladen e Sikwla, arreganhando os dentes e enrolando a língua para proteger a comida que era minha por direito. Baixei o rosto para a carcaça e comecei a rasgar tiras de carne crua, ensanguentando a face e o cabelo e abocanhando Sikwla quando ele se aproximava demasiado do meu quinhão.

Quando levantei a cabeça para respirar, estou certo de que era uma visão digna de ser observada: sujo e ensanguentado, saciado, delirante na companhia de um grupo de animais que me compreendiam e que eu compreendia. Afastei-me da carcaça, seguindo Sikwla até à pedra onde ele dormia por vezes.

Até então, tinha-me esquecido de Georgie. Ela estava do outro lado da vedação, fitando-me horrorizada. Embora não tivesse feito nada que fosse novidade para ela, não me parece que estivesse a reagir à minha interação com os lobos ou à minha refeição com eles. Creio que ela soube simplesmente, naquele momento, que me tinha perdido de vez.

GEORGIE

Não prestem atenção ao homem atrás da cortina.

É isso que o feiticeiro diz no *Feiticeiro de Oz*. Continuem com o número dos cães e póneis, para que os olhos sejam atraídos pelo espetáculo, e não pela realidade. De todas as perguntas que me fazem sobre Luke, a mais comum é: «Como foi estar casada com alguém como ele?» Suponho que as pessoas pensem, com base na sua personagem televisiva, que ele é um animal na cama ou que come o bife cru. A verdade tê-las-ia desapontado: quando Luke estava connosco, era perfeitamente normal. Via a ESPN; comia *Fritos*. Mudava lâmpadas e levava o lixo para o contentor. Era normal, e não extraordinário.

O problema é que, quando as celebridades nascem, não se espera que tenham uma vida banal. Espera-se que estejam sempre impecavelmente vestidas, saiam de limusinas ou, no caso de Luke, vivam na floresta. O que significava que, depois de ter regressado do Quebeque, Luke não podia ser o marido que eu precisava que ele fosse. Isso depreciaria o homem que todos os outros esperavam que ele fosse.

Mas mesmo as figuras marcantes têm pessoas que lhes são próximas, pessoas que sabem que eles deixam a tampa da sanita levantada quando vão à casa de banho, ou que detestam manteiga de amendoim ou que fazem estalar as articulações dos dedos. E nós, as pessoas próximas, sabemos que quando as câmaras de televisão param de gravar, essas figuras lendárias transformam-se em pessoas de tamanho normal, pessoas com borbulhas e rugas, pessoas com defeitos.

Suponho que quando Luke começou a contratar raparigas jovens como tratadoras, ter-me-á passado pela cabeça que podia andar a

dormir com elas. No fim de contas, comigo não dormia ele. Mas aquilo que pensava realmente era que ele precisava de um séquito. Precisava de raparigas tão enamoradas pelo homem que ele era nas filmagens e notícias que acreditavam exatamente no que viam. Assim, talvez Luke também conseguisse acreditar nisso.

Por isso, para todos aqueles que querem saber como era ser casada com alguém como Luke...

Era como tentar abraçar uma sombra.

Era estar sempre em segundo lugar.

Não me surpreende encontrar Cara a andar de um lado para o outro em frente da janela de uma sala de reuniões.

— É mentira! — diz ela, assim que passo a porta. — Ele não fez essas coisas.

Zirconia troca um olhar comigo. De todas aquelas jovens que não conseguiam ver para lá da adoração que tinham pelo seu herói, Luke Warren, aquela que tinha os olhos mais brilhantes era a sua própria filha. Ela adorava-o simplesmente porque ele lhe pertencia, o que, se entendi bem o que Luke dizia durante todos aqueles anos, fazia da sua relação com ele a mais parecida com uma relação entre lobos numa alcateia.

— É possível que o seu irmão tenha inventado aquilo só para a perturbar — diz Zirconia —, mas, sinceramente, não acho que ele seja assim tão esperto. — Olha para mim. — Sem ofensa.

Tudo começa a entrar nos eixos, como uma cidade depois de um terramoto. Alguns edifícios ainda estão de pé, outros são irrecuperáveis. E, como é óbvio, há baixas. Sempre me questionara acerca da veemente reação de Luke à homossexualidade de Edward — não fazia sentido, dado tudo o que sabia sobre Luke —

e, afinal, nunca tinha acontecido. As únicas proezas sexuais que Edward discutira nessa noite tinham sido as do pai.

Sento-me na borda de uma mesa, vendo a minha filha percorrer furiosamente uma linha de um lado para o outro. A charpa segura-lhe o braço magoado junto ao corpo; o outro está cruzado com força sobre ele.

— Cara — suspiro —, toda a gente comete erros.

Não posso acreditar que estou a desculpar o comportamento de Luke. Mas, como disse Edward, não há limites para aquilo que estamos dispostos a fazer para proteger a nossa família. Atravessamos oceanos, engolimos o orgulho.

— Ele amava-nos — diz Cara. Os seus olhos têm a cor de uma nódoa negra, a boca parece uma ferida.

— Ele amava-te — corrijo. — Ainda ama. — Estendo a mão, aprisionando a dela quando passa por mim. — Sei que correste para o teu pai quando eu e Joe começámos a constituir família porque pensaste que ele era o porto seguro; que, com ele, serias a sua única família, em vez de mais uma filha no meio de muitos. E sei como deve ser difícil para ti descobrir que ele pudesse não ser o herói que tu pensavas. Mas o que quer que ele me tenha feito, Cara, não muda o sentimento que ele tem por ti.

— Homens. Não podemos viver sem eles... e a lei impede-nos de lhes dar um tiro — diz Zirconia. — Pus o meu marido na rua há oito anos e arranjei antes um lama. A melhor decisão que alguma vez tomei.

Ignorando-a, viro-me para Cara.

— O que estou a tentar dizer é que não importa se o teu pai não é perfeito. Porque, para ele, *tu* és.

Mas em vez de confortá-la, aquelas palavras fazem Cara desatar a chorar. Deita-se nos meus braços.

— Sinto muito, sinto muito — diz.

Esfrego-lhe suavemente as costas. Luke costumava falar de um dos seus lobos, que tinha medo das tempestades, e de como a cria se enfiava debaixo da sua camisa para ficar mais tranquila. Mas nunca teve tempo para saber que a filha costumava fazer a mesma coisa. Que nas noites em que os relâmpagos rasgavam a lua, noites em que Luke estava a tratar de um lobo assustado, Cara subia para a cama comigo e punha os braços à volta das minhas costas, como um molusco a aguentar a maré.

— Há outra coisa que tens de saber — digo. — Edward foi-se embora porque queria proteger-te. Pensou que se não estivesse aqui para nos contar o que tinha visto, nunca terias de descobrir.

O braço bom de Cara cerra-se em torno do meu pescoço.

— Mãe — sussurra —, tenho de...

Batem à porta: é um oficial de justiça a anunciar que o tribunal está prestes a reunir novamente.

— Cara — diz Zirconia —, ainda quer ser a tutora legal do seu pai?

Ela afasta-se de mim.

— Sim.

— Então, preciso que volte a concentrar-se no que interessa — diz Zirconia secamente. — Preciso que o tribunal veja que é suficientemente adulta para amar o seu pai, aconteça o que acontecer. Não importa se ele andou a enganar a sua mãe, se precisa que lhe mudem a fralda de três em três horas, ou se vai passar a próxima década numa unidade de cuidados continuados.

Toco-lhe no braço.

— É mesmo isto que queres, Cara? Pode levar anos até recuperar. Pode até *nunca* vir a recuperar. Sei que o teu pai ia querer que fosses para a universidade, que tivesses um emprego, uma família, que fosses feliz. Tens a vida toda pela frente.

Ela levanta o queixo, com os olhos ainda demasiado brilhantes.

— Ele também tem uma vida pela frente — diz.

Disse a Zirconia e Cara que vou passar pelos lavabos antes de voltar lá para dentro, para o testemunho de Cara, mas em vez disso dou comigo a sair pela porta dupla do tribunal, em direção ao parque de estacionamento. Conduzo durante vinte minutos até ao Beresford Memorial Hospital e apanho o elevador para a UCI.

Luke jaz imóvel, sem qualquer alteração visível ao seu estado, a não ser uma nódoa negra à volta do local de administração endovenosa, que passou de roxo a ocre-mosqueado.

Puxo uma cadeira e olho para ele.

Quando voltou das florestas, antes de os repórteres aparecerem e o levarem para uma órbita de fama, fiz o que pude para o ajudar na transição para o mundo humano. Deixei-o dormir durante trinta horas seguidas; cozinhei os seus pratos favoritos; esfreguei a sujidade que se entranhara na pele das suas costas. Pensava que se fingisse que a vida tinha voltado ao normal, talvez ele acabasse por acreditar nisso.

Com esse objetivo, arrastava-o comigo quando tinha alguma coisa para fazer. Fi-lo ir buscar Cara à escola e ir ao banco enquanto eu usava o Multibanco. Levei-o de carro à estação dos correios e à bomba da gasolina.

Comecei a ver que as mulheres se sentiam atraídas por Luke. Mesmo quando ele estava a dormir no carro, eu saía da lavandaria e dava com alguma a olhar para ele pela janela. Na

escola de Cara, senhoras desconhecidas ao volante das suas carrinhas buzonavam até ele lhes dizer adeus. Eu fazia pouco dele por causa disso. *És irresistível*, dizia-lhe. *Não te esqueças de mim quando fizeres o teu harém.*

Na altura, não percebi o que as minhas palavras tinham de profético. Pensava: *De todas estas mulheres bajuladoras, quantas estariam dispostas a tolerar o que eu tolero em privado?* Um homem que só conseguia comer cereais básicos como farinha e aveia sem ficar mal do estômago, que baixava o termóstato à noite até todos nós acordarmos a tremer de frio; um homem que eu tinha encontrado a urinar à volta do jardim?

Um dia, fomos ao supermercado. No corredor da fruta e legumes, uma mulher aproximou-se segurando dois melões e perguntou a Luke qual deles estaria mais maduro. Vi-o sorrir e debruçar-se sobre os melões, fazendo o cabelo comprido cair-lhe sobre o rosto como uma cortina. Quando escolheu o melão da mão direita, ela quase desmaiou.

No corredor a seguir, uma mulher que empurrava um bebé sentado no carro do supermercado pediu-lhe para tirar uma caixa que estava na prateleira de cima. Luke assim fez, esticando-se e fletindo os ombros para lá chegar: pasta para dentaduras, que ela não fazia tenção de comprar, tenho a certeza. Na altura, era quase divertido ver todas aquelas desconhecidas atraídas pelo meu marido, como um íman. Eu presumia que fosse algum tipo de reação ao seu corpo musculoso, às suas melenas, ou a alguma feromona de lobo. *Elas sabem que posso protegê-las*, dizia ele muito sério. *É isso que as atrai.*

Mas Luke tinha-se ido abaixo no corredor da higiene pessoal, aturdido e enervado com a vaga de aromas que exalava das

embalagens e lhe atacava os sentidos. *Não faz mal*, disse-lhe, puxando-o para cima e levando-o para um espaço mais seguro, perto dos cereais.

Não acredito nisto, disse ele, enterrando o rosto no meu ombro. *Consigo matar um veado com as mãos nuas, mas a espuma de banho é a minha kryptonite.*

Isso vai mudar, prometi.

Georgie, disse Luke. *Promete-me que tu não vais mudar.*

Agora, olho para Luke no invólucro ceroso da sua própria pele, com os olhos fechados e a boca à volta do tubo que está a respirar por ele. Um deus que foi derrubado e voltou à condição de mortal.

Toco na sua mão. Está flácida, a pele tão seca como folhas. Tenho de dobrá-la à volta da minha, e levo-a à minha face.

— Filho da mãe!

LUKE

Só há uma coisa que me podia ter afastado de outra família de lobos, e é um ser humano. Este surgiu na forma de uma jornalista do Union Leader, e estava acompanhada por um fotógrafo. À medida que os visitantes iam ao Redmond's e me encontravam a viver com a alcateia, a excitação ia crescendo — e, com ela, o número de turistas que me queriam ver ao vivo. De alguma forma, o maior jornal do New Hampshire soube disso.

A ironia não me escapou: também fora assim que eu e Georgie nos tínhamos conhecido. Em tempos, deixara os lobos por ela. Agora, ia ter de deixá-los novamente por causa de uma jornalista. Todos os dias havia mais — alguns com câmaras de televisão —, todos a clamar por uma entrevista ao homem que tinha vivido com lobos na floresta. Kladen, Sikwla e Wazoli ficavam nervosos e intratáveis, e com razão para isso. Conseguiam ler perfeitamente os sinais que aquelas pessoas enviavam: que queriam algo de mim, que eram gananciosas e egoístas. Na natureza selvagem, qualquer daqueles jornalistas teria sido tratado como um predador: abatido pela alcateia para salvar um dos seus membros.

Mas aquela dedicação à família funcionava em ambos os sentidos, e eu sabia que não podia deixar que a vida dos lobos fosse perturbada por minha causa. Por isso, abandonei o cercado e deixei-me engolir pela saraivada de perguntas e flashes das máquinas fotográficas.

Viveu mesmo na floresta?

O que comia?

Sentia medo?

Como sobreviveu ao inverno canadiano?

O que o fez regressar?

Foi esta última pergunta que me levou a perder as estribeiras, porque eu já não pertencia ali. E embora eu pudesse voltar à floresta num piscar de olhos e tentar uivar para localizar novamente a minha alcateia, não havia garantias de vir a encontrá-la ou que ela me aceitasse de volta.

Antes de começar a dormir com os lobos no Redmond's, uma noite estava a andar pela casa e vi uma luz acesa no quarto do meu filho Edward. Ele levantou os olhos quando abri a porta, num desafio mudo para lhe perguntar o porquê de estar acordado às três da manhã. Não lhe perguntei porque, no fim de contas, eu também estava. Edward estava encostado às almofadas, a ler um livro. Como eu não disse nada, ele levantou-o.

— A Divina Comédia — disse. — De Dante. Estou a ler tudo sobre o Inferno.

— Eu estou a vivê-lo — repliquei.

— Ainda só estou no primeiro círculo — disse-me Edward. — O Limbo. Não é o Céu nem o Inferno. Fica entre os dois.

Apercebi-me de que aquela era a minha nova morada.

Não conseguia ser encantador. Não conseguia ser inteligente. Mal me lembrava de como falar, quanto mais de como transformar em frases tudo o que tinha aprendido com os lobos. Por isso, fiz o que um lobo faz quando se sente em perigo: fugi.

Fugi para o Redmond's. Eram oito quilómetros às escuras, mas isso não significava nada para mim depois do Quebeque, e sabia-me bem sentir o surto de adrenalina. Fui até à caravana, no topo da colina, e atirei-me lá para dentro. Tranquei a porta, depois fui para o quarto e também tranquei essa porta. Estava ofegante, a transpirar. Conseguia ouvir os lobos a uivarem por mim.

Não vale a pena saber tudo sobre lobos se não pudermos ensiná-lo às pessoas que precisam de aprender.

Não sei quanto tempo fiquei ali naquele quarto escuro e atravancado, enroscado a um canto com os olhos na porta para saber assim que chegasse alguém. Mas acabei por ouvir vozes abafadas. E movimento. O rodar de uma chave na fechadura.

O cheiro do champô de Georgie, do seu sabonete.

Ela trancou a porta atrás de si e ajoelhou-se à minha frente, movendo-se lentamente. Pôs a mão em cima da minha cabeça.

— Luke — sussurrou.

Os seus dedos afagaram-me o cabelo, e eu encostei-me a ela. Os braços de Georgie envolveram-me. Só percebi que estava a chorar quando senti o sabor das minhas lágrimas nos seus lábios. Ela beijou-me a testa, as faces, o pescoço.

Pretendia ser um gesto reconfortante, mas acabou por alastrar, da mesma forma que um fósforo riscado para dar luz se pode transformar num incêndio. Os meus braços rodearam-na e alcançaram a gola da sua blusa. Abri-a com violência e levantei-lhe a saia. Senti as suas pernas à minha volta e despi desajeitadamente as calças de ganga. Mordi-lhe o ombro e engoli o seu grito; levantei-me com ela nos braços e encostei-a à parede, penetrando-a tão desesperadamente que as suas costas se arquearam e as suas unhas se enterraram na minha pele. Queria marcá-la. Queria que ela fosse minha.

Depois disso, pu-la ao colo, passando o dedo pela linha das suas vértebras. Tinha-lhe feito nódoas negras, sem querer. Perguntei a mim mesmo se teria perdido a capacidade de ser gentil, juntamente com a capacidade de ser humano. Baixei os olhos e vi Georgie a fitar-me.

— *Luke* — disse ela —, *deixa-me ajudar.*

CARA

Nunca queremos imaginar que o nosso pai está a ter um caso.

Em primeiro lugar, isso significa que temos de imaginá-lo a ter sexo, o que é simplesmente repugnante. Em segundo lugar, significa que somos obrigados a pôr-nos do lado da nossa mãe, que é a parte enganada. E em terceiro lugar, não podemos deixar de pensar o que há de errado connosco para não sermos suficientes para o fazer pensar duas vezes antes de espetar uma estaca no coração da nossa família.

Parece que tenho uma farpa na garganta depois de ouvir esta notícia, mas não por aquilo que pensam. Sei que isto parece loucura, mas sinto-me aliviada. Agora, não sou a única que fez asneira da grossa.

A minha mãe disse que eu sou perfeita aos olhos do meu pai, mas é mentira. Por isso, talvez possamos ser mutuamente imperfeitos.

Assim que me sento no banco das testemunhas, tenho uma visão clara de Edward. Não paro de pensar no que a minha mãe disse — que ele estava a tentar proteger-me ao ir embora. Se me perguntarem, acho que ele tem de repensar algum do seu altruísmo. Dizer que estava a salvar a nossa família saindo da minha vida é como dizer que só quer matar o meu pai porque é a coisa mais humana a fazer.

Toda a gente comete erros, dissera a minha mãe.

Tinha uma amiga na escola primária cuja família tinha um ar tão perfeito que podia servir de anúncio numa moldura. Lembravam-se sempre dos aniversários uns dos outros, e juro que os irmãos nunca brigavam e os pais agiam como se se tivessem apaixonado naquela manhã. Era estranho. Parecia tão artificial que eu não podia deixar

de pensar no que acontecia quando não havia um público como eu para encenarem o seu espetáculo.

Por outro lado, a minha família incluía um pai que preferia a companhia de animais selvagens, uma mãe que às vezes tinha de ir para a cama com dores de cabeça, embora todos soubéssemos que estava a chorar, um rapaz de quinze anos a pagar as contas e eu, uma miúda que vomitou de propósito na noite do baile Sadie Hawkins na escola, onde todas as meninas levavam os seus pais, só para poder ficar em casa doente e ninguém sentir pena dela.

Pergunto a mim mesma se o que faz de uma família uma família não será dar uma segunda oportunidade às pessoas que amamos e que cometem erros, em vez de fazer tudo bem o tempo todo.

Mais uma vez, quando me fazem prestar juramento, não consigo porque o meu braço direito está amarrado contra o corpo. Mas prometo na mesma contar a verdade.

Zirconia começa por vir ter comigo. É engraçado como parece descontraída na sala de audiências, mesmo com os seus disparatados *collants* fluorescentes e sapatos amarelos.

— Cara — começa Zirconia —, quantos anos tem?

— Dezassete e três quartos.

— Quando faz anos?

— Daqui a três meses.

— Na altura do acidente — pergunta —, onde vivia?

— Com o meu pai. Vivo com ele há quatro anos.

— Como descreveria a relação com o seu pai, Cara?

— Fazemos tudo juntos — digo, sentindo a garganta estreitar-se em torno das palavras. — Passo muito tempo com ele no Redmond's, a ajudá-lo com os lobos. Também comecei a tratar das coisas da casa, porque ele está sempre muito ocupado com a sua

investigação. Fomos acampar nas montanhas Brancas, e ele ensinou-me orientação. Às vezes, ficamos simplesmente em casa. Fazemos massa, ele deu-me a sua receita especial de molho à bolonhesa, e vemos um DVD. Mas também é a primeira pessoa com quem quero falar quando tenho uma ótima nota num teste, ou quando um miúdo lá na escola se arma em parvo comigo, ou quando não sei a resposta a alguma coisa. Quase tudo o que sei, sei por causa dele.

Sinto-me culpada ao dizer isso com a minha mãe na sala de audiências, mesmo sendo verdade e podendo culpar o facto de ter jurado dizê-la. Creio que as crianças sentem sempre maior proximidade com um dos pais. Podemos amar os dois, mas há um que nos faz mais falta. Mas quando olho para o lugar onde a minha mãe estava sentada, ela não está lá. Fico a pensar se ainda estará na casa de banho. Será que não se sente bem? Haverá razões para ficar preocupada?

A voz de Zirconia traz-me de volta.

— E a relação do seu pai com Edward?

— Ele não tinha relação nenhuma com Edward — digo. — Edward abandonou-nos. — Mas quando digo isto, olho para o meu irmão. Será possível ficar zangado com alguém por fazer uma coisa estúpida quando essa pessoa estava cem por cento convencida de que estava a fazer a coisa certa?

— E a *sua* relação com Edward? — pergunta Zirconia.

Toda a vida ouvi dizer que sou parecida com a minha mãe e Edward é um clone do meu pai. Mas agora percebo que isso não é propriamente verdade. Eu e Edward temos a mesma cor de olhos. Uma estranha e misteriosa cor de avelã que nenhum dos meus pais tem.

— Mal me lembro dele — murmuro.

— Quais foram as suas sequelas devido ao acidente?

— Fiquei com um ombro deslocado e fraturado. O médico diz que a cabeça do úmero ficou lascada. Também sofri contusões nas costelas e fiquei em estado de choque.

— Qual foi o tratamento?

— Fui submetida a uma cirurgia — respondo. — Puseram-me uma tira de metal no braço e o ombro é mantido no lugar com um elástico e algo parecido com rede de capoeira. — Olho de relance para o rosto branco do juiz. — Não estou a brincar.

— Esteve a tomar alguma medicação?

— Analgésicos. Morfina, sobretudo.

— Quanto tempo ficou no hospital?

— Seis dias. Desenvolvi uma infeção que teve de ser tratada após a cirurgia.

Zirconia franze o sobrolho.

— Parece ter sido uma lesão bastante traumática.

— A pior parte é que sou destra. Bem, pelo menos costumava ser.

— Ouviu o seu irmão testemunhar acerca da conversa que teve consigo antes de tomar a decisão de acabar com o apoio de vida do seu pai. Quando foi isso?

— Na quinta noite que passei no hospital. Estava com muitas dores, e as enfermeiras tinham acabado de me dar qualquer coisa para me ajudar a adormecer.

— No entanto, o seu irmão tentou falar consigo sobre um assunto tão sério quanto a vida ou morte do seu pai, não foi?

— Os médicos do meu pai tinham acabado de vir ao meu quarto transmitir-nos o seu prognóstico. Para ser sincera, fiquei aborrecida.

Não consegui ouvi-los dizer que o meu pai não ia melhorar, sobretudo quando ainda não tinha forças para os desafiar em relação às suas afirmações. Uma das enfermeiras pôs toda a gente fora do quarto porque eu estava a ficar agitada e ela ficou com medo de que eu rebentasse os agrafos.

Zirconia olha para Edward.

— E foi esse momento que o seu irmão escolheu para ter uma conversa franca?

— Sim. Eu disse-lhe que não conseguia fazer aquilo. Estava a referir-me a ouvir os médicos falar sobre o meu pai como se ele já estivesse morto. Mas, aparentemente, Edward presumiu que eu estava a dizer que não conseguia tomar uma decisão sobre os cuidados a prestar ao meu pai.

— Protesto! — disse Joe. — Especulativo.

— Aceite — replica o juiz.

— Teve outras conversas com o seu irmão depois disso?

— Sim — digo. — Quando ele estava prestes a matar o meu pai.

— Pode descrever esse momento ao tribunal?

Não quero, mas naquele mesmo segundo estou de volta ao hospital, a ouvir a advogada afirmar que Edward lhes tinha dito que eu dera o meu consentimento. Desço a escada a correr, descalça, até ao quarto do meu pai, na UCI. Está cheio de gente, uma festa para a qual não fui convidada. *Ele é um mentiroso*, digo, e a minha voz pulsa de um lugar tão fundo dentro de mim que parece primitiva e desconhecida.

Há um momento de alívio, quando a advogada cancela o procedimento, e eu começo a soluçar. É uma reação tardia, como a sensação que temos quando percebemos que escapámos por pouco à morte.

A última vez que sentira algo assim foi depois de a nossa carrinha ter embatido na árvore, antes de eu...

Antes.

— Foi como se Edward nem sequer me ouvisse — murmuro. — Empurrou uma enfermeira e baixou-se para tirar a ficha do ventilador da tomada.

O juiz olha para mim, incitando-me a continuar.

— Alguém voltou a ligar a máquina. Houve um auxiliar que segurou Edward até virem os seguranças e o levarem.

— Cara, como ficou o seu pai, depois desse infeliz acontecimento?

Abano a cabeça.

— Felizmente, não houve alteração do seu estado clínico. Sem oxigénio, podia ter acabado em morte cerebral.

— Bem, então não fazia ideia de que o seu irmão tinha tomado essa decisão unilateral?

— Não. Ele não me pediu opinião.

— Era isso que queria que acontecesse?

— Não. Eu sei que se dermos mais algum tempo ao meu pai, o seu estado irá melhorar.

— Cara, ouviu o doutor Saint-Clare dizer que é altamente improvável que o seu pai venha a recuperar, dada a gravidade das suas lesões — observa Zirconia.

— Também o ouvi dizer que não podia ter cem por cento de certeza que isso não aconteceria — replico. — Estou a agarrar-me a essa percentagem minúscula, porque mais ninguém o faz.

Zirconia inclina a cabeça.

— Sabe a opinião do seu pai em relação a como gostaria de ser tratado neste tipo de situação clínica?

Olho para Edward, porque lhe quero dizer todas as coisas que ele nunca me deu oportunidade de dizer antes de ter puxado aquela ficha.

— O meu pai diz sempre que, no mundo dos lobos, se uma família chegar ao fim do dia, com todas as dificuldades do tempo, da fome e dos predadores, e sobreviver à noite, há razões para celebrar. Vi-o ficar acordado toda a noite para dar *Esbilac* a uma cria com um biberão; vi-o aquecer um lobo recém-nascido a tiritar debaixo da sua própria camisa; fui de carro com ele debaixo de uma tempestade de neve até um veterinário para tentar salvar uma cria que não conseguia respirar como devia ser. Embora em meio selvagem qualquer desses lobos acabasse por morrer como parte do processo de seleção natural, o meu pai não conseguia deixar de se preocupar. Dizia-me vezes sem conta que a única dádiva que não podemos desperdiçar é a vida.

— Então, porque é que ele pagou o aborto à namorada?

A minha cabeça vira-se de repente ao som da voz de Edward. Está agora de pé, corado, sufocando nas suas próprias palavras.

— Agora és tu que tratas das contas. Mas naquela altura era eu. E foi assim que descobri.

Joe puxa pelo braço de Edward.

— Cala-te! — ordena.

— É que não foi uma vez sem exemplo com outra mulher, embora ele me tenha dito isso. Foram meses, e aquele bebé era *dele*...

— Ordem! — grita o juiz, batendo com o martelo.

Morri por dentro antes mesmo de Edward voltar a falar, ao mesmo tempo que Joe pede uma pausa e o arrasta para fora da sala.

— Ele contou-te todo o tipo de mentiras — diz Edward para mim, só para mim. — Pensas que o conheces, Cara, mas na verdade nunca o conheceste.

LUKE

Georgie insistiu para que eu fosse ao médico. No hospital, sentei-me na sala de espera a ler as pessoas. Adivinhar os movimentos de um predador era a diferença entre a vida e a morte na natureza selvagem, mas ali tornou-se um jogo de sala. Consegui prever segundos antes de uma mulher abrir a sua mala que ela ia tirar um lenço de papel. Sabia que o homem sentado sozinho ao canto estava à beira das lágrimas, embora estivesse a sorrir para a filha. Sabia que a mulher que esfregava a barriga estava doente há muito tempo; conseguia cheirá-lo no seu sangue. Observei com grande curiosidade a enfermeira que estava na receção. De poucos em poucos minutos, havia um perfeito desconhecido que se aproximava dela e ela nem sequer tinha o bom senso de se afastar, embora não houvesse maneira de saber se a pessoa tinha uma arma no bolso do casaco ou se iria atacá-la. Ela simulava confiança ainda antes de o recém-chegado mostrar submissão, e eu continuava na expectativa, da mesma forma que assistimos a um descarrilamento iminente: certo de que a tragédia surgiria a qualquer momento.

Quando fui chamado para a sala de exames, Georgie — que estava sentada atrás de mim — levantou-se, como se planeasse ir comigo.

— Hum — disse eu. — Pensei que podia fazer isto sozinho.

Embaraçada, corou.

— Está bem — disse Georgie. — É claro.

Segui a enfermeira até à sala de exames, onde me tirou a pulsação. Três vezes.

— Isto não pode estar certo — disse ela, e estava igualmente confusa com a minha tensão arterial.

Fiquei ali sentado sozinho, à espera do médico, de olhos na maçaneta da porta. Escutei no corredor o roçar de papéis no meu processo. Fechei os olhos e senti o cheiro a loção pós-barba.

— Olá — disse eu, um momento antes de ele entrar.

O médico ergueu o sobrolho.

— Bom dia. Sou o doutor Stephens, e o senhor é... Luke Warren, segundo a sua ficha. Então, viveu dois anos na floresta com uma alcateia de lobos e, ao que parece, consegue ver através das portas — disse. Virou-se para a enfermeira. — Onde está a consulta do psiquiatra?

— Eu não sou louco. Sou biólogo especializado em lobos. Segui uma alcateia selvagem de lobos-cinzentos ao longo do corredor de St. Lawrence. Consegui que eles me aceitassem na alcateia. Caçava com eles, comia com eles, dormia ao lado deles.

Não creio que ele acreditasse em mim se não tivesse visto os números da tensão arterial. Virou-se para a enfermeira: — É claro que os valores estão enganados...

— Medi três vezes — defendeu-se ela.

O doutor Stephens franziu o sobrolho, contando os meus batimentos cardíacos.

— Está bem — disse. — A sua pulsação é mais baixa do que o jogador de basquete profissional que tratei há um ano. Se não fosse por coisas, diria que está a morrer. Mas é óbvio que não é esse o caso. Portanto, o que se passa?

— Segui uma... dieta e plano de exercício excecionais — expliquei.

O médico ficou boquiaberto.

— Está a dizer a verdade — disse ele, e eu fiz que sim com a cabeça.

Ele sentou-se e escutou enquanto eu explicava como me tinha tornado parte da alcateia. contei-lhe sobre as nossas refeições, a forma como viajávamos e como caçávamos. Expliquei os nossos hábitos de dormir, a distância máxima que percorríamos em patrulha, a forma como combatíamos os predadores e como abatíamos as presas. Uma hora depois, quando acabei, ele estava a olhar para mim como se tivesse encurralado um extraterrestre e tivesse a oportunidade de lhe efetuar o primeiro exame de corpo inteiro.

— Gostava de fazer um estudo do sangue — disse ele, excitado. — Ver como a sua experiência o afetou fisicamente. Importa-se...?

Deixou-me sozinho para ir pedir os exames e eu voltei a vestir a camisa. Mas em vez de esperar pelo flebotomista, saí para o corredor, onde fui parado por um auxiliar médico.

— Pode dizer-me onde ficam os lavabos mais próximos? — perguntei.

Ele deu-me as indicações: descer o corredor e virar à esquerda. Eu assim fiz, mas não fui à casa de banho. Continuei a andar. Saí pela porta das traseiras e descí um lanço de escadas em direção à luz do sol.

Estava um adolescente sentado no passeio, a chorar. Tinha um par de auscultadores enormes, do género dos que os controladores aéreos usam, e estava a balouçar-se para a frente e para trás.

— É demasiado — dizia vezes sem conta, enquanto abanava a cabeça. A sua voz soava como se ele estivesse a falar do fundo do oceano.

Sentei-me ao lado dele e, passado um momento, uma mulher saiu porta fora a correr. Precisei de fazer um grande esforço para não reagir fugindo.

— Cá estás tu! — exclamou ela, levantando-o pelo braço.

— Está tudo bem com ele? — perguntei.

— Os implantes cocleares foram ativados hoje — disse ela com orgulho. — Está apenas a habituar-se a eles.

Nessa altura, vi o disco prateado no crânio, rodeado de cabelo cortado.

— É demasiado! — uivou o adolescente.

Até hoje, ele é a única pessoa neste mundo que eu acho que compreende como foi para mim regressar.

JOE

— Sabes — digo eu, fechando a porta da sala de reuniões —, só por uma vez, gostava que me contasses o que vais dizer antes de o fazeres. Na verdade, também era bom que guardasses as tuas declarações para as perguntas diretas, em vez das tiradas espontâneas.

— Desculpe — murmura Edward. Enterra o rosto nas mãos. — Eu não tinha intenção de fazer aquilo.

— De fazer o quê? De lançares outra bomba na sala de audiências? De levares a tua irmã às lágrimas? De destruíres completamente a tua mãe?

Olho para o telefone. Georgie evaporou-se. Liguei-lhe e enviei mensagens, mas ela não responde. Num minuto, estava na sala de audiências, no minuto seguinte Edward confessou a infidelidade do pai e ela desapareceu. Estou a tentar convencer-me de que não ficou tão transtornada com a notícia sobre o ex-marido a ponto de resolver esconder-se. Estou a tentar acreditar que ela agora está suficientemente feliz comigo para sentir o aguilhão da revelação e ignorá-lo. De facto, a única boa notícia era não ter estado na sala de audiências durante este último episódio das Confissões Verdadeiras de Edward.

Sento-me e afrouxo a gravata.

— E então?

Edward olha para mim.

— Na noite em que o apanhei na caravana com a assistente, ficou como eu nunca o tinha visto. Completamente passado. Cheio de medo de que eu contasse à mãe. Jurou-me que fora um erro e que só acontecera uma vez no calor do momento, que não voltaria a acontecer. Não sei como ainda me dei ao trabalho de acreditar nele.

Mas fui para casa, e a minha mãe percebeu que alguma coisa não estava bem comigo. Pensou que tinha que ver com eu ter contado ao meu pai que era homossexual, e como era mais fácil assim, deixei-a acreditar nisso. Mas, no dia a seguir, estava a pagar as contas, como de costume, e vi uma de uma clínica de aborto em Concord. Só sabia da sua existência por causa de uma aluna que engravidara naquele ano e que lá fora para tratar de tudo. De qualquer forma, havia um *Post-it* preso à conta que dizia: *Obrigado por ter pago a totalidade na altura da consulta. Pedimos desculpa por o nosso sistema informático estar em baixo. Junto segue uma cópia do seu recibo, para efeitos de seguro.* Fiquei muito surpreendido por encontrar uma conta dali, e estava convencido de que fora engano dos correios, até ler o nome da paciente: Wren McGraw. Era a universitária que o meu pai contratara como tratadora de lobos. Aquela com quem o tinha encontrado a dormir. — Morde as suas próprias palavras, como se fossem uma corrente entre os seus dentes. — Aquela com quem ele jurou nunca ter dormido antes. — Edward força uma gargalhada. — Portanto, acho adequado toda a gente pensar que o meu pai era uma espécie de deus, já que, aparentemente, é capaz de uma concepção imaculada.

— Foi aí que te foste embora — digo.

Edward faz que sim com a cabeça.

— Toda a minha vida senti que não era o filho que ele queria que eu fosse. Mas acontece que ele também não era o pai que eu queria que ele fosse. Quando sabemos uma coisa, não podemos deixar de sabê-la, e dali em diante, de cada vez que o visse, não ia ser capaz de não me enfurecer com ele. Mas não ia poder explicar porque estava a agir daquela maneira, pelo menos sem magoar a minha mãe ou Cara. Por isso, fui de carro até ao Redmond's e deixei o

recibo do aborto colado ao espelho da casa de banho. E depois fui-me embora.

— Não pensaste que podias magoar a tua mãe se te fosses embora?

— Tinha dezoito anos — diz Edward, à laia de explicação. — Não pensava.

— Porque estás a fazer isto, Edward? É alguma espécie de derradeira bofetada que queres dar ao teu pai?

Ele abana a cabeça.

— Na verdade, penso que ele é o último a rir. Se não fosse por coisas, diria que ele tinha isto tudo planeado. Após seis anos separados, estamos novamente todos juntos. Estamos a ser obrigados a tomar decisões conjuntas. Veja só — diz Edward. — A minha família aprendeu finalmente a funcionar como uma alcateia.

Quando regressamos à sala de audiências, a boa notícia é que Georgie está lá e não parece transtornada, mas sim aplacada. A má notícia é que tenho de interrogar a minha própria enteada.

Cara está com ar de quem se prepara para enfrentar a Inquisição. Dirijo-me a ela e inclino-me para a frente.

— Cara — começo —, ouviu falar no homem que caiu dentro de uma máquina de recuperar pneus?

Ela franze o sobrolho.

— Bem, ficou totalmente recauchutado.

Solta umas risadinhas, e eu pisco-lhe o olho.

— Cara, não é verdade que um dos lobos que vive nos cercados do seu pai perdeu uma perna?

— Sim, numa armadilha — diz ela. — Cortou a própria perna com os dentes para se libertar, e o meu pai tratou dele e conseguiu recuperá-lo quando toda a gente dizia que ele não tinha salvação.

— Mas esse lobo era capaz de usar três pernas para fugir, correto?

— Suponho que sim.

— E conseguia arranjar comida só com três pernas?

— Sim.

— E era capaz de correr com a sua alcateia?

— Sim.

— E conseguia comunicar com os outros lobos da alcateia?

— Claro.

— Mas não é isso que se passa com o seu pai, pois não? A lesão que ele apresenta não lhe permite fazer nenhuma dessas coisas que constituem uma vida com significado, verdade?

— Já lhe disse — replica Cara teimosamente. — Para ele, qualquer vida tem significado.

Ela evita cuidadosamente olhar para Edward quando diz isso.

— Os médicos do seu pai disseram que ele não tem praticamente hipóteses de recuperação, certo?

— Não é assim tão linear como eles querem fazer crer — insiste.

— O meu pai é um lutador. Se há alguém capaz de vencer as probabilidades, essa pessoa é ele. Ele está sempre a fazer coisas que mais ninguém consegue.

Respiro fundo, porque agora vou entrar na parte do interrogatório menos civilizada. Fecho os olhos, esperando que Cara e Georgie me perdoem pelo que estou prestes a fazer. Mas a minha principal responsabilidade, neste momento, é para com Edward.

— Cara, bebe álcool?

— Não — diz ela corando.

— Alguma vez bebeu álcool?

— Sim — admite.

— Na verdade, na noite do acidente, estive a beber, não estive?

— Foi apenas uma bebida...

— Mas mentiu e disse à polícia que não tinha bebido nada, certo?

— Pensei que ia meter-me em problemas — diz Cara.

— Telefonou ao seu pai a pedir-lhe que a fosse buscar a uma festa porque não queria voltar para casa de carro com amigas que tinham estado a beber, não é verdade?

Faz que sim com a cabeça.

— Eu e o meu pai tínhamos combinado que, se alguma vez me visse metida numa situação como essa, ele não me julgaria por ter feito uma má escolha desde que eu lhe telefonasse. Assim, ele sabia que me podia levar para casa em segurança.

— O que lhe disse o seu pai no carro?

Ela estreita um pouco mais o braço junto ao corpo.

— Não me lembro — diz Cara, baixando os olhos. — Há partes do acidente que se me varreram da memória. Sei que saí da festa, e a seguir só me lembro dos técnicos de emergência médica.

— Onde vive agora? — pergunto.

A mudança de assunto apanha-a desprevenida.

— Eu... hum... consigo. E com a minha mãe. Mas só porque ainda preciso de ajuda devido à cirurgia.

— Antes do acidente, vivia com o seu pai?

— Sim.

— De há seis anos para cá, desde o divórcio dos seus pais, chegou a viver com um e com outro, certo?

— Sim.

— Não é verdade que quando se fartou da sua mãe, saiu de casa dela e foi viver com o seu pai?

— Não — diz Cara. — Eu não me fartei da minha mãe. Apenas sentia... — Cala-se, percebendo o que está prestes a dizer.

— Continue — incito com delicadeza.

— Sentia que não pertencia ali, depois de ela se ter casado consigo e ter tido os gémeos — murmura Cara.

— Então, saiu de nossa casa e mudou-se para casa do seu pai?

— Bem, ele é meu pai. Não é nada de mais.

— E quando tinha discussões com o seu pai? Alguma vez voltou para nossa casa?

Cara morde o lábio inferior.

— Isso só aconteceu duas vezes. Mas voltei sempre para casa dele.

— Se o seu pai recuperar milagrosamente, onde pensa ir morar, Cara?

— Com ele.

— Mas vai precisar de fazer tratamentos ao ombro durante vários meses. Tratamentos que ele não lhe poderá facultar, para não falar no facto de que a Cara não estará em condições de ajudar à sua reabilitação...

— Hei de arranjar uma maneira.

— Como irá pagar a hipoteca? A água, a luz e o gás?

Ela pensa por um momento.

— Com a apólice de seguro que ele tem — diz ela com ar triunfante.

— Só se ele morrer — observo. — O que me leva a outro assunto: disse que Edward estava a tentar matar o vosso pai.

— Porque é verdade.

— Ele desligou a ficha de um ventilador. Nesse caso, não teria o seu pai morrido de causas naturais?

Ela abana a cabeça.

— O meu irmão está a tentar matar o meu pai; eu estou a tentar mantê-lo vivo.

Olho para ela, em jeito de desculpa.

— Mas não é verdade que se não fosse a Cara e a sua má escolha, o seu pai não estaria nesta situação?

Vejo os seus olhos arregalarem-se de surpresa, ao perceber que alguém em quem confiava acabou de apunhalá-la pelas costas. Penso em toda a comida que fiz para ela e nas conversas que tivemos ao longo dos últimos seis anos. Soube o nome da sua primeira paixoneta antes de Georgie; fui o ombro em que ela chorou quando esse rapaz começou a namorar com a melhor amiga dela.

O juiz diz a Cara que pode voltar para o seu lugar. Tem o lábio superior a tremer. Dirijo-me a ela, para lhe dar um abraço e lhe dizer umas quantas palavras para lhe levantar o ânimo, e depois percebo que não posso; que naquela sala de audiências ela é a parte contrária, o inimigo.

Georgie toma a filha nos braços e olha para mim friamente por cima da cabeça de Cara. Quando ela me pediu para representar Edward, devia ter percebido que iria dar nisto. Que Cara podia acabar por não perder apenas uma figura paterna, mas duas, sem que tivesse culpa disso.

LUKE

Quando estava a trabalhar com os meus amigos abenaquis — os biólogos especializados em lobos que estudavam as alcateias selvagens ao longo do corredor de St. Lawrence —, ouvi um ancião tribal dar uma descompostura a dois jovens porque tinham sido apanhados a pintar impropérios com spray nas traseiras do celeiro do vizinho. A ferver de cólera, o velho perguntou-lhes porque tinham feito algo que sabiam que era errado. Um dos rapazes disse simplesmente: — Avô, às vezes queremos ser bons. Mas outras vezes queremos ser maus.

O ancião disse que tinha de pensar no assunto. Não houve emprego de força, não houve violência, nem sequer houve castigo. Parecia mais um grupo de reflexão, a forma como ele tratou aqueles miúdos de dez anos como pequenos adultos, incitando-os a pensar conjuntamente para descobrir a razão do mau comportamento. Nessa noite, depois de jantar, chamou novamente os rapazes.

— Já sei a resposta — disse-lhes. — Cada um de vocês tem dois lobos que lutam dentro de vós: um lobo bom, e um lobo mau. Quando o lobo mau ganha a luta, vocês portam-se mal. Quando o lobo bom ganha a luta, vocês portam-se bem.

Os rapazes entreolharam-se.

— Avô — disse um deles —, e como faço para ter a certeza de que é o lobo bom que ganha a luta?

O velho olhou primeiro para um rapaz e depois para o outro.

— O lobo que ganha a luta é aquele que vocês alimentarem melhor.

Depois de ter vivido com os lobos, pensei muito nesse comentário. Quando comemos uma carcaça, toda a gente tem o seu quinhão atribuído. O alfa diz aos outros onde se posicionarem com a

postura das orelhas, baixando uma e espetando a outra, ou rodando-as como asas de avião para dirigir cada membro da alcateia para o local apropriado. Espera-se, mesmo dos membros mais jovens, que defendam o que é seu, que rosнем e vigiem a sua comida. A dominação não tem que ver com tirar-lhe a comida que ele merece; tem que ver com ser capaz de estar ao lado dele, vigiando a distância sem prestar atenção às suas manifestações de possessividade.

É claro que um alfa podia tirar a comida a qualquer membro da alcateia. Mas porque o faria? Ele precisa desses membros mais jovens e, se os matar à fome, eles tornam-se inúteis para proteger a família.

Com o devido respeito pelo ancião abenaqui, creio que ele omitiu uma pequena ironia quando estava a dar uma lição a esses rapazes. O lobo bom nunca deixaria o lobo mau morrer de fome. Pode testar a sua capacidade para defender a comida, mas para bem da alcateia vai assegurar-se de que ele sobrevive.

CARA

Quando o juiz anuncia uma pausa de duas horas para almoço, para ele poder comer e ir à missa, levanto-me e saio disparada da sala, porque sinto vontade de dar um murro em alguém. No fim de contas, não é todos os dias que se descobre que o nosso pai andava a enganar a nossa mãe e que o nosso padrasto nos apunhala em público.

Corro às cegas pela escada do tribunal acima, ciente de que o mais provável é ter uma comitiva atrás de mim, e rodo as maçanetas das portas até encontrar uma que está aberta.

Lá dentro, sento-me numa mesa de reuniões e puxo os joelhos para o peito.

O pior é que tudo o que Joe disse é verdade. Se não fosse eu, o meu pai não estaria deitado numa cama de hospital. Nunca teria ido para a estrada naquela noite. Num mundo diferente e melhor, ele continua a cuidar das suas alcateias em cativeiro, com a filha alegre e obediente ao seu lado.

A maçaneta gira e, de repente, Edward está à minha frente.

— Se queres esconder-te — diz ele — tens de trancar a porta. Acredita no que te digo.

— És a última pessoa que quero ver neste momento.

— Bem, anda toda a gente à tua procura. A mãe acha que tu te passaste e que fugiste outra vez. O Joe sente-se pessimamente, mas ele estava apenas a fazer o seu trabalho. E a tua advogada... meu Deus, não sei dizer, mas suponho que esteja a fazer queijo de cabra ou coisa do género.

Solto involuntariamente uma gargalhada, emoção reprimida.

— Não faças isso — digo.

— Não faço o quê?

— É mais fácil quando te consigo odiar — admito.

— Tu *não* me odeias — diz Edward. — Nós estamos do mesmo lado, Cara. Ambos queremos dar ao pai aquilo que ele quer. Apenas temos ideias diferentes do que poderá ser.

— Porque não podes esperar simplesmente um ou dois meses? E depois, se não acontecer nada, podes na mesma fazer o que queres. Mas ao contrário já não dá para fazer. Se lhe tirares agora o suporte de vida, nunca saberemos se ele podia ter melhorado.

Ele salta para cima da mesa, para o pé de mim.

— Nada vai ser diferente daqui a um mês — diz Edward.

Consigo pensar em tantas coisas que irão ser diferentes. Já não estarei com o braço ao peito. Terei regressado à escola. Talvez até me tenha habituado a ter Edward de volta a Beresford.

Reparo que estamos a ter a conversa que Edward não teve comigo antes de desligar a ficha. Portanto, também isso mudou.

Olho para ele.

— Lamento ter feito com que te prendessem e mandassem para a cadeia.

Ele sorri.

— Não lamentas nada.

Bato-lhe no pé, que está a balouçar junto ao meu.

— Bem, talvez um bocadinho.

Quando eu era pequenina, a feira do condado veio à cidade. Os nossos pais levaram-nos e compraram bilhetes para as diversões, embora eu morresse de medo de todas elas. Edward foi o único que me conseguiu convencer a andar no carrossel. Pôs-me em cima de um dos cavalos de madeira e disse-me que o cavalo era mágico e era capaz de se transformar num cavalo a sério debaixo de mim, mas só se eu não olhasse para baixo. Por isso, não olhei. Fiquei a

olhar para a multidão a girar, e tentei encontrá-lo. Mesmo quando começava a ficar tonta ou pensava que iria vomitar, o círculo recomeçava e lá estava ele. Passado um bocado, deixei de pensar que o cavalo seria mágico, ou mesmo no terror que sentia, e transformei aquilo num jogo para encontrar Edward.

Acho que é isso que acontece com a família. Uma viagem que nos leva ao mesmo lugar vezes sem conta.

— Edward, podes levar-me a um sítio? — pergunto.

Se a minha mãe e Joe ficam surpreendidos por saber que é Edward quem me vai levar a ver o meu pai, escondem-no muito bem. É uma viagem de vinte e cinco quilómetros, mas parece muito maior. Este carro de aluguer não é a lata velha de Edward e eu não levo uma mochila às costas, mas passamos pelos mesmos sítios onde costumávamos ir quando Edward me levava de carro à escola, em miúda. Procuro as estações de rádio até encontrar uma das canadianas francesas em FM. Embora Edward tenha tido francês durante seis anos no liceu, ele costumava fingir que traduzia para mim, inventando notícias chocantes sobre peixes vivos encontrados em bebedouros públicos e um burro de estimação chamado *Sr. LeFoux* que tinha sido eleito sem querer para a assembleia do condado. Espero que ele comece novamente a traduzir, mas ele limita-se a franzir o sobrolho e a mudar para um *rock* clássico.

Quando chegamos ao hospital, Edward para mesmo em frente.

— Não vens? — pergunto.

Ele abana a cabeça.

— Volto cá mais tarde.

É curioso. Todo este tempo em que Edward esteve longe, nunca me senti sozinha. Mas agora, que ele voltou, ao vê-lo arrancar, sinto o peso da solidão.

As enfermeiras que estão na receção da UCI cumprimentam-me, perguntam-me como está o meu ombro. Dizem-me que o meu pai tem sido um bom doente, e eu não tenho a certeza se isso não será alguma espécie de piada, por isso finjo sorrir antes de entrar no quarto.

Está deitado exatamente como da última vez que o visitei, com os braços por cima do cobertor fino e a cabeça inclinada sobre a almofada.

As almofadas aqui são uma porcaria. Sei disso por experiência própria. São demasiado altas e estão envoltas em plástico, por isso o couro cabeludo transpira.

Caminho em direção ao meu pai e reposiciono gentilmente a almofada, para não lhe deixar o pescoço naquele ângulo estranho.

— Está melhor assim, certo? — digo, e sento-me aos pés da cama.

Por trás dele, está uma estranha série de máquinas e monitores, como se ele fosse a estrela de um filme de ficção científica. *Seria tão fixe*, penso. Se ele pudesse comunicar fazendo aquelas linhazinhas verdes saltar no ecrã, contorcer-se e formar as letras do meu nome.

Fico a olhar para lá por um instante, por via das dúvidas.

Uma enfermeira entra no quarto. Chama-se Rita e tem um canário chamado *Justin Bieber*. Tem uma fotografia do pássaro no cartão de identificação do hospital.

— Cara — diz ela —, como se sente hoje? — Depois, dá umas palmadinhas no ombro do meu pai. — E como vai o meu Fabio pessoal?

Ela chama-lhe assim por causa do cabelo, ou do que resta dele nos sítios onde não foi rapado. Suponho que o verdadeiro Fabio

seja capa de algum romance de cordel, embora nunca tenha lido nada assim. Só o conheço como o tipo do anúncio «I Can't Believe It's Not Butter!» e que foi atingido no rosto por um pássaro quando andava numa montanha-russa do Disney World.

Enquanto Rita pendura um novo saco de solução endovenosa, olho para a mão do meu pai sobre o cobertor e tento imaginá-la a tocar numa mulher de quem já nem sequer me consigo lembrar. Imagino-o a levá-la até à clínica de aborto. Ela devia ter ido sentada no meu lugar.

Inclino-me para a frente, como se lhe fosse beijar a face, mas na verdade estou a fazer isto para que Rita não me possa ouvir.

— Pai — sussurro —, e que tal eu perdoar-lhe se o pai me perdoar?

E, de repente, ele abre os olhos.

— Oh, meu Deus! — grito.

Alarmada, Rita olha para o seu paciente. Estende a mão para o intercomunicador atrás da cama e fala com o balcão das enfermeiras.

— Chamem a neurologia cá acima — diz.

— Paizinho! — Saio de cima da cama e contorno-a para me poder sentar mais perto dele. Os seus olhos desviam-se para a esquerda quando caminho nessa direção.

— Viu isto, não viu? — pergunto a Rita. — A maneira como ele me seguiu? — Ponho as mãos nas faces dele. — Consegue ouvir-me?

Os seus olhos estão fixos nos meus. Tinha-me esquecido de como eram azuis, tão brilhantes e límpidos que quase nos doía olhar para eles, como o céu na manhã a seguir a uma tempestade.

— Estou a lutar por si — digo-lhe. — Não vou desistir, se não o fizer.

A cabeça do meu pai rola para o lado e os seus olhos fecham-se.

— Pai! — grito. — Paizinho!

Choro e abano-o. Nada acontece. Mesmo depois de o doutor Saint-Clare entrar e tentar fazê-lo reagir com mais testes clínicos, o meu pai não responde.

Mas fê-lo durante quinze segundos, durante quinze gloriosos segundos.

A minha mãe está a andar de um lado para o outro no átrio do hospital quando o atravesso a correr, dez minutos atrasada em relação à hora marcada para ela me ir buscar.

— Vais chegar atrasada ao tribunal — diz ela, mas eu lanço-me nos seus braços.

— Ele acordou — digo. — Acordou e olhou para mim!

Ela leva algum tempo a digerir as minhas palavras.

— O quê? Agora? — Pega-me na mão e começa a correr para o elevador.

Eu faço-a parar.

— Foi só durante um bocadinho. Mas estava lá uma enfermeira que assistiu a tudo. Ele olhou para mim e os seus olhos seguiram-me quando dei a volta à cama, e percebi que ele estava a tentar dizer-me alguma coisa... — Paro, abraçando-lhe o pescoço com força. — Eu bem lhe disse!

A minha mãe tira o telemóvel da algibeira e marca um número.

— Diz à Zirconia.

E é assim que, vinte minutos mais tarde, dou comigo a voltar a correr para a sala de audiências, quando o juiz LaPierre começa a

falar.

— Doutora Notch, sei que tem alguma coisa mais para dizer, não é assim?

— Sim, Meritíssimo. Preciso de voltar a chamar a minha cliente e uma nova testemunha a depor. Surgiram novos factos, e penso que o tribunal precisa de tomar conhecimento disso.

Joe levanta-se.

— Já concluiu a apresentação das provas — contrapõe.

— Senhor juiz, o que está aqui em jogo é a vida ou morte de um homem. Isto aconteceu há escassos momentos, caso contrário teria dado conhecimento mais cedo.

— Vou permitir.

Por isso, volto a subir para o pequeno banco de madeira construído para uma testemunha.

— Cara — pergunta Zirconia —, onde foi durante a pausa para almoço?

— Visitar o meu pai ao hospital.

— O que aconteceu quando chegou ao quarto?

Olho diretamente para Edward, como se estivesse a contar-lhe a história, e não ao juiz.

— O meu pai estava deitado, como de costume, como se estivesse a dormir. Tinha os olhos fechados e estava imóvel. Mas, desta vez, quando comecei a falar com ele, abriu os olhos.

Edward fica boquiaberto. Joe inclina-se imediatamente para ele e sussurra-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Pode mostrar-nos?

Fecho os olhos e, depois, abro-os de repente como se fosse uma boneca a ganhar vida.

— O que aconteceu a seguir?

— Eu nem queria acreditar — digo. — Levantei-me e dei a volta à cama, e ele continuou a olhar para mim até eu me sentar novamente junto dele. Estive sempre a observar-me.

— E depois? — pergunta Zirconia.

— Depois, os seus olhos fecharam-se — termino — e voltou a adormecer.

Joe está recostado na cadeira de braços cruzados. Tenho a certeza de que pensa que isto é uma jogada ditada pelo desespero, a minha derradeira tentativa para inventar uma história maluca que faça o juiz decidir a meu favor. Mas não é uma história. Aconteceu mesmo, e isso tem de significar alguma coisa.

— É óbvio que o senhor Ng pensa que foi extraordinariamente conveniente para si ter testemunhado isso — diz Zirconia. — Há mais alguém que possa corroborar o que nos acabou de contar?

Aponto para Rita, a enfermeira, que está na última fila da galeria. Ainda tem a bata vestida e o cartão de identificação do hospital.

— Sim — digo. — Ela.

LUKE

A parte mais difícil de regressar ao mundo humano foi reaprender a emoção. Tudo o que um lobo faz tem uma simples razão prática. Não há lugar para a indiferença, nem para dizer uma coisa quando se pensa outra, nem a insinuações. Os lobos lutam por duas razões: família e território. Os humanos são impelidos pelo ego; os lobos não têm espaço para isso e tratam de expurgar-nos de tal coisa. Para um lobo, o mundo tem que ver com compreensão, conhecimento e respeito — atributos que muitos humanos baniram, juntamente com a valorização do mundo natural.

Os nativos americanos sabem que os lobos são espelhos para os humanos. O que eles nos mostram são as nossas forças e as nossas fraquezas. Se não respeitarmos o nosso território, o lobo irá invadi-lo. Se não mantivermos as nossas crianças por perto, se não valorizarmos o conhecimento que a nossa população mais velha acumulou, se deixarmos o nosso lixo por aí, o lobo ultrapassará os seus limites para nos dar a saber que cometemos um erro. O lobo é uma dessas criaturas que liga tudo no ecossistema. Nas áreas selvagens onde existem, regulam as populações de presas — não apenas vigiando os seus números, mas também assegurando as suas aptidões parentais. Se existir um lobo na área, haverá menos fatalidades relacionadas com o frio entre os outros animais, porque os animais domésticos são levados para dentro de casa ou escondidos na vegetação, ou agrupados em torno de um animal mais jovem para o manter quente e proteger da ameaça do lobo.

Quando vivia com os lobos, tinha orgulho no meu reflexo.

Mas depois de regressar, ficava sempre a perder na comparação.

EDWARD

Depois de todas as horas que passei no seu quarto de hospital, junto à sua cama, de vigília, o meu pai abriu os olhos quando eu lá não estava.

É a história da minha vida.

Joe já pediu uma pausa para poder falar com o doutor Saint-Clare, e disse-me que não devia acreditar em tudo o que vejo, e Cara também não.

— É um facto, mas não significa nada até o médico o explicar.

E no entanto...

E se tivesse sido eu a estar no quarto quando o meu pai acordou? Que lhe teria dito?

Que me teria ele dito?

Pergunto a mim mesmo se as conversas que nunca tivemos também contarão, caso as tenhamos repetido mil vezes em pensamento.

Rita Czarnicki está agora sentada no banco de testemunhas, a debitar todas as suas qualificações médicas e o número de anos passados na UCI.

— Eu estava a verificar o saco de perfusão endovenosa — diz ela. — A filha do senhor Warren estava no quarto a conversar com ele.

— Avaliou o estado do paciente quando entrou no quarto?

— Sim — diz Rita. — Não reagia e parecia continuar em estado vegetativo.

— E depois, o que aconteceu? — pergunta a advogada de Cara.

— Enquanto a filha estava a falar, o senhor Warren abriu os olhos.

— Está a dizer que acordou?

— Não da forma que está a pensar. — A enfermeira hesita. — A maior parte dos doentes que se encontram em estado vegetativo estão deitados com os olhos abertos quando estão acordados e fechados quando estão a dormir. Mas continuam a não ter consciência de si ou do meio circundante e apresentam uma total ausência de reação.

— Então o que tornou este acontecimento extraordinário? — pergunta a advogada.

— A filha do senhor Warren levantou-se muito depressa e deslocou-se dos pés da cama para o lado, e o olhar dele pareceu acompanhá-la, antes de cerrar novamente as pálpebras. Isso é seguir com os olhos, e não acontece com pacientes em estado vegetativo.

— O que fez?

— Chamei imediatamente o Departamento de Neurologia, e eles tentaram estimular a capacidade de reação do senhor Warren, tocando-lhe nos dedos dos pés e cravando as unhas debaixo das dele, e incitando-o verbalmente, mas ele não reagiu.

— Senhora Czarnicki, ouviu o testemunho de Cara. Terá ela exagerado de alguma maneira os sinais evidenciados pelo senhor Warren?

A enfermeira abana a cabeça.

— Eu própria assisti.

— Não tenho mais perguntas — diz a advogada.

— Senhor Ng? — pergunta o juiz. — Quer interrogar a testemunha?

— Não — diz Joe, levantando-se. — Mas queria chamar novamente a depor uma das testemunhas anteriores. doutor Saint-Clare?

O neurocirurgião não parece satisfeito por ter sido chamado novamente ao tribunal. Tamborila com os dedos no banco das testemunhas, como se precisasse de estar noutro sítio.

— Obrigado, doutor, por ter arranjado tempo para isto — começa Joe. — Tem sido uma tarde memorável.

— Assim parece — diz o médico.

— Teve hipótese de examinar o senhor Warren desde o seu testemunho desta manhã?

— Sim.

— Houve alguma alteração no seu estado clínico?

O doutor Saint-Clare respira fundo.

— Há alguma discrepância em relação a isso — diz. — Aparentemente, o senhor Warren abriu os olhos esta tarde.

— O que significa isso?

— Infelizmente, não muito. Os pacientes que se encontram em estado vegetativo não têm consciência de si e do meio circundante. Não respondem a estímulos com exceção de respostas reflexas, não compreendem a linguagem, e não dominam o funcionamento da bexiga e dos intestinos. Estão intermitentemente acordados, mas não conscientes. Referimo-nos a essa situação como «inconsciência de olhos abertos», e parece ter sido isso que aconteceu hoje ao senhor Warren — diz o médico. — Tal como acontece a muitos pacientes em estado vegetativo, os seus olhos abriram-se quando foi estimulado por uma voz, mas isso não significa que estivesse consciente.

— Os pacientes em estado vegetativo podem seguir objetos com os olhos?

— Não — diz o doutor Saint-Clare. — Esse achado seria prova de consciência e sugere a presença de um estado minimamente

consciente.

— E como se apresentaria um doente em estado minimamente consciente?

— Exibiria consciência de si e do meio. O paciente seria capaz de seguir comandos simples, sorrir, chorar e seguir o movimento com os olhos.

— Segundo a senhora Czarnicki e Cara, parece que o senhor Warren conseguiu fazer a última coisa que referiu, certo?

O doutor Saint-Clare abana a cabeça.

— Pensamos que o que foi entendido como movimento dos olhos foi, na verdade, um reflexo muscular dos olhos a fechar-se. Mais um revirar de olhos, se quiser, do que o acompanhar do movimento. Desde que isso aconteceu, tentámos repetidamente fazer com que o senhor Warren voltasse a reagir, e ele não o fez. Não reagiu ao barulho, nem ao toque, nem a nenhum outro estímulo. As lesões sofridas pelo senhor Warren no acidente, mais propriamente as lesões no tronco cerebral, sugerem que não havia possibilidade de estar consciente, agora. Embora tenha aberto os olhos, não houve consciência associada a esse movimento. Foi um comportamento reflexo e não garante a melhoria do diagnóstico para um estado minimamente consciente.

— O que diria a Cara, que terá uma interpretação do acontecimento diferente da sua? — pergunta Joe.

O médico olha para a minha irmã e, pela primeira vez desde que ele se sentou no banco das testemunhas, eu também. A luz desapareceu do rosto de Cara, como uma estrela cadente no final do seu arco.

— Muitas vezes, em estado vegetativo, os pacientes exibem comportamentos automáticos como abrir e fechar os olhos,

movimentos oculares ou um esgar facial que os familiares tomam erradamente por comportamento consciente. Quando alguém que amamos sofre um traumatismo com esta gravidade, agarramo-nos a qualquer indício de que continua a ser a mesma pessoa, talvez soterrado por camadas de sono, mas mesmo assim presente. A missão de Cara, como filha do senhor Warren, é esperar o melhor. Mas a minha missão, como neurocirurgião, é prepará-la para o pior. E a conclusão a retirar é que um paciente em estado vegetativo como o senhor Warren tem um prognóstico muito sombrio, com pequenas hipóteses de uma recuperação significativa, a qual ainda diminui mais com o passar do tempo.

— Obrigado — diz Joe. — A testemunha é sua.

Zirconia tem o braço à volta dos ombros de Cara. Não o retira, nem sequer se levanta para interrogar o neurocirurgião.

— Pode dizer-nos para lá de qualquer dúvida razoável que o senhor Warren não tem função cognitiva?

— Pelo contrário, posso dizer-lhes que ele *tem* cognição. Conseguimos ver isso num eletroencefalograma. Mas também lhes posso dizer que as outras lesões no tronco cerebral impedem-no de lhe aceder.

— Existe algum teste científico objetivo que possa fazer para determinar se o movimento ocular do senhor Warren foi, ou não, intencional? Se estava a tentar comunicar?

— Não.

— Então, basicamente, agora está a ler mentes.

O doutor Saint-Clare ergue as sobrancelhas.

— Na verdade, doutora Notch — diz —, sou certificado pela Ordem dos Médicos para fazer precisamente isso.

Quando o juiz pede uma pequena pausa antes de Helen Bedd, a tutora temporária, dar o seu testemunho, vou ter com Cara. A advogada está a segurar num par de meias hospitalares, daquelas que ajudam à circulação, como as que as enfermeiras calçam ao meu pai.

— Foi tudo o que conseguiu encontrar? — pergunta Zirconia.

Cara faz que sim com a cabeça.

— Não sei o que fizeram à roupa que ele vestia na noite do acidente.

A advogada amarfanha as meias nos punhos cerrados e fecha os olhos.

— Não estou a captar nada — diz ela.

— Isso é bom, não é? — pergunta Cara.

— Bem, pelo menos não é *mau*. Pode significar que ele ainda não atravessou para o outro lado. Mas também pode significar que eu sou melhor com animais do que com humanos.

— Desculpe — interrompo. — Posso falar com a minha irmã?

Tanto Zirconia como a minha mãe olham para Cara, deixando-a decidir. Ela indica que sim, e elas vão-se embora pelo corredor central, deixando-nos sozinhos à mesa.

— Não inventei isto — diz Cara.

— Eu sei, acredito em ti.

— E não quero saber se o doutor Saint-Clare diz que é clinicamente irrelevante. Para mim, foi importante.

Olho para ela.

— Estava a pensar... E se tivesse acontecido quando estávamos ambos aqui, no tribunal? Quer dizer, se durou menos de um minuto, não foi muito tempo. E se ele tivesse aberto os olhos e tu não estivesses lá para ver?

— Talvez tenha acontecido mais de uma vez — diz Cara.

— Ou talvez não. — A minha voz torna-se mais doce. — Creio que o que estou a tentar dizer é que fico satisfeito por lá teres estado quando isso aconteceu.

Cara fita-me durante um longo momento, com olhos exatamente da mesma cor que os meus. Como nunca tinha reparado nisso antes? Ela agarra-me pelo antebraço.

— Edward, e se concordássemos em fazer isto juntos? Se fôssemos ter com o juiz e lhe disséssemos que não precisamos que ele escolha entre nós?

Afasto-me dela.

— Mas continuamos a querer desfechos diferentes.

Ela pestaneja.

— Quer dizer que, mesmo sabendo que o pai abriu os olhos, queres desligar-lhe o suporte de vida?

— Ouviste o médico. Ele teve um reflexo, não uma reação. Como um soluço. Algo que não conseguiu dominar. E nem sequer teria aberto os olhos, Cara, se aquela máquina não estivesse a respirar por ele. — Abano a cabeça. — Também quero acreditar que foi mais do que isso. Mas a ciência leva a melhor sobre a emoção.

Ela encolhe-se na sua cadeira.

— Como me podes fazer uma coisa destas?

— Fazer o quê?

— Fazer-me pensar que estás do meu lado e depois deitares-me abaixo.

— É essa a minha função — afirmo.

— Estragar-me a vida?

— Não. Chatear-te e deixar-te exasperada. Irritar-te. Tratar-te como mais ninguém te trata. — Levanto-me. — Ser teu irmão.

LUKE

Quando os abenaquis contam uma história, há várias maneiras de começar. Pode dizer-se Waji mjassaik: no início. Pode dizer-se N'dalgommek: a todos os meus parentes. Ou pode começar-se com uma desculpa: Anhaldamawikw kassi palilawaliakw. Significa: Peço desculpa pelo mal que lhes possa ter feito no último ano.

Depois de regressar ao mundo humano, qualquer delas se aplicaria.

Embora me habituasse lentamente aos sons e cheiros, e tenha deixado de me atirar para o chão de cada vez que um carro roncava ao virar da esquina e de pegar no bife com as mãos à mesa de jantar, ainda havia algumas contaminações espontâneas entre a minha vida na floresta e a minha vida entre humanos. Quando vivemos na corda bamba da sobrevivência e não há rede de segurança, é difícil voltar a caminhar em terreno sólido. Não conseguia embotar a lâmina do instinto que desenvolvera junto dos lobos. Quando a minha família saía, nem que fosse para ir ao McDonald's, tratava sempre de me posicionar como uma barreira física entre os meus filhos e quem mais estivesse no estabelecimento. Voltava-me ao contrário enquanto eles comiam os seus hambúrgueres, pois virar as costas aos outros podia significar deixar escapar uma ameaça.

Quando a minha filha levou uma amiga da escola lá a casa, para passar a noite, dei comigo a revistar a mochila cor-de-rosa de uma miúda de doze anos para me certificar de que não tinha nada consigo que pudesse magoar Cara. Quando Edward ia de carro para a escola, às vezes seguia-o na minha carrinha, para ter a certeza de que ele lá chegava. Quando Georgie saía, interrogava-a para saber onde ia, pois vivia apavorado com a possibilidade de lhe

acontecer alguma coisa de mal quando eu não estivesse presente para a salvar. Era como um soldado veterano que via flashbacks em todas as situações, e que sabia que o pior estava a chegar. Nunca me sentia realmente feliz, a não ser quando estávamos todos em casa, trancados a sete chaves.

A primeira palavra abenaki que aprendi foi bitawbagok, a palavra que usam para o lago Champlain. Significa, literalmente, águas entre. Desde que regressei do Quebeque que pensava na minha morada como bitawkdakinna. Não sei abenaki suficiente para ter a certeza que a palavra existe, mas traduzida significa o mundo entre.

Tinha-me tornado numa ponte entre o mundo natural e o humano. Encaixava-me em ambos os lugares, e não pertencia a nenhum deles. Metade do meu coração vivia com os lobos selvagens, a outra metade com a minha família.

Caso não consigam chegar lá: ninguém consegue sobreviver com metade de um coração.

HELEN

Meritíssimo Juiz.

O meu nome é Helen Bedd.

Sou advogada e também tutora no Gabinete dos Tutores Públicos no New Hampshire. Exerço advocacia desde há quinze anos e nos dez anos anteriores fui enfermeira registada. Fui nomeada tutora temporária ou permanente para mais de duzentos e cinquenta casos ao longo dos anos.

Quando recebi esta nomeação, falei imediatamente com as partes envolvidas, dada a natureza célere da audiência. A equipa médica no Beresford Memorial disse-me basicamente aquilo que o doutor Saint-Clare hoje reiterou. Há poucas ou nenhuma hipóteses de o estado clínico do senhor Warren vir a melhorar. Ver o pai abrir os olhos hoje deve ter sido muito emocionante para Cara, mas a minha formação médica e o testemunho do doutor Saint-Clare reforçam o infeliz facto de se ter tratado, provavelmente, de um reflexo inconsciente e não demonstrar nenhuma recuperação da consciência.

Como parte da minha preparação para hoje, também conversei com Cara e Edward Warren. Ambos amam profundamente o pai, apesar de discordarem relativamente às suas necessidades quanto a cuidados de saúde e prognóstico. Cara, com dezassete anos, centrou a sua vida no pai. Ele é o sol no sistema solar da sua vida. A sua relação era extremamente próxima, como tantas vezes acontece com filhos de pais divorciados, que estabelecem uma ligação mais forte com um dos progenitores. Não duvido que Cara assumiu responsabilidades de adulta, dado o estilo de vida único e o trabalho do pai. No entanto, também fui obrigada a concluir que ela está a agir numa perspetiva emocional, e não realista. Devido ao

seu estado emocional neste momento e ao seu estado físico depois do acidente, não consegue aceitar a realidade da situação em que o pai se encontra, quer essa realidade seja apresentada pelo irmão, pelos médicos do pai ou pela assistente social do hospital. E embora o acidente não tenha sido de forma alguma culpa sua, creio que há alguma culpa residual que influencia o seu veemente desejo de manter o pai vivo a todo o custo. Embora a sua autêntica esperança na recuperação do pai seja tocante e muito comovente, também considero que ela decorre da sua imaturidade aos dezassete anos e de não estar disposta a aceitar uma verdade em que não quer acreditar.

Por outro lado, Edward é o único familiar vivo do senhor Warren que já atingiu a maioridade. Embora tenha apresentado um documento assinado pelo pai que o nomeia seu tutor relativamente aos cuidados de saúde, isso para mim tem menos peso do que, dos dois irmãos, Edward ser o único que teve uma conversa com o pai sobre o que fazer neste tipo de situação. No entanto, ele esteve zangado com o pai durante seis anos, e neste tribunal vieram a lume alguns pormenores que explicam melhor a sua decisão repentina de abandonar a família quando tinha dezoito anos. Creio que ainda é muito difícil para Edward separar a raiva que sente pelo pai das suas ações atuais, o que levou a uma decisão muito precipitada, tomada sem consultar a irmã, e a uma decisão ainda mais precipitada de tomar o assunto nas próprias mãos quando o descontinuar das medidas de suporte de vida não correu conforme planeado. Neste aspeto, Edward ainda tem de crescer muito. Dada a sua propensão para agir por impulso, somos obrigados a perguntar a nós mesmos até que ponto pensou realmente nos desejos do pai.

Trata-se de um caso raro. Muitas vezes, quando o tribunal das sucessões se vê envolvido numa situação de tutela, é porque ninguém quer assumir a responsabilidade e tomar as decisões difíceis. Neste caso, temos dois indivíduos muito diferentes que querem ambos fazê-lo. Mas também temos algo que a maior parte dos tutelados não tem: um testemunho escrito e em vídeo do próprio Luke Warren. A sua autobiografia e as incontáveis horas de filmagens, tanto televisivas como amadoras, que o mostram no seu elemento dão-nos uma clara noção do tipo de homem que ele era e do que queria, caso a sua capacidade de julgamento fosse substituída pela de outra pessoa. Fiquei impressionada com a vida do senhor Warren e com tudo o que ele conseguiu concretizar. Fiquei impressionada com o espírito aventureiro condensado nos capítulos do seu livro e com os companheiros de ecrã que nunca deixam de mencionar o sentimento de excitação e a adrenalina constante que faziam parte de estar por perto do senhor Warren.

Tudo isto aponta para um homem a quem não agradaria a perspetiva de ficar acamado, na melhor das hipóteses.

E no entanto...

O Luke Warren que foi mostrado ao mundo era apenas uma faceta do homem. Se lermos nas entrelinhas do seu livro, conseguimos vislumbrar a sombra de uma outra história. O herói na sua autobiografia não é um herói. É um fracasso — alguém que não conseguia viver com os animais que acabou por venerar e, mais importante ainda, alguém que não conseguia viver segundo o seu código quando estava longe deles. Ouvimos Cara e Edward dizê-lo nos seus testemunhos: para um lobo, o que mais importa é a família. Mas o senhor Warren abandonou a sua família: em sentido literal, quando foi para as florestas do Quebeque, e em sentido

figurado, quando teve um caso extraconjugal que levou à interrupção de uma gravidez.

Nunca falei diretamente com o senhor Warren, mas penso que provavelmente o magoava saber que o instinto do filho fora sair de casa quando as coisas se complicaram. Um lobo nunca teria perdido de vista a sua prole.

Por outro lado, o idealismo de Cara baseia-se nesse princípio de a família ser o mais importante. As probabilidades estão contra a sobrevivência do senhor Warren, mas a razão para ela a advogar de forma tão intensa é simplesmente porque não quer viver sem o pai. E se o senhor Warren tivesse a sorte de ser uma dessas anomalias médicas que desafia a ciência, creio que ficaria encantado por ter uma segunda oportunidade. Não apenas de sobreviver, mas de ser pai.

Por esta razão, penso que as convicções de Cara se coadunam com os desejos mais profundos do senhor Warren. Assim, aconselho o tribunal a nomeá-la como tutora e a permitir que Cara tome as disposições adequadas para o tratamento do pai.

LUKE

Depois da série do Animal Planet, recebi um telefonema de um biólogo perto do Yellowstone. Um caminheiro tinha sido encontrado na floresta, com o corpo meio devorado por lobos. Isso suscitara medo numa comunidade que aceitara há muito a libertação de lobos selvagens nas montanhas Rochosas.

Alguns dos investigadores eram de opinião que os lobos tinham matado por desporto, mas eu não acreditei nisso. Nunca vira os lobos comportar-se dessa forma com outro predador, que era como eles viam o homem. Não há nada no comportamento da alcateia que sugira que a comida deva ser uma questão de comodidade, ao invés de criteriosamente escolhida.

Então, por que motivo os lobos, que eu jurara que nunca atacariam um homem, tinham feito isso mesmo?

Fui até ao Yellowstone.

A área onde o caminheiro fora morto tinha sido despida de árvores por causa da madeira. Na verdade, já não havia propriamente uma floresta. Sem a proteção e a vegetação da floresta virgem, as presas — veados e alces, sobretudo — tinham diminuído. Por isso, os lobos haviam começado a comer antes salmão nos rios.

Voltei para casa e explorei o meu palpite com uma das minhas alcateias em cativeiro. Em vez de lhes dar carne, só os alimentava com peixe. Ao contrário da carcaça de um animal terrestre — um alimento que tem valor emocional nos químicos que correm nos músculos e órgãos internos — agora todos os elementos recebiam uma refeição idêntica.

Era o socialismo entre os lobos. Já não comiam de acordo com uma hierarquia, certificando-se de que as diferentes categorias

recebiam diferentes tipos de carne. Passados poucos meses, a alcateia desintegrou-se. Já não era possível identificar uma categoria alfa ou beta. Não havia disciplina. Cada lobo estava entregue a si próprio, todos os animais faziam o que queriam. Em vez de uma família, tinham-se transformado num gangue.

Creio que a razão para a alcateia ter atacado o caminheiro no Yellowstone foi a diminuição da oferta alimentar; o único recurso que lhes restava destruiu inadvertidamente a hierarquia. Mataram o pobre homem porque não havia um lobo que lhes dissesse para o não fazerem.

Às vezes, é o que acontece às alcateias. É preciso chegar ao ponto do caos total para que um novo chefe possa emergir.

CARA

Seria de pensar que ter a aprovação da tutora temporária me deixaria em êxtase, mas o juiz faz algo que ninguém estava à espera.

Marca uma visita de estudo.

E é assim que acabo ao lado do meu irmão, do lado de fora da parede envidraçada do quarto do meu pai na UCI, a ver o juiz ter uma conversa particular unilateral com o nosso pai inconsciente.

Joe desceu no elevador com a minha mãe, que foi a casa buscar os gémeos à paragem do autocarro. Zirconia está na sala de espera, a falar com um cão-guia.

— O que achas que LaPierre está a dizer? — pergunta Edward.

— A recitar uma novena? — sugiro.

— Talvez ele precise de ver com os próprios olhos como é estar em estado vegetativo.

— Ou talvez esteja à espera de ver o pai acordar outra vez — contrário.

— Abrir os olhos — corrige Edward.

— É a mesma coisa.

— Não, não é, Cara — diz ele, lá do alto.

A minha mãe costumava falar dos surtos de crescimento de Edward. Eu costumava pensar que isso significava que Edward crescia de um dia para o outro, como as plantas que ela tinha na cozinha. Tinha medo de que ele ficasse demasiado grande para aquela casa, e nessa altura onde o poríamos?

Armand LaPierre levanta-se da cadeira ao lado da cama do meu pai. Sai para o corredor precisamente quando Joe sai do elevador e Zirconia vem da sala de espera a correr, para vir ter connosco.

— Nove da manhã — anuncia ele, e vai-se embora.

Zirconia chama-me à parte.

— Está em grande forma, Cara. Fez tudo o que podia, nesta altura. Entre o facto de LaPierre ser católico e estar mais inclinado a ficar do lado da vida e a recomendação da tutora temporária, a nossa posição parece estar bastante forte.

Abraço-a.

— Obrigada. Por tudo.

— Foi um prazer. — Sorri. — Precisa de boleia para casa?

— Eu levo-a — diz Joe, e dou conta de que tanto ele como o meu irmão estavam suficientemente perto para terem ouvido tudo o que Zirconia me disse.

Eu queria ganhar este caso. Então, por que motivo isso me faz sentir tão mal?

— Eu vou ficar mais um bocado — diz Edward, indicando com um movimento de cabeça o quarto do nosso pai.

— Telefonas-me se...

— Sim — atalha ele. — Se acontecer alguma coisa.

— Se ele voltar a acordar...

Mas Joe já me está a puxar em direção ao elevador. As portas fecham-se atrás de nós. A última imagem que tenho é de Edward a sentar-se ao lado da cama do nosso pai.

Vejo o número dos pisos a diminuir conforme o elevador desce, como a contagem decrescente para o lançamento de um foguetão.

— O que acontece se eu perder? — pergunto.

Joe parece surpreendido.

— A tua advogada acha que está no papo.

— Nada é a cem por cento — digo-lhe, e ele sorri.

— Sim, lembro-me de ter ouvido isso no depoimento de hoje.

Fito-o com severidade.

— E eu lembro-me do interrogatório de hoje.

Pelo menos, tem a elegância de corar um pouco.

— E se puséssemos isso para trás das costas?

Estendo a mão para selar o compromisso, mas ele não a larga.

— Se não ganhares — diz Joe com delicadeza —, isso significa que Edward será o tutor do teu pai. Ele vai agendar uma altura para descontinuar as medidas de suporte de vida do teu pai e para doar os seus órgãos. Podes estar presente. E se quiseres, Cara, estarei lá, ao teu lado.

Sinto um nó na garganta.

— Está bem.

Quando as portas do elevador se abrem no átrio, aquilo que as pessoas veem é um homem agarrado a uma rapariga que está a chorar, e que parece ter idade para ser sua filha. Aquilo que as pessoas veem é apenas uma de centenas de histórias tristes nascidas no interior das paredes daquele edifício.

Quando era pequena, o meu irmão disse-me que tinha o poder de me fazer encolher até ficar do tamanho de uma formiga. Disse-me até que já tinha tido outra irmã, mas que lhe tinha feito isso e a pisara.

Também me disse que quando chegávamos à idade adulta, éramos convidados para uma festa privada cheia de monstros e personagens de filmes de terror. Lá estava Chucky, a beber um café. E a múmia que vinha na capa do livro dos Hardy Boys e que me deixava apavorada, só que estava a dançar o *twist* enquanto Jason, do *Sexta-Feira 13*, tocava saxofone. Disse-me que ficávamos na festa o tempo que fosse preciso, a travar conversa com essas criaturas, e que era por isso que os adultos nunca tinham medo de nada.

Eu costumava acreditar em tudo o que o meu irmão me dizia, porque ele era mais velho e eu achava que ele sabia mais sobre o mundo. Mas acontece que ser adulto não significa ser destemido. Significa apenas que temos medo de coisas diferentes.

LUKE

Os meus amigos abenaquis dizem que, se um caçador e um urso derramarem o sangue um do outro, passam a ser a mesma pessoa. Aconteça o que acontecer, desde esse momento o caçador não será capaz de abater o urso e o urso não será capaz de matar essa pessoa.

Gostava de acreditar que isso é verdade.

Gostava de acreditar que a consequência de uma experiência de quase-morte é uma saudável dose de respeito mútuo.

EDWARD

Eu era o miúdo que acordava a meio da noite com dores de estômago, certo de que estava um monstro debaixo da cama. Achava que os fantasmas se vinham sentar no parapeito da minha janela. Qualquer rajada de vento e ramo partido transformavam-se num ladrão que ia entrar pelo sótão para me matar. Costumava acordar a chorar convulsivamente, e o meu pai, que normalmente estava a voltar do Redmond's, era quem me acalmava. *Sabes, disseme ele uma vez, completamente exasperado, tens um copo de água dentro da cabeça, com as lágrimas para uma vida inteira. Se as gastares sem motivo, não vais conseguir chorar a sério quando for preciso.* Contou-me que conhecera em tempos um miúdo de oito anos que tinha gasto o copo todo e agora não conseguia chorar, por mais que tentasse.

Até hoje, quase nunca choro.

O meu pai não abre os olhos, não estremece, não pestaneja, nem mexe um músculo durante as três horas em que estou sentado junto à sua cama. O seu saco de perfusão fica vazio e o saco da algália está cheio de urina. Aparece uma enfermeira para verificar os sinais vitais.

— Devia falar com ele — diz-me ela. — Ou ler em voz alta. Ele gosta da revista *People*.

Sinceramente, não consigo imaginar uma coisa de que o meu pai pudesse gostar menos.

— Como sabe disso?

Ela sorri.

— Porque lhe li a da semana passada e ele não se queixou.

Espero até que ela saia do quarto e depois puxo a cadeira para mais perto da cama do meu pai. Não admira que não tenha falado

muito com ele, mas a verdade é que também nunca sabia o que dizer. E, no entanto, a enfermeira tem razão. Que melhor altura do que agora para lhe dizer finalmente as coisas que devia ter dito há uma eternidade, quando ele não tem outra opção senão ouvir?

— Não o odeio — admito, e as palavras dissipam o silêncio.

A sua resposta é o encher e o esvaziar do ventilador. Quase parece errado, um combate desigual.

— A tutora temporária disse hoje uma coisa que não consigo tirar da cabeça. Ela disse que o pai deve ter ficado magoado por eu me ter ido embora. Creio que sempre pensei que tivesse ficado radiante. Por se ter visto livre do filho que não era nada parecido consigo. Mas acontece que sou *exatamente* como o pai. Também me afastei da minha família. Percebi demasiado tarde que tinha cometido o maior erro da minha vida. O meu lugar não era na Tailândia, e aqui também não. Estava apenas... preso algures no meio.

Inspirar, expirar. Inspirar, expirar.

— Também percebi outra coisa. Nunca disse que gostava que eu fosse mais atlético, mais amigo da natureza, ou heterossexual. *Eu* é que tinha a certeza de que não estava à sua altura. E isso, provavelmente, era por não haver mais ninguém como o pai. Sendo assim, como podia aproximar-me de si?

Olho para ele, imóvel e inerte.

— O que estou a tentar dizer é que o culpei, quando o culpado era eu.

Pego na mão do meu pai. A última vez que a segurei devia ser muito pequeno, pois não me consigo lembrar disso. Que estranho, começar e acabar no mesmo lugar, ser o filho que se agarra a um dos progenitores para lutar pela vida.

— Eu vou tomar conta dela. Independentemente do que acontecer amanhã — digo-lhe. — Achei que devia saber que voltei para ficar.

O meu pai não responde. Mas consigo ouvir a sua voz na minha cabeça, forte e límpida.

Já não era sem tempo.

Finalmente, permito-me chorar.

Quando volto para casa, já passa da meia-noite. Mas em vez de cair na cama, ou até mesmo de me deitar no sofá, vou até ao sótão. Ainda lá não estivera e tenho de usar o telefone como lanterna, mas consigo vasculhar caixas com documentos fiscais antigos e roupa comida pelas traças, algumas coleções de DVD com os programas do Animal Planet e uma arca com todos os meus cadernos do liceu, até encontrar o que quero. As molduras estão empilhadas a um canto com camadas de jornal entre elas.

O alívio que sinto quando percebo que não foram deitadas fora é uma injeção de pura adrenalina. Levo-as todas lá para baixo.

Na casa do meu pai, há um corredor com fotografias. São todas de Cara, exceto duas do meu pai com alguns dos seus lobos, e uma deles juntos.

A minha mãe obrigava-nos a tirar uma fotografia, todos os anos, para o nosso cartão de Natal. Normalmente, ficava inspirada em agosto e eu tinha de usar a camisola mais grossa e desconfortável que tinha. Como não tínhamos neve nessa altura, ela fazia-nos posar com os ornamentos natalícios, chapéus, lenços e mitenes, como se os nossos familiares e amigos fossem suficientemente burros para não perceber pela paisagem que era verão na Nova Inglaterra. Todos os anos, ela punha a fotografia numa moldura e

oferecia-a ao meu pai pelo Natal. E, em janeiro, ele pendurava-a na parede da escada.

Procuro entre as fotografias de Cara comigo. Há uma em que ela é tão pequenina que estou com ela ao colo. E outra em que os rabichos lhe saem dos dois lados da cabeça como tufo de seda. Há aquela em que estou de aparelho, e outra em que é ela que está. E lá encontro a última fotografia que tirámos juntos, antes de me ir embora.

É estranho ver-me com menos seis anos. Pareço seco e nervoso. Estou a olhar para a câmara, mas Cara está a olhar para mim.

Penduro as fotografias ao longo da escada, removendo da parede os retratos que Cara tirou na escola. Não mexo nas duas fotografias do meu pai com os seus lobos. Depois, recuo, lendo a minha história na parede.

A última fotografia que penduro é uma de que me lembro bem. Foram as últimas férias que fizemos em família, antes de o meu pai ter ido para o Quebeque. Eu e o meu pai temos os pés dentro de água, na praia, em Hyannis. A minha mãe está às cavalitas do meu pai e Cara às minhas. Olhando para nós, com rostos bronzeados, dentes brancos e sorrisos rasgados, ninguém diria que dentro de três anos o meu pai ia viver para a floresta. Ninguém diria que ele ia ter um caso com outra mulher. Que eu ia sair de casa sem me despedir de ninguém. Que ia haver um acidente que mudaria tudo.

É isso de que eu gosto nas fotografias. São a prova de que houve uma altura, mesmo que fugaz, em que tudo era perfeito.

Na manhã seguinte, deixo-me dormir. Visto a mesma camisa que tinha usado no dia anterior e o casaco de xadrez do meu pai e sento-me ao lado de Joe precisamente na altura em que o escrivão

nos está a dizer para nos levantarmos para o Meritíssimo Juiz Armand LaPierre.

— Foi muito simpático da tua parte teres aparecido — murmura Joe.

Durante um longo e silencioso minuto, o juiz senta-se com a cabeça baixa, a arrancar cabelos.

— Durante todos estes anos como juiz — diz ele finalmente —, este foi um dos casos mais difíceis a que presidi. Não é todos os dias que temos de tomar uma decisão de vida ou morte. E também sei que, tome a decisão que tomar, não será uma decisão feliz para ninguém.

Respira fundo e encavalita os óculos na ponta do nariz.

— O facto de Cara só ter dezassete anos não é relevante para mim, dadas as circunstâncias. Ela vivia com o pai, tinha uma relação próxima com ele, é tão competente para tomar uma decisão como daqui a três meses. Dada a ausência do irmão nos últimos seis anos, considero-a em pé de igualdade com Edward quanto a competência para agir como tutora do pai. Não posso ignorar que a decisão que hoje tomar pode tirar um pai a uma jovem que sente uma grande tranquilidade em saber simplesmente que ele continua a fazer parte do seu mundo, mesmo encontrando-se em estado vegetativo. Além disso, ele só está assim há treze dias.

»Contudo, também tenho consciência do testemunho irrefutável do doutor Saint-Clare, que declarou com elevado grau de confiança que o senhor Warren não irá recuperar das suas lesões e que o seu estado continuará a deteriorar-se. Quando olhamos para os precedentes estabelecidos por decisões anteriores semelhantes, por exemplo Cruzan, Schiavo e Quinlan, o desfecho foi sempre a morte. O senhor Warren vai morrer. A questão é saber se será amanhã,

daqui a um mês, daqui a um ano. Querem que eu tome essa decisão e, para fazer isso, preciso de determinar aquilo que Luke Warren teria querido.

Contraindo os lábios, continua: — A senhora Bedd analisou a trajetória do senhor Warren por meio da televisão e da imprensa, e chegou à sua conclusão. Mas olhar para a imagem pública do senhor Warren não significa necessariamente ver o homem por trás da celebridade. E a única prova concreta que tenho da forma como o senhor Warren vivia a sua vida é uma conversa que ele teve com o filho, em que lhe disse que, caso ficasse nesta mesma situação, queria que suspendessem as medidas de suporte de vida. Uma conversa que foi reforçada numa diretiva antecipada de vontade por ele subscrita. — Olha para mim de relance. — Além disso, o senhor Warren indicou na sua carta de condução o desejo de ser dador de órgãos. Podemos ver isso como mais uma prova dos seus desejos pessoais.

O juiz tira os seus óculos de leitura e vira-se para Cara.

— Minha querida, sei que não quer perder o seu pai — diz. — Mas ontem, passei uma hora à sua cabeceira, e creio que tem de concordar comigo: o seu pai já não está naquele hospital. Já partiu. — Pigarreia. — Por todas estas razões, e depois de pensar muito no assunto, concedo a Edward Warren a tutela permanente.

Não é propriamente o tipo de veredito pelo qual nos felicitem. Forma-se uma pequena rede de apoio em torno de Cara e, antes que eu lhe possa dizer alguma coisa, Joe leva-me para tratar da papelada que terei de apresentar no hospital, para que possam descontinuar o suporte de vida ao meu pai e agendar a doação de órgãos.

Conduzo até ao hospital e passo uma hora a conversar com o doutor Saint-Clare e com a coordenadora da doação.

Assino o meu nome nos impressos e faço que sim com a cabeça como se estivesse a interiorizar tudo o que eles dizem, passando pelo mesmo processo que passei seis dias antes. A única diferença é que, desta vez, quando *não tenho* de falar com Cara, sei que *quero* fazê-lo.

Ela está enroscada na cama do meu pai, com o rosto ainda molhado de lágrimas. Quando entro, não se levanta.

— Sabia que te ia encontrar aqui — digo.

— Quando? — pergunta.

Não finjo que não percebo.

— Amanhã.

Cara fecha os olhos.

Imagino que vá passar ali a noite inteira. Provavelmente, a minha mãe e Joe deram-lhe autorização para isso, dadas as circunstâncias. E não me parece que alguma das enfermeiras da UCI pense em expulsá-la. Mas se ela quer despedir-se do nosso pai, também sei que não é ali que ela precisa de estar.

Enfio a mão no bolso à procura da carteira e tiro a fotografia de quando era miúdo que estava no porta-notas do meu pai. Enfio-a debaixo da almofada dele e depois estendo a mão a Cara, num convite.

— Cara — digo —, há uma coisa que acho que devias ouvir.

LUKE

Para expulsar um lobo de uma alcateia, usa-se a repressão natural e a intimidação — que normalmente assume a forma de vigia da velocidade e da direção. Às vezes, isto é feito apenas para testar os membros da alcateia, para garantir que todos estão suficientemente informados e a fazer o seu trabalho: um sinal, uma instrução para ficar quieto, um lobo de uma categoria superior que o impede de se movimentar, barrando-lhe o caminho.

Na ponta da coluna vertebral, por cima da cauda, existe um buraquinho disfarçado com uma glândula lá dentro que é tão característica quanto uma impressão digital humana. É assim que os lobos se identificam uns aos outros. Em cativeiro, quando um lobo não pode sair do cercado, o membro de uma alcateia que foi expulso apresenta muitas vezes essa glândula roída, arrancada pelos outros, que retiram assim a individualidade desse lobo. Um lobo que perde a sua glândula odorífera perde todo o seu estatuto e acaba frequentemente por morrer.

Quem é expulso? Depende. Tanto pode ser um lobo que já não é capaz de dar o seu melhor, como um jovem lobo que cresce com características de alfa, quando a alcateia já tem um alfa viável. Um lobo que é expulso torna-se um lobo solitário. Na floresta, passa a comer animais de pequeno porte e a viver sozinho, uivando para outras alcateias com o objetivo de identificar novas vagas que se adequem ao seu perfil. Normalmente, um lobo solitário tem as características de um alfa, beta ou de um lobo de categoria intermédia, e a sua aceitação noutra alcateia — que pode levar anos a acontecer — é uma feliz constelação de circunstâncias. Não só tem de ter as qualificações necessárias para desempenhar

determinado papel na alcateia, como tem de haver uma vaga para ele.

Posso dizer-lhes, por experiência própria, que quando os lobos expulsam um membro da família, não há volta atrás. Não é assim tão fácil para os humanos.

Mas também é verdade que um lobo que foi expulso de uma alcateia pode ser convidado a voltar, em determinadas circunstâncias. Vamos supor que aquela alcateia com um alfa a mais perde subitamente o seu alfa, morto por um predador. Vão precisar de outro alfa para ocupar o seu lugar.

CARA

Não podemos entrar nos cercados. Embora o mais provável fosse os lobos manterem-se à distância, o meu braço ao peito seria um sinal de alerta; iam tentar arrancar a ligadura e chegar à ferida para a limpar. Por isso, sentamo-nos antes na elevação do terreno, do lado de fora da vedação, embrulhados nos nossos casacos, a ver os lobos a observarem-nos.

Estar ali é cruelmente reconfortante. Creio que é melhor do que estar no hospital, deitada na cama do meu pai a ouvir os apitos das máquinas, como uma bomba-relógio em contagem decrescente, sabendo que quando a eletricidade for embora, o mesmo acontecerá com ele. Mas não consigo virar-me sem ver o fantasma de uma memória: o meu pai a correr pelo cercado com o quarto traseiro de um veado, a ensinar os mais novos a caçar. O meu pai com *Sikwla* à volta do pescoço como uma estola. O meu pai a tomar conta das crias e a ensinar-lhes a encontrar uma cova de reunião e a esconderem-se nela.

Embora os seus lobos estivessem em cativeiro, ele ensinou-lhes as competências para viver no mundo selvagem. O seu objetivo era voltar a libertar os lobos nas florestas do New Hampshire, da forma como tinham sido reintroduzidos no Yellowstone e onde agora prosperavam. Embora tivessem sido recenseados alguns avistamentos de lobos selvagens, havia leis contra a sua reintrodução. Desde há duzentos anos que não circulavam livremente pelo estado, mas isso não impedia o meu pai de se certificar de que qualquer uma das suas alcateias em cativeiro seria capaz de sobreviver tão bem quanto as suas homólogas selvagens. *Sabes qual é a diferença entre um sonho e um objetivo?*, costumava ele dizer-me. *Um plano.*

É curioso que ele tivesse tido de ensinar os lobos a serem selvagens, quando estes lhe ensinavam tanto sobre como era ser humano.

Dou conta de que já estou a pensar nele no passado.

— O que lhes vai acontecer? — pergunto.

Edward olha para mim.

— Vou pedir a Walter para continuar cá. Não vou desfazer-me deles, se é isso que estás a perguntar.

— Tu não sabes nada sobre lobos.

— Hei de aprender.

Bem, essa seria a ironia suprema. Se tivesse dito ao meu pai que um dia Edward iria continuar o seu legado junto dos lobos, ele provavelmente teria arranjado uma hérnia de tanto rir.

Levanto-me e aproximo-me, até conseguir enfiar os dedos na rede da vedação. Essa foi a primeira lição que o meu pai me ensinou ali: nunca faças isso! Um lobo controlador dará meia-volta para te morder antes que dêes por isso.

Mas estes lobos conhecem-me. *Kladen* esfrega o seu pelo prateado na minha mão e lambe-me.

— Até podias ser tu a ensinar-me — sugere Edward.

Agacho-me, esperando que *Kladen* passe novamente por mim.

— Este lugar não será o mesmo sem ele aqui.

— Mas ele está aqui — diz Edward. — Está por todo o lado: foi ele que construiu isto com as próprias mãos; foi ele que criou estas alcateias. Este era o nosso pai, e não aquilo que vês na cama do hospital. E nada disto vai desaparecer. Prometo!

De repente, *Kladen* vai para o promontório rochoso, que, na escuridão, parece um monstro enorme. Consigo divisar as silhuetas

de *Sikwla* e de *Wazoli*. Inclinam a garganta para trás e começam a uivar.

É um uivo de localização, destinado a alguém que está desaparecido. Sei imediatamente de quem se trata. Aquilo faz-me chorar novamente, mesmo quando todas as outras alcateias nos cercados adjacentes se juntam, numa fuga de dor.

Quem me dera ser lobo, naquele momento. Porque quando alguém sai da nossa vida, não há palavras que possamos usar para preencher esse espaço. Há apenas uma nota em tom menor vazia e dilatada.

— Era por isso que queria que viesses aqui comigo — diz Edward. — Walter diz que eles têm feito isto todas as noites desde o acidente.

O acidente.

Edward tinha guardado um segredo, e isso desmembrara a nossa família. Se eu confessasse o meu, será que isso voltaria a reunir-nos?

Por isso, viro as costas aos lobos e, com eles ainda a entoar o seu canto fúnebre, conto a verdade ao meu irmão.

— Deixa-me dar-te uma sugestão — disse o meu pai, furioso, enquanto se afastava da casa em Bethlehem onde já havia um miúdo desmaiado e dois a fazer sexo num carro estacionado. — Se mentes quando dizes que vais passar a noite em casa de Mariah para estudar, não te devias esquecer de *levar* o saco com as coisas que arranjaste.

Eu estava tão zangada que nem conseguia ver bem, mas isso também podia ser do álcool. Já tinha bebido uma vez cerveja, mas quem havia de dizer que uma coisa que sabia a ponche de fruta ia dar uma pancada daquelas?

— Não posso acreditar que me seguiu até aqui.

— Segui presas durante dois anos; acredita que raparigas adolescentes deixam um rasto muito mais visível.

O meu pai entrara de rompante na casa, como se eu tivesse cinco anos e me tivesse ido buscar a uma festa de aniversário.

— Bem, obrigada, agora sou uma pária social.

— Tens razão. Devia ter esperado até teres sido violada ou ficares intoxicada pelo álcool. Santo Deus, Cara, onde diabo tinhas a cabeça?

Em lado nenhum, já que tinha deixado Mariah pensar por mim, e tinha sido um erro. Mas preferia morrer a admitir isso diante do meu pai.

E de certeza que não lhe ia dizer que, na verdade, estava satisfeita por me vir embora, porque aquilo estava a ficar um bocadinho extremado.

— É por isto — murmurou o meu pai — que os lobos deixam algumas das suas crias morrer na natureza.

— Vou ligar para os Serviços de Proteção de Menores — ameaço. — Vou voltar a morar com a mãe.

Os olhos do meu pai tinham uma caixinha verde à volta devido ao reflexo do espelho retrovisor.

— Quando *não* estiveres embriagada, lembra-me de te dizer que estás de castigo.

— Quando não estiver embriagada, lembre-me de lhe dizer *que o odeio!* — replico.

Perante isto, o meu pai riu-se.

— Cara — disse ele —, juro que vais ser a minha perdição.

E depois, de repente, apareceu um veado em frente da carrinha, e o meu pai guinou para a direita. Quando embatemos na árvore, e

mesmo frustrado comigo como estava, o seu instinto foi pôr um braço à minha frente, numa derradeira tentativa para me manter em segurança.

Voltei a mim por causa da gasolina. Conseguia cheirá-la, a gotejar. O meu braço estava inutilizado e sentia a queimadura do cinto de segurança no sítio onde ele me marcara como a faixa de uma rainha de beleza.

— Paizinho — disse, e pensei que estava a berrar, mas a minha boca estava cheia de pó. Virando-me para a esquerda, vi-o. Tinha a cabeça a sangrar, e os olhos fixos nos meus. Estava a tentar dizer alguma coisa, mas não lhe saía nada.

Tinha de conseguir tirar-nos dali aos dois. Sabia que se houvesse uma fuga de gasolina, a carrinha podia irromper em chamas. Por isso, debrucei-me sobre ele e abri o cinto de segurança. O meu braço direito não estava em condições, mas abri a porta do passageiro com a mão esquerda, para poder sair da cabina.

Saía fumo pelo capô e uma das rodas ainda estava a girar. Corri para o lado do meu pai e abri-lhe a porta.

— Tem de me ajudar — disse-lhe.

Com o braço esquerdo, consegui puxá-lo para junto de mim, fazendo par numa dança catastrófica.

Eu estava a chorar e tinha sangue nos olhos e boca, e tentei arrastar o meu pai para fora do carro, mas não podia usar os dois braços para o fazer. Pus-lhe um braço à volta do peito, mas não conseguia suportar o seu peso dessa forma. Larguei-o. Larguei-o, e ele escorregou-me do braço como areia numa ampulheta. Larguei-o e ele caiu em câmara lenta, batendo com a cabeça no pavimento.

Depois disso, nunca mais se mexeu.

Juro que vais ser a minha perdição.

— Larguei-o — digo a Edward, chorando sem conseguir conter-me que nem consigo recobrar o fôlego. — Toda a gente dizia que eu era uma heroína por lhe ter salvado a vida, mas eu larguei-o.

— E é por isso que agora não o queres largar — diz ele, compreendendo subitamente a razão de tudo aquilo.

— É por minha causa que ele vai morrer amanhã.

— Se o tivesses deixado na carrinha, ele tinha morrido *nessa altura* — diz Edward.

— Ele caiu em cima do asfalto — soluço. — A nuca bateu com tanta força que eu *ouvi*. E é por isso que ele não acorda agora. Ouviste o doutor Saint-Clare...

— Não há forma de saber quais as lesões cerebrais que resultaram do acidente e quais as que ocorreram depois disso. Cara, mesmo que ele não tivesse caído, podia estar na mesma situação.

— A última coisa que lhe disse foi que o odiava.

Edward olha para mim.

— Também foi a última coisa que lhe disse — admite.

Enxugo os olhos com as costas da mão.

— É uma coisa tramada para termos em comum.

— Temos de começar por algum lado — diz Edward, esboçando um meio sorriso. — Além disso, ele sabe que tu não estavas a falar a sério.

— Como podes ter a certeza?

— É que o ódio não passa do outro lado do amor. Como cara e coroa numa moeda. Se não souberes como é amar alguém, como saberias o que é o ódio? Um não pode existir sem o outro.

Muito lentamente, aproximo a minha mão da de Edward até conseguir enfiá-la na dele. Volto imediatamente a ter onze anos e a atravessar a estrada a caminho da escola. Nunca olhava para os dois lados quando ia com Edward. Confiava nele para o fazer por mim.

Ele aperta-me a mão. Desta vez, seguro-a com força.

Quando era miúda, o meu pai costumava ir aconchegar-me a roupa à noite, e sempre que desligava o candeeiro soprava, como se houvesse uma vela gigantesca e invisível a alumiar-me o quarto. Levei anos a perceber que acionava um interruptor, e que não era ele a fonte de toda aquela luz.

Ali em pé, naquele cenário de *déjà-vu*, sinto-me como se fosse eu a soprar a tal vela invisível, uma centelha que não consigo ver e que constitui de alguma forma um modo de vida, senão mesmo uma vida.

Edward está presente, tal como as mesmas enfermeiras e médicos, a assistente social e a advogada, e a coordenadora da doação de órgãos. Mas Joe também está presente, como prometeu, e a minha mãe, porque eu lhe pedi.

— Estão prontos? — pergunta o médico da UCI.

Edward olha para mim, e eu faço que sim com a cabeça.

— Sim — diz ele.

Dá-me a mão enquanto o ventilador vai sendo progressivamente ajustado, enquanto a morfina entra gota a gota no braço do meu pai. Atrás dele, está o monitor que marca a tensão arterial.

Quando a máquina para de respirar pelo meu pai, concentro-me no seu peito. Sobe, e depois desce uma vez mais. Para por um minuto. Depois, sobe e desce mais duas vezes.

Os valores no monitor da pressão arterial caem como num colapso na Bolsa. Vinte e um minutos depois de termos começado, o coração do meu pai deixa de bater.

Os cinco minutos seguintes são os mais longos da minha vida. Esperamos para ter a certeza de que ele não começa a respirar outra vez espontaneamente; que o seu coração não recomeça a bater.

A minha mãe está a chorar baixinho atrás de mim. Edward tem lágrimas nos olhos.

Às 19h58, o meu pai é declarado morto.

— Edward, Cara — diz Trina —, precisam de se despedir.

Como a doação após paragem cardíaca requer que a colheita dos órgãos seja feita de imediato, não nos podemos demorar. De qualquer forma, já me venho a despedir há vários dias. Isto é apenas uma formalidade.

Vou ter com o meu pai e toco-lhe na face. Ainda está quente, e sinto a barba a picar como cristais de pirite. Ponho a mão sobre o seu coração, só para ter a certeza.

Ainda bem que o levam para a sala de operações, para a doação de órgãos, porque não sei se teria conseguido sair dali. Era capaz de ter ficado no quarto para sempre, simplesmente sentada junto ao corpo, porque depois de dizermos à enfermeira que sim, que pode levá-lo, nunca mais temos oportunidade de voltar a estar com ele. De partilhar o mesmo espaço. De ver o seu rosto, sem ser na memória.

Joe leva a minha mãe lá para fora, para o corredor, e passado pouco tempo já só resto eu e o meu irmão, no lugar vago onde a cama do meu pai costumava estar. É uma lembrança visual do que nos falta.

A primeira vez que alguém que eu amava me deixou para trás, foi com Edward, e eu não sabia como a minha família ia reencontrar o equilíbrio. Éramos uma mesinha de apoio tão robusta, com quatro pernas bem sólidas. Tinha a certeza de que agora íamos ficar mancos, sempre instáveis. Até que um dia olhei mais atentamente e percebi que nos tínhamos transformado simplesmente num banco.

— Edward — digo —, vamos para casa.

Os lobos no Redmond's uivaram durante trinta dias. As pessoas conseguiam ouvi-los em sítios tão distantes quanto Laconia e Lincoln. Faziam os bebés adormecidos nos seus berços começar a chorar, faziam as mulheres procurar os namorados dos tempos do liceu, causavam pesadelos aos homens adultos. Houve relatos de candeeiros de rua que se estilhaçavam quando os lobos uivavam, de rachas que se abriam no asfalto. Em nossa casa, que ficava apenas a oito quilómetros dos cercados, parecia um *requiem* fúnebre; fazia eriçar os pelos da minha nuca. E depois, um dia, os uivos pararam de repente. As pessoas deixaram de esperar por eles quando a Lua atingia o seu ponto mais alto no céu. Já não trauteavam a melodia enquanto esperavam que os semáforos abrissem.

Era tal qual como o meu pai dissera: os lobos sabiam quando estava na altura de deixarem de procurar o que tinham perdido e de se centrarem antes no que estava para vir.

LUKE

Não existe dor entre os lobos. A natureza tem uma forma maravilhosa de nos fazer enfrentar a realidade. Podemos sentar-nos a chorar, se quisermos, mas o mais provável é sermos mortos enquanto estamos perdidos no nosso luto, porque baixamos a guarda.

Vi lobos passarem por cima de um membro da alcateia que morre numa caçada e continuarem sem olhar para trás. Ouvi lobos a chamar durante quatro ou cinco dias por um membro da alcateia desaparecido, esperando fazê-lo voltar. A morte é um evento. Acontece, e seguimos em frente.

Se um alfa é morto, os conhecimentos da alcateia desaparecem com ele. Toda a alcateia pode desintegrar-se em poucos dias, se nenhum lobo sair das fileiras para assumir o seu lugar ou for recrutado para preencher o lugar vago. Nesse caso, aquilo que se segue é a anarquia. A família irá dispersar-se, ser morta ou morrer de fome.

Sobreviver ou não a uma lesão grave depende normalmente de quão valioso se é. Se a alcateia tiver de gastar muito tempo e energia para salvar o lobo doente e restaurar-lhe a saúde, este toma a decisão de recusar a sua ajuda e de se deixar morrer. A morte não é uma escolha individual. Tudo se resume àquilo de que a família precisa.

E é por isso que um lobo vive cada dia como se fosse o último.

EPÍLOGO

Pois a força da Alcateia
está no Lobo, e a força
do Lobo está na Alcateia.

— Rudyard Kipling

BARNEY

Um rapaz de dezanove anos não devia ter uma lista de coisas para fazer antes de morrer, mas eu tinha. Elaborara-a porque não há muito mais com que nos entreter quando estamos ligados a uma máquina de diálise três vezes por semana. Mas a minha lista de coisas para fazer antes de morrer transformara-se numa lista de afazeres. Nos oito meses decorridos desde que fora submetido a um transplante de rim, visitara o Cairo, aprendera a andar de *snowboard*, fizera tiro ao alvo.

Os meus pais não estavam propriamente radiantes com o meu novo lado aventureiro. Ironicamente, receavam que eu sofresse um acidente e me perdessem, embora os anos que passei praticamente em falência renal tivessem muito mais probabilidades de ter sido fatais. Da forma como eu via as coisas, se tínhamos uma segunda oportunidade na vida, de que valia jogar sempre pelo seguro?

Mesmo que tivesse de admitir que, desta vez, era capaz de ter ido um bocadinho longe demais. Não sabia onde estava — embora esse fosse o objetivo da prática de orientação. Mas além de saber que o Sol estava atrás de mim e a cabana algures para leste, estava completamente perdido. Por esta altura, tanto quanto sabia, já podia ter chegado a Saskatchewan.

Não estava particularmente frio, mas não sabia até que ponto eram gélidas as noites por ali e a luz do dia estava a desaparecer rapidamente. Não tinha GPS, apenas uma bússola e uma carta topográfica, que parecia as linhas formadas por uma impressão digital e tinha praticamente a mesma utilidade. Na cabana, ninguém saberia sequer onde me procurar: falavam todos francês, por isso, naquela manhã, a seguir ao pequeno-almoço, agarrara na mochila e avançara sozinho rumo à floresta.

Ouvi um ribeiro a correr e abri caminho através da vegetação para o encontrar. No entanto, na carta topográfica não havia indicação de haver água por perto, o que significava que estava feito ao bife. Sentei-me à beira de água, virando a carta de lado para ver se fazia diferença, quando tive a súbita sensação de estar a ser observado.

Virei-me e dei com um grande lobo-cinzento a olhar para mim.

Era magnífico. Tinha olhos cor de mel, e o focinho e os bigodes estavam salpicados de branco. Quando inclinou a cabeça, ia jurar que estava a tentar perguntar-me qualquer coisa.

Nunca tinha visto um lobo, e este estava a menos de dois metros.

E o mais estranho é que eu não estava minimamente nervoso.

E ainda mais estranho é que estava perdido, mas sentia que já tinha ali estado antes. Não apenas naquele local, mas naquele momento.

O lobo levantou-se e começou a afastar-se do ribeiro. Após vários passos, virou-se para mim e sentou-se. Depois, levantou-se, andou um bocadinho e voltou a sentar-se.

Por fim, levantou-se e esgueirou-se por entre o mato denso da floresta.

Perdê-lo de vista foi como um murro no estômago. Levantei-me precipitadamente, peguei na mochila e fui atrás dele. Nunca quisera tanto uma coisa como alcançar aquele animal. Cerca de cem metros para o interior da floresta, o lobo estava à minha espera.

Eu sabia, pelo Sol, que estávamos a ir para oeste — a direção oposta à que eu precisava de seguir. Sabia que estava completamente perdido.

E no entanto...

Não conseguia livrar-me da sensação de que estava a ir para casa.

NOTA DA AUTORA

Para aqueles que quiserem saber mais sobre lobos, apadrinhar lobos ou contribuir para a Wolf Centre and Foundation, onde Shaun continua a trabalhar arduamente para compreender melhor os lobos e o seu comportamento, visitem www.thewolfcentre.co.uk. Também recomendo vivamente o livro de Shaun intitulado *The Man Who Lives with Wolves*, se quiserem conhecer a história de um Luke Warren (felizmente de boa saúde) na vida real.

Para mais informação sobre doação de órgãos, ver www.neob.org, www.organdonor.gov e www.donatelife.net.

Table of Contents

Apresentação

Agradecimentos

Prólogo

Luke

PRIMEIRA PARTE

Cara

Luke

Georgie

Luke

Edward

Luke

Cara

Luke

Edward

Luke

Georgie

Luke

Edward

Luke

Cara

Luke

Georgie

Luke

Edward

Luke

Cara

Luke

Edward

SEGUNDA PARTE

Cara

Luke

Georgie

Luke

Edward
Luke
Cara
Luke
Edward
Luke
Cara
Luke
Joe
Luke
Georgie
Luke
Helen
Luke
Cara
Luke
Joe
Luke
Edward
Luke
Georgie
Luke
Cara
Luke
Joe
Luke
Cara
Luke
Edward
Luke
Helen
Luke
Cara
Luke
Edward
Luke
Cara

Luke
Epílogo
Barney
Nota da autora